

CARMEN SILVIA RAMALHO MARQUES

UM SONHO DE ESCOLA

CARMEN SILVIA RAMALHO MARQUES

UM SONHO DE ESCOLA

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

1994

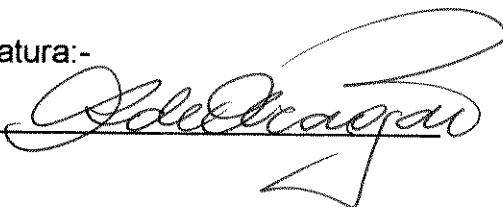
Este exemplar corresponde à redação final
da Tese defendida por Carmen Silvia
Ramalho Marques e aprovada pela Comissão
Julgadora em

15/8/94

Data:-

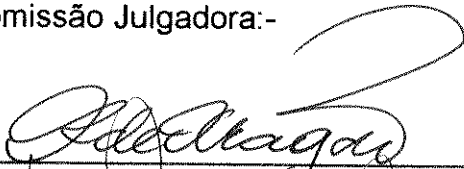
15/8/94

Assinatura:-



Tese apresentada como exigência parcial
para obtenção do Título de DOUTOR EM
EDUCAÇÃO na Área de Concentração em
Metodologia de Ensino à Comissão
Julgadora da Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas, sob a
orientação da Profa. Dra. Rosália Maria
Ribeiro de Aragão.†

Comissão Julgadora:-


Adalberto
Hen. João de Deus
Lucas
Ass. R. G. S.
Doroteu
Alda J. Maria

Dedico este trabalho AOS EDUCADORES DA OCA DOS CURUMINS - que souberam envolver-se nessa **aventura maravilhosa** de buscar caminhos para a educação de nossos filhos - de não temerem o novo. De buscarem a pesquisa, a experimentação e o TATEAMENTO, para fazerem deles, Homens sérios e responsáveis; AOS PAIS DOS ALUNOS DAS DUAS PRIMEIRAS TURMAS DE PRIMEIRO GRAU pela confiança, por permitirem que todos pudessem viver esse SONHO DE ESCOLA. ÀS CRIANÇAS, OS PRIMEIROS CURUMINS, por terem sabido mostrar - nos momentos mais difíceis - que era preciso continuar a caminhada...

AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente a contribuição de pessoas - parte da minha vida. Certamente cada uma delas sabe o quanto significa para mim.

Aos professores, alunos e corpo técnico-administrativo da Escola Oca dos Curumins por possibilitarem a realização deste trabalho.

Aos meus pais Lucy e Renato Ramalho, pelo "colo" que sempre tive.

Aos meus "heróis", Tuka, Hermano e Olavo, amigos de verdade. Filhos que todos, com certeza, gostariam de ter.

Aos meus mestres Enaldo Nunes Marques, Rosália Maria Ribeiro de Aragão, Maria Cecília Rafael de Góes e Helena Faria de Barros que me ajudaram a crescer, a amadurecer intelectualmente.

Às amigas "Freinetianas", Ruth Joffily, Anne Marie Millon de Oliveira, Maria Lúcia dos Santos e Rosa Maria Witaker Ferreira Sampaio por terem possibilitado com seus trabalhos, que eu enxergasse a Pedagogia Freinet com "lente de aumento".

Aos colegas do Departamento de Didática da UNESP - Campus de Araraquara, pela amizade e companheirismo.

À Ivoneti Sentanin, pessoa tão especial, sempre presente nos momentos mais difíceis... que além de toda a contribuição ao longo do desenvolvimento deste trabalho, passou vários dias comigo, participando de sua montagem.

À Roseli Rodrigues de Mello, Itacy Salgado Basso e Rosana Thomazelli Damião, amigas tão queridas que leram este trabalho e contribuíram com sugestões importantes.

E a vocês, Leonete Aparecida Sentanin, Maria Helena de Fátima Luchesi Martins e Nadir Camacho pela ajuda constante.

RESUMO

O presente trabalho busca reconstituir a história da escola Oca dos Curumins, situada em São Carlos, interior do Estado de São Paulo, cujo projeto pedagógico inspirou-se nos princípios da Pedagogia Freinet. Nessa perspectiva, objetivamos evidenciar as contribuições possíveis de uma ação educativa como essa para o ensino de 1º. Grau regular, no atual contexto em que vivemos.

Iniciamos a tese pela Construção da Escola, sua Caracterização, seu Histórico. Posteriormente, reconstruímos seu projeto pedagógico configurando a Trajetória Metodológica de Trabalho, bem como os Conteúdos de Ensino e a Produção dos alunos. Evidenciamos, finalmente, A VIDA NA ESCOLA, através dos processos pedagógicos vivenciados, ouvindo as vozes de PROFESSORES e ALUNOS.

ABSTRACT

This thesis on education tries to reconstitute the history of the school "Oca dos Curumins" (= "the children's house in the South American Indies tribes' language), located in S. Carlos, a city in S. Paulo State/Brazil, whose pedagogical project is based on Freinet's Pedagogy. Within this theoretical and practical educational perspective the author tried to stress its possible contributions to an educational action for primary schools in our contemporary context.

In its initial part the thesis deals with the construction of the school, its characterization and its historical assets. Then the autor exposes its pedagogical project by explaining its methodological ways of working, its teaching contents and its students' production. The thesis ends by stressing "life in the school", i.e. the living pedagogical experience through both the teachers' and the students' voices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA	18
A. Caracterização	19
B. Histórico	22
CAPÍTULO II: VISITANDO A ADMINISTRAÇÃO DA ESCOLA E REVENDO O SEU PROJETO PEDAGÓGICO	62
A. Estrutura e Funcionamento da Escola	63
B. Funcionamento da Escola	72
C. Da Construção do Projeto Pedagógico Para a Escola	74
CAPÍTULO III: A VIDA NA ESCOLA	89
Articulação entre a pré-escola e o primeiro grau	90
O processo de alfabetização	96
A continuidade do processo e o trabalho do professor nas séries subsequentes	118
A voz dos professores e alunos na 2ª fase do primeiro grau - de 5ª à 8ª séries	182
CONCLUSÕES:	230
BIBLIOGRAFIA	241
ANEXOS	249

INTRODUÇÃO

A pedagogia Freinet não é, hoje, uma novidade no Brasil. Há notícias que ela tenha sido introduzida ainda nos anos 60 por um professor francês encarregado da educação dos filhos de engenheiros, também franceses, que trabalharam na Base Aérea da FAB em Belém do Pará¹. Não se pode precisar se antes ou depois do golpe militar, que como é sabido fez cessar o Estado Democrático, por conseguinte a liberdade de expressão e de crítica, o debate político - cerceamento da participação do homem brasileiro na vida de sua nação.

Paradoxalmente, os dados confirmam, é na fase "mais dura" do período ditatorial, início dos anos 70, que a Pedagogia Freinet de fato se introduz e se torna difundida em nosso País.

Para Michel Launay², as suas fontes de penetração foram as mais diversas. Ele cita por exemplo, a edição carioca do livro de Jean Piaget - **Psicologia e Pedagogia**³, que traz um artigo elogioso à obra de Freinet, tornando-o conhecido por muitos de nossos educadores e psicólogos. Dada a importância do texto, e como Launay, nós também o transcrevemos

"... Limitar-nos-emos como exemplo do que pode ser feito com os modestos meios e sem nenhum incentivo particular por parte dos ministérios responsáveis, a lembrar a notável obra realizada por Freinet, que se espalhou nas mais diversas regiões francófonas, entre as quais se inclui o Canadá francês. Sem cuidar muito da psicologia da criança e movido sobretudo pelas preocupações sociais (mas guardando a devida distância frente às doutrinas que põem mais em evidência a transmissão pelo mestre, de que falamos acima), Freinet interessou-se mais em fazer da escola um centro de atividades permanecendo em comunicação com a

¹ Cf. Launay, Michel no prefácio do livro de Maria Inês Cavalliere Cabral, **De Rousseau a Freinet ou da Teoria a Prática**. São Paulo: Hemus Livraria Editora, 1978. p.XIV.

² Ibidem, p.XV.

³ A primeira edição brasileira do livro de Jean Piaget, **Psicologia e Pedagogia**, data de 1970. Foi publicado pela Editora Forense Universitária, do Rio de Janeiro.

*coletividade-ambiente. Sua célebre idéia da imprensa escolar constitui a esse respeito uma ilustração particular entre outras, mais especialmente instrutiva porque é evidente que uma criança que imprime pequenos textos chegará a ler, a escrever a ortografar de maneira bem diferente do que se não possuísse qualquer idéia sobre a fabricação dos documentos impressos de que se serviu. Sem querer visar explicitamente o objetivo de uma educação da inteligência e de uma aquisição dos conhecimentos gerais pela ação, Freinet atingiu, portanto, esses objetivos constantes da escola ativa ao pensar principalmente no desenvolvimento dos interesses e na formação social da criança. E sem ostentar teorias, ele conseguiu juntar as duas verdades mais centrais, sem qualquer dúvida, da psicologia das funções cognitivas: que o desenvolvimento das operações intelectuais provém da ação efetiva no sentido mais completo (isto é, inclusive dos interesses, o que não dizer de modo algum que sejam exclusivamente utilitários), porque a lógica é, antes de tudo, a expressão da coordenação geral das ações; e que esta coordenação geral das ações implica necessariamente uma dimensão social, porque a coordenação interindividual dos atos e sua coordenação intraindividual constituem um único e mesmo processo, sendo as operações do indivíduo socializadas todas elas, consistindo a cooperação no sentido estrito de tornar comum as operações de cada um.*⁴

Além desse texto, Launay menciona outras fontes de penetração.

Assim ele explicita:

- o artigo de Clarisse Ferreira da Silva, intitulado "Significarão as Técnicas Freinet, a morte dos manuais escolares?", (publicado em 1972 pelo MEC).
- a realização do I Estágio de Freinet no Brasil, em 1973, em Niterói e sob coordenação de Myrtes Wentzel.
- as apresentações do filme L'École Buissonnière (que relata de forma romanceada o nascimento da pedagogia Freinet), em várias cidades brasileiras e nessa mesma data.

Entretanto, a análise desses dados nos permite afirmar que uma das principais fontes (senão a principal) de introdução e divulgação dessa Pedagogia no Brasil foi o próprio Launay. Em primeiro lugar porque, antes dos eventos citados, ele,

⁴ Piaget, Jean, Psicologia e Pedagogia, Rio de Janeiro, Forense Universitária Ltda., 4.ed., 1976, p.76 e 77.

na Universidade de São Paulo - USP, mais especificamente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde trabalhara como professor colaborador (de 1971-76), já havia ministrado cursos de pós-graduação, motivando um grupo de professores brasileiros, seus alunos, a aderirem às Técnicas Freinet. Como é o caso de Maria Inês Cavalière Cabral, com quem esteve animando o I Estágio Freinet, mencionado acima.

Em segundo porque, as apresentações do filme *L'École Buissonnière*, foram também iniciativas suas. Além desses dados, temos notícias de que também no Rio Grande do Sul, Bahia, Sergipe e Distrito Federal, Launay deixou a sua marca, através dos vários cursos ministrados, dos encontros e estágios que organizou e animou no Brasil⁵.

Mais tarde, final dos anos 70, uma outra fonte inspira novos professores a conhecerem e a vivenciarem a Pedagogia Freinet em suas classes. Desta vez a fonte é o próprio Freinet. Alguns de seus livros ocupam as prateleiras das livrarias e sua obra educativa torna-se mais conhecida.

De qualquer maneira e sejam quais forem as fontes, o certo é que a Pedagogia Freinet disseminou-se com grande intensidade nestas duas últimas décadas, a ponto de seus militantes buscarem uma forma de organização capaz de promover os contatos mais freqüentes entre eles para a troca de experiências e informações, e para o aprofundamento e ampliação de conhecimentos relativos à essa nova visão de educação. Dada a enorme extensão territorial brasileira, foram criados três **Movimentos de Pedagogia Freinet**, abrangendo diversos núcleos já existentes, ao invés de apenas um nacional. São eles:

⁵ Cf. Santos, Maria Lúcia. *A Expressão Livre no Aprendizado da Língua Portuguesa*. São Paulo, Scipione, 1991, p.271. A autora inclui na organização e animação do I Estágio de Freinet, os professores: Vera de Paula, Roberto Ballalai, Maria Inês Cabral e Michel Launay. Maria Lúcia foi também aluna de Michel Launay, no início dos anos 70. Ver além de Santos, op. cit. p.270-283, também Sampaio, Rosa Maria Wítaker Ferreira, Freinet, *Evolução Histórica e Atualidades*. São Paulo, Scipione, 1989, p.104-111 especialmente.

- Movimento da Escola Moderna do Nordeste - MEM, que tem a sua sede em Recife e envolve professores dos estados de Piauí, Bahia, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco.
- Centro Regional da Escola Moderna - Região Sudeste do Brasil - CREM. Tem sua sede em São Carlos e envolve além de professores do Estado de São Paulo, também os de Minas Gerais.
- Movimento da Escola Moderna - Região Sul do Brasil, que compreende professores dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Tem sua sede em Erechim, interior do Rio Grande do Sul.

Esses três movimentos foram reconhecidos pela FIMEM⁶ - Federação Internacional do Movimento da Escola Moderna, em julho de 1988 e durante a XVII RIDEF⁷, realizada em Florianópolis.

Cabe aqui um parêntese: a própria realização da RIDEF já demonstra por si a importância dos brasileiros no cenário mundial da Pedagogia Freinet.

Ao todo e como expressam os dados do último Boletim da FIMEM (do seu Conselho Administrativo), de março de 1994, o número de professores filiados nos três Movimentos perfaz um total de 640.

De outro lado, as publicações nacionais vem confirmando, a partir de meados dos anos 70 e sobretudo nos anos 80, o grande interesse que essa pedagogia vem despertando. São **Monografias**, como por exemplo, as de Cavalcanti

⁶ A FIMEM é uma associação de movimentos nacionais e de grupos regionais presentes em todo mundo, que se inspiram na pedagogia popular e na educação cooperativa (Pedagogia Freinet). É coordenada por um conselho administrativo composto por membros de diferentes países. É reconhecida pela UNESCO como uma organização não-governamental. Seus instrumentos de ação são:

- Organização de encontros internacionais dos educadores Freinet, inclusive a RIDEF; de seminários, encontros e estágios provendo a troca de informações sobre a situação da Pedagogia Freinet e das Pedagogias progressistas nos diferentes países. Ela facilita, portanto, os contatos entre os professores empenhados na prática, na pesquisa e na inovação cooperativa da Pedagogia Freinet. Ao todo são 43 países (dos vários continentes), ligados ao Movimento, inclusive o Brasil. Cf. Boletim da XVII RIDEF, 1988.

⁷ RIDEF significa Reunião Internacional dos Educadores Freinet. A primeira RIDEF aconteceu em 1968 na Bélgica, seguindo-se as de 1969 na Itália; 1970 - Tchecoslováquia; 1971 - Líbano; 1973 - Dinamarca; 1974 - Escócia; 1975 - Argélia; 1976 - Polônia; 1977 - Portugal; 1978 - Suécia; 1979 - França; 1980 - Espanha. A partir desse ano ela passa a acontecer de dois em dois anos; 1982 - Itália; 1984 - Bélgica; 1986 - Dinamarca; 1988 - Brasil; 1990 - Finlândia e 1992 - França.

(1987); Cordeiro (1989); Calheiro (1989) e Sá (1990); **Dissertações de Mestrado**, Cabral (1975); Ribeiro (1976); Santos (1976); Farias (1978); Leme (1982); Oliveira (1982); Marques (1984); Cerda (1984); Shimizu (1984); Oliveira (1984); Ferronato (1984); Oliveira (1989); Nascimento (1990); Fernandes (1990); Mello (1991); Lopes (1993); Faria (1993), além de **Publicações Diversas** que tratam, especificamente o tema em questão: **Pedagogia Freinet**. Dentre essas diversas publicações, destacamos os artigos de Santos (1980); Ballalai (1984); Dias (1988), Ferreira (1990) e Moraes (1991, 1992 e 1993 - vários artigos), Oliveira (1991) além dos livros recentemente lançados de Sampaio (1989) e Santos (1991).

Esses trabalhos não esgotam, porém, toda a produção científica na área, temos consciência disso. A vasta extensão do território brasileiro, além das péssimas condições materiais de que dispomos, foram sem dúvida, impeditivos para o resgate de muitos outros trabalhos. Um exemplo é suficiente para comprovar esse tipo de dificuldade - fui informada por Maria de Fátima Moraes, representante do MEM do Nordeste que cinco dissertações de Mestrado, com temas específicos da Pedagogia Freinet, foram defendidas recentemente nessa região. Infelizmente, não nos foi possível obtê-las. cremos, entretanto, que a mostra apresentada já se faz bastante significativa.

E para completar o leque de informações a respeito dessa temática ressaltamos que, periodicamente, estão sendo editados pelos três movimentos nacionais, **Revistas e Boletins** que permitem a integração dos professores Freinet de norte a sul do país, através de artigos⁸ reflexivos, de relatos de práticas pedagógicas e informes, tanto das atividades realizadas nacionalmente quanto no exterior.

Como se vê, a Pedagogia Freinet parece de fato, consolidada em nosso País - assim como, pressupomos, desejavam Michel Launay; Rogers e Josette Ueberschlag; Emile e Mimi Thomas; Erik Hakonsson; Jean Paul Blanc; Jean Claude

⁸ As primeiras publicações em forma de revista foram editadas pela FURB - Blumenau, sob responsabilidade de Flaviana M. Granzotto, uma das primeira professoras brasileiras a assumir e a divulgar a Pedagogia Freinet no Brasil

Pomes; Michel E. Bertrand; Claudine Caoul e Michel Vibert, entre outros membros do Movimento Internacional da Pedagogia Freinet que aqui estiveram, participando, enquanto animadores, de diversos encontros, seminários e estágios⁹.

Diante do exposto, cabe perguntar o por quê da realização de mais um trabalho acadêmico dessa natureza e qual a contribuição que se poderia esperar de tal trabalho.

A primeira resposta, acreditamos, está contida nas próprias palavras de Freinet. No apelo que faz aos professores que praticam a sua pedagogia.

"Precisamos fazer uma ardente campanha em favor dos Métodos Naturais, justificá-los pedagógica, psicológica e historicamente. Mas, precisamos, sobretudo, por em competição duas técnicas de trabalhos: publicar os resultados obtidos pelos métodos de livre expressão e denunciar os processos obsoletos da escola tradicional. ... Nunca editamos uma regra intransigente de Pedagogia Freinet. Apresentamos todo um conjunto de experiências bem sucedidas. Nem mesmo dizemos que se devem empregá-las nas classes. Cabe apoiar-se nessas experiências bem sucedidas para estabelecer os próprios pontos de apoio sobre os quais talvez se seja o único a poder passar, pois toda classe continua sendo única como continua sendo única a personalidade do educador."¹⁰. (grifos nossos)

Quanto à segunda questão, Ana Maria Saul, nos ajuda a respondê-la:

"O tema de um trabalho é, de modo geral, estabelecido por razões que tem especial significado para a vida pessoal - profissional de seu autor e ou para o plano teórico - metodológico em que a questão se insere. O conhecimento dessas razões permite que o leitor se coloque na perspectiva do autor, compreendendo, possivelmente melhor, as suas opções"¹¹.

⁹ Esses Estágios, Seminários e Encontros foram realizados sobretudo, em Santa Catarina (e mais especificamente em Blumenau) e em São Paulo na Capital e no interior. Registre-se que em Belo Horizonte, Recife e Rio de Janeiro muitas dessas atividades foram também realizadas. Ver Santos, Maria Lúcia (1991), p. cit e Fernandes, Angela Viana Machado. O Papel da Prática Administrativa na Implantação de Proposta Pedagógicas não Autoritárias na Escola Pública - Em Relevância a Proposta de Celestin Freinet. Dissertação de Mestrado PPGE-UNICAMP, 1990, p.62-68.

¹⁰ Freinet, Celestin, Techniques de Vie, nº3, In: Freinet, Élise. O Itinerário de Celestin Freinet - A Livre Expressão na Pedagogia Freinet. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1979, p.140.

¹¹ Saul, Ana Maria. Avaliação Emancipatória - Desafio à Teoria e à Prática de Avaliação e Reformulação de Currículo. São Paulo, Cortez Editora, 1988, p.11.

Assim, eu não poderia deixar de expressar, além da importância do tema abordado - Pedagogia Freinet - que a minha paixão pelas crianças, por seu modo tão peculiar de pensar e de agir; de descobrir a si e a seus companheiros, de apropriar-se de conhecimentos de seu mundo, a partir de sua própria investigação, tenha, principalmente, motivado este estudo.

Por outro lado e, tendo em vista os propósitos e características da Pedagogia à qual temos nos dedicado há mais de uma década, encontramos nas abordagens qualitativas de pesquisa e mais especificamente no **Estudo de Caso**, o caminho para o desenvolvimento deste trabalho. Retomando as próprias palavras de Freinet, **quanto a toda sala de aula continuar sendo única, como é única a personalidade do educador**, esse tipo de metodologia de pesquisa poderia nos levar a captar o **único** — essa realidade tão peculiar — para, quem sabe, poder contribuir com aqueles professores que como nós desejam uma escola democrática e, sobretudo, de boa qualidade.

Nessa perspectiva, **o objetivo geral deste trabalho é a reconstituição para registro, da história de uma experiência pedagógica inspirada nos princípios da Pedagogia Freinet.** Foram doze anos de uma vivência "quase mágica", primeiro como integrante da equipe e, posteriormente como pesquisadora, onde pude conhecer as crianças, observar o seu desenvolvimento, participar de suas ações, dos seus saltos imaginativos e, sobretudo, da construção do seu conhecimento.

Pude, e por isso me sinto privilegiada, acompanhar as crianças da Oca dos Curumins desde o seu ingresso na pré-escola até a conclusão do 1º Grau. Eu os vi crescer! Implícito nesse registro, nessa história, a preocupação em evidenciar as contribuições possíveis da Pedagogia Freinet, para o ensino de 1º Grau, no atual contexto em que vivemos. Vale ressaltar, que a Oca dos Curumins é uma escola pequena - situada em São Carlos, interior do Estado de São Paulo - e que possui

características bastante distintas da grande maioria que compõe o sistema privado de ensino, a saber:

- *é mantida por uma cooperativa de professores cujo único objetivo é tão somente a possibilidade de um trabalho sério e comprometido com as forças progressistas de nosso País, na busca de uma escola verdadeiramente democrática;*
- *o projeto pedagógico de implementação, especificamente do Primeiro Grau regular, foi pensado em função da continuidade do processo iniciado na pré-escola que, inspirado nas idéias de Freinet, começava a dar seus primeiros frutos¹²;*
- *aproximadamente 30% dos alunos são oriundos das camadas menos favorecidas, garantidos que são, pela mantenedora da Escola. Os demais alunos, basicamente, filhos de professores universitários.*
- *conta atualmente com 250 alunos, grande parte desses (70%) filhos, basicamente de professores universitários.*

Quis ainda estudar as formas de incorporação da Pedagogia Freinet pelo grupo de professores envolvidos na experiência em foco, avaliando-se as dimensões referentes à nova dinâmica de trabalho:

1. mudanças na forma de atuação (como desenvolve as atividades nas áreas acadêmicas, como organiza o trabalho, como propicia a integração social)
2. mudanças que identifica no plano individual da criança (como a nova dinâmica se reflete no desempenho da criança, nas áreas acadêmicas, na formação de atitudes, na forma de participação e criatividade).

E finalmente, busquei reconstituir a trajetória das crianças na Escola (das duas primeiras turmas de 1º. Grau, 1983-194), através de seus próprios depoimentos e produto de seus trabalhos.

Várias fontes foram utilizadas para a concretização dos objetivos propostos:

¹² Relato essa experiência no meu trabalho de Dissertação de Mestrado - Freinet e A Pré-Escola, o que Muda? PPGE/UFSCar, 1984.

a) Análise de documentos

- Ata de fundação da Escola
- Regimento Escolar
- Autorização de funcionamento do primeiro grau
- Consolidação dos atos escolares
- Planos escolares (de 1984 a 1988)
- Livros: a) matrícula; b) ata de reuniões pedagógicas; c) ata de reuniões de pais e mestres; d) ata do Conselho da Escola; e) menções e faltas; f) termo de visita
- prontuário dos professores
- prontuário dos alunos
- planejamentos docentes
- boletins informativos
- produto do trabalho das crianças (livros, álbuns, cadernos, provas mensais, jornais, relatórios etc).

Esses dados foram sobremaneira importantes para que eu pudesse elaborar o "Histórico da Escola" e estabelecer as "diferenças" existentes entre as normas contidas no Regimento Escolar e a sua aplicabilidade na prática, assim como está no capítulo II, "Visitando a Administração da Escola". Foi também a partir da investigação do livro de "Menções e faltas" que pude constatar o alto índice de aproveitamento dos alunos e a sua frequência, significativamente alta, ao longo dos anos letivos de 83/90, reafirmando a necessidade de conhecer mais "de perto" o trabalho do professor, como se pode ler no capítulo III, "A vida na Escola".

Através dos prontuários das crianças, pude configurar sua identidade, isto é, quem são, de onde vem, idade em relação à série em que foram matriculados, condição de saúde e de vida familiar.

Dos prontuários dos professores, obtive dados, principalmente relativos a sua formação e experiência profissional. Verifiquei, por exemplo, que dos doze

professores, considerando-se também os de 1^a. à 4^a. séries, somente um deles não possui graduação. Desse total, cinco estão regularmente matriculados em programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação. Com exceção de dois professores, todos os demais concluíram seus cursos de graduação em Universidades Públicas. Com relação a experiência profissional, cinco tem mais de dez anos, quatro com mais de sete e somente três, entre um e três anos.

De outro lado, o trabalho de coleta da produção das crianças foi, sem dúvida, o mais demorado, o mais minucioso exercício de vontade e paciência. Foram dias e dias, em que permaneci na biblioteca da Escola, classificando com a ajuda da bibliotecária, todo o material que encontrava-se empacotado, em razão da mudança da biblioteca de um local para outro. Muitos dos trabalhos não continham as datas. Eu os fui identificando um a um através dos nomes dos autores, já que muitos deles eu conhecia desde a pré-escola. Não eram muitos os alunos, cento e sete, mas a produção incrivelmente alta... eram jornais, álbuns, pesquisas, histórias, experiências, relatórios, livros de vida, BTs. Partindo dos trabalhos realizados em 1982 e até 90 pudemos recuperar o 1^o. **Jornal da Escola** (Anexo 1) e o 1^o. impresso pelas próprias crianças, 1983. Isto de pronto significou a visualização da evolução das crianças que ingressaram em 1983 e 1984 nas primeiras turmas de primeira série e que em 1988, encontravam-se, respectivamente, na 5^a. e 6^a. séries. Dessa maneira, eu pude ilustrar ao longo do trabalho, com esses registros, a maneira pela qual o "conhecimento vai sendo construído" e "socializado" pela criança com orientação do professor. Constatei, além disso, que o assunto de maior preferência das crianças, até a 5^a. série, recai sobre a vida dos animais. São inúmeros os trabalhos nessa área, desde os bichos mais exóticos até aqueles mais próximos. Esses trabalhos possibilitaram ainda que reconhecêssemos os termos da expressão das crianças: estilo, coesão textual, etc.

Também a análise dos planos de trabalho dos professores, seus boletins informativos, foram de suma importância para a complementação dos dados relativos a sua ação em sala de aula.

b) Questionários

A aplicação de dois questionários, no início e no fim do ano letivo de 1987, para todos os professores do 1º grau, serviram para que se pudesse obter informações preliminares sobre os vários conteúdos programáticos relativos às diversas séries bem como estabelecer, a partir das respostas, o roteiro para as entrevistas.

c) Entrevistas:

1 - Com os professores

Entrevistei, no 1º semestre de 1988, todos os 12 (doze) professores do 1º grau, responsáveis pelas diversas disciplinas curriculares: História, Geografia, Ciências, Inglês, Português, Educação Artística, Matemática e Educação Física, além dos de 1ª. a 4ª. séries. Essas entrevistas que tiveram como ponto de partida os questionários aplicados em 1987, desenvolveram-se de forma a mais aberta possível, sem perder, no entanto, os objetivos por mim estabelecidos, que podem ser explicitados através da abordagem adotada:

- como o professor vê o seu **trabalho docente** e quais as suas expectativas em **relação à proposta pedagógica assumida pela escola** (grau de aceitação / possibilidade / dificuldades).
- como vê o **conteúdo específico** de sua disciplina e qual a **interação** com as demais áreas integrantes do currículo da série em que atua.
- como vê o **crescimento dos alunos** tanto a **nível acadêmico** (produção dos trabalhos / participação / criatividade) - quanto de **formação educativa** (questionamentos / atitudes / comportamento).

- que tipo de atividades são mais freqüentemente **propostas** em função das iniciativas das crianças de 5^a. e 6^a. séries; e, mais especificamente, em relação às pesquisas, quais os assuntos de maior preferência, relacionados ou não com os conteúdos programáticos curricularmente sugeridos.

Um parêntese parece interessante para a necessária contextualização: transcrevendo as fitas de gravação das entrevistas, certo paralelo entre as crianças da escola tradicional e as da Oca foi feito, espontaneamente, pela maioria dos professores, de forma decididamente reveladora, por exemplo:

"As crianças desta Escola têm facilidade para resolver problemas porque entendem os seus enunciados". (Profa. Leila - Matemática) ... ou, "como nunca utilizaram cartilhas são mais criativos, e o que é fundamental, sabem interpretar os textos. (M. Alice - Português).

De todas as entrevistas, somente uma necessitou ser refeita em função de problemas técnicos. A dificuldade maior para realizá-las foi a compatibilização de horário, tanto da parte dos entrevistados, quanto deste pesquisador. Algumas, inclusive bastante longas, perfazendo um total de trinta e cinco horas.

A transcrição de duas das entrevistas realizadas com uma professora atuante de 1^a. a 4^a. séries e uma professora atuante de 5^a. a 8^a. séries, do 1^o. grau, seguem como exemplos. (Anexo 2). Também em anexo os questionários aplicados em 1987.

As entrevistas foram fundamentais para que a história de vida desses professores pudesse ser também apreendida.

2 - Com os alunos

A realização das entrevistas com os alunos mais antigos da Escola, estava projetada, inicialmente, para o final do ano letivo de 1988. Em razão da

necessidade de "fechar o ciclo", com a conclusão do 1º grau pela primeira turma - ingressante de 1983 -, optei por dilatar o prazo, realizando-as no final de 1990. Essa dilatação me pareceu acertada, na medida em que pude verificar, por exemplo, a passagem dessas crianças pelo "vestibulinho" que permitiu, por sua vez, o seu ingresso no 2º grau. Trabalhei com elas, portanto, até meados de 1991.

O clima de cooperação e informalidade permeou o desenvolvimento das entrevistas. Os alunos mostravam, todo o tempo, o interesse e vontade de participar, pois tinham a certeza da importância de seus depoimentos para este trabalho..."Ô Sílvia, a gente vai estar te ajudando a fazer a tua tese? Se vamos, tamos aqui." diz o Wilson, um dos alunos da 1ª turma.

d) Estágio de Observação Participativa

As observações que fiz, tiveram como objetivo, especificamente, o acompanhamento da vida escolar das crianças que compuseram a 1ª e 2ª turmas de 1ª série em 1983/84. Objetivei dados relativos à participação dessas crianças em sala de aula e fora dela, relacionamento com os novos professores e as possíveis dificuldades surgidas de passagem, da 4ª para 5ª série. Posso adiantar, por exemplo, que percebi nesse estágio, na 6ª série (em 1988), um grupo coeso, amigo. Não vi atos de indisciplina em nenhum momento. O relacionamento professor/aluno é excelente. Os professores são chamados pelo primeiro nome e por "você". Há respeito mútuo. De outro lado, quis verificar se as técnicas Freinet utilizadas até a 4ª série eram passíveis também de utilização, nos termos já experienciados, nas séries posteriores, considerando-se suas especificidades quanto ao número de disciplinas, e portanto, número de professores, bem como o tempo de duração das aulas. Essa preocupação reforçou-se após o Manifesto das crianças da 5ª série que, no início de 1987, foi enviado à Direção da Escola:

"Nós agora temos vários professores, várias matérias, várias tarefas. Se tem menos intervalo. Só tomar lanche e escovar os dentes. Não dá mais para brincar. Não estamos fazendo mais livro de vida. Não fazemos mais imprensa, nem correspondência. Não tem mais nada de marcenaria, nem culinária, nem horta, nem francês. Os professores não sabem que todos os outros passam tarefas e a gente então tem muita. Eu e o Dema trabalhamos, não podemos fazer mais nada... com um monte de professores, virou essa confusão. Era legal fazer o livro de vida, era, mas não dá mais tempo. A reunião inicial só na aula da Maria Alice... Acho que vamos fazer greve. Queremos horta e aula de francês... Queremos imprensa para passar as poesias, as história que fizemos. Diante do Manifesto o Wilson completa: Eu fui passar naquele negócio (limógrafo) e não deu certo... aí que raiva.

Esse estágio, permitiu ainda que eu recuperasse outros dados e informações, advindas de trabalhos realizados, significativos para esta pesquisa, os quais expresso, em sua natureza, nas palavras de Juliana, da 6ª série:

"Se você quiser eu tenho todos os cadernos, jornalzinhos desde quando eu estava na 1ª série. Era um barato o jeito que eu desenhava e escrevia" (out. 1988).

Ao longo de 1989 a 90, voltei várias vezes à Escola, (ao menos quinzenalmente) para não perder o vínculo com as crianças e para acompanhar os novos professores, como o caso do Prof. Cesar, de Educação Artística, que substituiu a Profª. Priscila, que deixou a Escola.

e) Participação nas Reuniões de Pais e Mestres, Reuniões Pedagógicas e de Conselho da Escola

Dando sequência ao processo que havia iniciado em 1987, continuei participando das reuniões realizadas no decorrer de todo o ano letivo de 1988, então com objetivos mais definidos. Procurei verificar, por exemplo, como os pais, direta ou indiretamente, intervêm na Escola, no processo de aprendizagem de seus filhos, no trabalho pedagógico e nas questões administrativas. De outro lado, qual o

posicionamento da escola em relação a essas intervenções. Nas reuniões Pedagógicas, quis perceber principalmente como a Pedagogia Freinet estava sendo trabalhada com os novos professores, em relação aos conteúdos programáticos das várias disciplinas, principalmente da 5ª. a 6ª. séries (1988). Além disso, nessas oportunidades, outros dados bastante significativos puderam ser colhidos, tais como os relativos aos depoimentos espontâneos de alguns professores concernentes ao desempenho acadêmico das crianças da 6ª. série, bem como o fluxo de responsabilidade e organização que demonstraram. A expressividade e a clareza de um dos depoimentos, dá idéia da significação dos elementos neles contidos:

"É muito fácil trabalhar com os alunos da 6ª. série: eles estão prontos, é só continuar."... (Prof. Ademil - História)

Participei, em 1988, de várias reuniões de diversas naturezas e com diferentes propósitos assim distribuídas: reuniões de pais e mestres (6); pedagógicas (3) e Conselho da Escola (1).

f) Análise dos Dados

Os dados descritos foram tratados de forma a permitir a reconstrução contextualizada da experiência pedagógica de orientação freinetiana, realizada em São Carlos, SP, a partir de 1983, com a implementação da 1ª. série (implementação gradativa do 1º. grau regular), objetivo deste trabalho. Estabelecemos como limite, o ano de 1990 e como referência 1987/88, tendo em vista:

1. A simultaneidade das séries: Acompanhamento do processo vivido por professores e alunos nas várias classes de 1º. Grau, conforme Quadro I.

Quadro I
Registro de Vida da Escola tendo como referência 1987/88

Séries	Professores	Alunos
1ª.	Planos de trabalho	Produção dos trabalhos
2ª.	Provas (elaboração)	álbuns
3ª.	Questionários	livros de vida
4ª.	Entrevistas	histórias
5ª.	Boletins Informativos	relatórios
6ª.	Reuniões Pedagógicas	provas mensais
		Questionários
		Assembléias/Conselho etc

2. Os dados longitudinais - referentes aos alunos que ingressaram na 1ª. e 2ª. turmas de 1ª. série em 1983/1984 e que encontravam-se em 1990 respectivamente na 7ª. e 8ª. séries. Essa análise retrospectiva buscou abranger no período 83-90 e foi centrada especialmente na história de vida escolar do aluno na forma tal como ele a apresenta. Esses dados foram sobremaneira importantes para que configurasse as comunalidades e as divergências dos vários pontos de vista: aluno, professor, corpo técnico/administrativo, pais e desta pesquisadora.

Quadro II
Retrospectiva histórico-escolar dos alunos da 7ª. série e 8ª. séries¹³.

1990 8ª./7ª.	1989 7ª./6ª.	1988 6ª./5ª.	1987 5ª./4ª.	1986 4ª./3ª.	1985 3ª./2ª.	1984 2ª./1ª.	1983 1ª.
História de vida							
escolar dos alunos	trabalhos, entrevistas, questionários, livros de vida						
de 7ª. e 8ª. séries	provas mensais, jornais de parede, etc						
							

¹³ Como se explicitou anteriormente, a necessidade de acompanhar essas crianças até a 8ª. série, levou-nos a estender o trabalho de pesquisa até 1991. Faltava-nos parâmetros para uma avaliação mais "segura" do trabalho que a Escola desenvolve. Por essa razão, a iniciativa de acompanhá-los no início do 2º. grau.

g. A Análise Global e Compreensiva dos Dados

A análise global e compreensiva dos dados obtidos, a ser apresentada subsequente, ocorreu em função de três grandes vertentes:

a - A organização do ensino na escola;

b- A ação em sala de aula;

c - A produção resultante do processo,

o que me permitiu apontar para as possibilidades de implementação da Pedagogia Freinet no 1º. Grau, no contexto em que vivemos.

CAPÍTULO I

A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA

"Nesta escola, nós temos liberdade e nós adoramos isso. Nós temos liberdade de escolher, de fazer, de criticar o que não está legal, de felicitar, de propor e de criar... mas até certo ponto porque senão vira bagunça. É para isso não acontecer que elaboramos o quadro de regras".

Texto Coletivo (4ª. série)

"Mas se precisamos elaborar o quadro de regras significa que não tá havendo educação na confiança e então não estamos fazendo Pedagogia Freinet".

Pedro (6ª. série)

A. CARACTERIZAÇÃO

*"A impressão que eu tenho é que esta
Escola é a segunda casa deles."*

(João/pai de aluno)

A Escola de Educação Infantil Oca dos Curumins está instalada, atualmente, na sede de uma antiga fazenda, Chácara Faria, Bairro de Vila Nery, Zona Leste de São Carlos, SP. Localizada no final da Rua da Imprensa, frente à "Praça" conhecida pelos antigos moradores como "Balão do Bonde", não possui vizinhos à esquerda. Trata-se de terreno de aproximadamente 13.000m² de área verde que, em litígio com a Prefeitura Municipal, vem sendo utilizado pela comunidade, quer como campo de "pelada" quer como sede de parques de diversões ali montados por curtos espaços de tempo. À direita, uma residência e um açougue. Faz divisa, ao fundo, com um parquinho municipal.

Com muros baixos e portões sem trancas, numa área de 5.000m², a escola possui amplo pátio externo, imensas e velhas mangueiras, campinho de futebol/vôlei de chão batido e poucos brinquedos de parque. Dentre eles o "brinquedão", que pode ser o forte do soldado, a casa da boneca ou ainda uma caverna. É daí que se vê bem lá no alto os habitantes das mangueiras, os morcegos "focinho de rato", identificados pelos pequenos da pré-escola através de uma pesquisa¹. Nas proximidades, um quiosque rústico e quatro módulos de madeira², pré-fabricados, que são utilizados como salas de aula. Mais adiante, à direita, um pequeno prédio de alvenaria onde estão a oficina de Imprensa/limógrafo/computador e dois banheiros. À esquerda, a casa do Sr. Vitor e Dona Maria, os guardiões da propriedade, que aí vivem há mais de vinte anos. Ao fundo, frente a pequenos jardins, está o casarão que, construído no final do século passado, abriga as demais dependências da Escola: quatro salas de pré-escola e uma de estudos; secretaria e diretoria; pequeno laboratório de ciências; biblioteca; sala de professores, dois

¹ Em anexo a pesquisa (Anexo 2A).

² As salas de madeira são utilizadas pela manhã para as classes de 5^{a.} a 8^{as.} séries e à tarde, para as de 1^{a.} à 4^{a.} série.

banheiros coletivos, um masculino e outro feminino, cozinha e dispensa. Ao lado, um viveiro natural onde são criados os patos e os marrecos. Atrás do casarão, os canteiros de horta, os pés de cidra, as bananeiras, o pessegueiro, as goiabeiras, além de uma plantação de milho. Há muito espaço, muito verde, muita terra.

No interior da Escola, nas paredes, a presença constante das crianças... desenhos, pinturas, quadros de avisos, jornais murais e painéis de fotografias que documentam trabalhos realizados, passeios e outras atividades, como festas, teatro etc... A cozinha bem equipada, contém "freezer", geladeira, armários, mesa, pia e dois fogões a gás. Os filtros de água são de barro e estão colocados em lugares acessíveis às crianças. Ao lado de cada um, copos descartáveis e cesto de lixo. Os banheiros são modestos, de louça branca, azulejos nas paredes e ladrilhos no piso. A secretaria, localizada no centro do prédio, possui duas máquinas de escrever elétricas, uma xerox, um computador, arquivos de aço e na parede um enorme quadro contendo os fundamentos da Pedagogia Freinet. Todos os equipamentos estão aí guardados, e, dado que nos parece relevante, são utilizados pelos alunos, independentes dos adultos. Eles aprendem a tirar xerox, a usar o vídeo, o gravador, projetor de slides assim como a máquina de escrever bastando, para retirá-los, apenas a assinatura do responsável, num caderno existente para esse fim. A sala dos professores assemelha-se a uma sala de jantar, com uma enorme mesa de cerejeira e cadeiras de espaldar altos. Há uma estante modulada onde se vê trabalhos realizados pelas crianças em anos anteriores, álbuns, pesquisas, histórias e objetos pessoais dos professores.

Partilhando de espaços comuns, a Diretora, a Coordenadora Pedagógica e a Psicóloga da Escola. Conjugada a essa sala, a biblioteca, que possui acervo razoável e, segundo a Bibliotecária, frequência bastante alta, inclusive dos pré-escolares que desde cedo aprendem a cuidar dos livros e a devolvê-los no prazo combinado...

As salas de aula, embora semelhantes, adquirem cada qual fisionomia própria, expressão do grupo que a utiliza. O mobiliário bastante simples, como as

carteiras, por exemplo, que compradas da APM de uma Escola Estadual foram totalmente restauradas por alunos e professores que se dispuseram a essa tarefa, num mutirão nas férias. Somente alguns tampões de fórmica foram substituídos por um marceneiro. Talvez, por essa razão, estejam sempre limpas, sem rabiscos ou "inscrições". Os escaninhos e as estantes de madeira, também de segunda mão, passaram pelo mesmo processo. Há ainda caixas d'água de amianto se prestando a esse mesmo fim, à guarda de material. As cadeiras são de plástico resistente e/ou de fórmica. Os quadros de giz são grandes e em bom estado de conservação, havendo em algumas classes mais do que um. As salas de aula têm metragens diferentes, variando entre 27 a 35 m², e determinam, de acordo com as normas estabelecidas, o número de alunos que poderão matricular-se. Embora dentro dos padrões legais, sente-se nas conversas com os professores e alunos a necessidade de um maior espaço físico para o desenvolvimento da própria dinâmica de trabalho, como na primeira série: a sala de 27m² ganhou mais uma varanda onde se faz as reuniões e os ensaios etc. Em sala contígua, a impressora e o ateliê de artes.

O ambiente é bastante alegre, colorido, talvez também pela não obrigatoriedade dos uniformes... No rosto das pessoas, alunos, professores e funcionários, a expressão de familiaridade, de descontração.

A impressão é que a Escola é realmente de todos. Não há filas para o ingresso na sala de aula e nem tampouco "campainha" (sinal). As crianças entram normalmente em suas classes, mesmo antes de seus professores, pois há sempre "um que fazer", um retoque na tarefa, ou continuidade de um trabalho iniciado no dia anterior.

A merenda, preparada pela Tunes há vários anos, obedece cardápio variado, assim como o almoço servido às crianças que permanecem com os seus professores em outro período. É o chamado sexto período, que acresce a cada classe mais quatro horas de permanência na Escola, na semana. Assim, cada turma, num dia fixo, permanece lá o dia todo. Também alguns professores fazem uso desses serviços...

Torna-se difícil, entretanto, uma descrição mais acurada da Escola em função da falta de rotina. As carteiras podem estar enfileiradas quando todos os alunos participam da mesma atividade; podem estar em forma de círculo para as conversas e reuniões; podem ainda estar agrupadas em dois ou mais ateliês onde se realizam atividades diferenciadas e simultâneas, ou ainda, parte dos alunos pode estar fora da sala de aula, na varanda, na horta, no viveiro etc.

O que é realmente rotina, e pôde ser constatado, é o ingresso na Escola, na sala de aula, sem tumulto; a presença maciça das crianças e professores, além do bom humor, estampado no rosto de nossos protagonistas. É também rotina o respeito, seja da parte de quem for. Os conflitos naturais de uma Escola são sempre resolvidos através de conversas fundamentadas no quadro de regras disciplinares, tiradas no início de cada ano com os alunos. Além disso, é rotineira a participação e a presença dos pais na vida da Escola. É comum vê-los após o término das atividades, no interior da classe, no pátio, trocando idéias ou tirando dúvidas com os professores e demais funcionários. Essa participação, entretanto, não é sempre tranqüila. Há um nível alto de exigências e cobranças; tanto no que concerne aos conteúdos programáticos, quanto a assuntos considerados pela direção, como até banais. De outro lado, muitos respondem positivamente às iniciativas da Escola, estimulando e ajudando financeiramente. Assim como lembra a professora Roseli,

"Queríamos participar de um encontro internacional de Pedagogia Freinet em Santa Catarina, mas estávamos sem dinheiro. Uma das mães sugeriu então que fizéssemos uma lista para receber contribuições. Todos os demais pais colaboraram, financiando a nossa participação "...

B. HISTÓRICO

O histórico, que ora apresento, foi montado de modo a evidenciar os momentos mais marcantes, mais significativos para aqueles que participaram da

construção desse trabalho pedagógico, desta caminhada. Para tanto, utilizei-me dos dados documentais disponíveis e, sobretudo, dos depoimentos dos colegas. Conversar sobre a Escola foi sempre tão importante... lembranças das dificuldades, dos problemas, angústias, das muitas alegrias compartilhadas. Momentos de muita emoção, de poder reavivar os laços afetivos, de poder pensar e refletir sobre a importância de cada um de nós nesse processo, pois tivemos todos UM SONHO DE ESCOLA!

1976 - FUNDAÇÃO DA ESCOLA

A Oca dos Curumins foi fundada em outubro de 1976, com a finalidade de atender crianças de 0-6 anos de idade. O desejo de criá-la deu-se por duas razões específicas:

Em primeiro lugar, pela impossibilidade de o Estado e ou o Município absorverem, em seus quadros, novos profissionais ligados ao ensino. Como foi o caso das três professoras que, inicialmente, constituíram a sua mantenedora. E em segundo pela carência, na Cidade, de uma "escola" que pudesse ser uma opção em termos de uma educação "mais aberta", distante da tendência escolarista — hegemônica no sistema pré-escolar brasileiro (tanto o público, quanto o privado) — nessa época.

Na verdade, o seu objetivo era trazer a "rua" e os "velhos quintais" para dentro da escola. Era querer proporcionar às crianças que dela participassem, o direito de ter e de resolver conflitos, de correr, de brincar, de contar e inventar histórias — de poder dar asas à sua imaginação. De permitir a apropriação de conhecimentos de seu mundo, através de suas próprias descobertas e, da interação com os colegas, independente da idade. Era criar um ambiente propício, estimulador ao desenvolvimento infantil sem, entretanto, a preocupação de preparar a escolarização posterior da criança. Na prática, porém, esses objetivos estavam longe de poder concretizar-se... as expectativas dos pais eram outras: eles cobravam

PRODUÇÃO, através dos exercícios de prontidão, tal como as demais "escolinhas"... Era preciso introduzir o alfabeto, os primeiros números, os papéis, os lápis, os treinos e sobretudo, "mostrar serviço" para que a escola pudesse continuar sobrevivendo... A contra-gosto e aos poucos a escola vai cedendo às pressões, sem, entretanto, perder de vista os objetivos de sua criação: SERVIR À CRIANÇA.

De outro lado, a questão dos valores, passados e incorporados pelas crianças levaram os seus professores a pensarem principalmente na sua **formação**: **Formá-los para quando e para que?** A partir desse questionamento, a busca de alternativas para a escola se torna inevitável...

1979 - O ENCONTRO DA PEDAGOGIA FREINET

Estamos no final da década de 70, agora, saindo de um dos períodos mais negros da nossa história. De volta ao País, e aos poucos, os "cérebros" cassados, exilados involuntariamente, aqueles que conseguiram sobreviver à ditadura militar imposta a todos nós brasileiros.

É tempo de muita esperança, quiçá de um novo Brasil. A impressão é que tudo está por ser feito...

No campo da educação e especialmente nas universidades (na UFSCar por exemplo) as críticas ao passado presente estão em ebulição... nas dissertações e teses, um novo (velho) referencial agora se explicita... Gramsci, Marx, Lenine... se descortinam as contradições da sociedade; se analisa a Escola, seu papel, seus condicionantes; os utensílios de um fazer agora obsoleto... É tempo de esquecer os acordos MEC/USAID, as instruções programadas, o racionalismo, a eficiência. É tempo de buscar um novo conceito de CIDADANIA... É tempo de sonhar, de reconstruir uma sociedade que anseia pela liberdade, pela democracia.

- É assim que no rádio, se ouve João Bosco cantar, num lamento, misto de tristeza e esperança, O Bêbado e o Equilibrista³,

*"... que sonhava com a volta do irmão do Henfil,
com tanta gente que partiu... chora a nossa
Pátria, mãe gentil
choram Marias e Clarisses,
no solo do Brasil...
Mas sei que numa dor assim pungente
Não há de ser inutilmente...
A esperança equilibrista sabe que o show de
todo artista deve continuar..."*

- É assim que no Pátio da UFSCar, os alunos encenam a peça do Escritor/Arquiteto Getúlio Alho, "A Revolução de Tiradentes"⁴. Discute-se aí o 1964!

- É assim que na Arquitetura se assiste ao sonho dos grandes gênios do racionalismo esvair-se...

As cidades, como diz Carlos Nelson, *"se constróem o tempo todo e em todos os níveis dos mais materiais aos mais simbólicos , à revelia do que se pense e de como se interprete cada um de seus movimentos de mudança"*⁵. Brasília, a capital da República, era um sonho desfeito...

- É assim que no Cenário Político, novos partidos são criados face as diversas ideologias até então aglutinadas no bipartidarismo imposto pelo Regime Militar.

- É assim que nesse contexto, meados de 79, numa assembléia da qual participavam professores, alunos e funcionários do CECH/UFSCar, ouvi de um de nossos grandes mestres, recém chegado de seu exílio involuntário, uma citação de Celestin Freinet. Evidentemente, dela já não me lembro, mas com certeza foi a

³ O Bêbado e o Equilibrista de João Bosco e Aldir Blanc.

⁴ ALHO, Getúlio. A Revolução de Tiradentes. São Carlos, 1981.

⁵ SANTOS, F. Carlos Nelson. In: MARQUES, Enaldo. "Tipologia para o adensamento urbano". Dissertação de Mestrado. São Carlos, USP, 1986.

partir daí, que curiosa, retiro da biblioteca, um dos mais preciosos textos desse autor: "Para uma Escola do Povo". Uma paixão, como se diria, à primeira vista, posto que um texto de absoluta atualidade. Tanto assim que nos parecia ter sido escrito e endereçado a nós, professores brasileiros, naquele dado momento. Uma resposta através de uma ação concreta às críticas que tão bem aprendemos a formular. No âmbito de nosso trabalho, na escola, a possibilidade de construirmos um projeto pedagógico de fato, comprometido com os destinos de nosso País — com a luta por sua DEMOCRATIZAÇÃO.

Assim, lemos e relemos Freinet. Íamos descobrindo, sem dificuldades, que sua Psico-Pedagogia assentava-se sobre bases muito sólidas; a leitura que fazia da sociedade, de sua estrutura; seu compromisso com as classes populares; o reforçar da escola pública e a tomada de posição contra quaisquer tipos de dominação. Freinet refletia sobre as relações entre Educação e Sociedade, evidenciando, de maneira clara, o papel reprodutor da escola e a quem servia...

"A burguesia vencedora teve por sua vez, as suas escolas onde se ensinava a leitura e a escrita - esses instrumentos tão raros, tão apreciados e respeitados na altura - a cultura antiga, grega ou latina, a medicina e a disputa, tudo conquistas que faziam assentar, em novas bases, a autoridade dessa classe de administradores e de comerciantes. Nova etapa do século XIX - a instrução do povo torna-se uma necessidade econômica. O capitalismo triunfante institui então a escola pública, adaptada aos fins particulares para que fora criada... não se tratava de cultivar o povo, mas sim de prepará-lo para realizar com mais eficiência as novas tarefas que o maquinismo lhe tinha imposto. Ler e escrever, contar, passaram a constituir as técnicas fundamentais sem as quais o proletariado não passava de um medíocre operário. E, ao mesmo tempo, os rudimentos da literatura, os conhecimentos geográficos, históricos, científicos e morais deveriam completar a adaptação do indivíduo ao estreito quadro do seu destino econômico. Essa adaptação poderia considerar-se perfeita no período compreendido entre 1914-18. O próprio povo estava aparentemente satisfeito e até um pouco orgulhoso de uma escola que fazia de seus filhos uns "sábios"... O encanto foi entretanto quebrado, para o que muito contribuíram acontecimentos Funestos de 1914-18. Pouco a pouco os mais clarividentes e responsáveis de entre o povo tomaram consciência do destino de sua classe e do logro premeditado que representava a educação que

tinham recebido... A classe popular começava a sua luta para a adaptação da educação de seus filhos às suas necessidades específicas".⁶

Explicitava os seus condicionantes históricos...

"... a Escola nunca está na vanguarda do progresso social. Pode estar em teoria - o que nunca é suficiente - mas na prática o seu desenvolvimento está demasiadamente condicionado pelo meio familiar, social e político para que se possa conceber para ela uma hipotética liberação autônoma. A Escola, pelo contrário, acompanha sempre com atraso mais ou menos lamentável as conquistas sociais... Compete-nos a nós reduzir esse atraso, isso constituirá já importante vitória".⁷

Mas, ao mesmo tempo, nos apontava as saídas...

"Há trinta anos lutamos para fazer brotar no seio da escola pública, essa escola do povo, cujos instrumentos elaboramos minuciosamente".⁸

De fato, Freinet apresentava sua Escola Moderna, fundamentos e funcionamento detalhados, com a propriedade de quem a construía passo a passo. Para nós ficava claro que Freinet percebera, em oposição à escola tradicional e no espaço de contradições sociais que é também a escola, a possibilidade de uma ação educativa que associada a outras lutas, pudesse contribuir para a transformação de sua realidade. Com certeza havia um projeto político que orientava sua prática, suas descobertas e reflexões. E não era para menos:

- Em primeiro lugar é preciso considerar que Freinet, ainda aluno do Curso Normal de Nice, é convocado, aos dezenove anos, para combater na primeira Guerra Mundial. Ferido gravemente nos pulmões, retorna a sua cidade natal (Garz)

⁶ FREINET, Celestin. Para uma Escola do Povo. Lisboa, Editorial Presença, 1973. p.18 e 19.

⁷ FREINET, Celestin. Idem, p.30.

⁸ Idem, ibidem.

para um longo período de convalescença. Dos horrores dessa vivência, o repúdio pela guerra e pela doutrinação que levava o povo à matança. É a partir daí que questionará, então, os valores e a moral que estruturavam a sua pátria republicana. Aqueles que lhe foram transmitidos, principalmente, pela escola pública francesa que havia freqüentado. Sobre esse assunto diria ele anos mais tarde:

*"Percebíamos nas trincheiras que os deuses que os nossos mestres exaltavam - a Ciência, a Instrução, a Família, a Pátria - eram falsos deuses, sanguinários e criminosos; que esta moral não era verdadeira e que esta Pátria era por demais madrastra para ser nossa verdadeira Pátria."*⁹

Percebendo o significado da instrução recebida e, do repúdio pela guerra, a busca de novos referenciais e de luta, por também novos ideais...

*"E como não podia gozar de nenhuma das alegrias da juventude, esforçou-se por achar dentro de si próprio razões para viver: não se deixou dispersar numa compreensão superficial das coisas, foi muito mais longe. A imobilidade a que estava condenado ensinou-lhe uma certa maneira de pensar, uma maneira exigente de se apoderar da realidade, de a dissociar e de a reconstruir sob o ângulo do saudável bom senso aldeão, que até agora constituía a sua única riqueza intelectual. A sua disposição de espírito, orientou-o muito naturalmente ao modo de pensar marxista: leu Marx e Lenine e é dominado pelo dinamismo de um pensamento em movimento que irá acordando nele um tremendo poder de iniciativa"...*¹⁰

É assim que recusando a aposentadoria a que tinha direito, pelas sequelas da Guerra, Freinet torna-se professor primário. Assume, em Bar-Sur-Loup, com todas as suas deficiências físicas, uma classe multisseriada composta por 35

⁹ Freinet, Célestin., *Educação Moral e Cívica*, In, Oliveira, Anne Marie Millon de. Limites e Possibilidades de uma Proposta de Educação Popular na Escola Pública - F.G.V. Dissertação de Mestrado, 1989. p. 235. Sobre a Vida e Obra de Freinet, consultar: Ribeiro, Sílvia Aranha de Oliveira (1978); Sampaio, Rosa Maria W. Ferreira (1989); Fernandes, Angela Vianna Machado (1990); Melo, Roseli Rodrigues de (1992), especialmente Freinet, Élise. (1978 e 1979) e Oliveira, Anne Marie Millon de (1989). Op. cit. Estes últimos, básicos para a construção deste texto.

¹⁰ Freinet, Élise. *O Nascimento de uma Pedagogia Popular*, Lisboa, Estampa, 1978, p.19.

alunos, filhos como ele de pequenos camponeses, além de alguns deficientes. Um começo de carreira bastante difícil para Freinet que, além da sua inexperiência profissional, carecia deixar a sala de aula a cada pouco para "tomar fôlego", "respirar", como diz Élise, sua mulher. Além desse agravante, há falta de material didático-pedagógico e são péssimas as condições físicas da escola. De concreto, o livro didático, o giz e o velho quadro negro, além da imensa vontade de abraçar a profissão que escolhera. Mas, vejamos o que Freinet diz sobre esse início de carreira:

"Terminada a Primeira Guerra Mundial em 1920 eu era apenas "um ferido glorioso", com lesão nos pulmões, uma pessoa enfraquecida, ofegante, incapaz de falar na aula mais do que uns escassos minutos. Apesar das dificuldades respiratórias, teria podido talvez, com outra pedagogia, exercer normalmente as funções que amava. Mas dar lições a crianças que não escutam e não compreendem - os seus olhos vagos afirmam-no com suficiente eloquência - interromper-me a todo instante para chamar à ordem os sonhadores e os indisciplinados com frases tradicionais...

Era um trabalho escusado, na atmosfera limitada de uma aula que vencida a minha resistência e superava as minhas possibilidades fisiológicas. Como um náufrago que não quer afogar-se, seria preciso um meio de não me afundar. Tratava-se para mim de uma questão de vida ou de morte... Se tivesse, como muitos dos meus colegas, a respiração suficientemente boa para dominar com a voz e o gesto a passividade dos meus alunos, convencer-me-ia de que a minha técnica permanecia, apesar de tudo, aceitável. Continuar a usar a saliva, instrumento número 1 da escola tradicional, e, por consequência, teria muito cedo abandonado as minhas experiências.

Deste modo, encontrava-se na origem das minhas investigações a necessidade de melhorar as condições de trabalho, para alcançar uma eficiência possivelmente maior. E existia também em mim uma obstinação insensata que me levava a honrar a profissão que amara e escolhera. Uma outra característica do meu espírito ou das minhas tendências introduziu-me a enveredar por caminhos que então trilhava: uma necessidade como que fisiológica e moral de aderir a uma classe social e, mais ainda, à corporação de docentes, refletindo maciçamente os elementos de um meio do qual eu fazia parte...."¹¹

¹¹ Freinet, Celestin. As Técnicas de Freinet da Escola Moderna. Lisboa, Estampa, p.19 e 20.

É na perspectiva de garantir esses seus objetivos que Freinet se dedica integralmente ao seu ofício de professor. E o faz, através do "tateio experimental", como ele mesmo nos conta. Anota diariamente o comportamento de seus alunos, suas descobertas, sucessos e dificuldades. Percebe (como se viu) que a pedagogia que condiciona as crianças à passividade, no seu caso, não poderá dar bons resultados: sente-se aprisionado em classe, assim como os seus alunos; que não há motivação para aprender e dificuldades para ensinar; que os conteúdos de ensino são totalmente desvinculados dos interesses e da vida de seus alunos... Diante desse quadro desanimador, decide então, levá-los para passear nas imediações da escola. Nesses momentos descontraídos, constata que eles fazem **observações pertinentes, mantêm-se curiosos, atentos e, sobretudo, interessados em descobrir o mundo que os cerca.** De volta à classe, a discussão e a documentação do passeio. Novamente, a constatação de um comportamento bastante diferenciado daquele **apático** costumeiro. As crianças falam, lêem e escrevem com animação e sem bloqueios. Estava aí a certeza de "que não há meio mais poderoso de aprendizagem do que o envolvimento que liga intrinsecamente os conteúdos do ensino aos interesses concretos dos alunos"¹². Nascia assim, a **LIVRE EXPRESSÃO DA CRIANÇA** — eixo da sua pedagogia — e ponto de partida para as demais aprendizagens. Dessa descoberta, o desejo de imprimir **os textos das crianças, substituindo as páginas da cartilha, por páginas vivas, criadas por elas próprias.** Desta forma, diz Freinet, "encontraríamos relativamente à leitura impressa, o mesmo interesse profundo e funcional que nos inspirava a preparação do próprio texto"¹³. E foi o que fez. **Adquiriu um prelo de madeira e uma caixa de tipos.** A produção de textos cresce, inevitavelmente. As crianças se apaixonam pelo trabalho e a atmosfera da sala de aula muda. Há um clima de confiança entre professor e alunos que altera naturalmente as relações pedagógicas. A disciplina não carece ser mais imposta. Ela

¹² Oliveira, Anne Marie Millon. Op. cit., p.244.

¹³ Freinet, Celestin. Op. cit. (1976), p.24.

é fruto, agora, do próprio trabalho da criança, do seu interesse. Mas, ouçamos que nos fala Élise a respeito dessas descobertas de Freinet:

*"A imprensa não foi somente um processo de tornar a criança ativa no sentido muscular e intelectual do termo, por oposição a imobilidade estática imposta pela escola tradicional; também não foi uma simples ocasião para o reavivar do interesse escolar das crianças por esta ou aquela disciplina do programa. Foi muito mais do que isso: revelou a Freinet a personalidade psicológica e humana da criança no seu movimento constante e em permanente ligação com o meio. A partir desse momento Freinet voltou costas resolutamente a toda psicologia tradicional, artificial e espiritualista, apoiada nessas entidades imaginárias, as faculdades da alma, e orientou-se para a concepção de uma pedagogia de unidade e do dinamismo que ligasse a criança ao meio social. O texto livre não é um simples documento sintático: é sobretudo uma espécie de texto psicológico e social; através dele conhece-se a ação do meio sobre a criança e, reciprocamente, a ação desta sobre o meio. Se o meio é desfavorável, exerce efeitos nocivos sobre o ser e constitui uma ameaça à sua eficiência. Nada de profundo, de definitivo, será feito pela educação, enquanto a sociedade for e continuar a ser uma madrasta para a maioria de seus filhos."*¹⁴

O depoimento de Élise prossegue, reforçando a nossa afirmação inicial de que havia um projeto político definido que orientava as descobertas de Freinet, sua prática e reflexões...

*"Daqui em diante Freinet assume decididamente, na sua atividade, as suas responsabilidades sociais e pedagógicas que, tanto uma como outra, não mais são que dois aspectos do mesmo problema: o da renovação da sociedade."*¹⁵

Nesse sentido, importante destacar, o seu ingresso no Partido Comunista Francês e na Federação de Ensino¹⁶, além do trabalho que realizou na comunidade, com os pais de seus alunos, criando, nessa mesma época, uma grande

¹⁴ Freinet, Élise. Op. cit., p.45 e 46.

¹⁵ Idem, ibidem.

¹⁶ Na Federação de Ensino (Sindicato Docente), exerce, por duas vezes consecutivas, o cargo de Secretário Geral.

cooperativa de consumo e vendas com o objetivo de defender os interesses daquela população.

Em segundo lugar, é preciso considerar também que a experiência de Freinet se desenvolve no contexto dos anos 20, como é sabido, de um pós-guerra "amargo" mas paradoxalmente fértil em termos de movimentos pedagógicos: na Suíça está o berço da Educação Nova, o centro difusor da Escola Ativa; na Alemanha se experiencia na prática os ideais da educação libertária; na Rússia de Lenine se constrói a Escola Única do Trabalho; fora da Europa, nos E.E.U.U., por exemplo, as teorias de Dewey, as experiências de Winnetka e o Plano Dalton. Certamente, espaço favorável às novas iniciativas, às buscas, às trocas.

É portanto nesse contexto, início dos anos 20, que Freinet, após ter lido Rabelais, Montaigne, Rousseau e Pestalozzi, entra em contato com os pedagogos modernos vinculados ao Instituto Jean Jacques Rousseau de Genebra. Mas é, sobretudo, a partir das leituras que faz da obra de Ferrière - "A Escola Ativa", que as suas intuições vão tomando forma. Freinet tem agora ânimo redobrado. Ele busca novos caminhos e sofre influências...

Em 1924, participa, em Montreux, do Congresso da Liga da Educação Nova onde se encontra, pessoalmente, com Ferrière, Claparède, Bovet e Cousinet, dentre outros. No ano anterior já visitara as escolas comunitárias de Hamburgo. Embora manifeste respeito e entusiasmo por essas iniciativas, Freinet não se furta a criticá-las severamente. Percebe que também a Escola Nova é uma "escola de classe", que se distancia da realidade e dos problemas a ela inerentes. Ou em outras palavras:

"Dá-se conta de que existe uma educação relativamente fácil, aplicável por escolas que estejam na posse de um material educativo e de uma instalação escolar que permitam a atividade da criança e a individualização do ensino. Mas o problema que se põe à Escola de Bar-Sur Loup é completamente diferente. A imagem da sua aula modesta, vazia e cheia de pó impõe-se-lhe e oprime-o... Toma maior consciência da dependência que existe entre a escola e o meio e da maneira como a sociedade condiciona a escola e o ensino. Não há pedagogia sem

que se preencham as condições favoráveis à experiência e à investigação. Não há uma educação ideal, mas sim, diversos tipos de educação consoante com as classes."¹⁷

Em 1925, visita a Rússia, agora socialista, acompanhando a primeira delegação de docentes do Ocidente a ser convidada a visitar o país. Recebidos no Kremlim por Krupskaia, colocam-se a par da situação do ensino naquele momento, bem como tomam conhecimento dos planos de ações futuras nesse campo. Conhecem várias escolas comuns e sobretudo a do Narkomprós, dirigida por Pistrak. Segundo Oliveira¹⁸, da escola de Narkomprós eles percebem o ponto chave da Pedagogia Russa: **a união do trabalho produtivo e do ensino**, com o objetivo de se favorecer o entendimento presente. Viram também em ação a auto organização dos estudantes, base da educação socialista. Nesse encontro Freinet tem a oportunidade também de relatar a sua experiência de Bar-Sur Loup.

Assim, e não se poderia ignorar que Freinet participara ativamente desse contexto beneficiando-se em muito dessas experiências na construção de sua Escola Moderna. Por exemplo: de Ferrière extrai a noção de Escola Ativa; de Cousinet, o trabalho em equipe; de Profit a idéia da cooperativa Escolar; de Decroly, aproveita parcialmente a noção de Centro de Interesses. Entretanto, "nenhuma dessas apropriações se faz com servilismo ou mesmo com fidelidade. Na verdade, Freinet apodera-se do pensamento desses autores de uma forma que poderia ser chamada, no sentido etmológico da palavra, de "subversiva": o trabalho em equipes torna-se trabalho de grupos auto-gestionados; os centros de interesse, por influência da pedagogia russa, transformam-se em "complexos de interesses"; a cooperativa escolar sai de seus objetivos exclusivamente financeiros para tornar-se cooperativa de trabalho".¹⁹

¹⁷ Freinet, Élise. Op. cit. (1978), p.35; ainda sobre a crítica à Escola Nova ver: Oliveira, Anne Marie Millon. Op. cit.; Freinet, Élise. **O Itinerário de Celestin Freinet**; Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1979; Freinet, Celestin. Op. cit. (1976)., dentre outros.

¹⁸ Sobre a viagem à Rússia, Oliveira, Anne Marie Millon, Op. cit. nos possibilita uma visão bastante ampla e detalhada, para a qual remetemos os leitores.

¹⁹ Idem, p.264.

Quanto aos fundamentos da proposta freinetiana²⁰, são nítidas as contribuições do pensamento anarquista (os princípios da auto-gestão e da cooperação, além da designação do termo **Escola Moderna**; e do socialista (a concepção de trabalho e o materialismo escolar, por exemplo); ainda, de Rousseau, o lugar de destaque atribuído à **natureza**, bem como a necessária relação entre **esta e a escola**.

Como se vê, não foi por acaso ou por fatores circunstanciais que Freinet **inovou**, mas sim pela luta determinada por uma educação que, de fato, se colocasse a serviço das classes populares. A **renovação escolar** era, para ele, parte de um projeto político mais amplo, o da **renovação da sociedade**. Nisto é **preciso insistir**. Dessa certeza advém o nosso encantamento pela psico-pedagogia de Freinet e a coragem de construirmos um projeto-educativo baseado nas suas premissas, nas suas técnicas — como se verá a seguir.

1980/1982 - A IMPLEMENTAÇÃO DAS TÉCNICAS FREINET NA PRÉ-ESCOLA

O encontro da Pedagogia Freinet nos instalava a confiança para a concretização do nosso velho sonho... trazer a "rua" e os antigos "quintais" para dentro da escola. E de poder agora com segurança, responder às expectativas dos pais em termos de uma verdadeira aprendizagem - sem treinos, sem os exercícios mecânicos de "prontidão", mas com muita produção... Vejamos uma mostra desse trabalho, através do relato de um dia do nosso cotidiano...

²⁰ Sobre os fundamentos da Pedagogia Freinet ver: Cabral, Maria. Inês C.; Oliveira, Anne Marie Millon, Op. cit. e Freinet, Élise. Op. cit. (1978), também Rossi, Wagner Gonçalves. Pedagogia do Trabalho - raízes da educação socialista. São Paulo, Moraes, 1981; Clanché, Pierre. O Texto Livre - escrita das crianças. Lisboa, Estampa, 1977 e Tsoukada, Kiriaki. O conceito de Trabalho - Da Teoria Marxista à Pedagogia Freinet. In Nouvel Éducateur, no. 222, Cannes, 1991.

Nós não temos mais atividades programadas e muito menos obedecemos a quaisquer seqüências preestabelecidas em termos de currículo para a pré-escola. Nós vivemos o dia com intensidade, descobrindo e aprendendo através de nossa própria experiência. O que elaboramos são planos de trabalho individuais e coletivos, a partir do interesse despertado nas crianças, que deverão ser seguidos e concluídos.

Logo que chegamos à escola, procedemos à nossa reunião inicial. É o momento em que falamos de nós, do que nos alegra ou preocupa, falamos de nosso viver. E é a expressão desse viver que queremos captar e materializar. Nosso trabalho quase sempre daí decorre. Vejamos na prática como isso acontece.

Um menino de 5 anos, chegou apressado para nossa reunião e pediu silêncio:

"Quero dizer pra vocês que eu estou montando um circo e estou precisando de gente para trabalhar comigo. Já pensei em muitas coisas, acho que a gente pode pegar uns lençóis pra fazer de lona, eu fiz isto no meu quarto e deu certo. Quero ser o apresentador e quero levá-lo para muitas cidades: Ribeirão Preto, Espanha, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba. Quero também apresentá-lo na televisão."

Uma das crianças interrompeu e perguntou se seria na Globo. O menino respondeu: *"Não, na TV Cultura"*. As crianças ficaram entusiasmadas com o que ouviram. Rapidamente escolheram seus papéis e puseram-se a trabalhar. Um grupo quis desenhar o circo, outros dirigiram-se para a caixa de sucata na tentativa de confeccionar as fantasias. Ele, o dono do circo, quis levar sua idéia para a imprensa. Outros ainda montaram o circo em cartolina. Recortaram a porta, puseram toldo na entrada e tentaram prender o teto ao piso (a base era de papelão) com linhas grossas. Embora não tenha dado certo (desabou) as crianças não ficaram chateadas, apenas buscaram outro tipo de participação. Após o lanche, as crianças começaram o ensaio; as bailarinas dançavam, o equilibrista tentava com uma das mãos equilibrar uma régua numa pequena lata, o domador domava seus bichos com

um pedaço de pau (que eram as crianças com as fantasias respectivas). Foi visível a alegria de todos. Nós prosseguimos com esta atividade nos dois dias que se seguiram, incluindo as crianças de outras salas. As mais velhas confeccionaram os ingressos bem como o dinheiro. Montaram uma bilheteria que, ao final do dia, prestou-se a uma verdadeira aula de aritmética. A representação das crianças foi perfeita, dentro do que se possa esperar nessa idade. Atividades como estas são, para nós, completas, já que, trabalhando de forma organizada, as crianças ajustaram-se aos personagens, cantaram, exercitaram-se fisicamente, usando a imaginação e a criatividade que lhes é peculiar nessa faixa de idade. Para nós o importante é a criança participar, sentir-se feliz"²¹.

1983 - IMPLEMENTAÇÃO DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU

O trabalho que vínhamos desenvolvendo, a partir de 1980, em salas de pré-escola, inspirado nos princípios da Pedagogia Freinet, motivou um grupo de professores, mantenedores e pais de alunos da ESCOLA, a iniciar, em 1982 o processo de implementação do primeiro grau regular. De fato, e apesar das dificuldades, o projeto começa a ser concretizado com a criação da primeira série, em fevereiro de 1983, embora, por conta da burocracia, a autorização de funcionamento só tivesse saído através de Portaria DRE: D.O.E. de 28/6 desse mesmo ano. Se, de um lado, esse ato de "rebeldia" tenha levado a escola a ter de solicitar, do Conselho Estadual de Educação, a convalidação de seus atos escolares, de outro, significou a forte emoção de poder ver e registrar nossos pequenos alunos lendo junto conosco, o parecer que tornava possível a continuidade de nossos trabalhos. Importante destacar aqui, o rigor com que a Divisão Regional de Ensino de Ribeirão Preto analisava o aspecto físico da escola, em detrimento de uma maior reflexão quanto à proposta pedagógica apresentada. Exatamente o inverso do esperado, pois

²¹Relato contido no texto de Marques, Carmen Silvia Ramalho. Op. cit., p.71.

entendíamos que o problema poderia estar na aceitação ou não do projeto de ensino, até porque, em primeiro lugar, a Pedagogia Freinet era pouco conhecida em nosso país, em segundo, por se ter solicitado a implementação gradativa do primeiro grau, face a necessidade de engajamento de outros professores, que pudessem comprometer-se efetivamente com os princípios norteadores da nova proposta, já que não houve diminuição das salas de pré-escola. Do nosso ponto de vista, a escola deveria crescer devagar. Era preciso manter a qualidade do trabalho. Por essa razão o projeto foi pensado da seguinte forma:

1983 - Primeira Série	1987 - Quinta Série
1984 - Segunda Série	1988 - Sexta Série
1985 - Terceira Série	1989 - Sétima Série
1986 - Quarta Série	1990 - Oitava Série

Além dessas, outras dificuldades careciam ser vencidas. A maior delas, sem dúvida, era comprovar que embora oferecêssemos opções de escolha a nível das atividades (ateliês) e da relação franca, não autoritária, com as crianças, a escola não era um "laissez-faire", pois causava espanto, naquela época, por exemplo, alfabetizar sem cartilhas. Aos olhos de alguns pais, a não adoção de livros didáticos; a organização das salas, o não enfileiramento das carteiras; o material escolar de uso coletivo; a venda de jornais impressos pelas crianças e a não obrigatoriedade do uso de uniformes, significava, aparentemente, o retrato da desorganização e do descompromisso com o "saber". As cópias, os exercícios de fixação, as enormes tarefas, não se avolumavam nos cadernos e os treinos eram praticamente inexistentes. Entretanto, uma nova produção se fazia: os livros de histórias, os álbuns, os relatórios de pesquisas. Infelizmente não era essa a produção esperada. De fato, algumas crianças deixaram a escola antes mesmo do término do semestre... "Só quem gosta da Escola são as crianças", observou uma mãe. Além dessa desconfiança que hoje classificamos como "natural", se considerarmos a estrutura conservadora da cidade, naquela época, registre-se, ainda, o oportunismo de alguns

pais, que se utilizavam da Escola para garantir a frequência de crianças, com menos de sete anos, na Escola Pública, via transferência. Mesmo assim, e a "duras penas", continuávamos o trabalho. O que constatamos no final desse primeiro ano, foi a aprovação para a segunda série de todas as crianças que liam e escreviam com facilidade e já tinham bastante aguçado o interesse pela investigação.

"Eu já pesquisei os dimetrodotes e os pterodáctilos. Eles eram animais gigantescos que viveram a milhões e milhões de anos atrás".

(M, 7 anos)

Criavam as suas histórias e confeccionavam seus livros no limógrafo e/ou na imprensa, e iam aos poucos percebendo que eram também autores, ilustradores. Em funcionamento, o jornal de parede, os planos de trabalho e a caixinha cooperativa de classe, cujos fundos eram obtidos através da venda de seus jornais e de outros objetos confeccionados nos diversos ateliês. A professora da sala, recém formada no magistério de segundo grau, embora tivesse uma prática considerável na pré-escola, pois que trabalhava na Oca como auxiliar de creche desde seus catorze anos, contou também com uma professora de matemática, interessada em trabalhar com essa faixa etária, Além da assessoria de uma experiente professora do Estado, sensível à nossa proposta de trabalho. Essa assessoria, ao longo do ano de 1983, possibilitava uma maior segurança aos pais, como também, e principalmente, aos participantes da nova experiência - o parâmetro entre a Escola Pública e a Oca. Esse parâmetro era absolutamente necessário, pois a nossa clientela não tinha raízes na cidade e as trocas de emprego eram normais. Tínhamos de considerar, além dessas trocas, também a questão financeira, agravada pelo sistema vigente. De qualquer modo, a Escola era particular e nem todos aceitavam que seus filhos pudessem se tornar bolsistas. Era mais fácil retirá-los da Escola.

Paralelamente, no Grupo de Estudos Freinet (hoje, Núcleo Freinet de São Carlos), criado em 1980, do qual participaram professores, pais de alunos e

interessados, discutíamos sobretudo as questões relativas aos trabalhos desenvolvidos na pré-escola e primeira série, de modo bastante produtivo: a partir da prática do cotidiano, vivíamos a Pedagogia Freinet. Não foi difícil percebermos, por essa razão, nitidamente, a passagem "sem quebras" de um para outro nível de ensino. As crianças continuavam a ser crianças e a aquisição da leitura e escrita, decorrência natural do processo, já iniciado na pré-escola,

"aí tá escrito que eles jogam futebol de gol a gol... é que eu conheço a palavra gol e também o a... então eu acho que é isso. ... olha lá na ilustração, eles estão falando isso mesmo. Eu também conheço a palavra Sócrates que começa com a letra da minha mãe".

(H, 7 anos 1^a. série / março de 83)

Esse respeito pelas crianças, por suas descobertas, ponto de partida para quaisquer tipos de aprendizagem, além do bom desempenho dos alunos e da seriedade de propósitos por parte da equipe da Escola, propiciaram o aumento do número de crianças no primeiro grau, bem como, o ingresso de outros com dificuldade de aprendizagem, distúrbios de comportamento ou ainda deficiências físicas. Crianças que as Escolas de origem, excluíram sem nenhuma hesitação... "o menino que vocês estão recebendo é um lobo em pele de cordeiro", disse-nos um diretor, quando da transferência de um dos alunos.

De outro lado, também no ano de 1983, modificações na estrutura da mantenedora foram processadas. Ingressaram mais cinco novos sócios, antigos professores da escola, criando-se informalmente, "o sistema de cooperativa". Todas as decisões passaram a ser tomadas em conjunto, independente do número de ações adquiridas, assim como o salário que era o mesmo para todos independente do cargo e ou função ocupados. Essa modificação foi extremamente importante para nós, pessoalmente, que objetivávamos uma "escola sem patrão".

1984 - A CHEGADA DE NOVOS ALUNOS

O salto qualitativo, entretanto, vai se dar a partir desse ano com a chegada de novos alunos, absolutamente carentes, alguns deles egressos da FEBEM e oriundos do Educandário São Carlos. Outros chegam via convênio com o Estado, o que há muito desejávamos concretizar. Tínhamos então classes, agora heterogêneas, tanto em relação ao nível sócio econômico quanto, e sobretudo, cultural. Retomando-se os dados referentes a esse período constata-se que esses alunos representam 38% do total de matrículas no primeiro grau. Assim, as trocas emergem, os conflitos afloram e nós, angustiados, num contínuo repensar. Era preciso, a partir desses novos conteúdos, refazer o ensino; rever posições; aprender a mediar sem paternalismos, por exemplo. Nas salas de aula, o exercício da participação, do desbloqueamento, da ação-reflexão-ação. Éramos todos aprendizes...

1986 - CONSOLIDAÇÃO DA PRIMEIRA FASE DO PRIMEIRO GRAU

A primeira fase do primeiro grau está consolidada. As novas turmas que ingressaram tem em média 25 alunos - o número que a área física permite -. De outro lado, dificuldades... Há rotatividade de professores, principalmente na pré-escola. Razões de natureza diversas, como por exemplo, casamentos que implicavam mudança de cidade; incompatibilidade com os propósitos da Escola e, mais recentemente, busca de atividades mais rentáveis gerando, inclusive, troca de profissão. Este é o caso da Van, pedagoga e excelente professora que deixa sua sala de aula para tornar-se comerciante de frios. Há remanejamentos, duplicação de jornada, especialmente pelos professores sócios da mantenedora. Rotatividade é problema compreensível... No contexto, é tempo de muitas insatisfações, inflação desenfreada, de greves -- **De PLANO CRUZADO** -- Na Escola, nenhuma diferença. Todos carecem de melhores salários, como os demais trabalhadores, congelados em

baixa. A mantenedora cujo capital é fruto de trabalho, pois que, basicamente estruturada com o FGTS de seus associados, não tem reservas... Há "fiscais do Sarney" que, embora não façam parte do grande contingente do país, preocupados em manter a Escola, que já opera no vermelho, dão trabalho... discussões, reuniões, assembléias - quanto desgaste! As crianças, nossos pequenos alunos, são parte ativa do processo... se inteiram dos problemas, pedem cancelamento das aulas e debaixo das mangueiras, marcam posição: "Sugiro uma passeata para a Escola não fechar", diz o Dani (da quarta série)... "eu gostaria que os Pais pagassem um pouco mais do que a Escola está precisando, porque se esta Escola fechar eu não estudo em outra", (Livia, terceira série). Também o Gatão, da segunda como é carinhosamente chamado o Marcelo, busca soluções... "Olha, eu tenho uns trinta pila que é dinheiro que ganho entregando jornal. Estão na Poupança. O Padre guarda para mim, mas eu dou para a Escola não fechar. Eu não quero sair daqui". Após a discussão, os demais alunos endossam a manifestação da Livia que é levada para a Assembléia de Pais, professores e mantenedores.

Importante ressaltar que, ao longo de sua trajetória, a Escola condicionou os seus aumentos de mensalidades ao aumento do funcionalismo Federal, de onde provinha a massa de recursos que a sustentava (mensalidades pagas pelos professores da UFSCar). Entretanto, o percentual carecia ser diferenciado, o que de certa forma irritava alguns dos pais... "ora, eu tive 10% e vocês querem 30?" Em nenhum momento passava, a quem dizia, a questão do valor real dos salários e, principalmente, do desnível existente entre aqueles, dos professores Universitários, e destes de primeiro grau, muito embora e em alguns casos concretos na Escola, estes últimos tivessem titulação superior aos primeiros...

... E pensar que houve tempos, neste País, em que ser marido de professora primária significava status e conforto...

Crise resolvida, voltemos ao corpo docente responsável pela primeira fase do primeiro grau. Quem são estes professores? Por que escolheram tão

desvalorizada profissão? Sonhos? Aspirações? Necessidades? Contingências? Por que esta escola?

Então vejamos:

Primeira Série - Ivonete

A professora Neti está na Escola desde de 1979 quando foi contratada, com seus catorze anos, como auxiliar de creche. Desde os doze porém, trabalhava em casa de particulares fazendo pequenos serviços domésticos. Ativa e muito estudiosa logo consegue responsabilizar-se, sozinha, por um grupo de crianças bem pequenas. Três anos mais tarde, professora formada, assume uma classe de pré-escola onde pode experienciar, na prática, os princípios do método natural de C. Freinet. É esta professora que será convidada, por todo o grupo da Escola, para assumir a primeira sala da primeira série, dando início ao projeto de criação do primeiro grau regular. O senso de responsabilidade, o esforço, a vontade de crescer intelectualmente, além da excelente relação que mantinha com as crianças, certamente determinaram a sua escolha. Nesse mesmo ano, 1983, se torna membro da Mantenedora da Escola. Sua paixão por ensinar veio desde de muito cedo como ela mesmo afirma...

"Eu sempre fui professora, nas minhas brincadeiras, na ajuda que dava a minha irmã mais nova. Era meu sonho e, por isso, não troco a sala de aula por nada. É o que gosto de fazer".

Formada pelo Instituto de Educação Álvaro Guião, magistério de segundo grau, não pode ainda continuar seus estudos na Universidade, como gostaria. Trabalha atualmente na Escola, em tempo integral. No período da manhã, respondendo pela assistência de Direção e à tarde, continuando seu trabalho na primeira série, como faz desde 1983. A partir de 85, abre espaço, ãa sua classe, para

receber alunos estagiários - tanto da Pedagogia/UFSCar quanto do CEFAM de São Carlos.

Segunda Série - Elô

Concluído o segundo grau na Escola Pública, tem a certeza de sua profissão - quer ser psicóloga. Ingressa em São Paulo, onde morava com os pais, numa Universidade Privada. Com tristeza não pode continuar seus estudos... "era caro demais, meus pais não podiam me sustentar lá". Final do ano, novamente o Vestibular, desta vez para Pedagogia, "o curso mais próximo do que desejava", e na UFSCar, em São Carlos, para onde se mudara. Sente necessidade de um trabalho que possa ajudá-la, tanto a nível de sobrevivência quanto de sua formação. É com esse espírito que, indicada por seus professores, solicita estágio na Escola em 1982 - e de onde não sai mais. Inicialmente é responsável por classes de maternal. Com o curso de Pedagogia concluído, é convidada a ingressar no primeiro grau. Deixa os seus bebês para aceitar este outro desafio. Atualmente é aluna do PPGE/UFSCar, Área de Metodologia de Ensino. Sua pesquisa está intimamente ligada ao seu trabalho - Investiga a questão da interdisciplinaridade de conteúdos nas séries iniciais da Escolarização.

Sensível, amante das artes, procura despertar nas crianças o gosto pela dança, pela pintura, pelo teatro. É dessas atividades que normalmente desenvolve os conteúdos programáticos que devem ser apreendidos por seus alunos. Por necessidade de sobrevivência, foi obrigada a assumir, nas poucas horas disponíveis, uma sala de educação de adultos junto da Prefeitura Municipal, no período da noite. Divide com o marido, jovem professor Universitário, a tarefa difícil de educar os seus três filhos pequenos.

Terceira série - Sú

Difícil localizá-la quando junto de seus alunos. Bem baixinha e de fala "mansa", conduz o grupo de crianças, da terceira série, com muita facilidade. É pedagoga, formada pela UFSCar, e membro da Mantenedora da Escola, desde 1983. Anteriormente, professora contratada, lecionava em classe de pré-escola. A escolha de sua profissão passou pelo "crivo" da família, que via na carreira de magistério, a possibilidade de um emprego rápido e seguro.

A sua vinda para a Escola foi motivada, como diz a professora,

"pela perspectiva de um trabalho mais "aberto" com as crianças pequenas, diferente de tudo o que eu havia visto nos estágios de Prática de Ensino e daquilo que estudamos, que era basicamente o treino de habilidades para o primeiro grau." Sorrindo, continua a professora... "é mesmo, aprendemos por exemplo que tínhamos de estar bem vestidas para que perante aos alunos pudéssemos mostrar nossa autoridade. Por aí você vê como foi o nosso curso, o que se propunha para as crianças. Foi essa a possibilidade de um trabalho diferente que eu vi e que me encantou, que me trouxe para cá... também a possibilidade que a Escola abria em termos de estudo, o que me valeu muito. Nas nossas reuniões eu aprendi a ver a educação de forma contextualizada, isto é, para entender Freinet, era preciso compreender o papel da Escola neste tipo de sociedade e principalmente o que era ser professor, e isso eu não tive ao longo do curso de Magistério".

Sua graduação lhe possibilitou responder pela direção da Escola por todo um ano letivo, o que lhe valeu a certeza de sua preferência pela sala de aula. Sua experiência profissional soma hoje quase dez anos, cinco destes, em classes de primeiro grau.

Quarta-Série - Rô

Aluna do PPGE/UFSCar, Área Metodologia do Ensino diz: "batalhei muito para chegar até aqui". De família muito pobre, precisou trabalhar desde

pequena. Aos nove anos, empacotava presentes na época de natal para garantir a compra do material escolar para o ano seguinte. Aos treze foi contratada como balconista de uma padaria para ajudar no orçamento da casa. Deixa essa função aos dezoito anos para procurar um emprego mais condizente com seus objetivos de vida. Procura e é admitida na Escola em 1982, primeiro como estagiária e, posteriormente, como professora do maternal.

A escolha de sua profissão foi determinada pelas limitações financeiras da família que a impediram de realizar a sua grande aspiração - Artes Cênicas.

"Queria continuar no ramo pois fiz parte desde a adolescência de um grupo de teatro amador, aqui em São Carlos. Chegamos a representar em várias cidades do interior, mas não deu! Então escolhi Pedagogia, na UFSCAR, animada por uma tia pedagoga que era apaixonada por sua profissão. Não há arrependimentos pois aqui, na Escola, pude conciliar meu trabalho com as aspirações anteriores."

Além disso, ressalta a professora...

"Eu sempre digo que eu fui formada aqui na Escola, subsidiada pela UFSCAR, porque em paralelo aos textos que liamos em nossas reuniões, que discutíamos profundamente e que não eram só de Freinet, íamos percebendo onde a escola se encaixava e que Escola era essa, a que queríamos. Eu fazia as comparações com os textos lidos na Universidade e eu via que as nossas reuniões aqui iam muito mais além, porque as dimensões eram concomitantes com a prática e exatamente o que não se fazia lá. Por outro lado, o espaço para se trabalhar e a descoberta de Freinet me levaram a ter um grande envolvimento com a Escola, tanto assim que tornei-me, também, sócia de sua mantenedora. São oito anos, de muito aprendizado".

1986 - MARCA TAMBÉM O PLANEJAMENTO DAS CONTRATAÇÕES DE PROFESSORES PARA A PRIMEIRA QUINTA SÉRIE

A liberdade de poder selecionar e contratar os professores parecia, aos nossos olhos, uma possibilidade de avançar com a proposta que vínhamos desenvolvendo, também em classes de quinta a oitava séries. Entretanto, e mesmo

assim, essa possibilidade se apresentava apenas como um ideal a ser perseguido pois tínhamos como quase impossível agrupar mais sete novos professores, de áreas e formações diferentes, interessados, de fato, em dar continuidade ao nosso trabalho. Continuidade essa que se daria, sabíamos, unicamente pelo desejo de cada um e não por imposições de nossas vontades. Questão bastante complexa, sem dúvida, porque, se de um lado tínhamos claro o direito do professor em planejar e executar a sua ação pedagógica segundo suas próprias convicções, de outro, e não escondíamos, a grande expectativa de não nos distanciarmos da Escola que arduamente estávamos construindo. Ocorreu-nos então, a idéia de convidar os pais de nossos alunos, profissionais do ensino e que atuavam na Rede Oficial, pois que, de alguma forma já tinham envolvimento com a Escola, com sua dinâmica de trabalho e mais do que isso, acreditavam na orientação dada aos seus filhos. Posteriormente, convites feitos e aceitos. Eram agora quatro os pais de alunos, nossos professores cobrindo cinco das oito disciplinas: Português/Inglês, Geografia, Educação Artística e Matemática. Através deles a indicação do Professor de História/OSPB/Moral e Cívica.

Os professores de Ciências e Educação Física eram velhos conhecidos da Escola. O primeiro, de Ciências, enquanto aluno de Licenciatura da UFSCAR, estagiou e, posteriormente, desenvolveu trabalho competente junto as classes de primeira a quarta séries. O segundo, de Educação Física, era o "treinador oficial" dos alunos, dos torneios esportivos da pré-escola e da primeira fase do primeiro grau. À exceção dos dois professores, os demais reduziram sua carga horária no Estado para que pudessem assumir o novo trabalho. Após essa primeira etapa, de planejamento das contratações, estava prevista, para os dois últimos meses do ano letivo de 1986, a realização de estágios nas séries já implementadas (primeira a quarta) para um primeiro contato, agora profissional, com a Pedagogia Freinet, pois que nos parecia ser este o ponto de partida, um **"como começar"**. A sua operacionalização, entretanto, não foi possível. Em primeiro lugar, porque a Escola não tinha estrutura financeira suficiente para remunerá-los e, compreendíamos, pois éramos também professores, que o "voluntarismo" só acontece quando a sobrevivência está, de

alguma forma garantida. Infelizmente, esse não é o caso da maioria dos docentes brasileiros de primeiro e segundo Graus e, em particular, desses nossos. Em segundo lugar, o fator tempo era também um determinante, pois esses professores, usavam suas poucas horas disponíveis — fora de sala — para o preparo de suas aulas e ou de outras atividades requeridas por suas escolas. Por essas razões, diz uma das sócias, "não chegamos nem a oferecer, como desejávamos, os referidos estágios". Apesar dessas dificuldades, o critério de seleção dos novos professores, parecia ter sido, de muito bom senso, assim como diz uma das professoras:

"Vim para essa Escola, estimulada com o trabalho feito com as crianças, com as minhas filhas, que já estudavam aqui. Mas o que me trouxe mesmo foi a vontade de aprender, de ter um crescimento, uma abertura para que eu tenha condições de fazer um trabalho melhor, não só aqui como no Estado também..."

(M. A., Português)

"Vim pensando em desenvolver um trabalho que eu conhecia como mãe, através das minhas filhas. Eu sempre achei esse trabalho muito bom, muito sério. Um trabalho que faz com que os objetivos da Educação sejam alcançados. Para mim a Educação, a Escola devem fazer com que a criança tenha uma formação, onde ela possa viver socialmente para atuar socialmente. Então a Pedagogia Freinet faz com que a criança desde cedo já venha sendo formada, socializada de tal forma, que ela consegue sem perder a sua individualidade - eu acho que isso precisa ser cultivado - perceber que faz parte de uma sociedade que tem direitos e deveres... faz também com que a criança aprenda a lutar por aquilo que ela acredita ou por aquilo que está desejando..."

(M. L., Geografia)

De outro lado, e a exemplo do que vinha sendo feito nas quatro primeiras séries, incluiu-se nessa nova estrutura, da segunda fase do primeiro Grau, mais quatro horas aula, além da carga horária normal, acopladas num mesmo dia, para que as crianças tivessem a "chance" de continuar as suas atividades, já de rotina; a feitura dos jornais, das correspondências escolares, do trabalho em ateliês, do almoço na Escola, por exemplo. Também a presença de uma estagiária foi pensada para coordenar os trabalhos dessa primeira quinta série. Era a busca de um

ensino de qualidade, com a perspectiva de uma passagem menos traumática dos alunos de quarta para a quinta série.

E as "amarras" pareciam estar feitas... Vejamos agora quem são os novos professores:

Leila (Matemática)

Professora de Matemática, formada pela Barão de Mauá, em 1974, é também responsável pela disciplina de Desenho Geométrico. Está na Escola desde 1987, quando ingressou, para dar aulas, na primeira turma de quinta série.

Mãe de aluna, conhecia bem os princípios que norteavam a proposta pedagógica da Escola e com a qual, segundo ela, "se identificou". Gosta do que faz e o demonstra na relação afetiva que tem com as crianças e com o seu trabalho. É comum vê-la, recebendo os seus alunos, fora do horário normal de aula, para ajudá-los em suas dificuldades.

Querida por todas as crianças, foi eleita, desde 1987, professora conselheira de classe e integrou em 1990, à Comissão de Formatura da primeira oitava série, responsabilizando-se, com elas, pelas festas, "bailinhos", e os famosos "bingos". Afastou-se do Estado recentemente, onde também trabalhava desde de 75, para integrar-se ao grupo de Pesquisa sobre a **Atual Proposta Curricular de Matemática do Estado de São Paulo**, junto ao Departamento de Matemática da USP/São Carlos, no período da tarde. Na Escola, garante a totalidade de carga horária do primeiro grau, pela manhã, perfazendo o total de 41 horas de trabalho na semana.

A professora é mãe de três meninas, alunas da Escola. A mais velha também concluinte da primeira turma de formandos do primeiro grau.

Priscila (Educação Artística)

Professora de uma classe de pré-escola na Oca, desde 1980, participa ativamente do grupo de estudos de Pedagogia Freinet. Alegre e muito animada, faz uso de seus conhecimentos relativos à área de música não só com suas crianças, mas, com todos os demais alunos de outras classes. Assumir as aulas de Educação Artística para a primeira quinta série da Escola não foi difícil. Além da experiência, tinha habilitação para isso. Concomitante com o trabalho na Escola, assume classes do Estado e deixa sua pré-escola. Dedicar-se integralmente, a partir daí, ao desenvolvimento dessa disciplina em classes de primeiro grau - de quinta em diante.

Formada em Bauru, interior de São Paulo, na Faculdade de Música Pio XII, onde licenciou-se em Educação Artística e Música. Anteriormente, freqüentara, ao longo de onze anos, o Conservatório Jauense de Música. Toca vários instrumentos com perfeição, o que lhe possibilitou "agitar a Escola", como dizem os seus alunos. Vários deles aprenderam, com ela, a tocar flauta, violão e piano. Também o coral dessa primeira quinta série se manteve apesar de sua saída da Escola em 1989. Assume o seu lugar, o professor César.

César (Educação Artística)

César, estudante do último ano de arquitetura da USP/São Carlos. Extrovertido e "barulhento" como diz a Tunes, merendeira, é o conselheiro da sexta série. Amigo de seus alunos, participa ativamente da programação da Escola, das comemorações, das viagens, das aulas passeio e também da vida das crianças nos fins de semana, festas, bailinhos, etc.

Sua opção por dar aula originou-se do seu T.G.I. (Trabalho de Graduação Integrado) em desenvolvimento a partir de 1989. Assim, e para isso, leu as obras do psicólogo Henri Wallon, especialmente, além de Piaget e Freinet; fez

estágios em creches para observar os espaços de interação entre as crianças. Apaixonado por sua disciplina, acredita que ela deva ser repensada.

"Não pode ser aquela "mesmice", a atividade pela atividade como recebi e como infelizmente se faz na maioria das Escolas. Eu parto do princípio que a arte é a exteriorização do pensamento e que, por isso, esse pensamento precisa adquirir uma forma (importância de forma-conteúdo) para que seja comunicado, expressado, porque senão a idéia que é só do indivíduo permanece e morre aí. É preciso que essa idéia tome forma de algum jeito, num desenho, num texto, numa dança... A Educação Artística, como disciplina pode, então, bloquear o sujeito ou ajudá-lo no sentido de saber expressar os seus sentimentos, de dar forma a uma idéia. Não defino programas a priori, faço um roteiro de temas, com as crianças, e depois discutimos o como trabalhar a forma."

O professor mostra-se satisfeito com o seu trabalho, com a facilidade com que os alunos respondem às atividades.

"É o meu primeiro emprego como professor de primeiro grau, acho que vou indo bem." Brinca ele.

Thomas (Educação Física)

Recém-formado na Escola de Educação Física de São Carlos - FESC. Muitos dos seus alunos já o conheciam através dos cursos que freqüentavam no São Carlos Clube (na escolinha de futebol). O Prof. Thomas ingressou recentemente na escola, substituindo o Prof. Binhardi, que mudou-se para o Paraná.

Maria Lúcia (Geografia)

Piracicabana, de sotaque forte, é a mais velha de seus nove irmãos. De pai militar e mãe professora, casa-se cedo. Muda-se para Belo Horizonte onde, na Universidade Federal de Minas Gerais, concluiu o Curso de Geografia, iniciado na UNESP/Rio Claro. Ciente da formação tradicional que recebera "dentro de todos os

princípios da geografia francesa", como diz, buscou aprofundar os seus estudos, em Campinas, na UNICAMP onde cursou, como aluna especial, as disciplinas de História e Sociologia Política, e na UNIMEP, em Piracicaba, fez pós-graduação, como aluna regular. É somente depois dessa trajetória que vai tornar-se professora de geografia no ensino oficial. Hoje, efetiva do Estado, divide sua carga horária de 42 aulas semanais entre o CEFAM de São Carlos e a Escola, a partir de 1987. Suas três filhas são "Curumins" desde muito pequenas. A mais velha, concluinte da primeira turma de formandos do primeiro grau, cresce conosco. É a segunda aluna mais antiga da Escola.

Maria Alice (Português e Inglês)

Professora de Português e Inglês é formada em Letras pela UNESP/Araraquara turma 1975, Iniciou sua carreira no magistério oficial em 1976, reduzindo sua carga horária, em 1986, para assumir, na Escola, as aulas de português e Inglês na quinta série. Muito meiga, sabe ouvir os seus alunos, quer em sala de aula, quer fora dela.

"Não perco a oportunidade de um papinho com os meninos de jeito nenhum e seja onde for."

Acostumada a uma prática tradicional, vai aos poucos modificando a sua dinâmica de trabalho, buscando responder às expectativas das crianças...

"Senti, no início dos trabalhos uma certa resistência por parte das crianças que, embora tivessem uma certa tolerância porque gostavam de mim, achavam as minhas aulas chatas. Começou a ter um certo entendimento quando eu propus reuniões e o trabalho com o texto livre dos alunos. Aí começou a haver uma certa melhora, porque se trabalhava a gramática a partir desse texto livre. Foi o primeiro acerto, tentei fazer ateliês mas não deu certo. Tudo foi sendo pensado, amadurecido então... No ano seguinte, eu já comecei as aulas com um esquema montado para que eles trabalhassem não só com o texto e a partir do texto, mas também em termos da própria

divisão do trabalho, os ateliês... Aí veio um comentário da Jú, uma aluna. Ela disse assim: - Maria Alice, parece que este ano você se encontrou porque no ano passado parecia que você estava perdida e este ano está começando bem."

Essa mudança em termos de sua prática foi também levada para as suas classes no Estado, com resultados positivos segundo a professora.

A professora Maria Alice é também mãe de duas alunas da Escola.

Ademil (Hist/EMC/OSPB)

O professor de História, E.M.C e OSPB é são-carlense formado em 1972, em Sociologia, pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, hoje UNESP. Atualmente é aluno do PPGE/UFSCAR, área de Metodologia do Ensino.

A escolha de sua profissão está intimamente ligada à sua própria existência, marcada , desde muito cedo, pela discriminação racial, dentro e fora da Escola:

"Bem pequeno recebo um tapa de minha professora, quando o responsável por virar um tinteiro era um menino branco... Você vai para frente garoto e é bom casar-se com uma branca para ajudar a acabar com essa raça feia, diz o Diretor da Escola Estadual de Primeiro Grau Coronel Paulino Carlos, escola tida como tradicional na cidade e que nessa época também era diretor do Ginásio Comercial SENAC. Na Universidade, continua o professor, fui usado, muitas vezes, por colegas que queriam mostrar que não tinham preconceito..."

O sentimento de pertencer, de resistência contra o esfacelamento de sua identidade, foi construído através do contato freqüente com os associados do "Clube Flor de Maio", em São Carlos, onde encontravam-se e encontram-se as principais lideranças negras da cidade, bem como o contato, no curso clássico, com as obras de Lima Barreto e Cruz de Souza.

"Eles tinham a ver comigo, com as minhas coisas, sofreram também certos impedimentos", diz o professor.

Esses fatos aliados ao conhecimento da realidade brasileira no período da ditadura o levaram a encontrar, na Sociologia, no "ofício" de professor, um espaço concreto de intervenção.

"De poder contribuir para o crescimento intelectual das crianças, para uma tomada de consciência dos problemas sociais, políticos e econômicos que assolam o nosso País desde a colonização..."

Entretanto, sobreviver desse ofício tem sido, para o professor, extremamente difícil, uma teimosia...

São 48 horas de trabalho semanais distribuídas em três escolas: nesta; na Fundação Educacional de São Carlos, de nível superior, e no Estado, primeiro e segundo graus.

Mesmo assim está sendo difícil manter a família, a mulher e os dois filhos, um deles, já na Universidade, que embora seja pública, tem um custo...

"As dificuldades são estruturais, são externas à sala de aula, mas afetam. Por exemplo, se tenho de desenvolver uma aula passeio com as crianças não me sobra tempo... tenho de correr para outra Escola, além disso não posso participar de muitas das reuniões, quer sejam de estudo ou de pais e mestres e nos fins de semana, com certeza, um desses dias é sacrificado... Veja, hoje acordei às 4 da manhã para poder cumprir um compromisso de estudo na Pós." (Mostra o texto elaborado, comentário de uma tese).

Ingressa na Escola em 1987, indicado pela professora de Geografia, sua colega no Estado. Sua experiência em sala de aula está na casa dos dezoito anos. É professor de Estado desde 1975.

Veio para esta Escola buscando, além de atender ao convite da professora, a sua proposta pedagógica que, como ele mesmo diz:

"está dentro daquilo que eu gostaria de fazer, de trabalhar. É uma troca, não? Eu aprendo com os alunos e passo um pouco para eles de meu currículo latente. A gente dialoga, discute e é essa a forma de se pronunciar o mundo, de se lê-lo e de se posicionar sobre ele."

Paulo (Ciências)

Durante o ano de 1985, ainda estudante, e como estagiário, desenvolve em classes de pré-escola, atividades ligadas à educação ambiental. Trabalha com os colegas, professores também, em classes de 1ª a 4ª séries, dando sugestões bibliográficas, esclarecendo dúvidas. Posteriormente, passa a trabalhar diretamente com as crianças e em conjunto com os docentes responsáveis pelas várias classes. Vem daí a motivação para cursar a licenciatura, além do bacharelado, em Ciências Biológicas. Assume, em 1987, a disciplina de Ciências para a primeira 5ª. série. Ingressa no PPGE/UFSCAR, nesse mesmo ano, optando pela Área de Metodologia de Ensino.

O professor Paulo desenvolve, ainda, atividades na CDCC/USP e no ensino público onde é efetivo.

1987 - A PRIMEIRA QUINTA SÉRIE ENTRA EM FUNCIONAMENTO

As crianças demonstravam uma grande expectativa pela nova fase. Nós os percebíamos mais "mocinhos" agora. Eles mostravam com satisfação os cadernos em "espiral", o "horário" que tinham que seguir. Tudo levava a crer que, de fato, não haveria problemas, mesmo considerando a estrutura problemática desse grau de ensino. Nos dois primeiros meses, eram esporádicas as queixas e o entusiasmo parecia ainda prevalecer. Entretanto, uma reunião chamada pelos alunos, surpreende a todos.

"Estamos em greve. Não vamos fazer nada. Só vamos ficar de braços cruzados. Nós agora temos vários professores, várias matérias. Se tem menos intervalo. Só tomar lanche e escovar os dentes. Não estamos mais fazendo o livro de

vida. Não fazemos mais imprensa, nem correspondência. Não tem mais nada de marcenaria, nem culinária, nem horta, nem francês. Os professores não sabem que todos dão tarefa e então a gente tem muita. Eu e o Dema trabalhamos, não podemos fazer mais nada. Com um monte de professor virou essa confusão. Era legal fazer o livro de vida, era, mas não dá mais tempo. A reunião inicial só na aula da Maria Alice. Acho que vamos fazer greve. Queremos horta e francês. Queremos imprensa para passar as nossas poesias, as histórias que fizemos.

(texto coletivo/maio 87) 5ª série

A denúncia da estrutura do ensino estava feita. Explicitava os conteúdos fragmentados, sob a forma das várias disciplinas; a falta de entrosamento dos vários professores e a certeza da não utilização das técnicas vivenciadas até a quarta série.

E as "amarras" não estavam feitas... as crianças tinham razão, mostravam isso!

Ao mesmo tempo, percebia-se com que facilidade as crianças analisaram e denunciaram suas angústias bem como souberam tomar posição... Às suas poucas queixas iniciais, a Escola não lhes tinha dado a atenção merecida, ou, mais ainda, talvez os seus responsáveis tivessem, inconscientemente, acreditado que "elas se acostuariam" à nova ordem, à nova estrutura. O desejo de mudanças parecia, paradoxalmente, ser apenas de uma das partes, a dos alunos!

Surpresos, os professores se reúnem com as crianças e "negociam". A partir daí se perceberá alterações na prática pedagógica de cada um deles.

Mas em junho desse mesmo ano, outros dois textos revelavam que nem tudo caminhava tão bem... agora, era com a direção da escola...

1. "A festa junina de amanhã vai ser uma bela porcaria, porque vai ser todo mundo junto. Ensaíamos só três vezes. Ainda tem que pagar 100,00. Para que 100,00? É melhor não vir. Está muito caro. Será que vale 100,00 uma pipoca, uma lapiseira e mais alguma coisa? E mais 3 fichinhas e só um pouquinho de festa e já vai embora por 100,00?

Ainda gastamos 3 semanas de Ed. Artística só para fazer balões e flores, e ainda temos que pagar? Perdemos uma

tarde inteira que podíamos estudar só para ajudar. Nunca vi festa junina tão mal organizada."

(alunos da 5ª série - 1987)

2. "A escola está crescendo e virando uma porcaria. A festa da páscoa também foi uma droga. Tudo está ficando chato, porque não está organizado como era antes. Tem que misturar com os pequeninhos, a gente não pode fazer nada. No dia da criança tinha que dormir cedo acordar às 6 horas. Planejamos um teatro, todo mundo vaiou. Teve que ser no meio do campo, na terra. Não vamos fazer prova de ciências. O tio ficou bravo com a gente por causa da pesquisa solar. Por que ele não divide a matéria em várias provas? Vou voltar a fazer pesquisas mixurucas, assim dá pra estudar. Por que não dá sua prova nas férias, pra gente fazer preparado? 31 páginas, metade do livro, tudo numa noite? É mais legal brincar de cobra-cega do que ficar colocando rabo no burrinho. Não pode cadeia, não pode nada."

(5ª série - junho 1987)²²

Como se vê, os textos são claros. Expressam com indignação as mudanças ocorridas nesse período.

Texto 1 - De fato, a festa junina já não era a mesma dos anos anteriores. A começar pelo horário da festa que distribuído entre pré-escola e 1º. Grau, possibilitava que as crianças das duas faixas etárias diferentes, pudessem "curtir" o espaço à sua maneira. Quanto aos de 1º. Grau a reivindicação era justa. Eles se ocupavam durante semanas com o projeto da festa, com seu planejamento, organização e operacionalização... decoração, ensaios, arrumação e montagem das barracas além da feitura de prendas (chaveiros, porta copos, porta retratos, etc), de cartazes condizentes com os serviços oferecidos. Também as músicas eram escolhidas e gravadas sempre com a participação das crianças. Nada de taxas e de adultos (convidados). Só as famílias. Talvez por isso o baile e a quadrilha fossem tão animados.

Excluídos arbitrariamente, a reação só poderia ser esta mesmo: de indignação e inconformismos!

²² Cópia do texto original (em xerox) está em anexo; não há assinatura em nenhuma delas. Ao que tudo indica, foram assumidas pela classe toda e portanto são "coletivas".

De certa maneira, os organizadores tinham lá as suas razões... uma festa grande, com convidados, agradava naturalmente aos pais que há muito pressionavam para que eles pudessem participar. A cobrança de taxas realmente poderia ser entendida, se considerada as dificuldades financeiras resultantes ainda do Plano Cruzado. Mas e as outras comemorações mencionadas no Texto II? Sem dúvida as crianças demonstravam que "alguém" impunha normas e tomava decisões sem consultar os alunos; que as atividades não tinham sido organizadas de forma que tudo saísse "perfeito", como nos anos anteriores - As crianças da 5ª. série estavam, realmente, prejudicadas - ausência de canais de comunicação? de referência?

Ainda no Texto II, a revolta com o professor de Ciências, do nosso ponto de vista, também procedia. Separando o estudo (texto do livro) da pesquisa realizada, e, valorizando a "prova", ele se mostrava "diferente" do que sempre fora. Era justo também o descontentamento da classe e o desabafo pessoal de um dos alunos:

"Agora não se trabalha mais, só se estuda"!

(Wilson, 5ª. série)

Novamente conversas, reuniões, negociações. os necessários ajustes... todos querem acertar, construir... O diálogo entre adultos e crianças estava reestabelecido, sem mágoas ou ressentimentos... um enorme esforço da parte dos professores para viver o pleno exercício da democracia - um grande desafio, um grande aprendizado.

1988/1989 - A CONTINUIDADE DO PROCESSO

Assembléias, reuniões cooperativas, re-avaliação da Escola. Visitas ilustres, da França, da Dinamarca. São mestres Freinet que se aproveitando da Reunião Internacional de Educadores Freinet, realizada em Florianópolis, Santa

Catarina, vêm a São Carlos para conhecer o trabalho da Escola. Uma grande contribuição e o início de uma correspondência interescolar que se prolonga até 1990 entre os alunos da 6ª. série (1ª. turma, de 1983) e os de uma Escola da Dinamarca.

1990 - A FORMATURA DA 1ª. TURMA CONCLUINTE DO PRIMEIRO GRAU

Os alunos que ingressaram em 1983, na 1ª. série, deixam agora a Escola com a conclusão do Primeiro Grau e registram suas despedidas com humor e muita sensibilidade.

"Em primeiro lugar queremos agradecer a todos que nos acompanharam nesses anos todos. Agradecemos à Silvia fundadora da Oca, que nos acompanhou ano a ano. À Dona Antonieta e à Ivonete pela paciência quase infinita! À Rosana pela força e dedicação à nossa turma. À Tunes pelo pão de queijo nosso de cada dia. À Elza, Lola e Tite por sua colaboração diária. Também à nossa bibliotecária Suzel. Queremos agora agradecer em especial aos nossos professores e pais que tanto nos ajudaram na nossa formação sendo, acima de tudo, Amigos e Orientadores. Nossa vivência na Oca nos deixará marcas profundas e estará sempre na nossa memória porque, se para alguns significou muitos anos de Escola, para outros, num menor espaço de tempo, uma fase importante por tantas mudanças que nos possibilitou. Nós nos sentimos orgulhosos por sermos a primeira turma a se formar pela Oca e esperamos que as outras turmas curtam a Escola como curtimos, e saibam aproveitar o espaço que lhes é oferecido. Agora, é hora de vivermos uma nova fase, que nos oferecerá experiências novas e diferentes, emocionantes, quem sabe...? Não queremos despertar saudades ou tristezas mas sim alegrias por termos passado por essa experiência e, acima de tudo,

UM PROFUNDO AMOR POR NOSSA ESCOLA".
(discurso de formatura)
texto coletivo

E oferecem aos presentes, uma poesia de autoria de um dos formandos, escolhida por unanimidade pela classe:

Somos nós mesmos

**"Não se pode ler o que nunca foi escrito.
Não se pode lembrar o que já foi esquecido.**

*Não se pode ver o além, pois não temos visão e razão
de que há vida após a morte.
Somos apenas mortais num mundo,
onde a violência é imortal.
Somos um ponto verde na flora,
Um templo desabado de uma cidade Antiga.
Somos um gesto que simboliza o amor de um coração.
Somos uma palavra sem nexo na cantiga.
Somos uma nota perdida na canção.
Somos apenas uma águia que grita em liberdade.
Somos, apenas, nós mesmos".*

(Hermano-dez/90) 14 anos

No espaço aberto aos participantes, pede a palavra o Guilherme, também formando e diz: - Eu gostaria de ler uma poesia que fiz num desses dias... tira do bolso uma folha de papel e lê. A sensibilidade do grupo estava aí, registrada.

Para que?

*Para que olhar,
se não houvesse beleza?
Para que sentir,
se não houvesse amizade?
Para que ouvir,
se não houvesse música?
Para que falar,
se não houvesse poesia?
Para que gostar,
se não houvesse carinho?
Para que chorar,
se não houvesse solidão?
Para que saudade,
se não houvesse amor?
Para que esperar,
se não houvesse alguém a minha espera?
Para que palavras,
se não houvesse esperança?
Para que estudar,
se não houvesse um ideal?
Para que sorrir,
se não houvesse vocês?
Para que começar,
se não houvesse um fim?*

1991 - Esse mesmo grupo não quer diluir-se. Os pais se reúnem e decidem colocá-los todos numa mesma Escola, agora, de segundo Grau. Somente duas das crianças não seguem a classe.

Imediatamente à Formatura são postos à prova. Prestam o "Vestibulinho" e são aprovados. O primeiro lugar, garantido por uma das crianças da Escola. Os demais ficam entre o décimo-primeiro e o vigésimo-sétimo lugares. Era a comprovação do bom trabalho realizado ao longo desses anos todos.

As aulas têm início e os textos dos egressos da Oca, começam a ser veiculados no Jornal "CAAZOO", do Colégio Armando Salles de Oliveira (CAASO/USP - São Carlos). Parece que o hábito de escrever, realmente, se consolidou. Os textos demonstram cuidado com a forma, com a clareza de idéias e com o conteúdo. O bom-humor não deixou também de estar presente, assim como mostra o Pablo, agora no 1º. colegial. Ele se refere a uma pesquisa que começou ainda na Oca, na oitava série, como bem lembra o prof. Ademil²³...

História do Rock, do Blues ao Thrash

Tudo começou no século passado quando os escravos dos Estados Unidos criaram o blues, que inicialmente era tocado apenas com violão, banjo e gaita, servindo como uma válvula de escape para o trabalho pesado nos campos de algodão às margens do Rio Mississipi.

Já no século XX, o blues continuou a ser tocado de maneira simples até a década de 40 com o aparecimento de guitarras elétricas o que resultou no Rhythm Blues. Na década de 50, criou-se uma mistura de Rhythm Blues com Country, surgindo daí um tipo de música totalmente novo, o Rock and Roll (tradução: deitar e rolar) que era uma expressão usada em letras de blues para definir aquilo que um homem e uma mulher fazem em cima de uma cama (não é dormir). Desde então, começaram a surgir heróis como Elvis Presley, Bill Haley, Little Richard, Buddy Holly, e o rock começa a ser conhecido mundialmente.

Na década de 60, a Inglaterra passa a ser a "nação do rock" (título que pertencia aos EUA na década anterior) e começam a surgir bandas como: The Beatles, Rolling

²³ Pablo e Hermano procuravam saber, nas lojas de discos, nas rádios, o "quanto" se tocava de música americana, buscando a proporção entre essa e a brasileira. Consultam músicos e fazem pesquisa bibliográfica sobre o rock".

Stones, The Who, Yardbirds (atenção clichê se aproximando) que mudaram o comportamento de toda uma geração. Na passagem da década de 60 para 70 começaram a surgir duas tribos, que tomariam conta da primeira metade da década de 70: o rock progressivo e o Heavy Metal. O rock progressivo se caracteriza por ser uma mistura de rock com música clássica e tinha como principais: o Pink Floyd, Emerson, Lake and Palmer e outras. Já o Heavy Metal se caracteriza por ter guitarras distorcidas e batidas aceleradas, tocadas num alto volume e teve como principais bandas na década de 70, o Led Zeppelin, Deep Purple, Cream, Black Sabbath, Free, Uriah Heep e outras. Na década de 80, o Heavy Metal passou a ser classificado devido a vários estilos, para agradar a todos os gostos: Thrash, Power, Death, Black, White, Pop, Speed, Crossover e Classic Metal.

Na segunda metade da década de 70, o cenário inglês acabou sendo inundado pelo dilúvio Punk que tinha como principais bandas, o Sex Pistols, The Clash, Exploited e outras. Passada a enxurrada punk, em 1989, temos vários movimentos que sofreram influência punk, como o Hard Core (Dead Kennedys, Circle Yerk, etc), pós-Punk (The Cure, Simple Minds, etc), New Romantic (Duran-Duran, etc).

Após essa breve história do Rock, lanço aqui uma pergunta: Como é que as pessoas "normais" conseguem viver sem Rock? Pessoas "normais" segundo a nossa sociedade são aquelas que compram discos do Roberto Carlos (eeeca), colecionam revista "amiga" (uuurch), e assistem todas as novelas (ooinc). As pessoas "anormais" já descobriram que rock é como oxigênio: é indispensável à vida!

(Por Pablo Mac - 1º B)

Vejamos agora a Escola por dentro, sua administração, seu projeto pedagógico.

CAPÍTULO II

VISITANDO A ADMINISTRAÇÃO DA ESCOLA E REVENDO O SEU PROJETO PEDAGÓGICO

Diálogo entre um aluno¹ e a Diretora da Escola

Marcelo: -- "O que você faz aqui?

Diretora: -- O que você acha ?

Marcelo: -- Acho que não sei. Um dia te vejo na classe

dando aula quando falta professor.

Outros dias na secretaria.

Sempre tá conversando com os alunos que nem agora...

Diretora:-- Eu respondo pela direção da Escola,

Marcelo:-- Então você é diretora ?

Diretora: -- Sou!

Marcelo: -- Não parece não. Você não usa salto alto, nem saia; não usa colar, não pinta a boca de vermelho e não grita com a gente".

¹ Nota: Marcelo veio transferido de uma Escola Pública, repetente da primeira série. Reside no Educandário São Carlos.

A. ESTRUTURA DE FUNCIONAMENTO DA ESCOLA

1. O Processo de Autorização de Funcionamento

A criação do Primeiro Grau regular, em 1982, exigiu a feitura de processo, por parte da Escola, junto da Delegacia de Ensino Local, primeira instância do referido processo. Cumpriu-se a Deliberação do Conselho Estadual de Educação/SP, número 18/78 que fixava as normas para o funcionamento e reconhecimento de cursos, habilitações e de estabelecimentos de ensino municipais e particulares de Primeiro e Segundo Graus regulares e supletivos, de educação infantil e de educação especial, no Sistema de Ensino de São Paulo.

Essa Deliberação do CEE/SP fundamentava-se no artigo 16 da lei 4.024/61, artigos 12.74 inciso III da lei 5692/71, incisos VIII e IX do artigo 2º da Lei Estadual nº 10.403/71 e na indicação CEE nº 6/78. O processo de autorização de funcionamento foi composto por três peças fundamentais, a saber:

a) Regimento Escolar - Que contém as normas para a organização e o funcionamento da Escola, com seus cursos e habilitações. O regimento escolar detalha a organização didática, administrativa, regime escolar e os direitos e deveres dos participantes do processo educativo. Constam do Regimento da Escola os seguintes títulos:

- Identificação do Estabelecimento e Jurisdição;
- Objetivos dos vários cursos propostos;
- Duração dos cursos;
- Do regime de funcionamento;
- Da estrutura administrativa;
- Dos direitos e deveres dos participantes do processo educativo;
- Da organização didática;
- Do regime escolar;

- Do sistema financeiro;
- Das disposições gerais.

b) Planos de cursos - Consubstanciaram a proposta educacional da Escola, seus cursos e habilitações, seus objetivos específicos, os requisitos para inscrição e matrícula, quadros curriculares com as cargas horárias dos seus componentes, bem como a forma de acompanhamento, controle e avaliação do processo educativo.

c) Relatório - Contém, além da descrição da mantenedora, sua natureza jurídica, as provas de capacitação financeira, idoneidade moral da organização, de pontualidade dos recolhimentos para INPS, FGTS, ISS e PIS, também a planilha do custo-mensalidade aprovada pela comissão de Encargos Educacionais do CEE/SP, a inscrição no cadastro geral dos Contribuintes, a indicação dos nomes para os diversos cargos (docente de primeira a oitava série) pessoal técnico-administrativo e as provas de qualificação profissional respectivas (diplomas, etc...), plantas do prédio assinadas pelos profissionais do CREA, atestados de segurança (corpo de bombeiros e Secretaria da Saúde) e prova de condições legais de ocupação do prédio. Ênfase no laboratório de ciências — comprovação de seu equipamento mínimo.

A leitura dessas três peças que compuseram o processo de autorização de funcionamento do Primeiro Grau demonstraram, entretanto, distanciamento significativo entre o que foi planejado por força da legislação e a realidade dinâmica da Escola. Uma das razões que justifica esse distanciamento diz respeito ao Projeto de Implementação Gradativa do Primeiro Grau que, embora aprovado, sofrera as mesmas exigências de um projeto normal, onde todas as oito séries são implementadas ao mesmo tempo. Assim, consta do "relatório" elaborado em 1982, a indicação de todos os docentes, reponsáveis pelas diversas disciplinas que compunham o currículo de Primeiro Grau, independente do cronograma proposto pela Escola.

primeira série — 1983
segunda série — 1984
terceira série — 1985
quarta série — 1986
quinta série — 1987
sexta série — 1988
sétima série — 1989
oitava série — 1990

Dessa forma, constatamos através do livro de Registro de Funcionários, que somente três dos indicados, exerceram de fato, as suas funções no período correspondente a 83/90. O mesmo aconteceu em relação ao prédio Escolar que embora adaptado às normas estabelecidas pelo CEE não era adequado ao desenvolvimento da proposta pedagógica assumida, acarretando dois anos mais tarde (1984) mudança das instalações para a chácara onde, ainda hoje, está situada a Escola.

Sobre o Relatório apresentado, verificamos que o cumprimento das normas relativas ao laboratório de Ciências (orientação da CENP/SP), montado em 1982 para ser utilizado a partir da quinta série em 1987, significou um gasto desnecessário, naquela época, posto que todo o equipamento fora adquirido para um número de alunos que jamais a escola teria em cada sala, não sendo observadas portanto, as condições de uma escola pequena. Além disso, seu uso na prática, sempre foi bastante restrito, face ao projeto CDCC/USP para o ensino de ciências, que possibilita às escolas, além do desenvolvimento de trabalhos relativos a área, em sua sede, instalada em ponto central da cidade, também o empréstimo de suas experimentotécas que substituem em qualidade os "antigos" laboratórios, pelo material, sempre renovado e atualizado...

Com relação ao Regimento Escolar, no capítulo III - Das Atribuições e Relações Hierárquicas, seções I e II (fls. 04 e 10) ,verificamos que os "itens" de competência de cada um dos membros que compõem o corpo técnico-administrativo da Escola se mesclam na prática, pois não há divisão rígida de trabalho. Ao contrário, essas funções se desenvolvem de forma nitidamente integrada,

constituindo-se verdadeiro trabalho de equipe e todos, por essa razão, estão aptos a responder pela Escola, tanto nos aspectos administrativos, quanto pedagógicos. Esse dado pôde ser constatado em várias oportunidades presenciadas por conta da coleta de dados para este estudo, além da própria organização do espaço físico. Não há sala de diretor, coordenador pedagógico (que são três e não um, como está no regimento) ou orientador educacional. Todos trabalham numa mesma sala. Entretanto há um espaço destinado a atendimentos individuais e quaisquer deles o utilizam em situações que assim requeiram. Projetos e tarefas que careçam ser realizados, todos deles participam, independente das funções, teoricamente, a cada um atribuídas. Por essa razão, diz a Diretora, "precisamos alterar alguns artigos do Regimento, como é o caso por exemplo, do assistente de Diretor. Sua presença aqui é desnecessária pois qualquer membro desta equipe pode responder por suas funções a qualquer tempo. Dessa maneira não há necessidade de uma pessoa especificamente para esse cargo."

Na subseção II, da Orientação Educacional. É também o caso do orientador educacional que só existe "pró-forma". Conforme constatou-se na prática, esse serviço foi sempre desenvolvido por um psicólogo escolar e não por um orientador, como diz o Regimento.

De fato, trata-se de uma opção da Escola pois que existem, na equipe, três profissionais com a titulação exigida para o cumprimento dessa função. Ainda na subseção II - Das Atividades Complementares, Artigo 42, item I, da zeladoria, as funções aí contidas não condizem com o que ocorre na prática. Não há um zelador especificamente, mas sim, um porteiro a quem cabe o controle de entrada e saída dos alunos, pais, visitantes, etc... O serviço de copa que, pelo regimento, caberia também ao zelador é feito pela merendeira da Escola. Além da manutenção e conservação das instalações e equipamentos, o armazenamento e controle de material é feito por uma das professoras, membro da equipe técnico-administrativa e não pelo zelador, como consta no Regimento. No artigo 46 da mesma subseção, lê-se as atribuições do Inspetor de alunos, que na prática nunca existiu. Segundo a

secretária da Escola, esse artigo deve ser suprimido, pois, desde a implementação da Escola, nunca houve necessidade desse profissional — "Os alunos não precisam ser vigiados, controlados. Eles sabem de suas responsabilidades e resolvem os seus conflitos sozinhos. Quando há algum problema mais sério ,eles chamam os seus professores ou um de nós aqui da Secretaria".

Um outro dado interessante desse Regimento Escolar, está contido nas folhas 06, Artigo 14, que trata do Conselho de Escola. Sabe-se que o Conselho é optativo para as escolas particulares, mas neste caso sua proposição foi feita pelos próprios Mantenedores que consideraram, à época, um "avanço" a sua instituição, em termos de participação efetiva de todos os agentes envolvidos no processo educativo. Além da proposição, atribuía-se-lhe caráter deliberativo o que, para surpresa da Mantenedora, não foi aceito pelos pais. Naturalmente esse conselho, em termos de sua estrutura foi, ainda, alterado em relação ao Regimento Escolar que seguia, originalmente, o modelo proposto para as Escolas Oficiais, como se pode ver:

COMPOSIÇÃO DO CONSELHO

ESTRUTURA ANTIGA: (Seguindo o modelo do Estado)

- Diretor da Escola
- Coordenador Pedagógico
- Orientador Educacional
- Representante Docente (um por série)
- Coordenador de Moral e Cívica
- Representante da APM (pai)
- Secretária da Escola

ESTRUTURA ATUAL:

- Diretor da Escola
- 1 Representante da Mantenedora

- 1 Representante docente (pré-escola manhã)
- 1 Representante docente (pré-escola tarde)
- 1 Representante docente (primeira a quarta)
- 1 Representante docente (quinta a oitava)
- 1 Representante de pais (pré-escola manhã)
- 1 Representante de pais (pré-escola tarde)
- 1 Representante de pais (primeira a quarta)
- 1 Representante de pais (quinta a oitava)
- 1 Representante APM
- Secretária da Escola
- Representantes dos alunos de quinta a oitava séries

A nova e atual constituição do Conselho deu-se em **Assembléia Geral** (pais, professores, funcionários, mantenedores, direção) não prevista no Regimento Escolar e que teve poder deliberativo, conforme o livro de "Ata do Conselho", fls. 5.

O novo Conselho participa da vida da Escola, inclusive no que diz respeito à feitura das planilhas custo-mensalidades, investimentos etc... Por força das Assembléias, o Conselho permanece de natureza consultiva.

Na Seção VI, capítulo II, Artigo 63, dos professores **Conselheiros de Classe**. Percebe-se que não condiz também com a prática. Conforme o proposto nesse Artigo, os professores conselheiros são designados pelo Diretor da Escola, mediante lista tríplice, apresentada pelos alunos de cada classe. Na prática, a eleição se faz por voto direto, sendo imediatamente aceitos e designados pelo diretor, aqueles que maior número de votos obtiverem. Para retratar de fato a Escola, o Regimento deveria incluir outros artigos como, por exemplo, as **Assembléias**, que tem caráter **deliberativo** e que acontecem em dois níveis:

- a) Assembléias constituídas por pais, professores, funcionários, direção e mantenedora, que tratam assuntos de ordem mais gerais, da qual já falamos.
- b) Assembléias constituídas pela totalidade de alunos, funcionários, professores e direção que tratam de assuntos mais próximos dos aspectos pedagógicos. Exemplo, regras disciplinares, alterações de horário, compra de novos equipamentos, novos projetos e/ou quaisquer outros temas que quaisquer das partes queiram resolver ou propor.

2. Os Planos Escolares

Elaborados anualmente, os planos escolares têm a função de operacionalizar a proposta de trabalho da Escola, de forma compatível e coerente com a realidade escolar, observando-se o seu Regimento. Eles contêm:

- Ficha (modelo expedido pela Delegacia de Ensino) com a identificação da Escola, endereço, número da portaria de autorização de funcionamento, bem como o número da portaria que aprovou o Regimento Escolar.
- Diagnóstico e características tanto da **comunidade** onde se situa a Escola, quanto da clientela que a compõe.
- Recursos materiais disponíveis.
- Objetivos e metas da Instituição Escolar.
- Organização Geral da Escola :
 - organização administrativa e didática;
 - das matrículas;
 - das transferências;

- das normas para Avaliações e Promoções dos alunos;
- programação das atividades curriculares.
- Informações complementares.
- Dados sobre o prontuário de professores e alunos.
- Dados sobre a escrituração da Escola.
- Horários de funcionamento de cada turno.
- Dados sobre o espaço físico da Escola.
- Dados sobre contratação de professores.

Esse Plano Escolar é enviado à Delegacia de Ensino local para parecer dos supervisores responsáveis e posterior homologação. É publicado no Diário Oficial do Estado.

Se a leitura do "Relatório" e "Regimento Escolar" permitiu que não se encontrassem "diferenças" em relação às demais escolas "convencionais"², no que tange a proposta pedagógica, salvo o termo "Ateliê" mencionado no Relatório e a indicação de "Rodízios de Sala", o primeiro Plano Escolar³ de 1984, devidamente aprovado, contém, mesmo que de forma acanhada, pontos indicativos da Pedagogia Freinet,

"Quanto aos livros didáticos, a escola não os adota nenhum em especial, tanto para a pré-escola quanto para o primeiro Grau, posto que se utiliza do texto livre da criança, que após impressão será página integrante de sua própria cartilha. Entretanto e além disso, constam de nossos acervos, obras específicas, de relevante valor para o desenvolvimento intelectual da criança, que serão utilizadas para leitura e pesquisa em sala de aula."

"... serão realizadas reuniões quinzenais para rediscussão de leituras específicas sobre a Pedagogia Freinet... Ressalta-se que os conteúdos programáticos

² E não era para menos. Percebendo que os supervisores de Ribeirão Preto nada entendiam da Pedagogia Freinet e mesmo não se importando muito com o Pedagógico, a Escola opta por fazer uma **proposta** o mais próximo possível do convencional, para que pudesse obter, rapidamente, autorização de funcionamento.

³ Plano Escolar, p.6 e 7, 1984.

previstos no plano de Curso apresentado para a DRE são devidamente cumpridos, apenas utilizando-se de novas técnicas de ensino: texto livre, jornal escolar, limógrafo, fichários auto-corretivos, correspondência interescolar. "

No que trata das Normas para Avaliação e Promoção de Alunos⁴ e especificamente quanto aos instrumentos de avaliação, encontramos, além das provas mensais, a indicação da "Auto-Avaliação", característica da Pedagogia Freinet.

Percebemos, portanto, que o Plano Escolar quando bem elaborado, é o instrumento que melhor retrata a vida da Escola permitindo a sua atualização. Assim, como exemplo, a contratação do psicólogo escolar para prestar serviços aos estudantes, embora não conste do Regimento, está documentada nesse mesmo Plano Escolar de 1984. Consta, também, a intenção da mantenedora de transferir a Escola para a chácara onde ainda hoje está instalada.

3. O Livro Termo de Visita

Contém o registro de visitas dos supervisores da Delegacia de Ensino local. A leitura desse livro permitiu-nos observar que essas visitas são freqüentes e que há por parte dos supervisores uma relação cordial com a Escola. Também o caráter de orientação e não de supervisão (policiamento) deve ser ressaltado.

Termo de Visita:

Compareci hoje à Escola de Educação Infantil e de 1º grau "Oca dos Curumins".

Na oportunidade, procedemos a uma revisão do Calendário Escolar/87, adequando-o à realidade da escola.

Orientamos quanto à confecção da R.A.F. referente ao 2º trimestre do Salário Educação, modalidade SEME.

⁴ Idem.

Visitamos todas as salas de aula, cujo trabalho se desenvolve de acordo com a Pedagogia Freinet e constatamos o dinamismo e eficiência do trabalho. Nada mais havendo a tratar, encerramos esta visita.

*São Carlos, 04 de junho de 1.987
assinado M.A.G. Martins
Supervisor de Ensino
R.G. 3.119.429*

Os dados levantados neste capítulo permitem afirmar que há flexibilidade e movimento na organização da Escola. Que as exigências burocráticas, teoricamente entraves para quaisquer tipos de novidades, não impediram que a Escola se organizasse à sua maneira, embora, no início de suas atividades, seguisse o curso natural dos estabelecimentos de ensino normatizados pelo C.E.E.

De outro lado, a flexibilidade, à qual nos referimos, indica que a Escola não enquadrou-se nas normas estabelecidas, ao contrário, as modificou através de alterações oriundas do seu cotidiano, adequando seu Regimento às suas reais necessidades⁵. Assim, acreditamos como Freinet que, "a organização deve estar a serviço da vida e do trabalho, e não o trabalho e a vida coagidos e dominados pela organização."⁶

B. DO FUNCIONAMENTO DA ESCOLA

A Escola funciona em dois turnos, manhã e tarde. No primeiro período, concentram-se as classes de quinta à oitava séries e no segundo, as classes de primeira à quarta. Em ambos os períodos, funcionam também salas de pré-escola. No Primeiro Grau estão matriculados, atualmente, 159 alunos e na pré-escola 93. Há somente uma classe por série. São vinte e sete horas aula por semana para os

⁵ O Regimento Escolar encontra-se em fase de alterações, considerando os dados levantados. Para análise desses dados, muito contribuíram as observações pertinentes feitas pela Diretora da Escola.

⁶ Freinet, Celestin. *O Texto Livre*, Lisboa, Dinalivro, 1976, p.47.

alunos de quinta a oitava séries e 24 para os da primeira à quarta séries, obedecendo ao seguinte horário :

manhã : 7:30 às 12:00 horas

tarde : 13:30 às 17:30 horas

Num determinado dia da semana (fixo desde o início do ano), cada classe realiza o chamado sexto-período (4 horas aula) no horário inverso ao de suas aulas, possibilitando um maior tempo de permanência na Escola e destinado, quase sempre, à complementação de seus trabalhos, conforme já explicitado anteriormente. Nesse dia, as crianças almoçam na Escola junto com seus professores. Uma excelente possibilidade de troca, de convívio, de interação!

Com relação aos dados de frequência, observamos, através do livro de menções e faltas, que a presença dos alunos é maciça, raramente há faltas e sempre "por motivos de força maior", como observou a coordenadora pedagógica. "As crianças faltam quando viajam ou quando doentes." Também através dos depoimentos dos pais ou responsáveis pelas crianças se pôde confirmar esse dado:

"Preciso agradecer aos professores porque as nossas crianças que estudam na Oca não nos dão trabalho. Acordam sozinhas, não querem faltar, fazem a tarefa sem ser preciso mandar... sentimos que eles gostam da Escola. E olha que mandamos para vocês os piores, até aqueles que vieram da FEBEM", Quisera todos pudessem lá estudar", diz o Padre do Educandário São Carlos;

"Até doente com febre eles querem vir para a Escola, não sei o que os professores fazem para isso acontecer."

(mãe de um aluno).

Quadro de Frequência - Média anual por classe (%)⁷

M	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
Ser								
1a.	95.00	94.07	92.44	90.93	88.41	94.44	90.63	94.00
2a.		98.80	87.25	90.43	93.30	93.00	95.75	94.22
3a.			93.00	91.44	94.00	92.00	94.91	93.26
4a.				95.76	89.31	95.04	92.77	94.59
5a.					89.90	89.92	*	*
6a.						93.82	*	*
7a.							*	*
8a.								*

Com relação à idade/série não foram comprovadas diferenças significativas.

Quanto às notas, às menções, a análise mostrou um alto índice de aproveitamento como demonstramos no quadro abaixo:

Quadro de Promoção dos Alunos (por série/anual)⁸

M	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
Ser								
1a.	100.00	100.00	100.00	91.50	96.20	100.00	100.00	100.00
2a.		88.00	100.00	91.50	96.20	100.00	100.00	100.00
3a.		-	83.00	100.00	95.30	100.00	100.00	100.00
4a.				92.30	89.50	95.00	91.00	95.00
5a.					90.00	93.70	80.00	93.00
6a.						92.00	100.00	88.00
7a.							93.00	100.00
8a.							-	96.00

C. DA CONSTRUÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO PARA A ESCOLA

**"A democracia de amanhã prepara-se
pela democracia na Escola"⁹**

O projeto pedagógico - definitivo - da Escola foi se delineando a partir de 1979, como dissemos anteriormente. Sem dúvida porque, à medida em que íamos

⁷ Nota: Não encontramos o registro das faltas dos alunos de quinta a oitava séries, a partir de 1989, no livro de menções e faltas do qual extraímos os dados para a elaboração deste quadro.

⁸ Nota: (*) Dados retirados do livro de menções e faltas. (**) Dados retirados do L.D.E.

⁹ Freinet, Celestin. Op. cit. (1973), p.202.

lendo os textos de Freinet, naturalmente procedíamos à reflexão de nossa prática e já vislumbrávamos a nossa escola nesses novos "moldes"... uma oficina de trabalho cooperativo, onde nossas crianças, mãos e rostos, construíam, por exemplo, o seu jornal escolar. Projetávamos essas mãos e esses rostos, numa assembléia, decidindo conosco questões importantes da vida que partilhávamos juntos; mãos e rostos, descobrindo através do tateio experimental, as respostas, as soluções para os seus problemas... Rostos crescidos, mãos experientes, ajudando a construir uma sociedade de iguais - um sonho que mesmo distante nos motivava a procurar vivê-lo.

Para isso, era preciso que nos apoiássemos no princípio da **cooperação**, entre os vários agentes envolvidos no processo educativo; no incentivo à ajuda mútua e à solidariedade, com vistas aos bens coletivos; na **expressão livre da criança** que é, segundo Freinet, a manifestação da própria vida; no **tateamento experimental**¹⁰, processo pelo qual as aprendizagens ocorrem efetivamente, e, no **trabalho**: "... o grande princípio, o motor e a filosofia da educação popular. A atividade de onde advirão todas as aquisições."¹¹

¹⁰ Sobre o **tateamento experimental**, consultar: Freinet, Celestin. **Ensaio de psicologia sensível**. Lisboa, Presença, 1976, especialmente vol. I, p.55-120. Há, entretanto, uma definição que nos parece formidável para a compreensão deste conceito, que é a seguinte: "Devemos permitir que cada criança faça a sua análise do mundo. Esta atitude particular, que se desenvolve pouco a pouco, é uma aptidão para manipular, experimentar, observar, relacionar, emitir hipóteses, verificá-los, aplicar leis e códigos, compreender informações mais complexas... É este trabalho de **pesquisa reflexiva** sobre os materiais físicos ou mentais, os mais diversos, que nós chamamos tateio experimental. Uma verdadeira formação científica exige a respeito a esse tateio e ao ritmo de aprendizagem que dele decorre. Através do tateio, os conhecimentos adquiridos pela criança enraizam-se profundamente, permanecendo, todavia, relativos e revisáveis quando novos fatos aparecem ou quando são feitas novas experiências. Dossiê Pedagógico da Revista L'Éducateur - ICEM, 1979. p.27 e 28.

¹¹ Freinet, Celestin. Op. cit. (1973), p.27; sobre esse tema **trabalho**, Freinet dedicou uma obra específica a que intitulou **Educação para o trabalho**. Lisboa, Presença, 1974. 2 vol. e para a qual remetemos nossos leitores. cremos, entretanto, e assim como Tsoukala, que uma reflexão sua, contida no texto **Pedagogia do Bom-Senso**, São Paulo, Martins Fontes. 2ª.ed., p.70, basta para justificar esse princípio que é a base de sua pedagogia: "O trabalhador primeiro trabalha. É no seu trabalho, através e pelo seu trabalho, que reflete, que aprende, que julga, que sente e ama". Freinet se refere ao valor do trabalho enquanto atividade formadora do homem, tal qual Marx e Engels nos falam. Ver ainda sobre esse assunto: Clanché, Pierre. **O texto livre, escrita das crianças**. Lisboa, Estampa, 1977, p.19-52.; Tsoukala, Kiriaki. **O conceito de trabalho: da teoria marxista à pedagogia Freinet**. IN: Le Nouvel Éducateur, Documents, nº. 222. Supl. 25. Janeiro 1991. Trad. Ruth Joffily; e, Oliveira, Anne Marie Millon, Op. cit., especialmente p.290.

Entretanto, e como afirmara Freinet, não bastam, para a implementação de um projeto dessa natureza, somente os princípios, o espírito, pois,

*"... toda a nossa pedagogia está baseada nos utensílios e nas técnicas. São eles que modificam a atmosfera de vossa aula tornando possível este espírito (estes princípios, acrescentaríamos) de libertação e de formação que é a própria razão de ser de nossas inovações."*¹²
(Grifos nossos).

Vale lembrar aqui, o que nos disse também Clanché a esse respeito: "Freinet modernizara o seu ensino, não com idéias de conjunto sobre a escola e a educação (ideologia) mas com utensílios tecnológicos. É o processo de produção do trabalho escolar que ele modifica. A aula passeio não é um modo de tornar mais agradável a vida escolar, a imprensa um meio de tornar mais ativa ou mais próxima a vida real, são dois tipos, dois utensílios de transformação das relações de produção."¹³

Nessa perspectiva, a Escola Moderna assume característica fundamental: suas classes são **oficinas de trabalho**, com seus vários ateliês (envolvendo tanto as atividades de cunho manual, quanto intelectual) e com **técnicas** (texto livre, imprensa, jornal e correspondência escolar, planos de trabalho, projetos de livre investigação, etc) que **modificam estruturalmente a organização escolar, alterando as relações pedagógicas**, (o professor não é o que manda fazer, o que só ensina. Ao contrário, ele conhece e domina os conteúdos, mas não os coloca impositivamente, ele dá as "pistas", fornece os "meios" para que as próprias crianças obtenham as soluções, as respostas aos seus problemas. Ele é o animador, o orientador do processo educativo. Ele guia sem domar, como diria Wallon) e, **garantindo a liberdade da criança** (o seu direito de expressar-se; de comunicar-se;

¹² Freinet, Celestin. e Salengros, R. **Modernizar a escola**. Lisboa, Dinalivros, 1977, p.46.

¹³ Clanché, Pierre. Op. cit., p.26.

de agir e conhecer o mundo físico e social à sua medida, ao seu ritmo) **na busca da construção de sua autonomia.**

É, justamente, através do **materialismo escolar** (que é esse conjunto de técnicas e utensílios), que se torna possível a modificação do meio educativo, condição primeira para praticar a Pedagogia Freinet e permitir, portanto, que a criança participe, efetivamente, do processo de produção do seu conhecimento, compreendendo e vivenciando todas as suas várias etapas.

Com isto, certamente, surgirão crianças, ativas, participativas e críticas, capazes de por si escolherem os seus próprios caminhos - assim como desejava Freinet:

"...é necessário "preparar". não mais alunos dóceis, mas homens que saibam suas responsabilidades, decididos a se organizar no meio em que a sorte os colocou, homens que levântem a cabeça, olhem de frente as coisas e os indivíduos, homens e cidadãos que saberão construir amanhã, um mundo de liberdade, de eficiência e de paz"¹⁴.

Mas vejamos o significado de cada uma das técnicas que compõe o materialismo escolar e que previmos em nosso projeto pedagógico:

1. O texto livre

"Praticar a expressão livre é dar a palavra à criança, é dar-lhe os meios de se expressar e se comunicar. É criar um meio de vida no centro do qual esta palavra será acolhida, discutida e valorizada"¹⁵.

¹⁴ Palavras proferidas por Freinet no congresso da CAEN, em 1962. Elas estão contidas no texto de Yvin P. Vers L'autogestion a l'école. In: L'Éducateur, nº 2, ICEM, 1982, p.29.

¹⁵ Dossiê Pedagógico da Revista L'Éducateur. ICEM, 1979. Trad. Ruth Joffily.

O texto livre é a própria expressão da criança - uma técnica de vida . Ele carrega um forte componente afetivo e não pode, por essa razão, ser utilizado como um simples pretexto para o aprendizado da leitura, da escrita, da gramática. É muito mais do que isso. Ele pode ensejar os complexos de interesses (pesquisas, histórias, teatro, etc) que serão aprofundados nos diversos ateliês mas, precisa ser entendido, sobretudo, num duplo sentido político: pois além de permitir que as crianças adquiram a competência para expressarem, por si próprias, a sua visão de mundo - iniciando aí um processo de libertação - permite também que elas vivam situação de trabalho real¹⁶. Por isso o texto livre deve ser realmente livre, já dizia Freinet, ele deve ser falado ou escrito, quando a criança de fato deseja, não importando nem onde e nem em que circunstâncias.

2. A Imprensa

"A imprensa não é um prolongamento ou um estímulo *a posteriori* do texto livre (escreve para ser impresso) é, bem ao contrário a condição de possibilidade. O agarrar, pelas crianças, do utensílio de socialização da palavra, condiciona o agarrar da própria palavra. Na perspectiva de Freinet o texto livre sem a imprensa não tem qualquer significado."¹⁷

A utilização da imprensa na Escola é, sem dúvida, um marco na Pedagogia. Embora a Freinet não tenha cabido o mérito dessa iniciativa, foi ele que lhe deu cor, que lhe qualificou o uso através da junção de dois elementos: expressão livre e imprensa. E é isso que permite a triangulação, do nosso ponto de vista, perfeita: criação, materialização e socialização do texto. Esse processo vai possibilitar, por sua vez, além do surgimento do jornal escolar, também e sobretudo, a desmistificação do material impresso. Isto é, a criança ao imprimir os seus próprios

¹⁶ Cf. Oliveira, Anne Marie Millon. Op. cit., p.312-313. Ver também Clanché, Pierri. Op. cit. especialmente, p.28-59, e Freinet, Celestin. O Texto Livre. Lisboa, Dinalivros, 1976.

¹⁷ Idem Clanché, Pierre, p.32.

textos, as suas pesquisas, perceberá que a palavra, que os conteúdos impressos, tanto nos livros quanto nos jornais, são passíveis de erro e não se constituem, por essa razão, verdades absolutas.

Pedagogicamente, a imprensa tem vantagens incontestáveis, assim como nos fala Élise¹⁸:

- agilidade manual e coordenação harmoniosa dos gestos;
- concluído o trabalho: educação da atenção;
- cada letra tem o seu valor;
- exercício progressivo da memória visual;
- aprendizagem natural, sem esforço, da leitura e da escrita;
- sentido permanente da construção de frases corretas;
- aprendizagem da ortografia pela globalização, análise das palavras e frases ao mesmo tempo;
- sentido de responsabilidade pessoal e coletiva;
- novo clima de comunidade fraternal e dinâmica.

3. O limógrafo

É também uma técnica de impressão. Pode ser confeccionado, pela sua simplicidade, até pelas crianças. A vantagem desse instrumento é a reprodução de textos longos, "à mão" e ou à máquina, além de permitir ilustrações. As matrizes são preparadas em stencil (de mimeógrafo à tinta), utilizando-se posteriormente, rolo

¹⁸ Freinet, Élise. Op. cit. (1979), p.30 e 31. E são essas vantagens que garantem ainda hoje, a utilização da Impressora na Escola. Ver Freinet, Celestin e Balesse, L. **A Leitura pela Imprensa na Escola**. Lisboa, Dinalivro, 1977. Evidentemente que não se pode ignorar a "linguagem do tempo presente, "o uso dos computadores, das máquinas xerox, do FAX, por exemplo. Nós os temos utilizado sem, no entanto, menosprezar a Impressora. Vale lembrar que há mais de dez anos, grupos ligados ao Movimento da Escola Moderna vêm estudando a questão da informática na Escola. Ver: L'Éducateur nº 6, ICEM, março 1985. - Spécial Télématique.

de impressão e tinta apropriada (também de mimeógrafo à tinta). Essa técnica é semelhante ao silkscreen.

Sem dúvida, seu uso é incomparável ao do mimeógrafo, porque promove o trabalho coletivo permitindo que a criança "viva" todo o processo de impressão, "sem segredos". O texto pronto assemelha-se a uma xerox.

4. O jornal escolar

"No dia em que os cidadãos souberem que o seu jornal pode mentir, ou pelo menos, apresentar como definitivas soluções que são apenas um aspecto parcial dos problemas impostos pela vida, quando tiverem aptos a discutir com prudência mas também com ousadia, quando tiverem essa formação de experimentadores e criadores que nos esforçamos por lhes dar, haverá então qualquer coisa de diferente em nossas democracias"¹⁹.

O jornal escolar não é uma imitação ou um substitutivo dos jornais convencionais dos adultos. É ao contrário, criação genuína das crianças - a expressão e o trabalho do grupo que o realiza. Ele pode ser na pré-escola e séries iniciais do 1o. Grau, uma coletânea dos textos livres, criados, impressos e ilustrados pelas próprias crianças, como pode também assumir, posteriormente, nas séries subseqüentes, forma diferenciada, isto é, conter pesquisas, informações, opiniões, textos coletivos, etc. De toda forma ele é:

- um instrumento da expressão livre da criança;
- um instrumento cooperativo e socializante;
- é uma obra que valoriza o trabalho do grupo -classe e o trabalho de cada um;
- é um meio de comunicação;
- é um testemunho da criatividade infantil²⁰.

¹⁹ Freinet, Celestin. O jornal Escolar. Lisboa, Estampa, 1976, p.112.

²⁰ Ver Dossiê Pedagógico da Revista L'Éducateur, Op. cit. (1979), p.15.

5. A correspondência interescolar

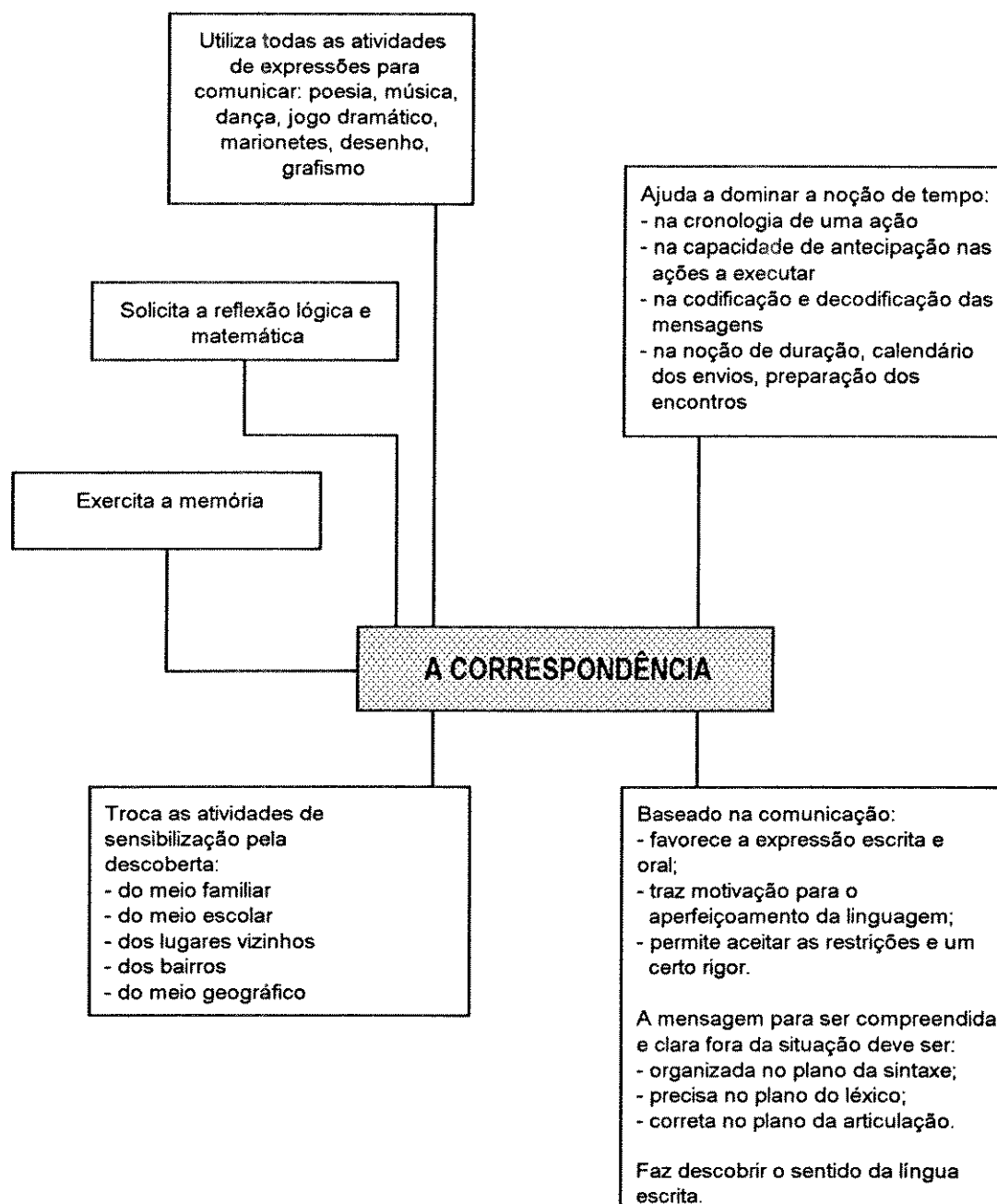
É também uma forma de comunicação. Uma troca de "saberes" que, naturalmente acontece, entre duas classes que praticam a Pedagogia Freinet - que têm o mesmo espírito. Uma comunicação autêntica e afetiva, que se estabelece entre as crianças, favorecendo o aprimoramento da expressão oral, escrita e artística. Ela alarga, conseqüentemente, os horizontes dos alunos. É uma prática, portanto, que coloca a criança em situação real de comunicação permitindo que ela seja ora leitor ora escritor. Há desta maneira, motivação mais do que suficiente para ler e escrever - as palavras, os textos são carregados de sentido.

São intercambiados, além de cartas, também jornais e pesquisas realizados, fotografias e presentes.

A correspondência interescolar deve ser mantida regularmente, observando-se na sua forma a polidez e as regras sociais. Após algum tempo, um encontro entre as duas classes é recomendado.

O gráfico²¹ que ora apresentamos, permite que se tenham claras as contribuições da correspondência interescolar no domínio das competências e dos conhecimentos:

²¹ Le Nouvel Éducateur n° 22, ICEM. 1990 (Trad. Maria Bozzo). Tradução contida na coletânea A Correspondência organizada por Sampaio, R. M. W. F. publicada pelo Núcleo Freinet - Cidade São Paulo/CREM, 1992.



6. O livro da vida

O livro da vida é o registro, a memória da classe - a sua história. Ele vai se construindo, dia a dia, página a página, através das anotações dos fatos mais significativos vividos pelas crianças e professor. Nele se arquivam os trabalhos realizados, os acontecimentos (conflitos, descobertas, tentativas) e ou tudo aquilo que as crianças e os professores entenderem oportuno. Na pré-escola e 1ª. série

(quando ainda não dominam a linguagem escrita), a professora escreve o que as crianças dizem e estas farão as ilustrações da maneira que desejarem.

Embora haja momentos específicos para a sua confecção, no início do dia, na roda da conversa (reunião inicial) ou na roda da avaliação (reunião final), o livro de vida permanece sempre à disposição dos alunos a qualquer tempo.

É preciso, ao propor a utilização desta técnica, que não haja imposições por parte dos adultos, tanto em termos de normas quanto de conteúdo. Deve-se, ao contrário, respeitar a expressão da criança, seu modo de pensar, seu vocabulário, suas próprias regras (ou normas).

7. Os fichários

a. de palavras

Nele estão contidas as palavras que, de alguma forma, estão carregadas de sentido para a criança. Elas são escritas em letra script e cursiva (na pré-escola e séries iniciais) e ilustradas numa ficha de cartolina pelas próprias crianças. Colocadas em ordem alfabética (em caixas) são referenciais importantes para o desenvolvimento da linguagem escrita da criança, que se guiará para encontrá-las, primeiro pela ilustração.

b. documentais

São fichas que contêm documentos e informações que possam favorecer o desenvolvimento das pesquisas das crianças. Por exemplo, informações advindas de jornais sobre os mais diversos temas; entrevistas com especialistas ou textos diversos. São editadas pela CEL, o que não quer dizer que não se possa, com a classe, realizá-las também.

c. fichários autocorretivos

Os fichários autocorretivos permitem a individualização do ensino.

Compõem-se de exercícios distribuídos e organizados em fichas, segundo as unidades programáticas que cabem ser desenvolvidos.

Há uma ficha com os exercícios propostos e outra com as respostas corretas. Procede-se assim ao estudo e à autocorreção.

8. Os álbuns

Os álbuns podem constituir-se de assuntos variados (uma) pesquisa, (um) passeio, receitas, etc. São as próprias crianças que o realizam, com ajuda do professor (em classes de pequenos). Eles podem ser individuais e coletivos. Podem conter fotos, desenhos, pinturas, recortes e textos.

9. As B.Ts. (Biblioteca do Trabalho)

As B.Ts. são fascículos impressos que contêm uma reportagem sobre um tema de interesse geral nascido numa sala de aula e cujo professor se dispõe a coordenar, cooperativamente, os trabalhos de redação e de documentação fotográfica. Para isso, divulga seu projeto para os outros professores Freinet que lhes respondem enviando pesquisas e materiais das crianças, surgidos em sala de aula sobre o mesmo assunto, ou ainda acrescentando outros tipos de contribuições. É isto que irá enriquecer o seu trabalho.

As BTs têm por finalidade colocar à disposição das crianças, materiais escritos (documentos) em linguagem acessível a elas e versando sobre os mais diferentes temas.

Algumas dessas B.Ts. já estão traduzidas em italiano e espanhol. São vendidas (por assinatura) pela Cooperativa de Ensino Leigo, com sede na França.

Convém ressaltar que as BTs são versões mais bem acabadas e enriquecidas dos álbuns feitos por cada grupo de crianças em classes Freinet. As BTs ,em suas diversas séries, compõem a Biblioteca do Trabalho que substitui, com qualidade, os livros didáticos, os "manuais" escolares tão combatidos por Freinet²².

10. O Jornal de Parede

Espaço aberto para as críticas, propostas e felicitações. Afixado na parede da classe é assim constituído:

"1. Eu proponho.

2. Eu crítico.

3. Eu felicito.

4. Eu pergunto."

11. Técnicas que permitem a organização do trabalho escolar

a. Os planos de trabalho

Os planos de trabalho são a estrutura e a organização da vida das crianças em sala de aula. Eles são elaborados cooperativamente pelo professor e

²² Este texto sobre as BTs foi extraído de trabalho anterior por mim realizado. Ver Marques, Carmen Silvia Ramalho, Op. cit., p.29. Sobre os manuais escolares, ouçamos o que nos fala Freinet: "Os manuais são um meio de embrutecimento. Servem e por vezes grosseiramente aos programas oficiais... Mas os manuais nunca são feitos para a criança. Declaram que facilitam e ordenam o trabalho do professor: orgulham-se de seguir passo a passo os programas, o que havia de ser? E a criança que o siga se puder. Não foi dela que se ocuparam. É por isso que os manuais fomentam quase sempre a sujeição da criança ao adulto e muito particularmente à classe que, por meio dos programas e do seu próprio prestígio, dispõe do ensino... Mesmo que os manuais fossem bons havia o máximo interesse em reduzir-lhes o emprego, porque o manual, sobretudo utilizado desde a infância, contribui para inculcar o culto da letra impressa. O livro torna-se algo à parte, em algo divino... Deste modo os manuais destroem todo o sentido crítico, e é provavelmente a eles que se devem essas gerações de semianalfabetos, que acreditam em tudo o que diz o jornal"... Freinet, Celestin. In: Freinet, Élise. Op. cit. (1978), p.48 e 49.

seus alunos já no início do ano letivo. Eles contêm o programa que deve ser seguido e as demais atividades que se queiram realizar. Há um plano coletivo para toda a classe, como também planos individuais que permitem à criança, ela própria, "controlar" as atividades que deverá realizar num dado período (quer as atividades obrigatórias, quer aquelas de seu agrado). Esses planos permitem, portanto, que se avaliem o desenvolvimento de cada um, como também da classe como um todo. Podem ser propostos para um mês ou ainda para uma semana, dependendo da série, da turma.

b. As reuniões cooperativas

As reuniões cooperativas - que devem ser realizadas periodicamente - envolvem toda a classe e também os professores. É nessa oportunidade que os planos de trabalho são discutidos com as crianças. Eles se redefinem em função do andamento das atividades e de novos interesses que possam emergir por parte do grupo. É também aí que os alunos apresentam as dificuldades que, por ventura, tenham ocorrido durante o processo de realização, do trabalho, bem como se discute o relacionamento, a participação de cada um na vida da classe. São lidos e discutidos os conteúdos do "jornal de parede", as críticas, as sugestões e as felicitações, documentadas ao longo da semana e que, muitas vezes, implicam na retomada das **regras de vida** da classe (que são normas elaboradas, discutidas por todos os alunos na perspectiva de uma convivência mais harmoniosa). Assim, são revistos os pontos que carecem ser melhor trabalhados, quer nos aspectos relativos à formação da criança (atitudes; responsabilidades; honestidade; cooperação), quer aqueles relativos à aquisição do seu conhecimento. Temas importantes para professores e alunos podem e devem ser aí incluídos.

As reuniões cooperativas são, portanto, fundamentais para a organização e a vivência do grupo-classe²³.

c. As reuniões iniciais e finais

A reunião inicial ou roda da conversa é a primeira atividade do dia. Um momento especial para que se possa ouvir a criança, seus desejos, ansiedades, expectativas. É também o momento para se **organizar o dia de trabalho** (sobretudo em classes de pré-escola e séries iniciais); fazer comunicações, como por exemplo a leitura dos textos livres dos alunos; prestar esclarecimentos e transmitir informações.

As reuniões finais têm como objetivo avaliar o dia vivido, o que foi bom, o que não foi. É nessa oportunidade que se registra também, no livro de vida, os acontecimentos do dia.

Além da previsão de utilização dessas técnicas, outras recomendações foram observadas quando da construção do nosso **projeto pedagógico**, por exemplo:

- o número de alunos por série - não mais do que 25;
- a especificidade do material didático pedagógico e equipamentos necessários para a montagem dos diversos ateliês (impressora, culinária, marcenaria, etc);
- aquisição de livros de boa qualidade para uso das crianças e dos professores (sobretudo os de Pedagogia Freinet);
- previsão de reuniões semanais, no mínimo de quatro horas, **para estudo**, troca de experiências - envolvendo discussões da própria dinâmica de trabalho, dos problemas que dela naturalmente poderiam ocorrer - e, sobretudo, para as necessárias adaptações da Pedagogia Freinet à nossa realidade (tempo de

²³ Sobre este assunto ver: Santos, Maria Lucia. Op. cit., p.145-155; Dossiê Pedagógico da Revista L'Éducateur, nº 153 - L'organisation cooperative de la classe. 1981. p.8-11.

permanência dos alunos na escola; conteúdos programáticos a trabalhar; expectativa dos pais e das autoridades que autorizam a implementação do 1º grau).

Assim, o projeto vai se implementando gradativamente na prática, tendo como marco o ano de 1990, com a formatura da primeira 8ª. série, dos nossos alunos mais antigos.

Vejamos agora a VIDA NA ESCOLA, como se implementou na prática esse nosso projeto pedagógico...

CAPÍTULO III

A VIDA NA ESCOLA

... organize a Cooperativa Escolar, essa sociedade de crianças que nasce espontaneamente logo que se trata de construir a cabana dos índios; dê aos seus alunos ferramentas de trabalho, uma imprensa, linóleo para gravar, lápis de cor para desenhar, fichas ilustradas para consultar e classificar, livros para ler, um jardim e uma coelheira, sem esquecer o teatro e os fantoches - e a Escola será esse canteiro em que a palavra trabalho aparecerá em todo o seu esplendor, ao mesmo tempo manual, intelectual e social, no seio do qual a criança nunca se cansa de procurar, de realizar, de experimentar, de correr e subir, concentrada e séria, refletida, humana. Então é o Educador que se fará à sua imagem.

Celestin Freinet¹

Até aqui, conseguimos reconstituir parte da nossa história — dos momentos importantes que vivemos, das dificuldades e das alegrias que tivemos ao longo da nossa caminhada. Entretanto, é preciso que se complete a história, que se reconstitua também o **processo pedagógico** vivido pelas crianças e professores ao longo destes anos.

Tomamos para isso, em 1987 e 1988, a simultaneidade das diversas séries que compõem a 1ª. fase do primeiro grau, além do pré-IV, onde estão crianças de 5 e 6 anos. Ouvimos os professores, observamos a sua ação em sala de aula e ao mesmo tempo recuperamos e explicitamos, em várias oportunidades, a produção das crianças que compuseram a 1ª. e a 2ª. turmas de primeiro grau, respectivamente, em 1983 e 1984. Fotografias e textos desses alunos nos ajudaram a reconstituir essa 1ª. etapa de suas vidas.

¹ Freinet, Celestin. *Pedagogia do Bom-Senso*. São Paulo, Martins Fontes, 1985. p.83.

Começemos então pela articulação entre a Pré-Escola e o primeiro grau.

Em classes de ambos os níveis, o material didático-pedagógico se coloca sempre ao alcance das crianças. Bastante semelhantes, estão distribuídos em "cantos", de modo a possibilitar o desenvolvimento das atividades — os ateliês. Assim os jogos (quebra-cabeça, jogos de montar etc) são dispostos em estantes onde também se encontram os blocos lógicos, as régua de Cuisinaire, os ábacos, as contas etc. Num outro canto da sala estão aqueles ligados às artes: papéis, canetas, pincéis, tintas, tesouras, cola, caixa de fantasias, fantoches, etc; livros e almofadas constituem o ateliê de leitura; os kits de marcenaria e de música estão dispostos na sala de imprensa.

PLANTA DA CLASSE

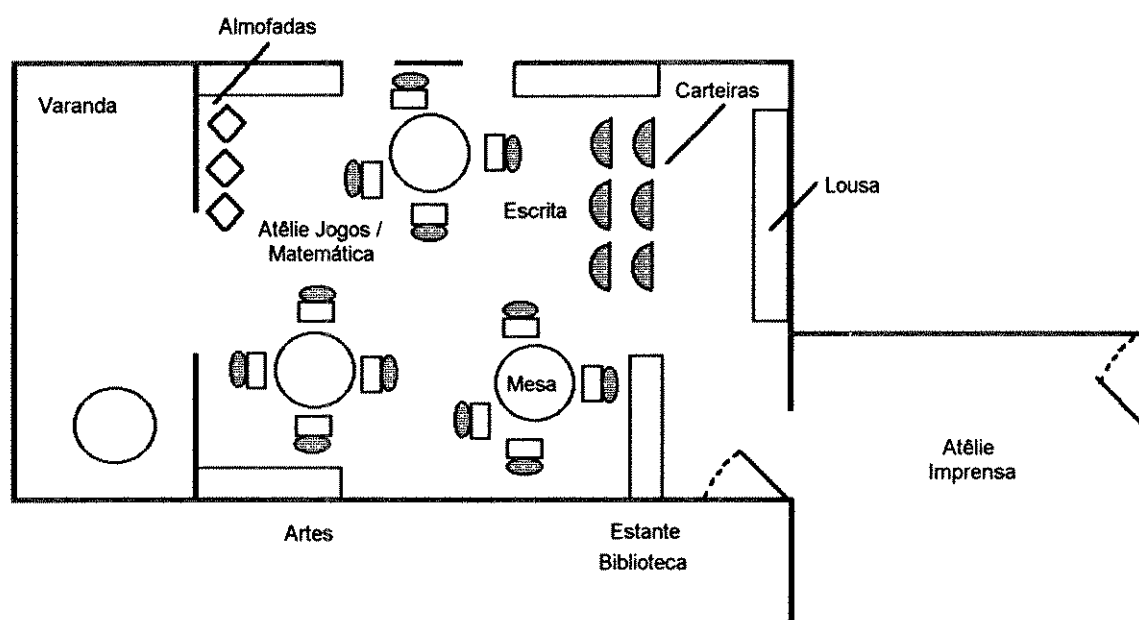


Figura 1. Planta da classe de Pré-Escola.

Próximo ao quadro de giz estão os fichários, os cadernos, papéis, lápis, canetas, borrachas, cola: — é o ateliê escrita. Na varanda, uma mesa com quatro cadeiras, permite que as crianças as utilizem para as atividades de Ciências. -

Junto da divisória externa, um pequeno armário com plantas, vidros e "apetrechos" de horta.

Na primeira série, as mesas redondas são substituídas por carteiras individuais e uma mesa retangular para seis lugares. Todo o material é de uso coletivo.

Nas duas classes, nas paredes, se lê em **planos de trabalho**, os nomes das crianças, os respectivos ateliês e as datas, daqueles efetivamente vividos por elas, segundo os seus interesses e "combinações" com as professoras. Se vê também, o **calendário do tempo** (Fig. 2) com os seguintes dizeres:

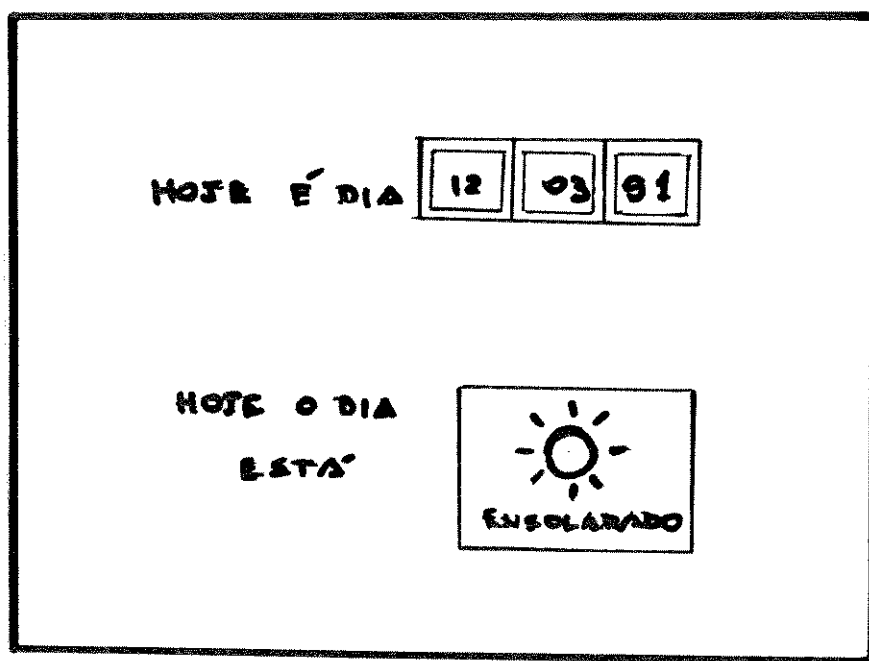


Figura 2. Calendário do tempo.

De acordo com as condições climáticas, são colocadas as ilustrações adequadas. Ele é atualizado, evidentemente, todos os dias. Ainda afixados nas paredes, o quadro de auxiliares do dia (Fig. 3) e o jornal de parede (Fig. 4).

DIAS	N O M E S
2º	LUCIANO-ANA-MARI-NAIA
3º	ALESSANDRO-RODRIGO-MANO-BRUNO
4º	CÍNTIA-CAMILA-MÁRCIA-JOÃO
5º	FER-MARIANA-GUI-GABI
6º	LUCAS-PAULINHO-BETO-RITA

Figura 3. Auxiliares do dia.

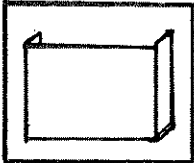
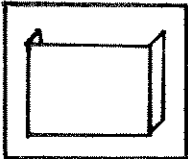
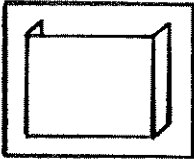
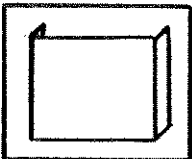
EU CRITICO 	EU FELICITO 
EU PROPONHO 	EU PERGUNTO 

Figura 4. Jornal de Parede.

Em ambas as classes se constrói o Livro de Vida e se pratica a correspondência interescolar (Fig. 5). Elas são afixadas em local visível, assim como as regras da classe (Fig. 6) elaboradas, a todo início de ano, por crianças e professores.



Figura 5. A correspondência afixada na parede.

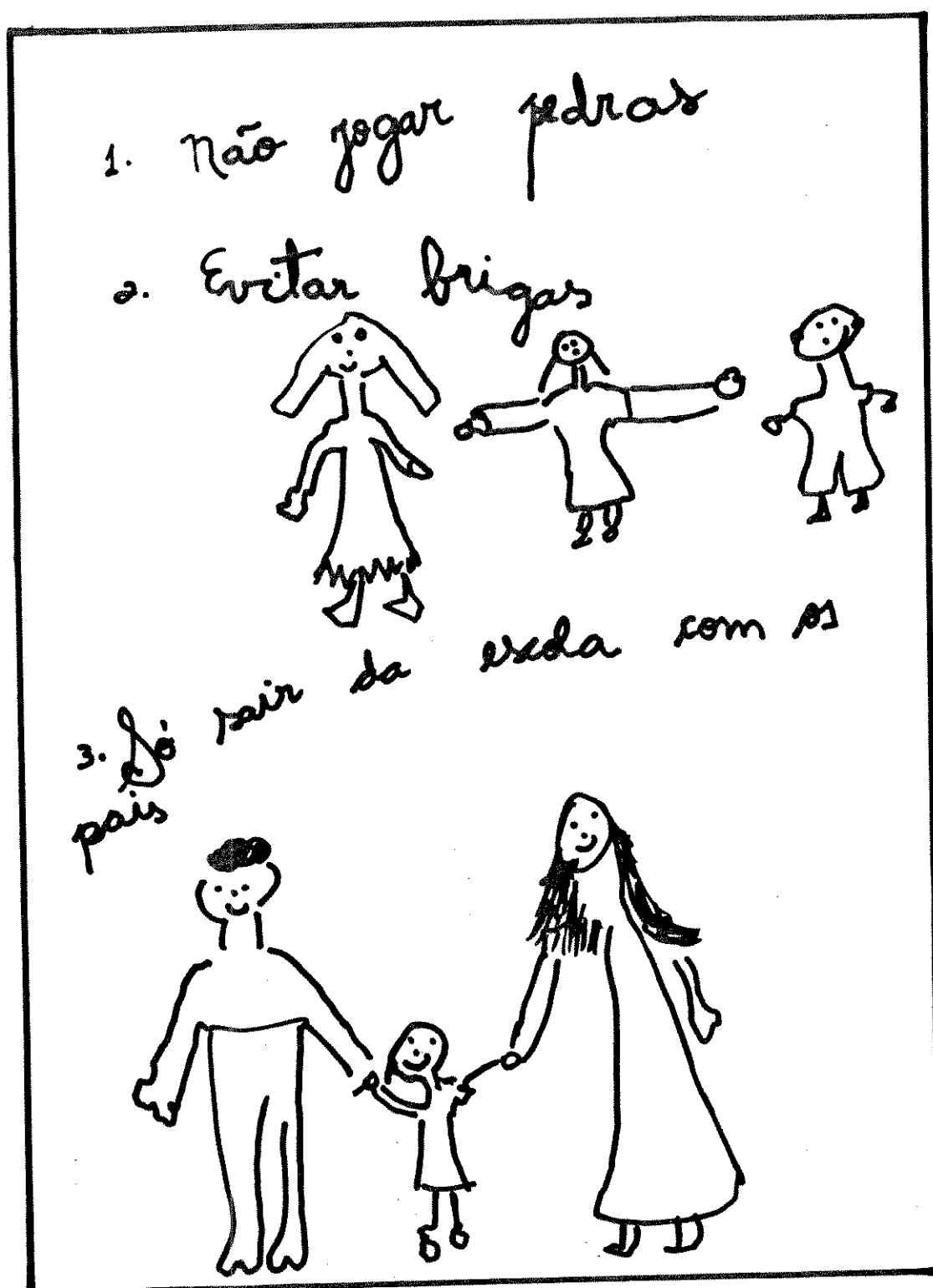


Figura 6. Quadro de regras.

As duas classes utilizam-se da mesma impressora, cuja oficina a elas está próxima. Aí são produzidos os jornais escolares, os álbuns. Também o limógrafo, as tintas especiais para ilustrações², os rolos e todo o material apropriado para esse fim, estão dispostos nessa oficina.

A semelhança entre os dois níveis de ensino não se coloca apenas no plano das disposições físicas, das técnicas, da "feição" da classe mas, sobretudo, na **ação das professoras, no seu trabalho docente**. Tal semelhança se justifica: as duas professoras trabalham juntas há mais de dez anos e são membros da cooperativa que mantém a escola. Daí, a relação bastante próxima. Elas conversam sistematicamente sobre os seus alunos, seus trabalhos — Há trocas constantes de material e informações. Assim, quando a criança do pré ingressa na 1ª série, a professora já está a par do seu desenvolvimento, de seu comportamento em relação ao grupo e das dificuldades ou não de relacionamento. De outro lado, os freqüentes contatos, oportunizados pelas professoras, entre os dois grupos de alunos (quer numa sessão de vídeo, quer num passeio; ou ainda no recreio e na apresentação de trabalhos realizados, dramatizações, relatos de pesquisas, etc.) permitem que elas vivam uma situação diferente em relação ao grupo: os alunos do Pré, "os mais velhos" desse nível, tornam-se "mais novos" quando estão com aqueles de 1ª série. E estes, tornam-se os mais velhos em relação aos pré-escolares o que, sem dúvida, diminui a ruptura entre grandes e pequenos³.

Essa articulação entre a pré-escola e a 1ª série evita, como usualmente se constata, o "choque" tão comum nas escolas tradicionais que corresponde a essa passagem. Desse modo, as crianças ainda tem aí satisfeitas as suas primeiras necessidades: necessidade de segurança, necessidade de atividade⁴

² Ver: Fichário Técnico para Ilustração do Jornal Escolar. ICEM - Cel. Cannes - França.

³ Cf. Professores da Pré-Escola em Ação - Groupe Maternelle Liegeois - Education Populaire. Bruxelas, Bélgica. Mimeo. Ver também Porquet, Madeleine. As técnicas Freinet na Escola Maternal. Cannes (tradução livre Ruth Joffily - mimeo).

⁴ Freinet acredita que não há na criança necessidade natural do jogo (brincadeira), mas apenas necessidade orgânica de usar o seu potencial de vida numa atividade ao mesmo tempo individual e social, que tenha um objetivo perfeitamente compreendido à medida das potencialidades infantis — que é o **trabalho**. Recomenda na pré-escola o Trabalho-Jogo que representa, de um lado, a

(entenda-se aqui: atividade enquanto trabalho sério e prazeroso). E isso se dá através da confecção de um jornal; de um texto impresso, de uma página grafada no livro de vida; no trabalho da horta; no cuidar dos bichos da escola etc.

A continuidade do processo iniciado na pré-escola favorece, indubitavelmente, uma aprendizagem significativa, tranqüila e segura.

Vivenciemos agora, o Processo de Alfabetização

Como é sabido, a necessidade de ler e escrever se apresenta muito cedo em classes de pré-escolares. E não é para menos. Eles estão mergulhados num mundo povoado pela escrita — nas ruas, os anúncios, os cartazes, os letreiros das lojas, os "out-doors" e todo o tipo de publicidade, além da sinalização urbana, das indicações de trânsito e em casa, a televisão, os jornais, as revistas, as correspondências recebidas e expedidas, as contas de luz e água, os carnês de prestações — que lhes proporciona, também muito cedo, a descoberta do uso social da escrita, das suas funções interativas, pessoais, imaginativas.

atividade provida de conteúdo e, de outro, a satisfação por tê-la gerado ou desenvolvido. Desta forma, o trabalho e jogo fundem-se num único elemento, base para as futuras realizações da criança. A etapa anterior do trabalho-jogo é o jogo-trabalho, "... elemento constitutivo da organização empírica do mundo infantil, organização na qual a invenção tem apenas lugar reduzido, achando a criança mais cômodo, tal como de resto o adulto, utilizar da melhor maneira moldes de certo imperfeitos mas pelo menos comprovados e cujo uso responde às necessidades do momento". O jogo trabalho seria pois uma atividade compensadora da não realização do verdadeiro trabalho (ou do **Trabalho-Jogo**) mas que tem os mesmos fundamentos e ligações com a atividade adulta a que se chama trabalho, bem como satisfazem às necessidades imediatas das crianças (os jogos: casinha de boneca; polícia/ladrão, etc.). Freinet, Celestin. Op. cit. (1974), vol.II, especialmente p.7-23.

.... Quando comunicam uma regra apreendida.

no f b 10 1 t
m

(Não pode bagunçar a sala - Tiago, 3 anos e 8 meses).

... Quando documentam uma atividade no livro de vida.

HOJE a OTI FÍSÉ MO'S
REQOTI

(Bruna, 5 anos)

Hoje Eu cai da bicicleta

- (Nana, 7 anos)

... Quando informam (com "bom humor") e expressam seus sentimentos...

NO NOSSO
MUNDO
EXISTEM casa
dos SONHOS
um dois TRÊS
quatro cinco MI
L eu TEHO a
PROFESSORA
MAIS BONITA
do BRAZIL

Se, de um lado, esses exemplos demonstram que as crianças conhecem, de fato, as funções da escrita, de outro, também demonstram que, em suas classes, se está permitindo a elas, a vivência e a utilização dessas funções.

E é em oposição aos treinos, aos exercícios e linguagens artificiais, às cartilhas, às sistematizações prematuras, tão comuns nas escolas ainda hoje, que as professoras assumiram, como um eixo de seu trabalho pedagógico, a livre expressão das crianças. Decorrencia desse fato, nos parece, a garantia de "estilos pessoais" de escrita...

**"O sol se foi
Chegou a lua
Ficou escuro e frio
Ninguém saiu."**

Maria Emília, 1ª série

Os velhinhos

**"Criança é pequena, quando cresce vira adulto
Adulto é grande, passa o tempo fica velho
O velho já aprendeu tudo o que devia
Por isso não precisa aprender mais nada.**

**Tem velhos que moram com seus filhos
E tem uns que moram no asilo,
Junto com muitos outros velhos
Porque os filhos dispensaram eles.**

**Eu gostaria que todos os velhos
Decidissem o que querem fazer
E não precisassem trabalhar
Para ganhar dinheiro para comer."**

Mariana, 1ª série

Em relação à aquisição da leitura e escrita, pôde-se constatar que elas se dão concomitantemente pelas crianças, pois que estão intrinsecamente ligadas. Embora neste momento se esteja privilegiando essas atividades, o processo pelo

qual elas se dão, engloba a própria vida da criança na escola. E é justamente por essa razão que se diz que a criança aprende a ler e a escrever naturalmente. Assim, foi-nos possível constatar que elas "tateiam": constróem hipóteses, trocam informações com os colegas, estabelecem relações, analogias e, aproveitam suas próprias experiências bem sucedidas para produzir ou ler um texto⁵.

Como, por exemplo, diz o Ciro ao ler a palavra

CIRCO

"Se tirar essa letra (c) fica ciro! Ciro é o seu nome e a palavra circo estava contida num painel, registro da experiência realizada, de viverem concretamente o CIRCO, seus papéis, sua alegria. Também o Marcel descobriu que no seu nome estava escrito MAR e Cel (céu).

O Lalo descobriu que podia, sozinho, escrever a palavra BIZORRO, porque era só juntar o Bi da Bianca e o Zorro. Bizorro não foi, para ele, uma palavra que deu certo "por acaso" ou porque a professora solicitara que fosse escrita. Ao contrário, era verão na escola e nessa época, comum encontrá-los "de chifres ou sem chifres". Bianca, o nome de sua amiga; Zorro, o herói que ainda perdura.

Como se vê, são palavras lidas e escritas que têm forte conteúdo afetivo para os alunos.

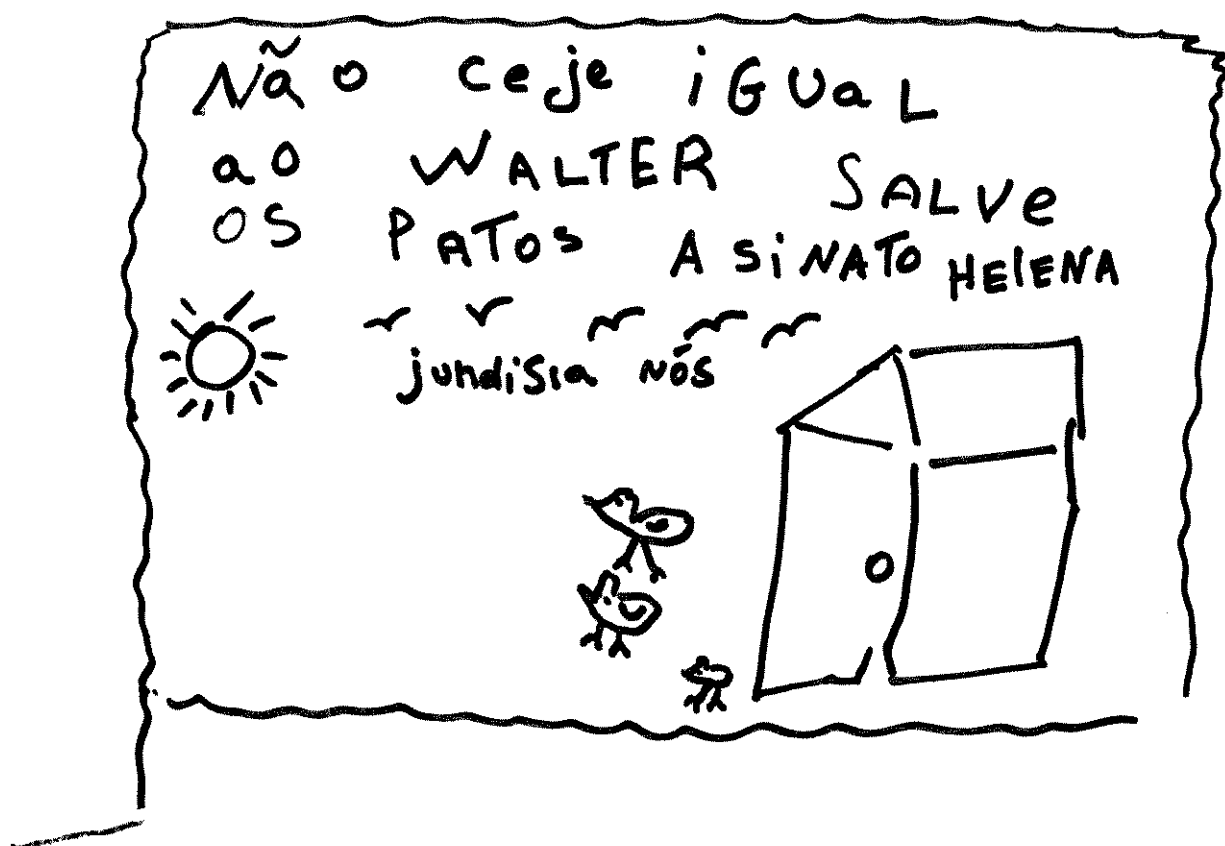
⁵ Duas obras são absolutamente necessárias para a compreensão do processo de alfabetização sob a ótica de Freinet. O Método Natural I - Aprendizagem da Língua. Lisboa, Estampa, 1977, onde ele relata a experiência vivida por sua filha Bal. E, o Método Natural III - Aprendizagem da Escrita, Lisboa, Estampa, 1977, que retoma pontos importantes do primeiro e explicita, de maneira clara e objetiva, os estágios evolutivos que compreendem o processo de aquisição da leitura e da escrita pela criança e que, aqui, resumimos:

- Desde os primeiros desenhos ou garatujas das crianças, aparecem sinais diferentes do desenho que a criança interpreta como sinais escritos.
- Através das letras que compõem o seu nome, a criança aproveitará para escrever outras palavras, utilizando-as e acrescentando simultaneamente outros sinais gráficos pessoais. O sentido da escrita, tal como a ligação entre a língua falada e escrita está descoberto e aparece o entendimento da convenção (emprego das letras).
- Posteriormente entre os 5 e 6 anos a criança adquire a compreensão da estrutura da frase através do estudo global dos textos, das histórias, etc. E, em seguida, da estrutura da palavra - ligação som/grafia.

Essas descobertas não surgem, entretanto, do vazio. Elas são fruto da própria organização e estrutura do trabalho de seus professores que prevêem, com as crianças, no cotidiano escolar, um leque de atividades (respeitando-se sempre o seu interesse) que favorecem as aprendizagens, bem como garantem espaço para as descobertas, para os tateios.

Um parêntese aqui:

enquanto estagiava na escola, vi, na hora do recreio, a Helena (do Pré, 6 anos) com uma bandeirinha na mão (um papel sulfite colado num palito de churrasco) e com várias crianças atrás dela. Na bandeirinha se lia:



Perguntei a ela o que era "aquilo" e ela me disse: "Você não vê, estamos fazendo uma passeata. É pra todo mundo não ser igual ao Walter porque ele deu uma pedrada nos patos. Então eu estou passando e falando "juntisi" a nós. Ele vai ficar bem bravo".

Eu pergunto se a professora a tinha ajudado. A resposta vem rápido: "ela nem viu ainda, eu fiz agora" (hora do recreio). De fato, consulto a professora Dirce e ela se encanta com a surpresa. A Helena tinha mesmo feito "tudo" sozinha. A atitude da menina, demonstra explicitamente que ela já tem autonomia para escrever e, portanto, não espera as ordens da professora para a concretização de projetos próprios. Isto é, ela não está condicionada à autoridade do "mestre".

No mesmo estilo, vejo também a Cilmara, outra professora da pré-escola, receber um cartão de uma aluna sua, desta vez, confeccionado no ateliê escrita:

QUE RIDA PROFESSORA
 DEZEGANMOSUM FELIZ
 ANO NOVO PARA
 VÔCE E OVAUDIR
 A PRINCEZA
 MISTERIOSA



Estávamos no final do ano letivo, mês de dezembro. O Waldir, era o noivo da professora. Nessa oportunidade, se vê, em primeiro lugar, que o texto é intencional — uma mensagem dirigida à professora — em segundo lugar, que a estrutura da frase está correta. Os "erros" são de fonética. Assim em *Dezegamos*, o início da palavra corresponde ao início da palavra *dezembro*, grafada no calendário da classe. A letra G assume seu valor fonético (Gê + a) e o N corresponde ao N de "princesa" que ela havia visto no título de uma história lida em sala. O acento no *vôce* corresponde a palavra *avô* contido num texto lido e escrito em classe. Assim, o z e o S estão sendo usados de forma ainda indiferenciada.

Estas hipóteses, "erros", como convencionalmente se diz, vão permanecer, ainda, em classe de 1ª. série, mas não tiram a certeza de que a criança é capaz de ler e escrever, de transmitir pela escrita os seus desejos, anseios, sentimentos. Como fez o Francisco, 7 anos, 1ª. série.

*Te a minha avó daria este
 vez viva entera seria aniversário dela
 Amanha é o aniversário da
 minha avó vanda.*

Neste caso, onde se lê daria, lê-se DÁRIA. Indagado porque ele colocara **ce** em **estivece** e **ceria** e, aniversário com **s**, ele prontamente respondeu: "se eu escrevesse aniversário com **c** ficava anivercário!" Do mesmo modo que o exemplo anterior, a estrutura da frase está perfeita. Os erros são de fonética, basicamente, mas a criança foi mais longe. Percebe-se que ao responder a pergunta, ela demonstra que "pensou" para escrever, trabalhou as suas hipóteses. Entretanto, é preciso destacar que na sua classe, na parede, estava afixado o quadro dos **ANIVERSARIANTES** do mês, além de se encontrar no **livro de vida** vários textos documentando os aniversários. Sem dúvida, e, para ele, referenciais importantes:

Hoje é
meu ANIVERSÁRIO

Nossa hipótese é que o Francisco gravou globalmente a palavra em questão. Mas, ele soube analisá-la. De posse do texto, a professora o lembra que os substantivos próprios devem ser escritos com letra maiúscula. "Você se esqueceu? Como é que você escreve o seu nome?", apontando-o no texto. Ele apaga e o escreve corretamente, assim como em **Vanda**. Quanto aos **C** e **S** ela lhe dá a informação precisa⁶ e sugere que ele veja o fichário de palavras.

⁶ Ela explica que **s** e **c** tem o mesmo som e que há palavras que se escreve com **s** e outras com **c**. "No caso de **seria** e **se** só se pode escrever assim", diz ela.

Um outro exemplo, nos dá o Rodrigo. Desta vez, dirigindo-se a mim:

"Sílvia, olha aqui o meu texto... lê ele."

Imediatamente o leio:

"Hoje eu di 1  na minha  " (hoje eu di um banho na minha cachorra).

Após ter estado atento à leitura, ele me diz: não é di que eu escrevi. É dei! Sem querer intervir, faço um sinal para a professora Ivoneti. Ela vem sorridente e observa. "Rodrigo, será que você não esqueceu de nenhuma letrinha? Eu também leio di". Voltando aos textos anteriormente escritos no caderno, ele encontra a palavra dei e a escreve corretamente. A Ivoneti continua a observação, "Por que você desenhou banho e cachorro? - "É porque eu ainda não sei escrever isso."- Procure então no fichário e veja se já temos essas palavras. A criança olha todas as fichas e diz, não tem! - Então vamos escrevê-la. "Ela escreve as duas palavras e ele as copia, sem dificuldade e rapidamente. Em seguida ela pergunta: "Se eu quisesse escrever cachorro como eu faria?" - "Tirando o a e colocando o o". "Que tal você fazer as duas fichas?" Eu acho legal, diz ele. E faz. Corta uma cartolina do tamanho certo das outras, escreve legivelmente e as ilustra. Na reunião final, ele mostra a sua produção e pergunta: "parece um chuveiro? e a cachorra tá parecida?" Todos concordam. A ficha é arquivada. O Rodrigo fica orgulhoso e complementa: "Eu gosto de desenhar, de escrever!

O importante é que mais uma vez se constatou que: 1º) O texto estava sendo escrito para **comunicar uma novidade aos colegas**. Nesse dia, a professora não fez a reunião inicial, onde, como já se disse, as crianças têm a palavra e dela fazem uso. Ela sugeria que quem quisesse contar alguma coisa, poderia fazê-lo por escrito e na reunião final seria lido; 2º) **A criança usa os "referenciais" da escrita encontrados nos cartazes, nos seus jornais, no caderno e nos quadros existentes na sala. Eles aprendem a procurar as palavras que querem escrever, embora não deixem de "tatear", de fazer analogias, aproximações, tais como:**

Hontem eu fui na praia e nadei com o meu tiu

(Hoje = Hontem)...

Além da prática do texto livre - uma constante na classe - a professora abre espaço para atividades diversificadas e freqüentes, que colocam a criança em contato com a linguagem escrita, favorecendo sem dúvida, a sua aprendizagem:

a) Leitura de livros de histórias

Ateliê aberto quase diariamente e sempre concorrido. Além de terem essa possibilidade em classe, as crianças levam os livros para casa, ao menos uma vez por semana, para lerem e apresentarem uma avaliação:

- gostei ou não do livro
- o que entendi da história
- recomendo ou não para os meus colegas

As crianças os escolhem, ao seu gosto, na biblioteca da sala e anotam num caderno apropriado, o seu nome e o título do livro retirado. É assim que vejo, numa das minhas observações (no início do ano letivo) a Ana lendo. Me aproximo dela e pergunto que tal o livro. Sorridente, ela diz: "É jóia! Só que eu ainda não sei ler tudo o que tem aqui. Então, eu olho a figura e fico imaginando o que a menininha tá fazendo. Acho que ela tá é fuçando as gavetas..." (risos)

Essa atividade é fundamental porque dá asas à imaginação, favorece o contato com textos de autores consagrados, como é o caso daqueles de Ziraldo e Maria Clara Machado que estavam também na biblioteca da classe e que se constituem exemplos de produção escrita. Esse contato, além de desenvolver o gosto pela leitura e pela criação de suas próprias histórias, favorece o domínio progressivo da língua escrita (e falada).

b) A Produção de História

Muitas vezes as histórias são apresentadas em forma de texto livre, isto é, as crianças as trazem de casa, motivadas certamente por um fato que lhes chamou a atenção ou pelo desejo de expressarem suas percepções em torno do mundo que as cerca, ou ainda pelo incentivo da professora, como nestes casos:

"UM GIRINO

Alaranjado foi nadando pelo Rio e encontrou um girino Amarelo e ficaram amigos, encontraram um verde e ficaram amigos, encontraram outro vermelho e ficaram amigos, encontraram um roxo e ficaram amigos. Eles se defendiam muito. Sempre os que ficavam em primeiro e em último vigiavam para ver se o lambari não vinha. O lambari tinha medo deles porque ele nunca tinha visto um girino colorido. Só que eles não eram coloridos. Eles estavam debaixo do arco-íris."

Lalo, 7 anos

No dia anterior ao recebimento do texto, as crianças tinham realizado uma pesquisa sobre os girinos, que conseguiram trazer de um passeio na represa do Broa. Eles estavam num vidro, em cima de uma estante onde batia sol. Tudo leva a crer que a motivação tenha vindo daí.

Outras vezes, sugeridas pela professora, como no caso da Letícia: "Você já terminou o trabalho? Não? Que tal inventar uma história?" A Letícia aceita a sugestão e apresenta aos colegas:

Era uma vez um palhaço!

Uma das crianças logo diz: "isso é uma história?" A criança volta para a sua carteira e escreve:

que fazia muita palhaçada

A professora observa: "Mas todos os palhaços fazem palhaçadas, né?"

"É mesmo", diz Letícia. Eu vou já acabar a história. E foi. Momentos depois, com sorriso de satisfação, ela lê a sua produção:

"Era uma vez
Um palhaço
Que fazia muita palhaçada
Daí o palhaço morreu
E todos os outros palhaços foram no velório!"

Como se vê, os textos apresentados revelam, criatividade e sensibilidade. Caso necessitem de correção, elas podem ser feitas **coletivamente**, quando a professora o escreve na lousa e todos os alunos participam, descobrindo "erros" e dando "sugestões", inclusive quanto à forma; ou **individualmente**, envolvendo a criança e a professora, no ateliê escrita. Contudo, o texto deve ter resguardada a idéia do seu autor, a sua expressão, mas corretamente escrito, bem feito. A criança é aqui **escritor**, autor de suas próprias histórias.

c) A correspondência interescolar

A proposta de estabelecer a correspondência entre duas classes que possuem a mesma filosofia de trabalho, objetiva colocar a criança em situação autêntica de comunicação e sociabilização, como se viu anteriormente. De outro lado, também as professoras objetivam para si, a troca de experiência, de informações sobre o trabalho que realizam. Como pude constatar, a professora Ivoneti escrevia à sua colega de Barra Bonita e enviava-lhe uma bibliografia de Pedagogia Freinet. Nessa carta, o convite expresso para que ela viesse conhecer a Oca dos Curumins.

No caso específico das crianças, o que acontece quando se vive essa técnica? Então, vejamos:

Correspondência enviada para Barra Bonita

Oi pessoal,

Nós estamos querendo saber, agora, se vocês fazem o LIVRO DE VIDA: Vocês fazem?

Na outra carta vocês perguntaram o que era JUJÚ. Jujú é: leite misturado com nescau e açúcar. A gente mistura bem e põe dentro de um saquinho fininho de plástico. Depois põe para gelar no freezer. Quando está bem duro, a gente tira do freezer e chupa.

A gente também faz jujú com suco de fruta. Aí põe no saquinho e no freezer. Depois tira e chupa.

A nossa escola também fica dentro da cidade, como a de vocês.

Aqui, nós temos classes desde o pré-I (3 anos) até a 8ª. série.

Vocês fazem experiências? Nós fazemos e temos um canto de ciências, vocês têm um? Nesse canto temos: conchas, caramujos bem grandes, pedras do mar; plantas, como pé de cebola, raiz bem dura que parece mandioca; feijão e outras sementes que a gente come. Semente que a gente planta.

Nós pintamos vasos. Neles cada um plantou um tipo de flor e cada um cuida do seu.

Algumas dessas plantas já morreram.

Vocês têm uma Imprensa na Escola?

E limógrafo vocês fazem?

A nossa professora se chama Ivoneti e temos também a Silvana que dá aula de educação física.

Turma - Estrela

Carta-resposta de Barra Bonita

Oi, turma

Aqui está chovendo muito.

Nós já conhecemos juju. É que aqui, tem o nome de "gelito".

Nós fazemos experiências sim. Desde o Pré II fazemos bastante. Nós vimos a caveira MARGARIDA (esqueleto humano que tem na escola), vimos seus ossos e a coluna vertebral.

Depois das férias, estudaremos as plantas e a água. Faremos experiências.

Em agosto faremos a Feira de Ciências e a nossa classe fará sobre os animais. Já pesquisamos sobre eles.

O que é limógrafo?

Nossas férias serão de 10 a 27 de julho.

Boas férias para vocês.

Um beijão da turma

Turma - UNIÃO

Essas duas cartas⁷ mostram que as crianças sabem o que perguntar, como perguntar e porque perguntar. Elas também aprendem que é preciso escrever com letra bem legível para que todos possam entendê-las. Assim, a estrutura da frase deve ser adequada; as idéias bem explicitadas e as convenções da escrita respeitadas. Além dos textos bem produzidos, também as ilustrações devem ser "planejadas" para corresponderem ao texto escrito.

A organização da correspondência cabe à professora (nas séries iniciais), que questiona sua forma e seu conteúdo. Discute com as crianças, ajudando-as, de maneira que o texto fique "perfeito", sem no entanto, **alterar, na essência, as idéias nele contidas.**

De outro lado, a correspondência, quando recebida é afixada no quadro de giz, para que as crianças tentem lê-la. É o "processo de adivinhação"⁸, que se instala aí. As crianças vão reconhecendo palavras que já fazem parte de seu

⁷ Essas cartas — correspondências — podem ser exploradas também, a partir de seus envelopes. Uma ótima oportunidade para que a criança trabalhe noções de tempo e espaço, a partir da decomposição, por exemplo, do endereço do remetente: Data do selo; País, Estado, Cidade, Bairro, Nº. Ver Marques, L. A. Estudos do Meio - Proposta Metodológica em Estudos Sociais para as Séries Iniciais. Porto Alegre - Periódico. Para Crescer. Secretaria do Estado da Educação. 1993. Mimeo. (O autor é também adepto da Pedagogia Freinet). Ver também, Para um Método Natural de Leitura. ICEM, 1980.

⁸ Sobre esse processo de adivinhação Freinet diz: "... o essencial é então compreender ou adivinhar através dos sinais o pensamento ou as indicações que (os textos) exprimem e cada um aplica-se consoante sua compleição, numa tentativa experimental que utiliza segundo os indivíduos, o globalismo, a decomposição ou os dois ao mesmo tempo. Freinet, Celestin. Op. cit., (1977), p.55.

repertório escrito, bem como vão descobrindo outras. Quando há dificuldades, a professora sugere que as crianças voltem aos textos escritos para procurar encontrá-las, como no caso do Rodrigo, explicitado anteriormente⁹.

d. Tarefas

As tarefas são diárias e envolvem tanto os exercícios convencionais de gramática, ortografia, quanto aqueles que dão continuidade às atividades realizadas em classe - relatórios de passeios, de eventos vividos pelas crianças - como nestes casos:

1. Faça o relatório do acampamento:

"Eu cheguei às 8:30 da noite. Eu fui fantasiado de vampiro. Quando eu entrei, as crianças já estavam no quiosque com a tia Ivoneti. Nós assistimos filminho. Mas antes nós fizemos festa a fantasia. Comemos pipoca e tomamos chá com pão e queijo. Fomos dormir a meia noite.

No outro dia tomamos café e fomos brincar. Depois assistimos teatro e brincamos de novo. O acampamento foi legal."

2. Forme orações com as palavras: índia, colar, cocar, maloca.

(Neste dia, as crianças tiveram oportunidade de estar com dois índios que visitaram a Escola, trazidos pelo pai de uma das crianças, dois índios Xavantes).

- separe as sílabas

Oca, cabana, lobo...

- dê o feminino/masculino... etc

⁹ Além-dessas, outras atividades importantes para o favorecimento da aprendizagem da leitura e escrita são realizadas nessas classes de Alfabetização. Teremos oportunidades de nos referir à elas no decorrer do presente trabalho.

3. Percebendo dificuldades no desenho das letras, de algumas crianças, a professora solicita que elas escrevam o alfabeto bem caprichado e duas vezes.

Uma das crianças, além de cumprir a tarefa, anexa um bilhetinho, como vi acontecer.

**"Ivoneti
Não gostei dessa tarefa chata."**

e. As pesquisas, as experiências

Elas têm sido o "cerne" das aprendizagens. A temática é quase sempre decorrente do interesse que as crianças têm pelos animais e, portanto, pela área de Ciências. Eu mesma pude presenciar a realização de algumas delas: formigas; baleias; lobo; morcegos; girinos; dinossauros; borboletas; plantas, entre outras.

Do processo de investigação vivido, a documentação das descobertas no livro de vida da classe...

**1. "Descobri que tem plantas
carnívoras e aquáticas. Que tem
Raízes que podemos comer,
mandioca,
cenoura, rabanetes."**

**"As sementes precisam de água para nascer.
Com esterco a planta cresce mais.
No papel molhado o feijão nasce.
Ele não só nasce na água. Ele também nasce
no esterco"¹⁰.**

¹⁰ As crianças fizeram um experimento, plantando feijão: no esterco, na terra, na água, no algodão molhado.

f. Impressora

Atividade constante, quase diária. Esse instrumento fantástico permite, além da socialização do pensamento da criança, que a análise e a síntese do texto e das palavras se dêem também de forma natural:

A professora dá o modelo do texto dito pelos alunos, organizando-o segundo o recorte gramatical. Eles vão compô-lo, letra a letra, através dos tipos de imprimir, formando a sílaba, a palavra, a frase. Após a impressão, eles irão "desmontar" o texto para guardar os "tipos" na caixa correspondente e em compartimentos apropriados a cada letra. Farão então, o processo inverso.

Cabe ressaltar, que mesmo com o modelo do texto ou da frase dada pelo professor, a criança *tateia*¹¹, experimenta, brinca com os tipos, antes de descobrir a forma correta de imprimir. Observemos os *tateios* de Camília, no seu primeiro contato com a impressora:

ámjRqáhniMÃ

uQhñAP

1º *tateio*

oçnaipdmu

¹¹ Sobre o *tateamento* da criança na imprensa ver Demoor et Lignov. *Percepção e Tateios na imprensa na pré-escola*. Suplemento Periódico da Revista L'Éducateur, n^o 13, Cannes, 1978.

CaW!Ja

2º tateio

AlimA3

3º tateio

Camila

4º tateio

A minha prima
ganhou
um balanço.

Camila

5º tateio

g. O Livro da Vida

Atividade realizada também diariamente. Nele estão contidos os momentos importantes, vividos pela classe e desde o início do ano.

"Nós somos 25. São 13 meninos e 12 meninas".

"A nossa professora se chama Ivoneti".

h. As aulas passeio

Têm sido realizadas, pelo menos, a cada bimestre. Face ao grande interesse das crianças pelos animais, elas se realizaram em São Carlos, no Parque Ecológico; no Zoológico de Sorocaba; também houve visita na Fábrica de Lápis Johan Faber e na chácara de uma das crianças, para confraternização do grupo - classe. Além do encontro com os correspondentes em Barra Bonita¹².

Em síntese¹³:

O processo de alfabetização aqui relatado - embora brevemente - parece ter assegurado, na prática, os princípios contidos no Método Natural de Leitura e Escrita, tal como propõe a Pedagogia Freinet. A saber:

1. As professoras têm permitido que as crianças aprendam a ler e a escrever, através de seus **próprios** **tateios**, de suas próprias descobertas.

¹² Todas as visitas estão documentadas em albuns.

¹³ Os princípios do Método Natural estão explicitados, sobretudo no texto do ICEM - Para um Método Natural de Leitura, Op. cit.; ver também Freinet, Celestin (1978 - O Método Natural I) Op. cit. e Santos, Maria Lúcia Op. cit.

Elas não tem isolado e nem privilegiado a aprendizagem da leitura e da escrita em detrimento das outras aquisições essenciais da criança, pois que o Método Natural se inscreve numa perspectiva de educação global.

2. Os procedimentos didáticos utilizados pelas professoras, no cotidiano da vida escolar, têm possibilitado que as crianças vivam **situação real de comunicação**. Elas escrevem para alguém ler. Seja através de um texto livre, da correspondência que enviam aos colegas distantes, dos registros no livro da vida, nas histórias que elas fazem. Ou ainda através das críticas que, desde pequenas, aprendem a tecer¹⁴. Elas são escritoras. Do mesmo modo, quando recebem uma carta, uma história; quando escolhem um texto para ser impresso, elas lêem - **são leitoras**. Por essa razão, a escrita e a leitura assumem uma função, um significado. Elas se tornam compreensivas, porque integradas à vivência das crianças. Como diria Lafitte¹⁵, "elas lêem a Escrita (dos outros) e escrevem a Leitura (para os outros)".

3. Compreendendo que o Método Natural é, ao mesmo tempo, global e analítico, as professoras tem partido da frase (texto) dita pelas crianças, ajudando-as a estabelecer os referenciais necessários para a compreensão da estrutura da linguagem. Simultaneamente e, incentivando o uso da impressora, elas estão permitindo que a análise e síntese das frases, das palavras, sejam feitas de forma também natural: "Ir da frase à palavra, da palavra à sílaba, da sílaba à letra e refazer depois o caminho no sentido inverso: da letra a sílaba, da sílaba à palavra da palavra à frase. É este sistema que as técnicas empregadas suscitam permanentemente:

- escrita do texto segundo o recorte gramatical;
- composição do texto na tipografia e sua decomposição;
- recorte e reconstrução do texto;

14 Como fez a Anita aos 6 anos, na 1ª. série: "Eu critico a tia Silvia e as tias das outras escolas porque elas bagunçarão e não arrumarão a nossa sala".

15 Lafitte, R. In: Santos, Maria Lúcia Op. cit., p.211.

- criação de novas histórias por meio de palavras tiradas do conjunto referencial dos textos afixados;
- construção de palavras a partir de sílabas descobertas e decoradas (assimiladas);
- escrita de textos pessoais e de cartas aos correspondentes de álbuns postos à disposição das crianças, de desenho, de cromos recebidos.¹⁶

4. Em funções da necessidade de cumprir o programa, em prazo determinado, são introduzidos pelas professoras (a partir da 1ª série), exercícios que podem estar facilitando, e mais rapidamente, o aperfeiçoamento "dos mecanismos de base" (como diz Freinet) da criança. **São os exercícios vivos** - contextualizados - os quais tivemos oportunidade de ler nas páginas anteriores; elas introduzem também a **gramática** em momentos oportunos, de modo que "nada se fique devendo" às instâncias que regulamentam as Escolas de 1º. Grau - são barreiras que elas aprendem a ultrapassar, não esquecendo, com certeza, que se busca com o Método Natural, o desenvolvimento de uma verdadeira competência que permite a leitura compreensiva, o domínio do escrito, ao cabo de um processo em que o sentido é prioritário¹⁷. Entretanto;

*"Nada será feito se não houver a transformação das relações professor-aluno, pois a Pedagogia Freinet é uma educação na confiança que é acompanhada por uma real atitude das crianças de se encarregarem de seu modo de vida e de trabalho"*¹⁸.

Cumprida essa etapa, em que vimos o processo de alfabetização vivido pelas crianças desde os idos de 1983¹⁹, vamos agora **AMPLIAR O FOCO**.

16 Freinet, Celestin Op. cit. (Para um Método Natural de Leitura III) p.54.

17 Cf. Para Um Método Natural de Leitura, Op. cit., p.6. (Castermann, 1980)

18 Dossiê Pedagógico da Revista L'Éducateur. ICEM, 1979, p.38. trad. Ruth Joffily.

19 a professora Ivonete alfabetizou todas as crianças que estão ou que passaram pela escola, desde 1983 quando se implementou a 1ª. série do 1º. grau.

Vamos ver A CONTINUIDADE DO PROCESSO E O TRABALHO DO PROFESSOR NAS SÉRIES SUBSEQÜENTES.

Vale considerar, de início, o quadro que aponta para o alto índice de aprovação por série e por ano - no período correspondente a 1983-1990. Em função da heterogeneidade das classes (níveis de aprendizagem diferenciados/culturas também diferenciadas/alunos com problemas afetivos, motores e cognitivos) cabe perguntar, nesse âmbito, que fatores poderiam estar contribuindo para o sucesso dessas crianças. A nossa hipótese é que **a prática do professor é competente**. Mais uma razão para investigar essa prática, supondo que, além de dar continuidade ao trabalho que vínhamos desenvolvendo, poderíamos estar também respondendo a questão que norteia o presente trabalho: quais as contribuições possíveis da pedagogia Freinet para o ensino de 1º. Grau regular, no atual contexto em que vivemos.

Então vejamos:

As professoras de 1ª a 4ª séries — à exceção da professora da 1ª série, que ingressou na escola em 1979 e participou da feitura do projeto de implementação do 1º grau — ingressaram na escola em 1982, quando já se realizava, em classes de pré-escola, um trabalho pedagógico inspirado nos princípios da Pedagogia Freinet. Através de seus depoimentos, podemos perceber que as novas professoras foram "contaminadas" pela experiência que os colegas vivenciavam, pelo entusiasmo dos relatos freqüentes dessas vivências e, sobretudo, pela permanência inicial em sala de aula como estagiárias (mínimo de um ano)²⁰. É preciso considerar que todas as professoras estavam em formação, eram alunas da UFSCar, e não haviam exercido a profissão anteriormente, o que significa dizer, que a prática "cristalizada", barreira para quaisquer inovações era, de certa forma, inexistente. Esses fatores nos parecem justificar o seu pronto envolvimento com a

20 Relatos feitos no grupo de estudos Freinet.

pedagogia Freinet, buscando garantir um trabalho consistente no 1º grau, nos termos da filosofia da escola. O depoimento de uma das professoras vem abalisar essa nossa observação:

"Me encantei com a Oca, com o pique das pessoas... pela resposta que as crianças davam ao tipo de trabalho sugerido, que exigia, sem dúvida, muita cooperação. Ia percebendo que o Método Natural de Aprendizagem era possível e eficiente. Era uma maneira de garantir a originalidade da forma de expressão de cada criança. Percebemos que, sem estar sistematizado, ensinando, como se faz normalmente na pré-escola, de repente a criança apresentava um texto totalmente escrito e, quase sem percebermos as etapas desse processo. Essa foi para mim, uma fase de grande encantamento."

(Professora Roseli, 4ª série e pré-escola)

A oportunidade de lecionar em classes de pré-escola, pelo menos durante quatro anos, antes de assumirem salas de 1º grau, pareceu-nos também fator importante na perspectiva de uma prática pedagógica bem sucedida.

"Nós passamos por todos os estágios da pré-escola e aprendemos a conhecer as crianças, não mais as dos livros, mais aquelas que estavam lá, com seus gostos e necessidades. O esforço era organizar o grupo-classe de modo a responder a essas necessidades, satisfazendo a curiosidade das crianças através dos seus próprios tateios, o que não era uma coisa fácil... Percebemos que todas as áreas do conhecimento podem ser trabalhadas na pré-escola sem nenhuma preocupação formal. Quer seja numa correspondência ou num ateliê de culinária... Nunca precisamos "treinar" uma criança para desenhar bem as letras. Ela mesma se esforça para se igualar ao modelo, pois sabe que alguém irá ler o seu texto. Nunca precisamos "ensinar" a contar porque isso era uma necessidade nossa, saber, por exemplo, quantos éramos para nos dividirmos em ateliês... Nós nunca precisamos "ocupar" as crianças com exercícios mimeografados, artificiais porque sempre tínhamos muito trabalho verdadeiro para realizar. E isso nós trouxemos para as nossas classes de 1º grau: A certeza de que é através do verdadeiro trabalho, que nasce do interesse da criança, que apreendemos o conhecimento, que construímos o conhecimento."

(Professora Ivonete, 1ª série)

Assim, não parece difícil perceber que a dinâmica de trabalho no 1º Grau não é diferente daquela da pré-escola, embora se tenha aqui a "pressão" dos programas. Vejamos então como os currículos e programas usuais são tratados pelos quatro professores e, principalmente, como conciliam esses programas aos interesses das crianças. Ressalva deve ser feita quanto a essa preocupação: É sabido como a sociedade, e os pais em especial, cobram o cumprimento dos programas... afinal é pela "quantidade", seja no tocante a tarefas, a produção no caderno, aos conteúdos memorizados que se teima em avaliar as crianças... "O meu filho não pode mais ser um aluno mediano como eu fui, ele precisa agora ser melhor do que os outros, não pode ficar atrás dos amiguinhos..." diz uma mãe, ou ainda, "O ensino dessa escola precisa ser forte (em alusão à pré-escola), porque, aos 17 anos, quero minha filha na universidade", diz outro pai.

Mesmo que possa parecer contraditório, constatarem-se essas projeções, essas expectativas, numa escola onde o combate ao individualismo, à competição são a tônica da orientação pedagógica, elas existem e não podem ser desconsideradas.

De outro lado, a nossa preocupação está centrada nos próprios pressupostos da pedagogia Freinet que, embora não deixe de respeitar os programas, privilegia as investigações que surgem naturalmente das necessidades das crianças, de conhecimentos, como diria seu iniciador, enraizados na prática social dos alunos, de conteúdos que servem à vida... **Teriam então, esses professores um programa pré-determinado? E de onde vêm esses programas? Como são utilizados?**

A análise de um questionário aplicado no início do ano letivo com essa finalidade, revelou que:

a) todos os professores elaboram seus planejamentos tendo como base os **programas** sugeridos pela Delegacia de Ensino local. Nessa oportunidade, em conjunto, discutem as unidades temáticas que já tenham sido desenvolvidas no ano anterior, o que foi visto superficialmente, o que se necessita incluir.

b) os programas não são utilizados como "camisa de força", mas como parâmetro entre a Escola e as demais unidades de ensino, ou ainda como um "ponto de partida".

c) os programas são adaptados de forma a garantir a satisfação das necessidades de conhecimento que as crianças têm e, assim, reordenados freqüentemente, em conjunto com a classe, originando-se daí, os planos de trabalhos cooperativos, aos quais já tivemos oportunidade de nos referir.

Mas, ouçamos os professores:

"Para mim o programa serve como orientação, para que haja uma certa homogeneidade no ensino. Em termos de relevância de conteúdos, acho mais importante você entender as necessidades dos seus alunos, isto é, no momento o que eles estão querendo saber, o que estão precisando aprender... Esse programa que nos é sugerido, muitas vezes, não dá conta do que se precisa para trabalhar. Se vai além, quando se tem em vista o atendimento das necessidades das crianças."

(Profª. Sú, 3ª. série)

A professora Ivonete, da 1ª. série, assim se refere ao programa:

"Eu o organizo constantemente ao longo do ano com as crianças pois o objetivo maior da 1ª. série é, formalmente, o domínio da linguagem escrita pela criança. Então, o Método Natural cai como uma luva. Temos um programa, objetivos, mas seqüência e tempo definido para as diversas unidades, não!"

Ainda sobre o programa, relata a professora Rô, da 4ª. série:

"Numa de nossas reuniões, o Adilson disse: já "ponhei" comida para os sapos e imediatamente uma criança corrigiu - "Pus"- e uma terceira assim se manifestou: "mas ele tem razão, nós dizemos "dancei, coloquei, pulei, contei", ele tá falando como se fala um monte de verbo". Mediante essa situação, e independente da seqüência do programa, estudamos e compreendemos a irregularidade dos verbos".

Através desses dados, pode-se perceber que é possível conciliar os interesses da criança com os conteúdos programáticos, ressaltando-se que depende do professor contemplar as respostas dos alunos, "pinçando" as várias unidades programáticas²¹, nos momentos oportunos, desenvolvendo-as e aprofundando-as, assim como faz a professora Ivonete:

"Nós estávamos vendo um texto produzido por uma das crianças, qualquer coisa como "meu gato é preto", quando alguém percebeu que se puséssemos A no lugar do O ficava gata. Então eu aproveitei para trabalhar masculino e feminino, independente do programa. E aparecem coisas ótimas, que mostram como as crianças pensam... Como o Dani que prontamente falou: eu sei fazer uma oração feminina e masculina... "Os bichos cruzam". Tem masculino e feminino aí..."²²

Uma segunda questão nos preocupava ainda, no início da nossa pesquisa e que pode ser assim resumida:

Como os professores trabalham metodologicamente esses conteúdos em classes de 1^a. a 4^a. série? Ou como se ensina e como se aprende nessa nova perspectiva?

Tal questão, como a primeira, advinha igualmente dos pressupostos teóricos da pedagogia Freinet, contrários ao ensino verbalista, ao livro didático, à transmissão de conteúdo pronto, aos treinos repetitivos, mecânicos. É certo que, pelos depoimentos dos professores, já tínhamos de antemão um posicionamento a esse respeito. Entretanto, era necessário que constatássemos no processo, para melhor esclarecermos a nossa questão, pois os quatro professores, responderam (no

21 Quando não surgem essas oportunidades, as professoras mostram às crianças as unidades que ainda precisam ser vistas e discutem, com elas, a maneira como o conteúdo vai ser desenvolvido. Como o caso da 3^a. série: na área de Ciências estavam faltando as unidades: - sistema solar e a origem e a evolução do homem. Após a discussão fica resolvido que: "faremos pesquisa em livros; veremos slides; faremos uma maquete para o sistema solar e veremos o filme "Guerra do Fogo" para a segunda unidade." Em seguida a professora reordena o plano de trabalho e prepara o material para a sua operacionalização.

22 Ver Freinet, Celestin. O Método Natural de Gramática. Lisboa, Dinalivro, 1978. Este texto está também contido no "Método Natural I - Aprendizagem da Língua, Op. cit., do mesmo autor.

questionário aplicado) de forma bastante segura, **que desenvolviam os programas através dos procedimentos contidos no Método Natural - nas "técnicas Freinet".** Por essa razão, fomos às salas de aulas para as devidas observações. Lá, pudemos vivenciar situações interessantes, esclarecedoras que, de fato, explicitaram o posicionamento desses professores quanto à questão inicial, concernente aos programas de ensino.

Observamos, por exemplo, que os professores não adotam livros didáticos, mas os utilizam esporadicamente. Nesse sentido a professora Sú observa:

"As crianças precisam saber que eles existem. Além disso, hoje, temos bons textos que podem ser perfeitamente aproveitados em classe. É preciso saber utilizá-los".

Entretanto quanto aos efeitos "nocivos" de alguns deles, parece que o Marcel, um aluno da 3ª série, os descobriu com facilidade e espanto. Ao folhear um manual de ciências, perplexo ele diz:

"Mas eles são "burros", no questionário eles fazem as perguntas que já estão respondidas no texto. É só copiar e pronto!"

Observamos também que, nas demais séries, 2ª, 3ª e 4ª, os ateliês estão montados da mesma forma que nas classes de pré e 1ª série: Artes; Matemática; Leitura e Escrita; Impressão e Ilustração. Também os de Marcenaria e Costura estão instalados. Os apetrechos de horta e de culinária são de uso coletivo (para todas as séries). E é isto que vai possibilitar que nessas classes se realizem trabalhos diversificados e simultâneos, como no caso da 2ª série que exemplificamos em um dia de trabalho.

Enquanto um grupo de três crianças "costurava" roupa para bonecas da classe, preocupado com medidas e proporções para que a roupa ficasse "certinha", outro grupo de crianças passava a limpo a "correspondência" para os amigos de Blumenau, com canetas coloridas e papel de computador (usado). Eles

relatavam uma visita à fazenda Canchim "onde se cria gado que dá muita carne e pouco leite". Ainda um outro grupo fazia culinária, um bolo para o lanche "com mais chocolate que é pra ficar mais preto que da outra vez", e um último grupo trabalhava na imprensa documentando um texto para o jornal da classe. Fica claro que, além dos ateliês terem sido escolhidos pelas crianças, preservando portanto, os seus interesses, os conteúdos de ensino vão sendo também apreendidos:

- na atividade de costura, **além do feitiço da roupa para a boneca**, noções de matemática foram aí desenvolvidas - **medidas da circunferência e da altura do corpo** para fazer o molde e colocá-lo no tecido; exercícios de coordenação motora - a destreza na utilização da agulha, da tesoura; e o contato com vários tipos de tecidos - grosso, áspero, macio;

- na culinária, **leitura da receita, ordenação do material** para bolo. A matemática novamente: **equivalência** "2 xícaras e meia é igual a meio quilo de farinha"; **contagem** dos ovos; **temperatura** do forno; **controle** de horas, **minutos** para assar o bolo. Após experimentarem, a receita foi passada no livro daquelas já "testadas e aprovadas"²³.

- na correspondência: organização do texto; correção gramatical - clareza na forma de expressão e comunicação de idéias; ilustração de desenhos correspondentes à fala; capricho; troca de conhecimentos e troca afetiva.

Correspondência enviada a Blumenau²⁴:

Oi Pessoal

A turma de vocês mudou de nome? A nossa se chama Foice de Ouro.

23 Dessas oportunidades é que "fichas" são construídas pelos professores de maneira que, conceitos e noções possam ser trabalhados - de forma contextualizada - pelas crianças. (Exercícios são propostos lembrando essas vivências, por exemplo). São essas fichas que constituem o fichário autocorretivo do qual falamos.

24 A cada assunto, uma cor (escreve-se com caneta hidrocolor) usa-se letra script, maiúscula e minúscula. Usa-se papel de computador e faz-se ilustração.

Estamos estudando e aprendendo coisas novas. Fizemos uma pesquisa sobre animais: répteis, mamíferos e aves (estamos mandando para vocês).

Na nossa classe tem um plano de trabalho onde anotamos tudo o que fazemos.

Fizemos um passeio na fazenda Canchim. Lá nós vimos o gado canchim que dá muita carne e pouco leite. Vimos árvores, cavalos árabes e quatro jacarezinhos que estavam bravos dentro da bacia.

Vimos um jêgue cujo pênis era bem grande e balançava quando ele andava.

Nós estamos fazendo uma maquete para dar para o 1º ano.

Esperamos que vocês daí escrevam logo.

*Um abraço de todos
daqui para todos
daí*

Turma Foice de Ouro

- na imprensa: cada criança do grupo tem sua função específica, sua responsabilidade. Além das vantagens já apontadas anteriormente, essa técnica permite que se instaure um verdadeiro espírito de equipe.



Dessa dinâmica de trabalho, surge mesmo uma nova disciplina e não mais imposta. Mas, ao contrário, espontânea, fruto da motivação e do interesse das crianças pela atividade que realizam. É assim que nesse mesmo dia, vejo a Jú e a Rê, após o término da atividade que realizaram na imprensa, se dirigindo, espontaneamente, para a biblioteca da classe com o objetivo de fazer um levantamento dos livros que compõem o seu acervo. E fazem!

Relação dos livros da biblioteca da sala do 2º. ano²⁵

1. A limpeza de Tereza
Silvia Orthol
Editora Ática
2. As mil e uma noites
Helô
Editora Brasil-América
3. Margarida jardineira e o adulto musical
Luis Carlos Saroldi
Instituto Nacional do Livro
4. Na roça
Mary França
Editora Ática
5. Branca de neve e os sete anões
Helô
Editora Brasil-América
6. Os pregadores do Rei João
Leui Camargo
Editora Átila

²⁵ Manteve-se o texto na íntegra, com as incorreções; infelizmente o trabalho foi executado com lápis, não permitindo que o xerocasse.

7. De hora em hora...
Ruth Rocha
Editora Abril
8. O curumim que virou gigante
Joel Rufino dos Santos
Editora Ática
9. O ganso de ouro
Catia Alzugara
Editora Três
10. A turma do Pererê
Ziraldo
Editora Rio Gráfica
11. O jacarezinho egoista
Chloris Arruda de Araújo
Editora do Brasil S/A
12. Textos para cópia leituras pesquisas
13. O gatinho perdido
Teresinha Casasanha
Editora do Brasil S/A
14. Palavras muitas palavras
Ruth Rocha
Editora Abril
15. Os dois valentes
Helo

Ao término do período, na reunião final, as crianças relataram as atividades desenvolvidas (inclusive esta última), apresentando o texto impresso e a correspondência, que já estavam prontos; a receita do bolo e a roupinha da boneca. Também discutiram o comportamento e a participação do Jef, em classe, "que

continua um chato". O Dani e o Marcio Rodrigo aproveitaram para registrar, no livro de vida, dois textos. Um alusivo à Roberta, uma das professoras que deixou a escola e outro relativo a discussão sobre o Jef. A Claudia registra a confecção da blusa.

"Não adiantou a mãe do Jef vir aqui. Ele continua chato".

Dani.

"Hoje a Lud fez uma blusinha branca para a nossa boneca".

Claudia.

"A tia Roberta foi embora para Rio Claro. Eu chorei".

Marcio Rodrigo.

Constatamos, portanto, que o desejo dos professores parece ser, realmente, que a criança construa o seu conhecimento a partir de seus interesses. Não há respostas prontas. Vejamos como isso acontece na prática, em termos de **conteúdo e metodologia...**

Em todas as quatro séries do primeiro grau, o dia começa com uma reunião inicial. Os alunos em círculo conversam, trocam idéias e planejam com o professor as atividades que serão desenvolvidas. Sempre com o **plano de trabalho** nas mãos, os professores intervêm, lembrando projetos e tarefas que precisam ser completados. É também o momento de aproveitar a curiosidade das crianças para construir o ensino, assim como faz a professora da 4ª série...

Uma das crianças, o Marcelo, lhe pergunta "o porquê de seus olhos azuis e do seus cabelos claros". Ela responde prontamente: é que eu sou descendente de italianos. O Paulo interfere: acho que eu sou também. Outros ainda participam, tornando a conversa bastante animada. A professora não hesita e aproveita a oportunidade para propor, como "tarefa", uma entrevista com os pais ou avós para que todos pudessem descobrir as suas origens. No dia seguinte, com as respostas na mão, ela pode desenvolver e aprofundar temas na área de Estudos

Sociais, como etnia, nacionalidade, regionalismos. A partir desse trabalho, surge uma outra questão a ser investigada: Por que nossos avós e bisavós (suíços, italianos, africanos) vieram para São Paulo? Essa questão norteou uma série de pesquisas, entrevistas, leitura de textos e muitas discussões que envolveram temas como migração/imigração. Nessa passagem, o Luiz Carlos, um garoto que até então negava a sua negritude, passou a assumi-la quando percebeu a importância do negro na cultura brasileira. Mas, deixou explícito os percalços de seu povo, fruto da nossa colonização: "A gente foi judiado, mas foi importante pra mim, saber a história do meu povo", disse ele. Mesmo assim, a criança que fez a pergunta sobre os olhos e cabelos da professora, estava insatisfeita... e com curiosidade diz:

"Mas se eu e minha irmã somos filhos dos mesmos pais e temos os mesmos avós por que a minha irmã tem cabelo crespo e eu liso? "

Esta indagação, por sua vez, gerou uma outra pesquisa agora na área de Ciências e especificamente de genética - 1ª. Lei de Mendel. Estamos diante do que Freinet chamou "complexos de interesse"²⁶.

Abro parênteses aqui: a Professora Roseli cursava Pedagogia e nesse período, realizava estágios de prática de ensino. Como era professora de 1º. Grau, a supervisora do estágio admitiu observá-la no seu local de trabalho. Sua presença evidentemente suscitou curiosidade por parte das crianças, que queriam saber o que ela estava fazendo lá. Quando souberam que a professora receberia uma nota pelo seu desempenho, trataram de ajudá-la: mantiveram-se atentos a tudo o que acontecia sem desviar o olhar da supervisora, buscando captar se ela estava gostando. Na saída, uma das crianças não se conteve e perguntou se a Roseli iria ganhar "10" porque achava que ela merecia. Fecho parênteses.

Ao longo dos diversos trabalhos, os alunos mantiveram-se interessados e os vários grupos organizados. Com liberdade de sair da sala, para

26 Ver Freinet, Celestin. Op. cit. ,1973 (Para uma Escola do Povo) p.105-108, especialmente.

buscar livros na biblioteca, de discutir o tema com colegas, de trocar idéias com a professora, percebe-se que o conhecimento vai sendo aprendido (construído) sem "coações", nem "cobranças". Parece que as crianças adquirem consciência de sua responsabilidade. Elas falam, às vezes, mais alto do que o esperado, riem, mas isso não as impedem de PRODUIR. Após a leitura dos textos (pesquisas), a professora os corrigira, sugerindo aperfeiçoamento da pontuação e ortografia.

Só depois desta fase é que o texto passou para a datilografia e para a ilustração. Finalmente foi reproduzido na forma de álbum. Desta feita, para que o conhecimento aprendido seja também socializado, não só para todos da classe, mas para as demais séries e para a biblioteca, são feitos vários exemplares que, distribuídos, ocuparão o mesmo "espaço" dos autores consagrados. Esses procedimentos oportunizam portanto:

- a construção do conhecimento pela própria criança a partir do seu interesse;
- a valorização do trabalho da criança;
- o contato com a linguagem, de norma culta, com o saber sistematizado;
- a organização da classe na perspectiva de um trabalho cooperativo;
- o desenvolvimento do senso de responsabilidade.

De outro lado, convém ressaltar que esse tipo de trabalho de investigação não é interrompido para o tratamento de outras "disciplinas". Questionada sobre esse ponto, diz a professora:

"Não há necessidade de dizermos formalmente: agora é hora de Português, porque eles já estão trabalhando com a leitura, com a interpretação de texto, com sua organização, com a escrita, com a ortografia e com a gramática. Também a Matemática porque, para a elaboração do álbum, a criança está todo o tempo raciocinando, fazendo operações matemáticas (ordem, seqüência das folhas, número de folhas, na diagramação, noção de espaço, medida e etc). De Geografia, porque precisamos localizar espacialmente os países de onde os avós vieram. Conhecemos os continentes, distâncias. De História porque se buscou o contexto em que se deu a imigração. E por aí vai..."

(Prof. Rô)

As pesquisas (investigações) podem ser tanto coletivas, envolvendo toda a classe, como envolvendo um grupo de crianças ou, ainda, individuais, como nos exemplos abaixo:

a) "A Aranha" (realizado por um grupo de crianças da 3ª. série - turma 1983), que aqui inserimos para que se possa melhor compreender o processo:

Criança: - Olha, Achamos uma aranha lá na horta. Será venenosa? Ela pica?

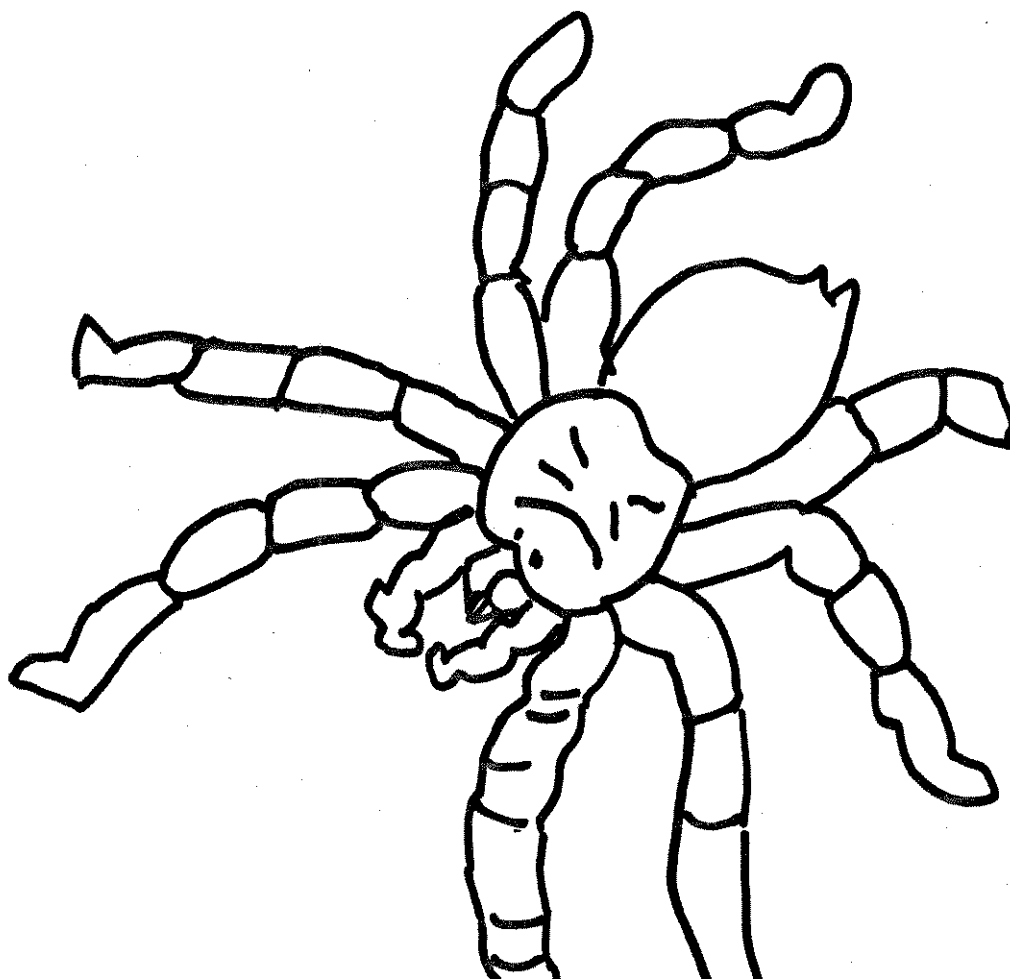
Professor: - Não sei não, que tal investigarmos?

Criança: - Acho que é uma caranguejeira, super venenosa... o que será que ela come? Será que grama? Bichos?

As demais crianças se agitam e se propõem a investigar.

... O resultado está contido no texto que ora apresentamos.

PESQUISA SOBRE AS ARANHAS

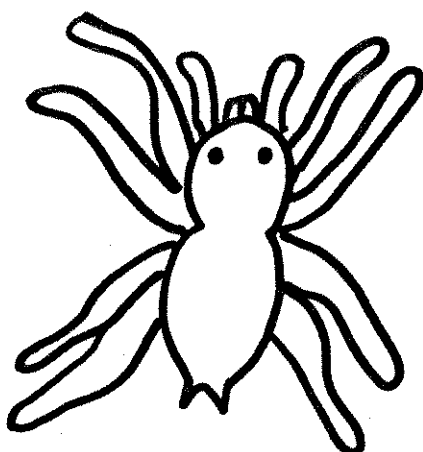


Onde achamos a aranha e o que fizemos com ela

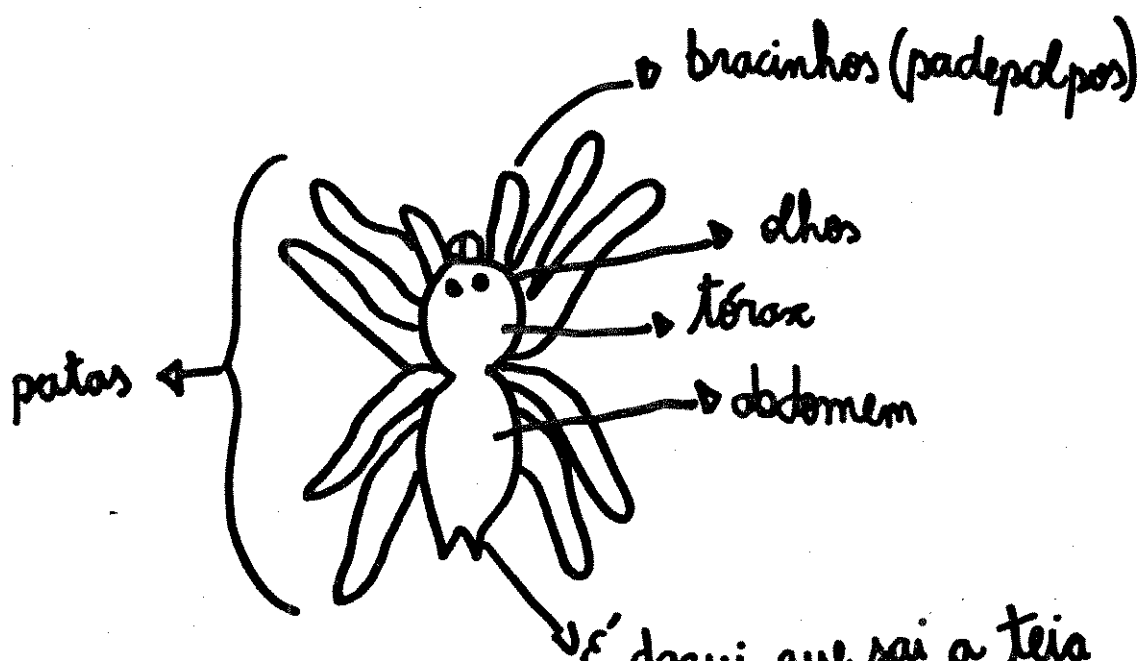
Nós achamos a aranha no fundo da escola, onde temos a horta e a colocamos em um vidro de maionese e no dia seguinte quando o Tio Paulo veio, nós colocamos ela em um vidro maior.

O que é uma aranha?

A aranha é um animal sem ossos que tem oito patas, quatro ficam de um lado e quatro de outro, e também tem dois bracinhos na frente.



Partes de uma aranha



Como vivem as aranhas

Elas vivem embaixo de folhas, embaixo de tocos, de pedra e algumas fazem túnel na terra, etc...

Ela bota muitos ovos e de cada ovo sai uma aranha.

Algumas aranhas vivem alguns meses e outras vivem anos.

Elas são carnívoras e alimentam-se de insetos, camundongos filhotinhos, sapos, lagartixas, pássaros, etc.

Antes de cruzar com a fêmea, o macho faz um tipo de dança para que ela o reconheça. Depois do cruzamento, o macho foge para não ser morto por ela.

Geralmente as aranhas não são agressivas, picando apenas quando são molestadas.

Quase todas as espécies de aranha são venenosas. A aranha apresenta grande perigo para os: tatu-bolas, baratas e até para pequenas lagartixas, peixes, pequenos mamíferos, etc... Mas para o homem não apresenta muito perigo - com exceção de algumas espécies sul americanas *Phoneutria* (aranha armadeira). A picada da *Lycosa* (aranha tarântula) provoca uma ferida.



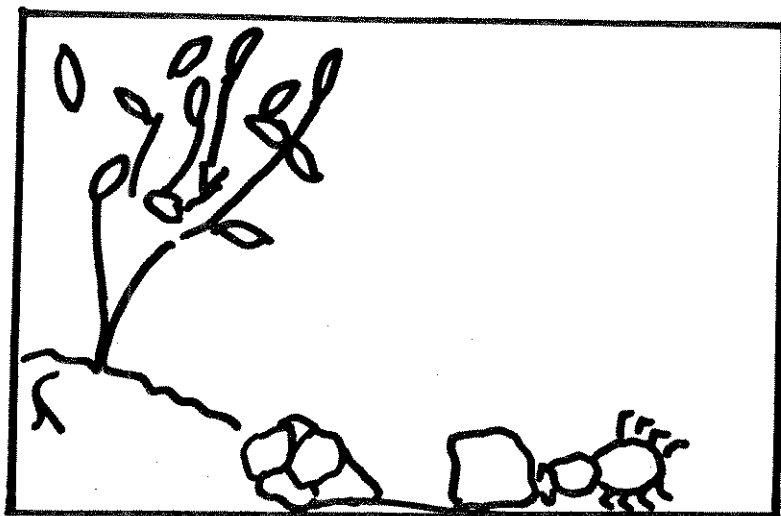
armadeira

Como cuidar de uma aranha

Coloca-se a aranha num vidro, depois coloca-se um pires com água e, às vezes, coloca-se uma barata para ela comer. Na falta desse bichinho você pode dar pequenos pedaços de carne bem fresca.

Se a gente tiver um aquário vazio pode colocar a aranha dentro, mas antes de colocá-la dentro do aquário, coloca-se:

- Um pouco de terra
- Algumas pedras
- Algumas graminhas
- Um pouco de água.



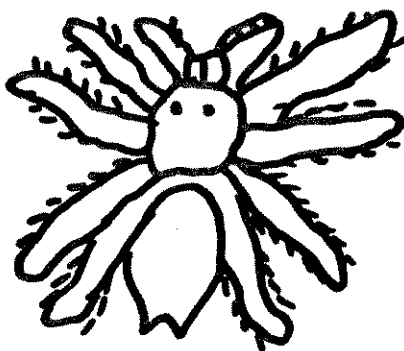
A aranha caranguejeira

Apesar de ser feia e grande, as aranhas caranguejeiras brasileiras não são venenosas para o homem.

A caranguejeira se defende dos inimigos raspando as pernas trazeiras no abdômem, provocando uma chuva de pêlos que na pele dão uma coceira danada. Outra maneira dela se defender é a picada que é dolorida, mas não mata.

A aranha caranguejeira come as outras aranhas (inclusive as venenosas) e insetos.

Não vamos ter medo da caranguejeira, ela não é venenosa.



Lula

As caranguejeiras e outras aranhas trocam várias vezes de pele enquanto estão em crescimento. Quando chega o tempo de mudar de pele elas ficam sem comer por uns vinte dias e não se mexem nem um milímetro.

Quando chega o dia de mudar de pele, sai uma casquinha da cabeça até o finzinho da barriga e é daí que ela sai com uma pele novinha.

As caranguejeiras gostam de ficar bem escondidinhas durante o dia e de tardezinha sair para caçar. Elas comem os seguintes animais: gafanhotos, grilos, baratas, besouros, rãs e minhocas. Existem caranguejeiras muito grandes que são capazes de comer até um passarinho.

As caranguejeiras botam todos os ovos em um só saquinho e o levam para onde vai.

De manhãzinha ela bota o saquinho de ovos no sol para esquentar um pouquinho e quando esquentam muito ela o leva para um lugar bem fresco. Quando as aranhinhas nascem elas vão correndo grudar na mãe e só desgrudam depois de quinze dias.

Observando a aranha

A caranguejeira que nós temos na sala é noturna e dorme de dia.

Um dia desses nós demos uma barata e ela não apareceu no dia seguinte. A tia Dirce e a Tula cutucaram o vidro e a aranha se mexeu, aí vimos que só tinha as duas pernas de traz da barata dentro do vidro. A aranha tinha comido a barata.



Uma vez nós pegamos o vidro e ela ficou furiosa e arranhou o vidro inteiro.

Nome dos livros pesquisados:

- Zoo, o fantástico mundo animal
- Revista de Ensino de Ciências nº 3, 7 e 10 Editadas pela FUNBEC
(Fundação Brasileira de Ensino de Ciências)

Autores da pesquisa (alunos da 1ª turma de 1º grau)

Hermano
Tula
Juliana
Adriana
Marcelo

Colaboradores

Tio Paulo
Tia Dirce

b) Pesquisando o caracol...

*Você já viu um caracol?
É aquele bichinho que carrega a casa nas costas
O caracol vive dentro da sua casca que é como uma casa
Só deixa a cabeça de fora mas nem sempre
Pertence a família dos moluscos, que são bichos moles
como lesma e minhoca.*

(Juliana, 1ª série)

A documentação desses trabalhos assume quase sempre, como se disse, a forma de pequenos livros (álbuns), ilustrados, ou ainda sobre a forma de relatórios. O objetivo é não só "documentar" mas "socializar" os resultados, assim como fez a Tula²⁷, quando estava na 3ª. série...

*"Hoje a tia Rô, do pré, disse se alguém queria dar aula para os alunos dela. Eu e o Hermano fomos dar aula, nós os ensinamos a fazer uma horta. Ensinamos que para fazer uma horta nós precisamos afofar a terra para entrar ar. Precisamos tirar as tiriricas, os torrões, os matinhos, etc. Depois nós arrancamos algumas alfaces do nosso canteiro, com cuidado e plantamos em um canteirinho que nós tínhamos usado para mostrar a eles como se faz um canteiro. Nós falamos que para as plantas não morrerem, elas precisam de água e precisam ser regadas todos os dias e que assim elas vão nascer e crescer bem bonitas."*²⁸

Além da aula prática, os dois alunos apresentaram aos colegas do pré um álbum que haviam feito e que aqui apresentamos:

27 A Tula parece ter descoberto mesmo a técnica dos relatórios. No ano anterior, no início do ano letivo, ela havia observado e descrito a experiência dos pintinhos...

"Um dia a Geisa trouxe uma chocadeira para a escola, 30 ovos chocados.

Nós colocamos os ovos na chocadeira.

Nós esperamos 21 dias para os pintinhos nascerem e nasceu mas o André e o filho da tia Geisa abriu a chocadeira e quando o André foi fechar ele esmagou a cabeça do pintinho.

Depois eles ficaram pegando tanto os outros pintinhos e morreu mais um.

Quando os pintinhos foram tomar sol o Aislan pisou em cima de dois pintinhos.

Nós demos um nome ne um pintinho de Et porque ele erguia a cabeça e abachava.

Tinha uns que eram pretinhos e uns que eram amarelinhos.

A tia pois eles ne uma caixa de papelão e uma luz eles só ficavam na luz."

(Mantivemos a forma original do texto da criança).

28 Registrado no livro de vida da classe.

Como fazer uma horta²⁹:

- 1ª -limpar o lugar
- 2ª -afofar a terra
- 3ª -fazer as covas
- 4ª -adubar
- 5ª -tirar tiriricas e "pragas"
- 6ª -semeiar

AS PARTES DA PLANTA

As plantas têm:

raízes, folhas, caule, flores e fruto.

Raíz: é pela raíz que a planta retira do solo o seu alimento.

Tipos de raízes:

raíz (cenoura)



raíz do alface



raíz do mato

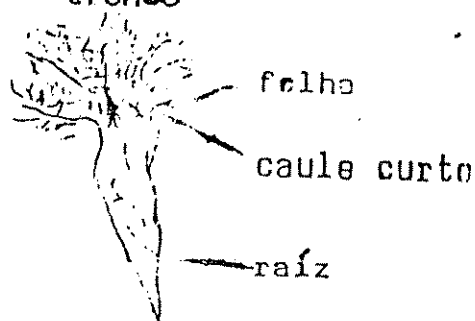


CAULE

O caule serve para sustentar ou segurar as folhas, flores e frutos da planta. No caule existem "tubinhos" que levam a água e o alimento da raíz para as plantas.

²⁹ O álbum "como fazer uma horta", foi desmontado para que pudesse fazer parte do corpo deste trabalho. Seus autores, eram alunos da 3ª série (ingressantes de 1983). A orientação do trabalho foi do professor Paulo de Ciências, com a colaboração da professora Dirce. Datado de 1985.

Existem muitos tipos de caules. Alguns são compridos, outras curtos. Quando o caule é grosso chamamos "tronco".



Folhas

As folhas pegam do ar o gás carbônico e soltam o oxigênio. Para fazer isso elas precisam do sol. Isso se chama fotossíntese.

Nós utilizamos o oxigênio na respiração. As folhas também respiram. Nós comemos as folhas de vários vegetais. Exemplo: alface, couve etc.

Elas servem também para fazer chapéus, esteiras, telhados, roupas etc. Existem vários tipos de folhas:

Mano,
3ª série

Junto do álbum a Tula acrescenta um bilhetinho:

"Vocês quando fizerem uma horta lembrem disso que escrevemos nas outras páginas. Eu gosto muito de vocês".

Esse trabalho foi resultado da experiência que viveram as crianças quando estavam na 1ª. série, na horta. Uma tentativa inicialmente frustrante que suscitou conhecimentos específicos para que as hortaliças nascessem. Esses conhecimentos aplicados, posteriormente, deram certo, daí o entusiasmo das crianças e o convite da professora.

Além do já exposto, é preciso considerar a importância desses procedimentos didáticos em relação ao desenvolvimento do pensamento científico da criança³⁰:

1. A investigação partiu, em todos os casos relatados, do interesse das crianças;
2. Há uma situação-problema que carece de resposta, ou de explicação;
3. Formulam-se hipóteses;
4. Discutem-se os "meios" para "comprová-las";

30 Ciari, seguidor de Freinet e um dos fundadores do Movimento de Cooperação Educativa - MCE Italiano - dedica seus trabalhos à questão da formação científica da criança. Para ele a formação do espírito científico deve partir da experiência "será portanto necessário sair muito mais das quatro estreitas paredes da aula, para viver e observar o mundo em que nos rodeia... é importante olhar mais vezes pela janela que, se não mais, nos faz ao menos descobrir os fenômenos meteorológicos; será indispensável trazer para a aula pedaços vivos da natureza, como terrários, aquários, viveiros de todas as espécies e toda a qualidade de seres que possa apanhar durante as exposições. Com base nesse material e sobre as experiências à que ele pode dar origem, é que se pode fundamentar a promoção do espírito científico... E entretanto não basta que haja uma atitude crítica experimental, racional, perante os fatos e os problemas; dado que exista ou seja notado um problema, e que haja interesse em resolvê-lo, importa que se saiba procurar o caminho para tentar a sua solução. Importa que o aluno desde o segundo ciclo da escola primária, e com mais forte razão na escola média, se habitue a formular pequenos projetos de experiências a saber empregar toda uma série de medidas e instrumentos, a recolher os dados da experiência de forma ordenada; deve saber discutir os seus dados, fazer um relato objetivo e, a um nível superior, formular hipóteses simples, realizar experiências e tirar conclusões. "Ciari, Bruno. Práticas de Ensino. Lisboa, Estampa, 1979. p.38 e 39. Ver também As Novas Técnicas Didáticas, do mesmo autor. Creemos que essa longa citação se justifica.

5. Comprovam-se, socializam-se os resultados.

E, na perspectiva freinetiana, o que é mais importante, respeitando-se o **tateamento experimental da criança**. De outro lado há, e não resta dúvida, uma relação afetiva entre a criança e o objeto do estudo, o que possibilita uma aprendizagem prazerosa e verdadeira. Não se aprende porque se "tem de aprender"; se aprende pela necessidade **de conhecer, de criar e de agir** que o homem tem e que muitas vezes se teima em não reconhecer. Cabe a escola então fornecer os "utensílios" para que as próprias crianças consigam as respostas aos seus problemas.

Percebe-se que o professor assume o papel de animador, de facilitador do processo, possibilitando que as crianças experimentem, que observem, que levantem hipóteses, que **TATEIEM**, mas em primeiro lugar e fundamentalmente porque lhes dão voz³¹.

E é também a partir de outra necessidade da criança, a **de exprimir seus sentimentos e percepções**, que os conteúdos vão tomando forma...

...Seja num texto livre,

"a gente chegou tarde pra dormir. Então o cara lá, botou nós em pé na escada, sem encostar em nada, se tombasse ele batia..."

(Bô, 4ª série)

"Era uma vez uma vaca... Ela era roxa, preta e azul. Ela era casada com um touro roxo, branco, e azul. O chifre dela era cor-de-rosa e o dele era, verde. Eles tiveram um bezerro que nasceu amarelo e alaranjado. O nome dele era criativo. Eles compraram uma casa. A vaca pegava a vassoura e dizia... Ai, como é duro ser dona de casa. O touro ia jogar bola. Eles eram muito juntos, se o touro ia numa festa, a vaca ia também. O bezerro sempre atrás. Sabe porque eles eram felizes? Porque eram um casal colorido."

(Lalo, 7 anos, 1ª série)

31 Como se pode constatar (e as repetições de alguma frases, são propositais) a dinâmica de trabalho dos professores é muito semelhante. Nesse sentido vale lembrar o que disse Dias: "Não temos dogmas e nem linha rígida de atuação, apenas princípios básicos que norteiam a nossa prática e acabam por fazer com que nossas salas de aula, embora muito diferentes uma das outras, sejam também muito semelhantes." Dias, Ruth Joffily. O Cotidiano Escolar na Pedagogia Freinet, In: Idéias. São Paulo, FDE, 1988.

Seja numa poesia que documenta vivências...

O Cometa Halley (autora Flor de Liz)³²

**Cometa, onde passará?
No céu da terra
ou perto do mar?**

**Se for perto da terra
Vai dar para olhar
Se for perto do mar
não dará.**

**Sabe o que eu vou usar?
Uma luneta para o cometa enxergar**

**Todo mundo fica a espera
É isso que se comenta
Eu quero que você veja
aquele lindo cometa**

**Isso vai ficar na história
É uma coisa fascinante
A cada hora que passa
O cometa segue a diante**

**Já não durmo sossegada
Fico sempre a espera
Será que vou conseguir
Ver o cometa passar?**

**Depois de muito tempo
Eu ainda vou lembrar
Contarei para os mais jovens
Com muita felicidade**

**No tempo da minha infância
Fiquei com muita esperança
Para ver o cometa passar**

**Bem feliz eu ficarei
E muito animada
Outra poesia farei.**

32 Flor de Liz é bolsista da escola, desde pequena. É órfã de pai. "A veia de artista, se referindo à filha, é do vô, que era trovador popular", diz sua mãe. De fato, a veia artística se conservou. Anexo 2B, a poesia O Circo, realizada logo a seguir ao Halley, na 3ª. série.

Seja numa história...

Assombração

*"Numa casa morava um casal.
Um dia, quando eles estavam dormindo,
a meia noite,
ouviram um barulho muito estranho
no porão de sua casa...
desceram as escadas para ver o que estava acontecendo...
lá, eles viram dois fantasmas
e um par de botas andando, toc, toc, toc,
êees gritavam feito loucos, ah, ah, ah, ah,
... mas era tudo um sonho !"*

(coletivo, 2ª. série)³³

E são esses textos, essas poesias, essas histórias, os conteúdos do JORNAL ESCOLAR, que não são, como disse Freinet,

*"imitação nem substitutos de jornais de adultos. São uma produção original que tem a partir de agora as suas normas e as suas leis, que tem é certo, imperfeições, mas que têm a vantagem histórica de abrir uma nova via de conhecimento da criança e de prática pedagógica que o futuro mostrará a fecundidade"*³⁴.

O jornal é, portanto, uma coletânea de textos das crianças, escolhidos pela classe e que vão sendo impressos, um a um, diariamente. Em forma de rodízio, cabe a cada grupo a sua impressão e ilustração. A cada texto escolhido, o professor trabalhará a forma, mas de maneira alguma alterará o conteúdo expresso pelo autor.

A impressão pode ser feita no limógrafo, no mimeógrafo, ou ainda e sobretudo, na imprensa. O jornal escolar vai, aos poucos, alterando a sua forma, seu

33 O texto foi também encenado para as crianças da pré-escola através de teatro de sombras. Está documentado e ilustrado no álbum: "Idéias para um Teatro de Sombras" (anexo 2c).

34 FREINET, Celestin. O Jornal Escolar. Lisboa, Estampa, 1974. p.37.

conteúdo, adquirindo a fisionomia do grupo em função de seus interesses e próprios da idade. Como por exemplo, neste caso da 1ª. série, em que o jornal é uma coletânea de textos:

**Um dia uma cobrinha
enrolou no pé do meu pai.**

Alessandro

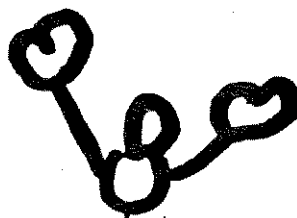
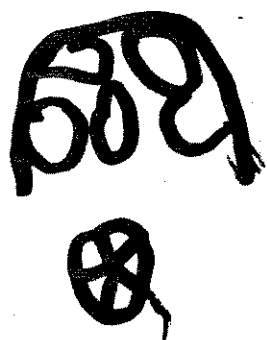
Hoje eu nadei

na casa da minha prima.

Felícia



Eu e meu avô
fomos assistir
o jogo
do Corinthians e
Palmeiras.
O Palmeiras ganhou.
Rafael

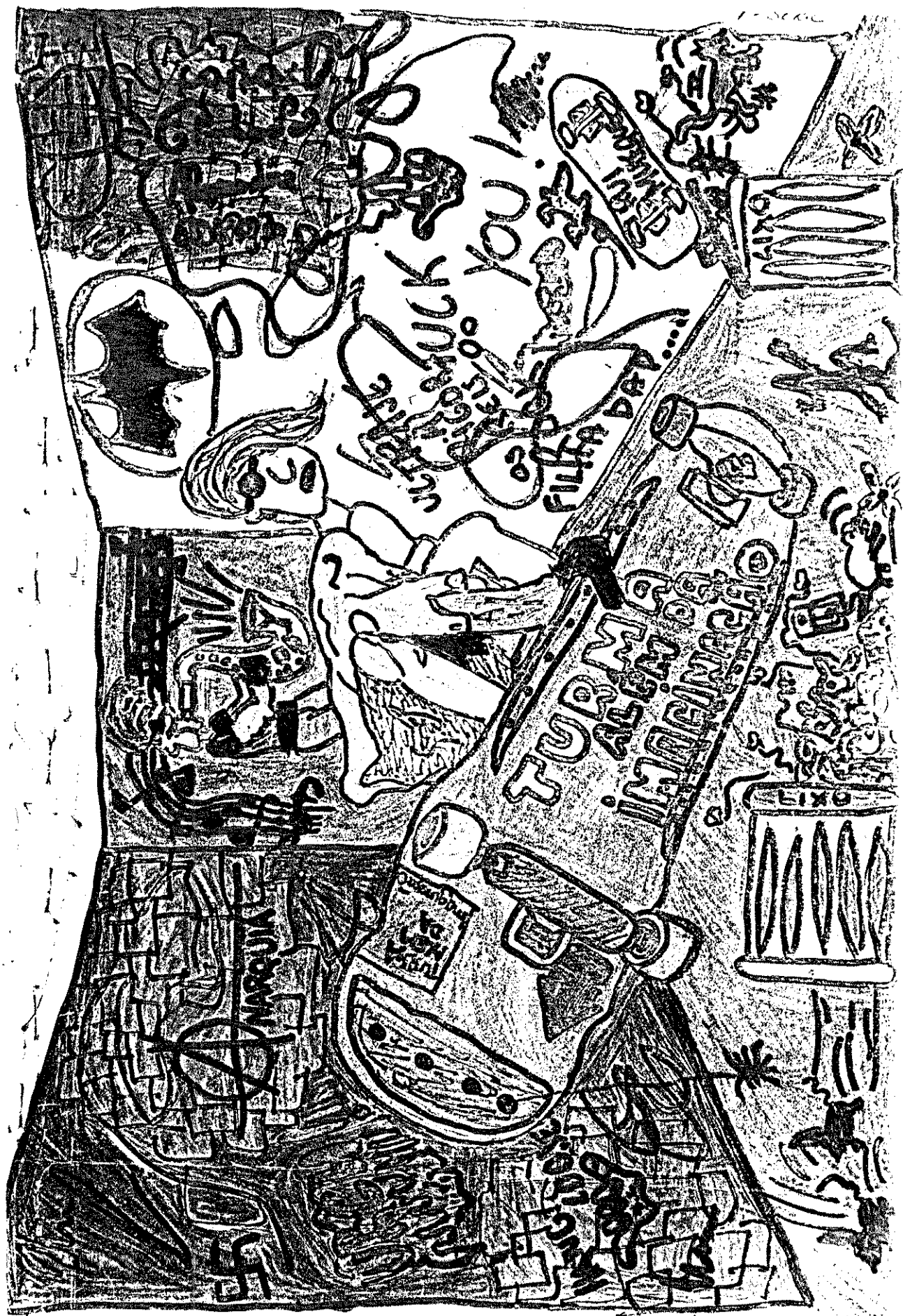


**Eu vou morar com
um casal que não pode
ter filhos.**

Daniela

Texto impresso na impressora

... ou então, como no caso do Jornal da 4ª série, que contém, além dos textos livres, outros temas de interesse da classe, até mesmo jornalísticos...



NOTICIA

No dia 3 de setembro de 1989 aconteceu no campo do Maracanã um fato muito interessante.

O Brasil estava jogando contra o Chile, quando fez um gol.

O goleiro percebeu que não tinha mais chance de ganhar.

Uma mulher que estava na arquibancada atirou um sinalizador, mas não acertou o goleiro.

O goleiro pulou na fumaça e começou a esfregar o braço no rosto.

O goleiro queria levantar mas os jogadores não o deixaram.

O tiro do rojão passou perto, cerca de um metro de distância dele.

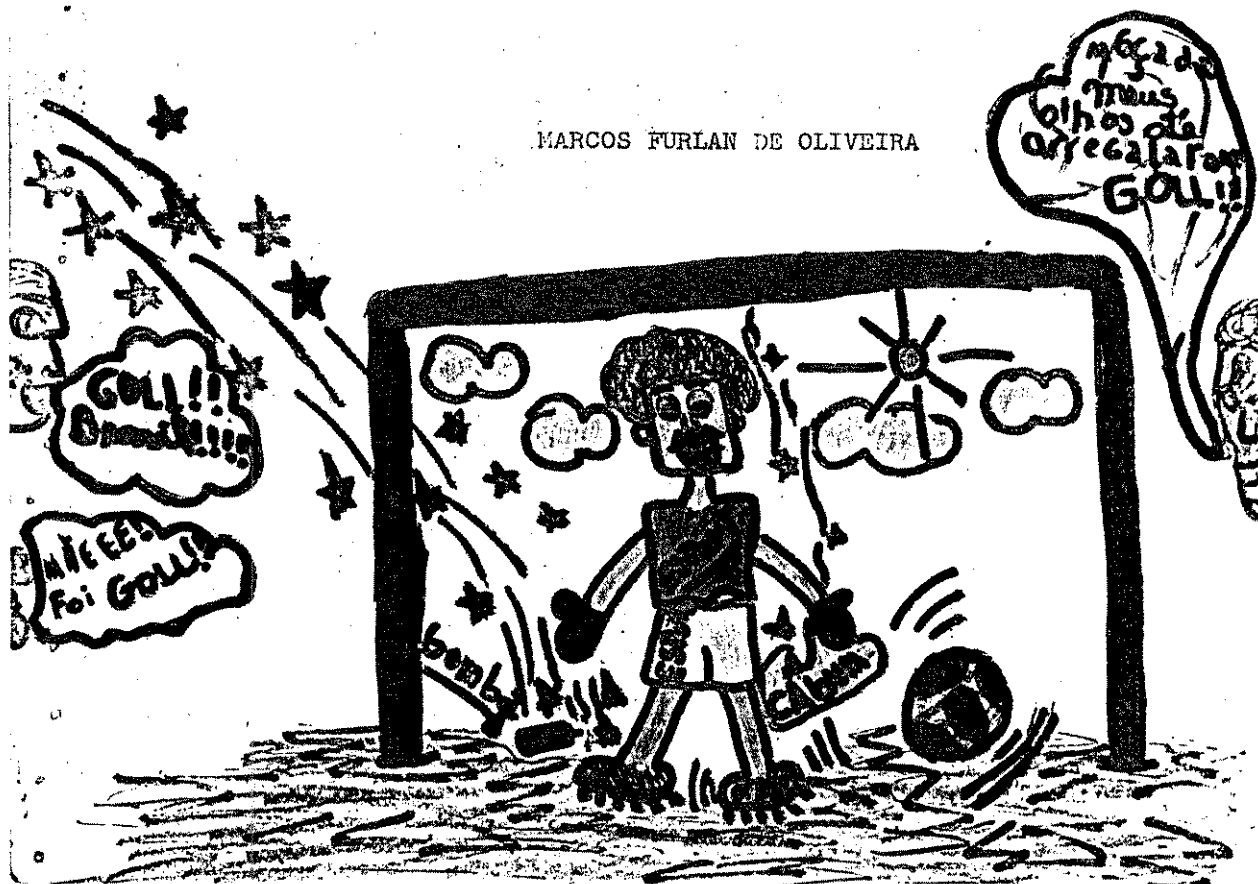
O goleiro estava fingindo que acertou.

Os jogadores não deixaram nem o médico e nem a maca se aproximarem, porque era tudo um trote.

No rosto do goleiro ele mesmo colocou mercurio cromo, para que as pessoas pensassem que era sangue.

Na testa do goleiro tinha um corte, que ele mesmo fez.

O goleiro perdeu o emprego, mas está a venda por ncz\$ 2.000.000,00.



NOTÍCIAS

DIRETORIA-

A diretora, Antonieta, fez um ofício para a Câmara Municipal pedindo permissão para a sexta série assistir a uma sessão.

PESQUISA ENTRA NA ESCOLA (ELEIÇÕES 89)

Nomes	Votos
Covas	44
Froire	26
Lula	12
Collor	10
Maluf	2
Caiado	1
Erizola	0
Chaves	0
Apic	0
Indecisos	12
Nulos	7



AVISOS

Os devedores da biblioteca devem pagar as **QUETAS**.

IDEPI DE TELEVISÃO

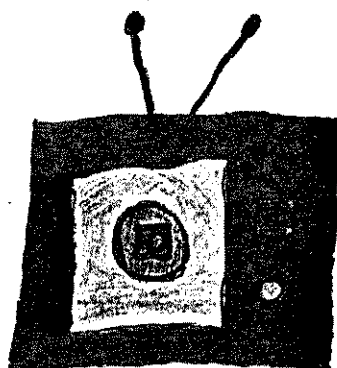


Com pesquisa realizada por telefone, fizemos a seguinte classificação dos programas de T.V.

PROGRAMAS	PONTOS
Que Rei Sou Eu?	23
T.V. Pirata	20
Domingão do Faustão	23
PunK, a levada da Breca	26
Tela Quente	26
Globo de Ouro	25
Fantástico	26
Chaves	26
Cinema em Casa	25
Trapalhões	25
A Praça é Nossa	24

cont.

PROGRAMAS	POUNTOS
Serginho Malandro	22
Tieta	22
Silvio Santos	19
Viva a Noite	18
Veja o Gordo	17
Xuxa	16
Esporte Espetacular	16
Chico Anísio Show	15
Eozo	8
Mariane	6
Show Maravilha	5
Páquito de Sangue	5



MARIANA E CAROLINA
4ª SÉRIE

Passeava certo dia um mágico hindu pela margem do Gonger, quando passou sobre sua cabeça uma coruja levando uma ratinha no seu curvo e agudo bico.

Assustada, a ave soltou a presa, e o mago, que era homem de bons sentimentos, pegou a pobre ratinha e, depois de a tratar, transformou-a em uma encantadora jovem.

- Agora minha amiga, é preciso procurar um esposo. Disse-lhe o mago. Sabei que tenho o dom de executar os maiores portentos e satisfazer todos os vossos desejos.

- Pois bem, gostaria de ser a esposa do ser mais poderoso do universo.

- Nada há no mundo mais poderoso que o Sol, replicou-lhe o encantador. Casar-vos-ei, pois, com ele. - E o mago Suplicou ao Sol que aceitasse a mão de sua protegida.

- Eu não sou o ser mais poderoso - respondeu o Sol - Se não, verdes como basta uma nuvem para me ocultar e velar a minha luz. Ela é mais forte e o seu poder é maior do que o meu.

Dirigiu-se, então, o feiticeiro a nuvem e ofereceu-lhe a mão da jovem.

- Há uma coisa mais forte do que eu - respondeu-lhe a nuvem. - O vento arrasta-me para onde quer.

Porém viu o mago a montanha era mais poderosa do que o vento, pois elevando-se altiva entre as nuvens, detinha os mais terríveis vendavais.

- Alguém é mais forte do que ele - disse a montanha. - Olha aquele ratinho que me furou e vive em meu seio contra a minha vontade. O meu poder, que divide as tormentas, não basta para infundir respeito a esse animalzinho.

Ficou triste o mago com o mau êxito, das suas tentativas, pensando que a sua protegida certamente não consentiria em ser a esposa de um simples rato. Contudo acabava de saber que o rato era o ser mais poderoso do mundo.

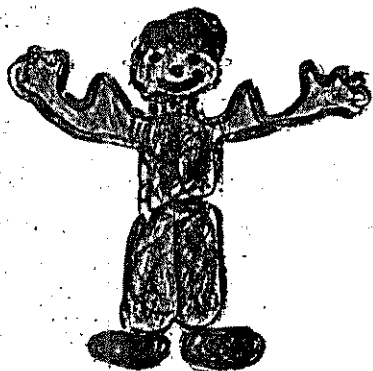
Convertiu-a, pois, de novo em uma ratinha e casou-se com o rato da montanha, que a fez feliz, vivendo ambos ditosos e largos anos.

Por muito que alteremos a nossa aparência, no fundo sempre seremos os mesmos.

Nome do livro - Nosso Tesouro da Juventude

Página - 321, 322

Esse conto foi elaborado, ou seja, copiado pelo Rafael Luís.



UMA HISTÓRIA: Na noite de eclipse... tudo pode acontecer.

Autora: Lúcia

Esse ano o eclipse total da lua aconteceu numa quarta feira, às 22:00 horas.

Todo o país parou para ver o eclipse.

Foi numa cidadezinha do norte que aconteceu uma coisa estranha. Lá, uma senhora diz que viu bruxas e mais bruxas passando no meio da lua.

A história foi assim:

A senhora e sua família estavam numa floresta para ver melhor o eclipse.

Tudo estava escuro, o lobo uivava e o barulho do vento...

O nenê chegou até a chorar de tanto medo.

De repente, ela viu a sombra de um morcego. Não estranhou, pois, morcego havia de monte naquele lugar. Depois viu a sombra de um vampiro com uns dentes enormes, também viu as sombras de várias bruxas dando risadas com suas vassouras.

Aí, ouviu músicas de "rock in roll" e risadas apavorantes vindas de uma estrela.

Sua família começou a ficar com medo...

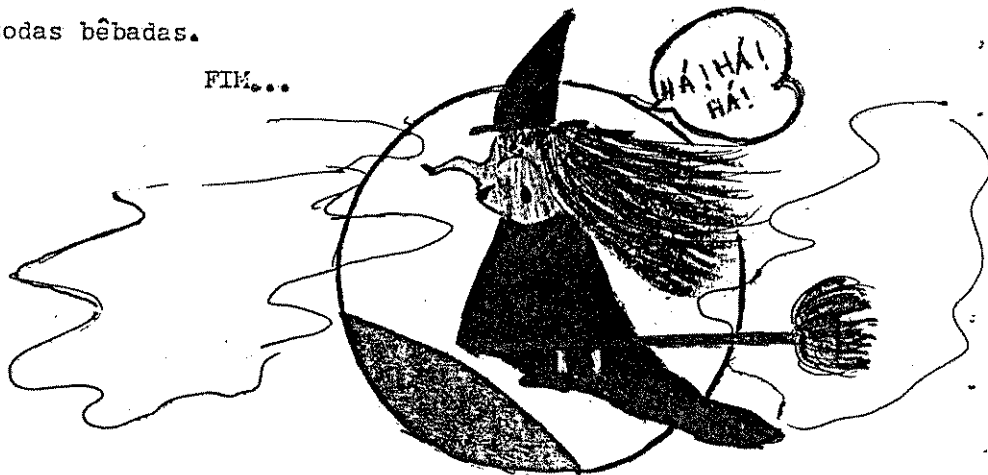
No outro dia, a senhora foi conversar com os astrônomos falando que viu as bruxas.

Essa notícia se espalhou por todo mundo!

Um detive dos E.U.A. veio investigar o caso e chegou a uma conclusão: houve uma festa no céu.

E a essas horas, lá no céu, a gente só ouve ic! ic! ic! ic! As bruxas devem estar todas bêbadas.

FIM...



O QUE NOS CONTA O VENTO

O vento é tão alegre como uma criança. Já o viram correr, pelos campos, movendo o trigo, como as ondas do mar? É isto a dança do vento, mas ele não só dança, também canta. Vão ouvir como ele canta:

- Zum...! Zu...! Zê,ss...ss...ss...!- Está ele dizendo: Se não houvesse uns senhores muito graves, que usam chapéus que rodam pelas ruas, a vidana cidade seria para mim grande aborrecimento. Todas as distrações fugiram das cidades. Há cem anos não havia nada de que eu mais gostasse do que ir soprando pelas ruas abaixo. Mas, então, as ruas eram exposição de quadros divertidos, mais que lugares de comércio.

Todas as casas tinham sua vitrina ou tabuleta. Havia a vitrina do alfaiate, cheia de figurinos de várias caras, querendo mostrar que o alfaiate era capaz de transformar o homem mais esfarrapado num elegante senhor; o barbeiro tinha por cima da porta um grande pare com uma navalha de madeira pendurada; peixes, chapéus, queijos, bolas, em fim todas as coisas que se vendiam na cidade, eram representados nas tabuletas; e quando eu as fazia oscilar e as punha a bater umas contra as outras, produziam um barulho ensurdecedor. Que momentos tão alegres e divertidos passei eu uma noite em que me meti pelos mostradores! Tinha jurado que me havia de divertir.

O vento calou-se, dando em seguida um grito que estremeceu a cada.

- Oh! como me lembro bem! - Continuou ele a gritar pela varanda.

Era um dia em que os sapateiros se mudavam do antigo estabelecimento para o novo, levando consigo todas as tabuletas. Naqueles tempos, que já vão bem longe, os sapateiros eram ricos e poderosos e valia a pena a profissão que eles formavam. Havia um palhaço que abria a marcha, uma figura grotesca com a cara negra e uma roupa feita de retalhos. Toda a gente ria com as chocarrices dele. Hoje já ninguém se diverte desta maneira. Atrás do palhaço ia a música, seguida dos homens que levavam os estandartes e grande bandeira de seda do grêmio dos sapateiros, enfeitada com uma grande bota preta. Subiu um andaime, no qual tinha que ficar uma tabuleta, o sapateiro que presidia à associação começou a discursar; mas o palhaço, que subiu atrás dele fazia rir às gargalhadas o público com seus trejeitos.

Eu quis também tomar parte na brincadeira e comecei a bater com as tabuletas umas nas outras e o orador desceu, dizendo: - "Não é possível fazer-me ouvir por causa do vento, mas vamos fixar a tabuleta".

Mas eu havia resolvido - continuou o vento - que a tabuleta não se finas-
se. Soprei até que o avental do sapateiro lhe tapasse os olhos; fiz cair
a escada e levei-lhe o chapéu e a cabelcira. Por fim cansaram de lutar /
comigo e foram-se todos para sua nova casa para celebrarem o banquete.

O vento deu um salto e proceguiu:

- Eu estava naquele dia disposto a fazer mal. Tendo conseguido di-
vertir-me com os sapateiros, andava pelas ruas tentando novas proezas. /
Comecei a tirar os tetos das casas velhas, mas ainda sentia vontade de
fazer pior.

Continuei a fazer cirandar tudo com muita habilidade. Quando a gen-
te da cidade despertou no dia seguinte, encontrou a tabuleta do Institu-
to Histórico num salão de bilhares e o tinha lá, em troca, a tabuleta ar-
rancada de um asilo para crianças: Havia criados e mamadeiras... Um pe-
leiro tinha pintado na tabuleta uma raposa. Mudei para o outro lado - da
rua, para a casa de um conselheiro avarento, que pretendia passar por ex-
celente pessoa. Toda a população se riu, sobretudo quando viu a tabuleta
que eu tinha posto na casa de um juiz: Era um pau com uma navalha de ma-
deira que servia de tabuleta à loja de um barbeiro. A mulher do juiz ti-
nha o apelido de "A navalha", por sua má língua. Mas a partida mais ori-
ginal - continuou o vento em voz baixa - foi a que preguei a uma rica mu-
lher que inventava grandes estórias contra seus vizinhos. Pus na casa de
ela um letreiro que havia num solar abandonado e que dizia: "Aqui precisa-
-se de estrume". Foram dias alegres - suspirou o vento - mas que já não
voltam; depois do que fiz nunca mais usaram aquelas tabuletas; por minha
causa muitos se envergonharam do seu comportamento e muitos homens nem
queriam ouvir falar de mim e nas minhas travessuras.

O vento acabou de falar na varanda e, dando um grito muito agudo /,
foi-se embora.

FIK

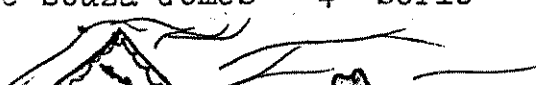
Conto tirado do livro: Tesouro da Juventude

Volume II

Páginas: 264 a 265.

Autor: Hans Christian Andersen

Copiado por: Lígia de Souza Gomes - 4ª série



HORÓSCOPOS MGLUGS



PARTICIPAÇÃO: Fernando T. Jol
Rafael C. B. Costa
Eduardo N. Del

HOROSCOPO MALUCO

AQUARIO - Seu futuro será de muitos poderes anormais. Se você não se cuidar, os poderes de Mestre Ravengar cairão sobre sua cabeça. Terá vida eterna num Aquário.

PEIXES - Faça suas amizades antes dos 16 anos ou viverá eternamente como um Peixe.

TOURO - Você será um Peão de Bola-dei-ro, muito bom, só que no final do Mundial, em Barretos, montará num touro bravo e o touro lhe jogará pelos ares, lhe dará um coice e você quebrará a ...

CAPRICORNIO - Você combinará com uma "cabra veia", terá chifres enormes e será peludão de cor branca.

AIRES - Infelizmente, não conseguimos decifrar seu signo, por isso, você não é nada na vida, mas, é mais ou menos combinado com o de Capricórnio.

GÊMEOS - Você será gordo como o Faustão porque Vênus e Marte lhe mandarão o poder de Deuses que fará ter filhos gêmeos.

CÂNCER - Saturno e Vênus jogará poderes sobre sua mulher ou sobre sua filha e uma delas ficará ... Sua poupança terá menor rendimento...

LIBRA - Você irá ao açougue, subirá na balança e se impressionará com seu peso e sua banha será cobiçada pelo açougueiro.

ESCORPIÃO - Aos trinta anos, você será amaldiçoado pelos poderes do Mestre Cuca e Sr. Marte. Eles o ajudarão a virar um escorpião e a ficar a vida eterna no inferno.

LEÃO - Você será um leão com uma juba tamanho gigante, será o Rei das Selvas, mas, os caçadores lhe pegarão e o transformarão em artista de Circo.

SAGITÁRIO - Você será metade homem, metade cavalo. Voltará ao tempo de Hitler que será seu amigo. Irá preso.

VIRGEM - Você será virgem o resto da vida, mas adotará um filho machão que terá 37 filhos, aos quais terá de sustentar.

OS PROTOZOÁRIOS

Os protozoários são seres unicelulares, em sua maioria aquáticos, desprovidos de clorofila. Vivem frequentemente nos mares, rios, tanques, aquários, poços, lodo, terra úmida ou em outros organismos vivos.

A maioria dos protozoários são microscópicos, mas há espécies que atingem de 2 a 3 milímetros.

Há mais de vinte mil espécies de protozoários. É um grupo que evoluiu através de algas unicelulares.

A classificação dos protozoários é feita considerando-se sua forma de locomoção.

Os protozoários se alimentam de detritos orgânicos, bactérias e microorganismos.

Este foi um trabalho de pesquisa realizada pelo Pedro, como trabalho extra-classe. Foi uma iniciativa própria.

PROTOZOÁRIOS PARASITAS HUMANOS

ESPÉCIE	CLASSE	DOENÇA	SINTOMAS	TRANSMISSÃO
<i>Entamoeba histolytica</i>	Rizópodo	Amebíase	Úlceras intestinais, diarreia, enfraquecimento.	Ingestão de cistos eliminados com as fezes humanas.
<i>Trypanosoma cruzi</i>	Flagelado	Doença de Chagas	Miocardite, lesões da musculatura do tubo digestivo (esôfago).	Fezes do inseto <i>Triatoma</i> (barbeiro) através de lesões na pele.
<i>Trypanosoma gambiense</i>	Flagelado	Doença do sono	Lesões meningoencefálicas.	Picada da mosca tsé-tsé (<i>Glossina</i>). Ocorre na África.
<i>Leishmania brasiliensis</i>	Flagelado	Leishmaniose tegumentar americana	Úlceras no rosto, braços e pernas. Necrose de tecidos conjuntivos.	Picada do mosquito-palha (<i>Phlebotomus</i>).
<i>Trichomonas vaginalis</i>	Flagelado	Tricomoníase	Vaginite, urtinite, corrimento.	Relação sexual ou toalhas e objeto úmidos contaminados.
<i>Lamblia</i> (<i>Giardia</i>) <i>intestinalis</i>	Flagelado	Giardíase	Colica, com dores intestinais. Diarreia.	Ingestão de cistos eliminados com as fezes humanas.
<i>Plasmodium falciparum</i>	Esporozoário	Malária (febre terçã)	Febres, anemia. Lesões no baço, fígado e medula óssea.	Picada do mosquito-preto (<i>Anopheles</i> ?).

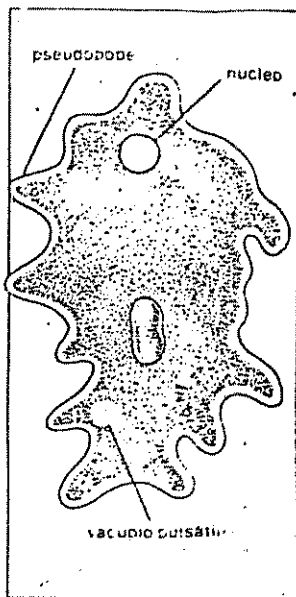


Fig. 3.1 — *Amoeba proteus*.

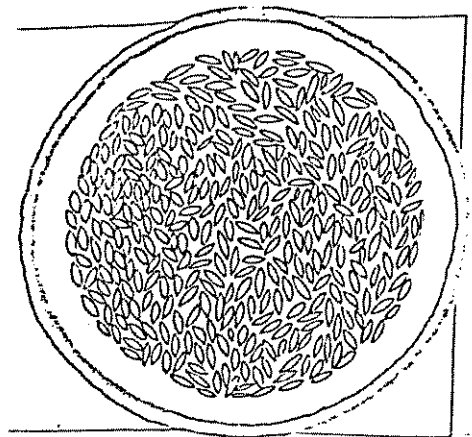


Fig. 3.4 — Esporozoário.

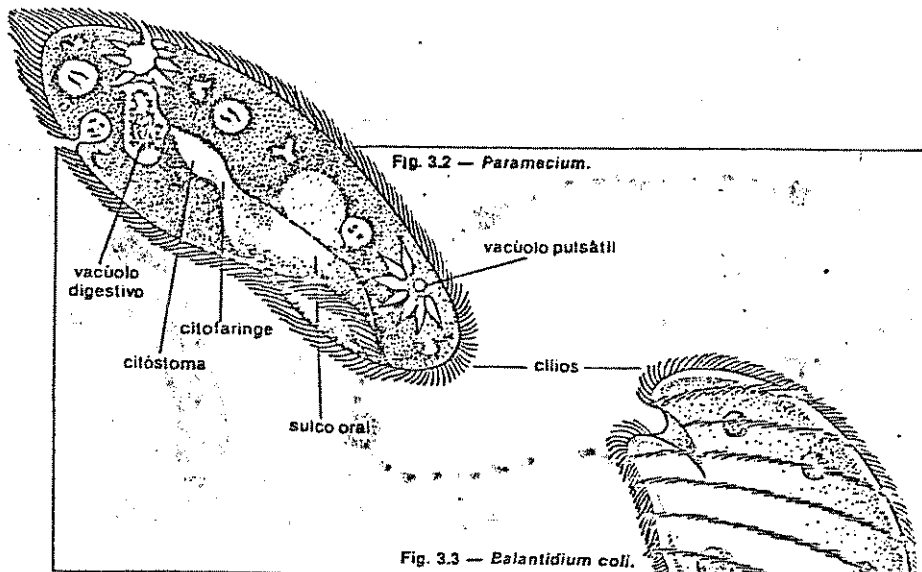


Fig. 3.2 — *Paramecium*.

Fig. 3.3 — *Balantidium coli*.

O *Balantidium coli* (figura 3.3) é um ciliado parasita da espécie humana, sendo causador de disenteria. Pode ser adquirido através de água contaminada.

Trabalho realizado pelo Rodrigo e apresentado em sala .
Organização - Tatiana e Rodrigo

OS PLANETAS

Os Planetas são astros que giram em torno do Sol e não -
têm luz própria.

No Sistema Solar, existem nove planetas que são:

- Mercúrio
- Vênus
- Terra
- Marte
- Urano
- Júpiter
- Saturno
- Netuno
- Plutão

O Sol é a maior estrela do nosso Sistema (Sistema Solar).

Júpiter é o mais quente do Sistema Solar por estar mais
perto do Sol. Plutão é o mais frio por estar mais distante do
Sol.

A Terra é o Planeta em que vivemos.



CRITICAS

- LIVROS DE MISTERIOS

Está cada vez mais difícil pegar livros de mistério na biblioteca da Oca. Só existem dois autores, mesmo assim conseguimos pegar os disponíveis. Com eles fizemos uma classificação e diríamos que eles se classificam em :

* - ruim

** - médio

*** - bom

**** - ótimo

***** - super ótimo

PEDRO

PAULA

PAULO

- AUTORES

Agatha Christie - " A Maldição do Espelho " *****

- " Assassinato é cometido na casa de " uma atriz famosa. Miss Jane Marple é que resolve o crime."

- DISPONIVEL NA OCA

Conan Doyle - todos os livros ****

"Um Estudo em Vermelho"

Sherlock Holmes investiga assassinato em uma casa vazia.

"O Cão dos Baskervilles"

Um cão aterroriza a família Baskervilles

"Aventuras de Sherlock Holmes"

Coletânea de contos de Sherlock Holmes

"Memórias de Sherlock Holmes"

Coletânea de casos de Sherlock Holmes

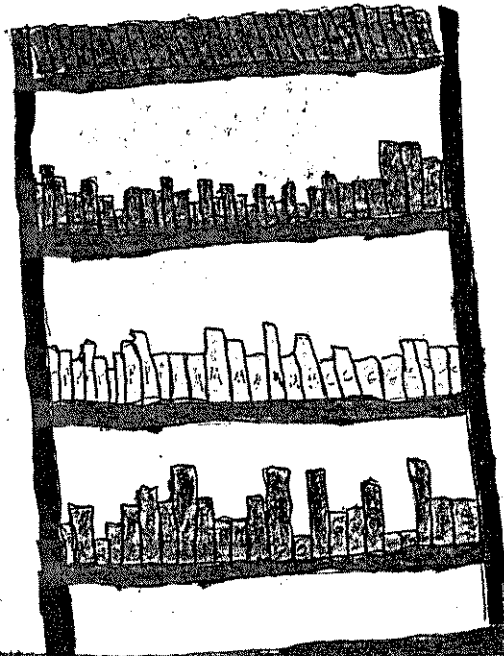
" O signo dos quatro"

Sherlock Holmes procura o misterioso tesouro de - Agra correndo o perigo de ser morto com as terríveis setas venenosas.

-CINEMA

"007 Permissão para matar"

" k9 Um policial bom pra cachorro"



3 Um policial com
na cachorro. ***



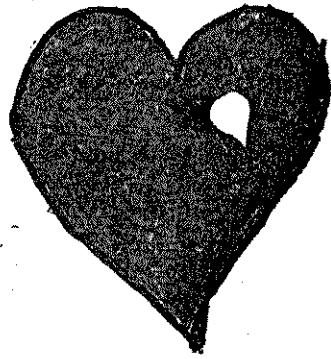
007

Permissão para

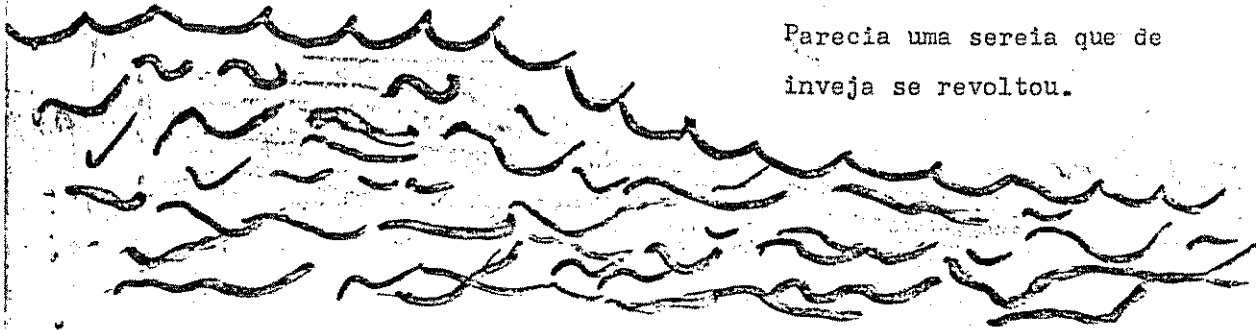
matar

POESIAS

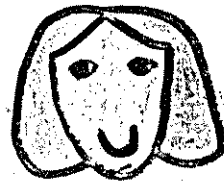
Você diz que sou criança,
Mas criança eu sou.
Um dia vai se lembrar ,
Da criança que te amou.



Escrevi seu nome na areia,
veio uma onda e apagou.
Parecia uma sereia que de
inveja se revoltou.



Eu vi...
Eu vi...
Eu vi...
Eu vi uma loirinha,
Será que ela se chama Dircinha?
É muito engraçadinha e muito bonitinha.



Poesias lembradas por:

Ana
e
Dani

RECEITAS

ROCAMBOLE SALGADO

massa

3 ovos

200gr de fermento flechiman

1/2 litro de leite morno

1 quilo e 1/2 de farinha de trigo

1 xícara de chá de óleo

1 pitada de sal

Amasse tudo como se estivesse fazendo um pão.

RECHEIO

1 caixa de Pomodoro (fazer um tempero com ele) quando estiver pronto picar 300gr de presunto e misturar.

Depois da massa crescida abrir com o rolo, passar o recheio e enrolar.

Por para assar. Se quiser pincele a massa com gema de ovo crua, antes de colocá-la na forma.

RECEITAS PARA EMAGRECER

1ª 2 fatias de pão integral cortada ao meio.

Faça camadas de queijo de cabra fresco e tomate em rodellas.

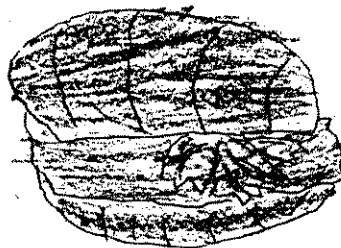
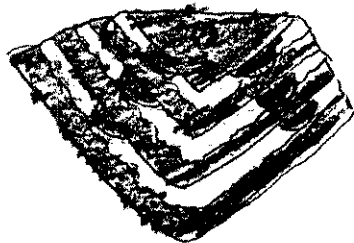
Se quiser, tempere com pimenta 220 calorias.

2ª 1 croissant salgado e mais ou menos 20gr de presunto.

Se retirar a gordura do presunto, as calorias caem para 240.200 calorias.

2ª receita de regime

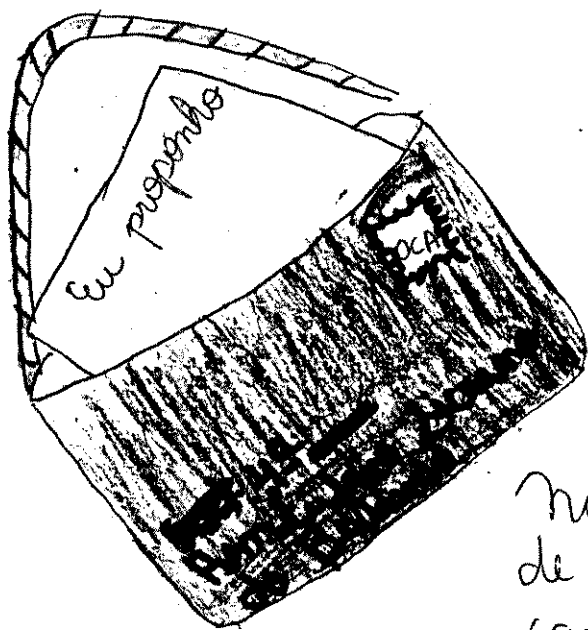
1ª receita de regime



CARTAS

Se você tem uma felicitação,
uma proposta ou uma crítica
quanto ao nosso jornal, mande-nos para:

4ª série - Turma Clém da
Imaginação
manhã - Oca dos Curumins



Não se esqueça
de mandar sua
cartinha, heim!

Lucia e
Pedro

Cabe ressaltar, além dessas, outras atividades que, de forma semelhante, contribuem tanto para a construção da personalidade da criança - sentido de responsabilidade, de cooperação, de iniciativa e de organização - quanto para a aquisição de novos conhecimentos e ou aplicação daqueles já apreendidos numa outra situação dada. São as atividades que envolvem a participação e o trabalho de professores e crianças da Escola (não importando a idade e série) na concretização de um projeto comum.

Foi assim com o circo, como relata a professora Roseli, coordenadora do projeto:

"Tínhamos retornado do Encontro Freinet realizado na UNESP, campus de Assis em julho de 1977. Lá tivemos a oportunidade de fazer um ateliê de circo com o professor Vilson, membro do Movimento Freinet de São Paulo - CREM. Este ateliê havia nos encantado pois, nós, professores de pré-escola, 1ª e 4ª séries e o Renato, de Ciências, nos deliciamos ao ver que éramos capazes de fazer malabarismos, palhaçadas e mágicas, e ainda engolir fogo. Queríamos compartilhar essa alegria com nossas crianças e então propusemos um trabalho às diversas turmas: montamos um circo em nossa escola.

Cada professor contou o que havia acontecido no curso para seus alunos e propôs o projeto. As crianças abraçaram o desafio com a mesma empolgação com que o propusemos.

Organizamos-nos em grupos, sendo que a Ivoneti e a Rita do pré ficaram responsáveis pelas mágicas e pelas palhaçadas. A Claudia, Renato e eu ficamos responsáveis pelos grupos de malabarismos e de pirofagia. Mais tarde, resolvemos propor um outro grupo: o de acrobacias e contorcionismo - havíamos também participado destas atividades no curso em Assis, mas não tínhamos tido sucesso, pois tínhamos medo e dificuldade em submeter nossos corpos de adultos, já rígidos e cristalizados, às aventuras dos movimentos. Mas as crianças resolveram tentar realizar estas atividades com a nossa orientação.

Durante dois meses realizamos os ensaios, sendo que cada dia da semana se oferecia uma atividade específica. Saíam da sala de aula os professores e as crianças das diversas turmas que haviam se inscrito na referida atividade. As demais crianças que estavam em outros grupos de trabalho, permaneciam em classe realizando o seu trabalho normal.

Aqueles professores envolvidos no projeto do circo encontravam-se na hora do intervalo e, enquanto tomavam café, comentavam e discutiam o envolvimento e o

desempenho dos alunos que, com certeza, realizavam as atividades com mais facilidade que os adultos. Esta facilidade ficou evidente no grupo de acrobacias e contorcionismo, onde uma descrição feita oralmente, ou através de desenho, era suficiente para que as crianças chegassem ao resultado com os seus corpos destemidos e flexíveis.

Além dos ensaios, cada grupo de trabalho discutia, decidia e realizava tarefas que eram necessárias para concretizar nosso circo. Surgiam destas discussões atividades: de costura, para fazer as roupas; de pintura e desenho, para fazer os cenários: esboços de maquiagem e manipulação de elementos químicos para a produção de tintas para a pintura do corpo; de escrita para a confecção de cartazes e convites, além dos "scripts" que tinham de ser decorados.

Ao final dos dois meses de ensaio, além de termo-nos tornado professores de crianças de várias turmas e muito mais próximos uns dos outros, chegamos ao produto de nosso trabalho. Numa sexta-feira apresentamos nosso circo aos pais dos alunos, aos colegas e crianças que não haviam participado do projeto, sob aplausos que nos chegaram. Éramos todos, naquele momento, adultos e crianças, artistas de circo."





Com a festa das mães

Crianças e professores se reúnem no pátio da Escola. Se discute aí a organização e o planejamento da festa. A temática escolhida é a "Educação dos Filhos", por sugestão das crianças de 3ª série.

... "a gente podia falar dos castigos, dos pais que batem nos filhos e como que a gente fica triste com isso."

- Podíamos fazer num teatro. Uns ficam as mães e outros os filhos.

Proposta aceita.

- Pode ter piquenique para as mães, sugere outra. Cada um podia trazer um prato salgado ou de doce.

- Mas, e o bolo?

- O bolo e o suco podíamos fazer aqui na culinária.

- Pode ter um jogo e umas brincadeiras que nem a das cadeiras...

- E presentes não vai ter?

- Cada classe poderia resolver o que vai fazer. Fica mais fácil, diz uma das professoras, que aproveita para perguntar da **decoração** do pátio para a festa.

- Quem sabe os pequeninhos podiam fazer uns painéis com pintura e pendurar na cerca.

- E música? Não vamos cantar?

Nesse momento as professoras que anotavam as idéias dos alunos, passam a ajudá-las:

- que dia vai ser?

- que atividades afinal vamos realizar?

Em função das respostas, se faz o roteiro da festa:

- abertura: música para as mães

- depois: apresentação do teatro, entrega dos presentes, piquenique, ginástica e brincadeiras.

No mesmo processo do circo, os ateliês foram abertos para possibilitar a realização das diversas atividades. Para cada um, um professor responsável.

- **decoração:** pintura, desenho, confecção de flores de papel

- **culinária:** feitura do bolo e de suco. Providências, copos, toalhas, etc

- **teatro:** escrever o roteiro da peça e ensaiar. Providenciar as roupas que serão usadas. Os sapatos altos e a maquiagem.

- **imprensa:** construir o texto para os convites e o programa da festa. Imprimir. Providenciar o número de convites e a técnica de ilustração que vamos usar.

As crianças se inscreveram nos ateliês e combinaram o horário de trabalho com o professor...

Para os presentes das mães, dois ateliês foram previstos: de marcenaria para confeccionar o porta-retrato e o de artes, para a pintura do retrato de cada mãe.

E a festa foi um sucesso - com muita alegria e animação...



Com as eleições de 1986...

Em que todos puderam vivenciar o processo eleitoral por inteiro - o exercício da cidadania.

- confecção dos títulos eleitorais
 - desenho das cédulas/impressão no xerox da Escola
 - preenchimento correto (utilizando-se das certidões de nascimento)
 - definições de funções: o que faz um mesário, um juiz eleitoral, etc
 - confecção das urnas e da cabine para se votar
 - palestras com os pais dos alunos representando os diversos partidos

políticos; elaboração dos seus principais pontos para apresentação no programa de T.V., apresentado em todos os intervalos

- feitura de propaganda política e, sobretudo, da construção das **regras** - norte do processo: por exemplo: não vale colar cartazes em cima daqueles já colocados; respeitar a fala dos adversários, votar só uma vez; o voto tem de ter a rubrica dos mesários; não abrir as urnas antes do momento combinado, etc.

Mas vejamos o relatório elaborado pelos alunos Marcel, Marcio, Daniel, da 3ª. série e as fotos que visualizam o processo vivido.

AS ELEIÇÕES NA OCA

STO CARLOS, 17 de NOVENBRO de 1986

Fizemos uma eleição simulada na Escola.

Não pôde ter boca de urna porque foi proibida, também não podia colocar cartazes em cima de outros.

A eleição foi simples.

Foi simples porque nós só elegemos governadores, não pudemos eleger senadores, deputados federal e estadual.

Os mesários foram:

- Adriana da 4ª série, Isabel da 3ª série, o Leonardo da 1ª série, o Marcelo da 2ª série e a Priscila do pré 3.

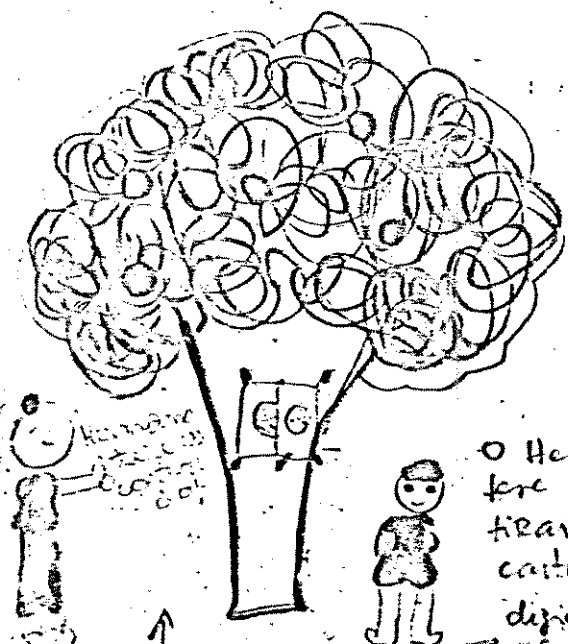
Não pudemos fazer a apuração de manhã porque o pessoal da tarde tinha que votar.

A apuração foi feita segunda-feira, o vencedor foi o Quércia com 106 votos, em segundo foi o Maluf com 21 votos, em terceiro foi o Antonio Ermírio com 20 votos, em quarto foi o Suplicy com 19 e em quinto foi o Simões com 2 votos.

MARCEL

MARCIO

DANIEL



O Hermano
que
traz um
cartaz daí.
diga o texto.

texto na íntegra.
As correções são
dos autores

Colocando cartazes



Fazendo propaganda



Na T.V. propaganda eleitoral



A fila para votar



Os mesários



Votando na cabine ...



Dobrando o voto na cabine



Colocando na urna



Apurando os votos



Comemorando....



Como se vê, são essas atividades, esses procedimentos que oportunizam às crianças a autonomia necessária para a construção do seu conhecimento. O processo relatado parece-nos garantir a afirmação.

Uma terceira questão, para nós fundamental, diz respeito à maneira pela qual os professores avaliam os seus alunos. Questão bastante complexa porque se, de um lado, há cobranças dos pais, e instrumentos legais de notas, de menções e de classificações, de outro, a Pedagogia Freinet propõe uma **avaliação de processo**, e portanto, as notas e classificações são substituídas pelo confronto de trabalhos realizados. Por essa razão, quisemos obter dados que nos possibilitassem perceber se havia coerência entre pressupostos teóricos - metodologia - avaliação, por parte dos professores, mesmo considerando as pressões institucionais...

Para a professora Loy, da 2ª. série,

"A avaliação é feita todos os dias porque você está trabalhando com as crianças e avaliando também. Se vê como elas estão participando, se estão interessadas, se estão aprendendo, se estão caprichando, fazendo tarefa etc. Tudo tem um porquê, então se está avaliando os porquês. Veja, o Marcelo, um dia ele nem copiou a tarefa, outro não faz, outro esquece o caderno. Então isso já é uma avaliação porque eu vejo as dificuldades e já vou trabalhar em cima delas... Eu avalio a criança no geral, se está cumprindo as "regras" da sala, os nossos compromissos".

As demais professoras compartilham dessa visão e explicitam que a avaliação das crianças é feita através dos planos de trabalho, da auto-avaliação, das provas, das pesquisas e demais atividades que tenham realizado. E os critérios para essa avaliação são definidos com as crianças. Dessa maneira, os alunos entendem o **porquê da avaliação, a necessidade desse processo**. É interessante notar que não há ansiedade em relação às notas. Percebi, na primeira série, que a prova é considerada uma atividade "normal", como as demais... "Hoje vai ter aula de prova", diz uma das



crianças. Talvez porque não sintam, por parte dos professores, nenhuma expectativa maior, ou porque o contexto continua sendo o mesmo - não há modificação no ambiente da classe. Se as carteiras estiverem agrupadas, elas assim permanecem. Ou ainda, porque o teor das solicitações não é diferente daquilo que é trabalhado no dia a dia: os problemas nas várias áreas, matemática, português, por exemplo, envolvem situações vividas. As questões solicitadas são contextualizadas.

1. ***"Queríamos fazer "tamancos de latas". Para cada tamanco, precisamos de duas latas. Quantas latas precisamos para fazer 8 tamancos?" (Obs. As crianças, numa das aulas haviam confeccionado tamancos de lata; brincadeira antiga, que tão bem conhecemos).***

2 - O texto-base da prova de 3ª. série, para as questões de entendimento de texto e de gramática, fora produzido por um dos alunos da classe (texto livre), A máquina do tempo:

"Um dia, eu entrei numa máquina do tempo e sai no mundo, ao contrário. Lá dois caras estavam brigando e eu perguntei a um senhor:

- Por que eles estão brigando?

E ele respondeu:

-Você não sabe? Eles estão conversando e não brigando.

Lá tinha um peixe voando e cachorro levando gente na coleira..."

Michael - 3ª. série

Sobre a questão das provas e notas, parece mesmo que as crianças são conscientizadas dos seus porquês... A professora Su da 3ª. série confirma isso:

"Digo para as crianças que a nota é uma exigência legal, assim como a prova, mas que, para nós, é importante aproveitar a oportunidade para sabermos se temos ou não dificuldades, o que conseguimos fazer, o que precisamos rever".

Ainda, em outras palavras, a Profa. Ivoneti da 1ª. série diz esse mesmo conteúdo ao responder a pergunta de um aluninho, no dia de prova. Ele pergunta: prá

que serve a avaliação. Resposta: para saber o que a gente já sabe, o que não sabe e o que tem que estudar melhor. A pergunta surgiu quando ela colocou no quadro "Avaliação de Português".

É importante destacar que os professores também avaliam o seu desempenho através do produto do trabalho da criança, assim como diz a professora Loy, da 2ª. série, e a professora Roseli, da 4ª.

"Através da avaliações das crianças, eu posso refletir sobre aquilo que ensinei. Quero saber se as dificuldades são das crianças ou minhas, da forma de ensinar, da maneira como o conteúdo foi desenvolvido"...

"Eu tenho observado que os conflitos ocorridos em sala são provenientes de uma organização deficitária do trabalho, o que nos leva a repensar com rigor sobre os meios para desenvolver qualquer atividade. As crianças produzem se lhes forem dadas as condições e isso cabe ao professor".

Quanto às menções, uma criança que tenha efetivamente participado dos trabalhos da classe, do grupo, e que cumpriu o seu plano de trabalho, já tem **nota** suficiente para seguir adiante - a prova é apenas um dos instrumentos.

Dessa maneira, a escola cumpre o "ritual das notas" conforme as normas contidas no Regimento Escolar e não deixa de, na prática, ajudar a criança a desenvolver-se enquanto aluno e enquanto pessoa. Veja-se aqui a ficha de auto-avaliação do aluno Daniel.

ALUNO: DANIEL

1- Sou pontual	verde
2- Cuido do material	amarelo
3- Faço tarefas	verde
4- Sei trabalhar em grupo	vermelho
5- Sei esperar para falar	vermelho
6- Sei ouvir	amarelo
7- Atendo minha professora	vermelho
8- Respeito os meus amigos	vermelho
9- Trabalho sem incomodar os amigos	vermelho
10- Termino meus trabalhos no prazo combinado	verde

verde	amarelo	vermelho
(sempre)	(às vezes)	(ainda não)

Diga-se ainda que as auto-avaliações são discutidas pelo grupo todo. Isto é, após o preenchimento da ficha, cada aluno a lê para os seus companheiros e professor. É possível a partir daí questionar as respostas. Como nesse caso do Daniel, em que uma das crianças observa que ele já melhorou muito em relação ao "respeito pelos amigos"... "Então você pode colocar um amarelo e não o vermelho aí." De fato, essa criança que de início não tinha limites, foi aos poucos aprendendo a respeitar as regras da classe, a conviver com seus companheiros e professores, de tal modo que, mais tarde, chegou a ser eleito representante de sua classe³⁵ no Conselho da Escola.

35 É por isso que há de se reconhecer, também, os aspectos terapêuticos da Pedagogia Freinet. Ver Freinet, Celestin. A Saúde Mental da Criança. Lisboa, Persona, 1978 e Conselho aos Pais. Lisboa, Estampa, 1974. Ver também Vasquez, A. e Oury, F. Da Classe Cooperativa à Pedagogia Institucional. 3 vol. Lisboa, Estampa, 1977 e 1978.

As auto-avaliações, assim postas em relação ao grupo-classe, permitem que se vivencie também, o processo da hetero-avaliação.

Nos boletins bimestrais estão contidas as menções relativas a diversas disciplinas, bem como dados a respeito de cada criança.

A VOZ DOS PROFESSORES E ALUNOS, AGORA, NA 2ª. FASE DO PRIMEIRO GRAU - DE 5ª. À 8ª. SÉRIES

Os sete professores que assumiram a primeira 5ª. série, dando início à 2ª. fase do 1º. Grau, possuíam experiência profissional anterior. A maioria deles em escolas da Rede Pública de Ensino. Somente os responsáveis pelas disciplinas de Educação Artística, Ciências e Educação Física tinham tido a oportunidade de conhecer a Escola, seu funcionamento, sua proposta, como explicitamos anteriormente, no Histórico da Escola³⁶. Os demais, à exceção do professor de História, a conheciam através de seus filhos.

Segundo pudemos constatar, um início de trabalho bastante difícil, tanto para eles, quanto para seus alunos, muito embora houvesse para os dois segmentos, motivação e empatia. Para o primeiro, porque o espaço da Escola se apresentava como uma possibilidade de realização de um trabalho mais aberto,

... "onde você pode colocar as coisas que pensa, com liberdade total, onde os alunos podem ter uma fala livre... aqui você perde aquela característica "normal" de professor que é o dono da sabedoria. Aqui a gente vai dialogar, vai discutir... É um outro universo, diferente daquilo que conheci em termos de escola, de atuar. Não existe o que eu chamo de professor policial, aquele que diz faz isso, não faz aquilo... Vamos tentar ver o que está acontecendo. É uma outra forma de ler a educação"...

(Professor Ademil-História)

³⁶ Ver histórico p.19.

E para o segundo, uma nova experiência, diferente, motivadora...

"Agora vamos ter muitas matérias, professores diferentes, muitos cadernos. Acho que vai ser legal!"

(Michelle - 5ª. série)

Essa disponibilidade, de ambas as partes, não conseguiu, entretanto, evitar que os problemas estruturais dessa 2ª. fase do 1º. Grau, fossem apercebidos:

"Sinto que é uma violência para as crianças eu ter que entrar na sala para dar a minha aula, cortando as atividades iniciadas na anterior"

(Professora Cristina)

"Agora com esse monte de professor, virou essa confusão... Agora é só estudar..."³⁷

Também a "mudança" na forma de ensinar dos professores não passou despercebida...

"O Ademil dava aula de lousa e a Maria Lúcia de mapa, de explicação".

(Renata - 7ª. série em entrevista, 1990)

Dessas insatisfações surgiu o empenho de ambas as partes para melhorar, para aproximar essa nova vivência daquela, de 1ª. a 4ª. séries. E, mais uma vez, é preciso fazer reverência a Celestin Freinet ao nos dizer que "a concretização dos instrumentos necessários ao trabalho escolar e o aperfeiçoamento das nossas técnicas são mais úteis que todos os palavreados pedagógicos"³⁸. Os

³⁷ Contido no Manifesto dos alunos da 5ª. série, como já foi visto no histórico da escola.

³⁸ FREINET, Celestin. citado por FREINET, Élise.

alunos pediam a volta do trabalho, na acepção que lhes é devida, buscavam uma maior participação no processo de ensino/aprendizagem. Eles objetivavam os ateliês, os instrumentos e as técnicas, a impressora, o limógrafo, o texto livre, a correspondência, o livro de vida, a marcenaria³⁹.

"Nós agora temos muitas matérias, não fazemos mais correspondência, nem marcenaria, nem horta e nem francês"...

E a resposta não tarda a chegar. Os professores os ouvem e vão permitindo a retomada do processo. Isto fica claro nas colocações das crianças...

"Nas aulas de português nós fizemos limógrafo. Fizemos marcenaria e culinária na aula de educação artística... A Pricila falou que Culinária é também uma arte... Estamos fazendo o projeto da casa dos patos. Também já estamos preparando material para a festa junina, balão, bandeira etc."

(texto coletivo, 5^a. série, 1983)

Para os professores, percepções como essas vão possibilitando mudanças nos eixos de suas preocupações.

... "Quando comecei a trabalhar aqui, eu tinha uma preocupação muito grande para que as crianças percebessem tudo o que eu achava importante. Eu falava, mostrava, explicava, mas chegava uma hora, um determinado ponto que as crianças estavam cansadas de ficar ouvindo... Foi quando começamos a fazer pesquisas, aulas-conferências e eu fui percebendo uma coisa muito importante que é fazer com que as crianças possam construir o próprio conhecimento"...

(Professora Maria Lúcia - Geografia)

³⁹ E não era para menos. Veja-se no Anexo 2D o projeto individual do Alexandre, no início da 2^a. série - A construção de uma besta. Esses projetos são constantes em classes de 1^a. à 4^a. séries.

A transmissão de conteúdos, as aulas expositivas, práticas usuais das escolas convencionais e portanto, como se viu, desses professores, vão, aos poucos, dando lugar à construção do conhecimento pelas crianças, e o que é significativo, através dos próprios "tateios". Também eles, os professores, tiveram essa oportunidade, de perceber, de descobrir, de mudar, de seguir os seus alunos, como diria o Professor Erik Häkonsson⁴⁰ - Mudanças essas que não se restringem à forma de trabalho, à metodologia, mas, aos poucos, atingem o próprio conhecimento que, calcado inicialmente nos programas oficiais, vai-se reestruturando, a partir das solicitações das crianças. E as descobertas vão surpreendendo...

"O assunto na 5ª. série era solo, de repente as crianças começaram a falar de sexo, a demonstrar curiosidades... não estavam mais atentos, só queriam falar disso. Então, eu falei com eles. Podemos tratar desse assunto, mas temos que concluir também o trabalho iniciado. Fizemos então uma pesquisa sobre "Reprodução Humana" e qual não foi a minha surpresa, quando me dei conta que o que queriam era conhecer o próprio corpo, estabelecer as diferenças entre o homem e a mulher. A coisa ficou só no biológico." (Anexo 3)

(Professor Paulo-Ciências)

Portanto, nos programas, a inclusão de temas de interesse das crianças passou a ser rotina e, mais uma vez, as crianças mostraram caminhos para seus mestres...

"Eu estava trabalhando com vários temas na 6ª. série e depois de uma visita que fizemos ao MASP para ver a exposição sobre o "Planeta Terra", uma das crianças só queria saber de Dinossauros. Pensei e repensei como poderia trabalhar mais esse assunto, até porque eu não tinha tantas informações que me permitissem segurança para orientar. Mas, a insistência foi tanta que eu me dispus a ajudá-la. Ela fez a pesquisa e eu descobri, é incrível, que eu poderia, através dela, trabalhar as eras geológicas e, portanto, através de um texto criado por uma criança." (Anexo 4).

(Maria Lúcia-Geografia)

⁴⁰ Erik Häkonsson, em conferência proferida na UNESP/CAR em 1990.

Se de um lado essas "coisas" aconteciam, de outro, o interesse pela Pedagogia Freinet crescia entre os professores. Esse interesse, por conhecer melhor as suas bases, advinha, inclusive, das observações e comparações que faziam de seus alunos. Para eles, as crianças tinham facilidade para entender os textos...

"Eles aprendem Matemática com facilidade porque entendem o enunciado dos problemas. Eles sabem entender o que lêem".

(Professora Leila - Matemática)

Não eram preconceituosos...

"Eu tenho notado que a clientela da Escola é bem diversificada e que as crianças estão se relacionando sem nenhum tipo de preconceito, de classe, de cor. Eles se transam por inteiro, dentro e fora da Escola. Eu estou achando importante perceber isso - eles têm voz".

(Professor Ademil - História)

Tinham e expressavam curiosidades...

"O que acontece comigo é o mesmo que o Thomas (Ed. Física) colocou, que ele tem que vir muito bem preparado para dar aula aqui, mais do que em outras Escolas. Isso acontece comigo também. As crianças são diferentes. Elas estão acostumadas, tem sido preparadas diferentemente das outras crianças. Elas te perguntam mais, te exploram mais, tudo querem saber"...

(Professora Priscila - Ed. Artística)

Eram mais responsáveis...

"Há uma diferença muito grande entre as crianças daqui e aqueles que vêm transferidos. Eu vejo essa diferença grande, principalmente quanto à responsabilidade. E acho que as crianças daqui, já faz parte delas cumprir com as obrigações, com as coisas que tem para fazer. O pessoal que veio há menos tempo, tem que ser constantemente lembrado das obrigações e que as atividades realizadas, gostosas de fazer, não são brincadeiras - elas sempre levam à alguma coisa..."

(Professora M. Alice - Português/Inglês)

Eram mais seguros...

"Os alunos da Oca sabem trabalhar. Eles tem organização, participam ativamente. Hoje eu fui fazer um resumo do seminário da aula passada, sobre "Bactérias", que foi apresentado pela Tula e a Juju. Comecei a escrever na lousa e a Juju disse:- Eu é que quero escrever porque eu é que fiz o seminário"...

(Professor Paulo - Ciências)

A necessidade de conhecer melhor a Pedagogia Freinet, leva esses professores a participarem de um evento⁴¹, a viverem com mais trezentos interessados, os princípios do "Método Natural de Aprendizagem". Foram vários os mini-cursos e os ateliês oferecidos. As conferências proferidas por Roger e Josette Uberschlag, membros do movimento francês da Escola Moderna, além do filme "L'École Buissounière" (que retrata a vida de Celestin Freinet) pareceu ter sido um excelente começo... uma motivação a mais para o trabalho que tão bem suas crianças conheciam. Dúvidas e ansiedades se avolumam na volta do seminário. As reuniões tornam-se mais freqüentes e o desejo de discutir a prática dos ateliês, vivenciando-a, dá origem a trabalhos nos fins de semana, animados pelos professores mais antigos da Escola. É assim que, com temas gerados pelo próprio grupo, há possibilidade de trabalhos cooperativos e diversificados, de busca de respostas a questões intrigantes, como por exemplo, "Por que o céu é azul?" (Anexo 5). A reflexão desse trabalho permitiu que os professores vivessem o percurso que faz uma criança dentro da perspectiva "freinetiana" para solucionar os seus problemas.

Nas reuniões que se seguiram, eles demonstravam que haviam percebido o porquê dos ateliês - de trabalhar os complexos de interesse. Em, função disso, paulatinamente, vão tentando "ligar" as suas disciplinas através de "planos de trabalho articulados". Um exemplo dessa busca se concretiza numa "maquete" cujo

⁴¹ Evento promovido pela UNESP/Distrito Oeste, (1987) sediada pela Campus de Assis e em conjunto com o CREM - Centro Regional da Escola Moderna - Pedagogia Freinet.

tema foi proposto pelas crianças, para a participação na Feira de Ciências, Letras e Artes de São Carlos (1988). O trabalho apresentado, versava sobre um problema que agitava a cidade naquela época: **"A poluição do Ribeirão que abastece a Cidade"**. Para a concretização do projeto, pesquisas se realizaram, resgatando-se necessariamente conteúdos da História da Cidade- sua fundação, seu desenho, seu crescimento; de ciências, solo, drenagem; de Geografia, relevo, vegetação, população, escala; de Educação Artística, experimentação de vários dos materiais para a feitura da maquete, papel machê, argila, madeira, tintas, cores. Na Matemática, as formas, as proporções. A disciplina Português contribuía dando suporte aos textos produzidos. Os professores animavam a discussão, orientavam os seus alunos, vivendo com eles a experiência de um trabalho verdadeiramente produtivo.

De outro lado, nas reuniões e assembléias foi possível documentar o envolvimento dos professores em momentos de parada, de reflexões, expressando o cuidado com a formação das crianças. Motivos, muitas vezes e aparentemente não tão relevantes, assumem proporções significativas pelo teor, pela forma, pela seriedade com que os assuntos são abordados. Assim como na Assembléia em que se discutia a colocação do "sinal", de "campainha" para o ingresso e término das aulas. No pátio da Escola, numa manhã de inverno, alunos, professores e direção tratam do problema. De forma organizada a questão se coloca:

- Instituir ou não o sinal em classes de 5ª. a 8ª. séries.

As crianças se inscrevem para falar, assim como os professores. A discussão se coloca em duas partes: Na **1ª. parte**, são tratados os problemas relativos ao cumprimento do horário, de pontualidade...

Marcelo - tem gente que faz corpo mole. Quando tem aula à tarde, às vezes a gente chama o grupo que está no pátio e eles fingem que não escutam.

Helô - Essa história de sinal, de professor ter que sair rápido da sala, corta o raciocínio da gente. Não pode ser tão rígido assim.

Marcelo - Se nós chegamos atrasados é chato, mas será que os professores também não atrasam?

Professora Leila - Para mim, o momento mais crítico é no recreio. Quando termina, alguns alunos me olham sem ver. Mas nós já temos idade para sabermos de nossas responsabilidades, assim como o Paulo falou. Todos já sabem ver horas, não sabem? Essa responsabilidade tem que ser uma constante para todos nós.

Marcelo O. - Mesmo se puser sinal será que ninguém vai atrasar?

Mariana - Tem que por sinal sim e tem que ter punição.

Professor Ademil - Vou fugir um pouco dessas colocações. O que eu penso é que a grande maioria de vocês estão nesta Escola em função de uma linha de trabalho, de pensamento, de uma proposta de ensino que se coloca como renovadora. De repente nós estamos fazendo uma assembléia para retrocedermos em algumas coisas. Discutir sinal, rigidez. Essa rigidez traz consigo também rigidez de pensamento. Se está discutindo estas coisas nesta escola que tem uma proposta de renovação... então eu penso que estamos aqui porque as pessoas não tem disciplina interna e quando eu digo isso é de alunos, professores, administradores. Não era para estarmos discutindo essas coisas aqui e sim avançando em propostas pertinentes à proposta da Escola. Sinto que estamos patinando... cabe à gente se repensar, se reestruturar em termos da auto-disciplina, que quer dizer organização interna.

Os alunos aplaudem o professor.

Professora Ivonete - Eu acho que está faltando respeito...

Renata V. - Tá certo que queremos brincar, mas na aula não dá pra ter tantas interrupções... isso não é legal.

Paulo E - Na troca de professores os alunos não deveriam sair da sala - isso também atrasa a aula.

Paulo L - Nós temos que pensar na Escola toda. Tudo tem que funcionar direitinho. Se nós quisermos assim, vai ser assim.

Marina - Eu estou aqui pensando... será que se colocar o sinal ninguém vai atrasar mais?

Professora Ivonete - Proponho que a gente se divida em grupos e com base nos argumentos já postos, a gente possa na segunda parte, discutir propostas...

2ª. parte:

Piccin - Eu só queria colocar que o sinal vai adiantar sim. Acho que se deva dar 5 minutos para entrar. Se atrasar mais perde a aula. Tem que ter punição.

Professora Ivonete -É uma proposta?

Piccin - É

Professor Ademil pede para falar -

Fernando - A Renata está inscrita primeiro. Tem a Helô, a Lud. e o Piccin.

Renata D - O ano passado a gente fez uma entrevista com a Silvia e nós dissemos para ela que uma das coisas mais legais que temos aqui é essa liberdade que temos e que a diferencia de outras escolas. A liberdade de pensar de falar o que pensa, de discutir. Se precisar colocar o sinal já não será mais como sempre foi. Se vai perder um pouco o esquema da Oca. É só ver... nas outras escolas, quando é que puseram a gente para dizer o que a gente pensa? Nunca! Se eles fazem reunião é para dizer o que eles já decidiram. Então, aqui, a gente tem liberdade de opinar, de decidir. Então cada um deve saber da responsabilidade que tem, de saber para onde pode ir. Muitos alunos tem dificuldade para saber isso, pensa que a liberdade é sair por aí e fazer o que quer.

Os alunos e professores aplaudem a fala da Renata.

Helô - Mas porque a gente não experimenta o sinal?

Lud - A gente tem que pensar bem o que a gente quer antes de decidir.

Piccin - Nas outras escolas tudo é organizado porque todos sabem que se atrasar perde a aula mesmo. Nós mesmos atrasamos por querer e ainda pegamos um pedaço da aula. Tem que ter punição.

Professor Ademil - Piccin, o seu posicionamento é muito diferente dos outros alunos que são ouvidos desde o pré, desta escola. Eu quero te dizer, que essa marca da punição é muito característica da escola tradicional. Uma marca definitiva porque desde pequenos vocês vão internalizando determinadas atitudes que são impostas por uma ordem burocrática que vai determinando... Olha, tocou o sinal é "plin plin", todo mundo corre porque sabe que perde a aula. É uma ordem repressiva porque as vezes chega uns minutinhos atrasados e perde a aula. O prejuízo é muito maior. É preciso ter disciplina, saber cumprir os compromissos, sozinho. Por que sinal, punições?

Professora Leila - É isso mesmo. Será que o sinal vai mudar a maneira de ser de cada um? Será que vai deixar mais responsáveis? Acho que temos que partir para a conscientização... temos que aproveitar essa liberdade que temos aqui. Temos que saber usá-la.

As crianças aplaudem a professora.

Professora Ivonete - Acho que já esgotamos essa discussão na 1ª. parte. Vamos às propostas.

Propostas:

1- Marcelo - Nós achamos assim: Sinal não e 15 minutos de atraso depois perde a aula. É para não atrapalhar a classe. Todos entram juntos.

- **2- Dudu** - Só sinal na entrada e na saída. Tolerância de 15 minutos na 1ª. aula.

3- Renata - Sem sinal e 15 minutos de tolerância. Todos entram juntos. Depois disso, espera a 2ª aula.

Professora Ivonete - Essa proposta é igual a do Marcelo.

Professora M. Alice - Podíamos experimentar, durante um tempo, utilizar o sinal.

Professora Ivonete - Responde a pergunta se o sinal é em todas as aulas. Gente, se é compromisso não se pode por tolerância em todas as aulas. O que nós queremos é que vocês pensem o individual no coletivo. Se eu chego atrasada em todas as aulas, eu vou estar atrapalhando o coletivo... temos que ver o interesse de todos.

Processa-se a votação: **A primeira proposta é vencedora.** Continua sem sinal e tolerância de 15 minutos. Todos, os atrasados, aguardam a entrada juntos para ter somente uma interrupção.

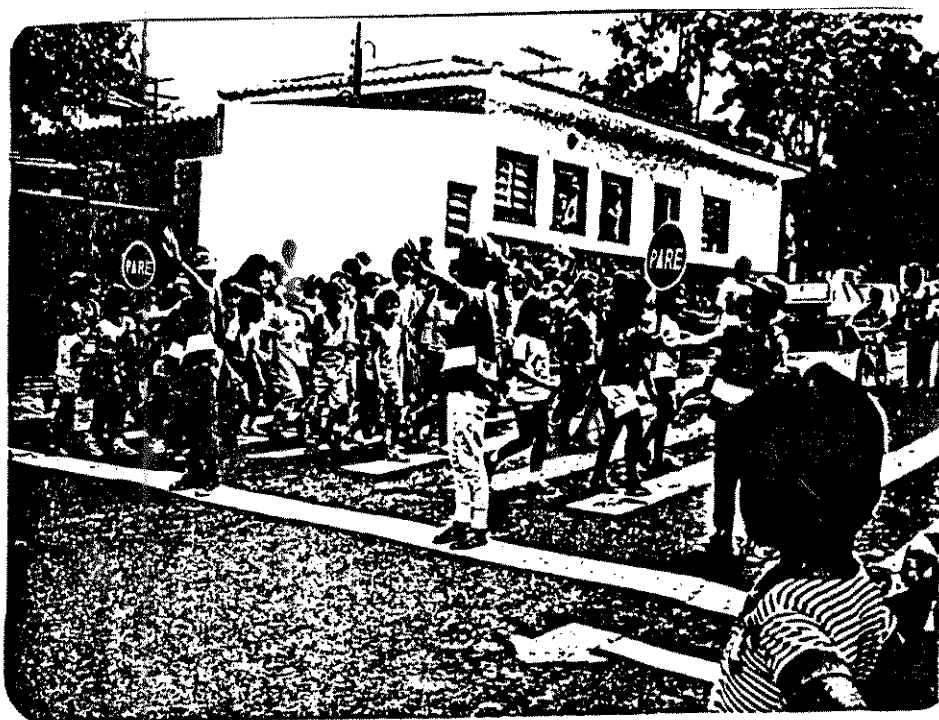
Esse longo trecho da Assembléia se justifica vez que evidencia-se, de um lado, a fala contundente dos professores, no sentido da auto-organização das crianças, de se colocar, sem máscaras, contra toda ordem (punitiva) imposta, sem questionamentos. De outro, a fala das crianças "antigas" da Escola, não querendo perder, mesmo que parcialmente, sua liberdade, liberdade com compromisso, com responsabilidade. Assim, como disse Freinet.

"Não somos pela liberdade total da criança. Nem teórica, nem praticamente. Acreditamos que a noção de liberdade é um desses guindastes metafísicos que sempre se manobra contra o povo e contra a própria liberdade. Não existe nem na escola nem na sociedade, liberdade pura e simples"⁴².

⁴² Freinet, Celestin. In: Freinet, Élise. Op. cit. (1979), p.112.

Além disso, a certeza de que o ensino vai se processando agora, nos mesmos moldes de 1ª a 4ª séries.

Educação para o trânsito é tema do momento. Os professores não desperdiçam a oportunidade e aceitam de bom grado a implementação do **Projeto Vida na Escola**⁴³ — solicitação da Polícia Militar de São Carlos. Eles percebem a importância desses "conteúdos" para a formação de seus alunos.



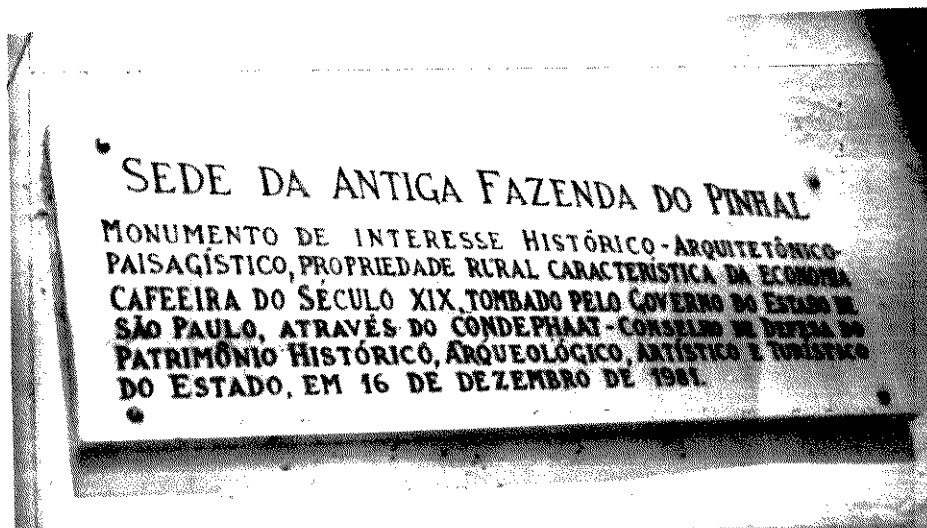
Descobrem também o significado das aulas-passeio⁴⁴ e tornam-nas freqüentes na Represa do Broa (Itirapina); no Museu do Ipiranga, na MASP em São Paulo, na ESALQ em Piracicaba, no Parque Ecológico, nas Fazendas Canchim e do

⁴³ Esse projeto piloto foi desenvolvido e testado na Escola para, posteriormente, ser aplicado nas demais de 1º Grau. Envolvem aulas teóricas e práticas.

⁴⁴ No histórico da Escola, mostramos a importância da aula-passeio quando relatam o início da vida profissional de Freinet. Outros professores, membros do movimento da Escola Moderna têm, também, nos trazido informações importantes sobre as Técnicas Freinet. É o caso de Christian Platteau, que sugere as formas de organização das aulas-passeio de modo que as crianças dela possam realmente se beneficiar. Assim ele diz: "Fazer uma aula passeio é fazer a Escola fora dela; é criar uma situação nova que requer **uma organização** diferente e que permite analisar, abstrair, simbolizar, informar-se para comunicar; é um verdadeiro trabalho." Platteau, Christian. A Investigação (Aula-Passeio); ICEM, Mimeo.

Pinhal em São Carlos. Dessas visitas, conteúdos de ensino trabalhados⁴⁵ (Geografia, Ciências, História), relatórios documentados feitos, além de montagens de peças de teatro evocando o passado. Como por exemplo, Casa Grande e Senzala, que revive cenas possíveis na Fazenda do Pinhal, na época áurea do café...

A Aula Passeio⁴⁶



⁴⁵ Veja-se Anexo 6, pesquisa envolvendo conteúdos de História e Geografia, originando-se dessa visita.

⁴⁶ Essa aula-passeio foi realizada em novembro de 1988, (pela 2ª turma de 1º grau, ingressantes em 1984). Após a visita eles construíram o texto da Peça de Teatro, que foi apresentado e encenado no início do ano seguinte. Esse trabalho foi um trabalho interdisciplinar (Português/História/Geografia/Artes).

O texto da peça: sua construção

TEATRO: DA SENZALA À CASA GRANDE

Introdução

Na segunda década do século XIX, o café atingiu o Vale do Paraíba, tornando-o a região mais rica do país e durante muitos anos, na principal região produtora, dinamizando áreas como: Vassouras, Valença, Barra Mansa, etc. Quando o café ganha definitivamente as terras ricas do interior de São Paulo, a produção sofre uma aceleração muito grande, tornando-se o Oeste Paulista: Campinas, Limeira, Itu, Sorocaba, São Carlos, Ribeirão Preto o principal centro produtor e exportador do país e o responsável pela economia brasileira do século XIX.

Ressalva

O texto que será apresentado foi uma elaboração coletiva da 6a. série, como reflexão e análise da economia do século XIX, que teve como ponto de partida a visita realizada à fazenda Conde do Pinhal.

Os vários momentos retratados na peça foram coletados na literatura sobre o assunto, não significando portanto que tenha ocorrido na fazenda.

1ª. cena: A Missa

Capelão rezando, escravos participando.

Escravos em coro:

Estamos chegando do fundo da terra

Estamos chegando do ventre da noite

Da carne do açoite nós somos

Vimos lembrar

Estamos chegando das noites dos mares

Herdeiros do banzo nós somos

Vimos chorar

Estamos chegando do chão dos quilombos
 Estamos chegando do som dos tambores
 Dos novos palmares nós somos
 Viemos lutar.

2ª. cena: Os escravos voltam ao seu trabalho.

Na casa grande:

Senhor: Maria Antonieta, lembre-se que chegará hoje Ana Luíza, ela é conhecida como uma abolicionista ferrenha. Ouvi dizer que ela pertence a um grupo de caifazes do Rio de Janeiro.

Senhora: Moncerrat, não acredito. Ana Luíza é de tão bons princípios familiares, não poderia pertencer a esse tipo de gente.

Sinhazinha: Concordo com a mamãe.

Senhor: Mas é melhor prevenir.

Sinhazinha: Mamãe, posso passear no pátio?

Senhora: Sim. Jandira, vá com Rosália passear.

Jandira: Sim, senhora.

3ª. cena: Os escravos trabalhando no eito.

4ª. cena: Rosália vê Ana Luíza chegando e avisa seus pais.

Rosália: Papai, mamãe, Ana Luíza chegou.

Todos vão recebê-la.

Senhor: Bom dia Ana Luíza. Seja bem vinda ao Solar dos Andrades.

Ana Luíza: Obrigada.

Todos se cumprimentam e entram para a casa.

5ª. cena: Na senzala...

Mucama: Chegou da capital uma abolicionista, seu nome é Ana Luíza.

Escravo: Isso é bão, ela pode ajudá nós a lutá.

Mãe Zulu: Moça Branca tem bons sentimentos, ouvi o aviso de que vai sê ganho pra gente escrava.

Mucama: Agora tenho que voltar para o meu trabalho.

6ª. cena: A família do senhor está conversando na varanda...

Senhora: Jandira, traga-nos chá com torradas.

Ana Luíza: Eu soube que o Senhor possui um número razoável de escravos.

Senhor: Sim, possuo e os trato com pulso firme. Para isso tenho um capataz que os mantem muito obedientes.

Ana Luíza: O chá está ótimo, a propósito, eu gostaria de, após o chá, visitar a senzala e tenho também grande curiosidade de conhecer o seu capataz.

Senhora: Mas como! A senhorita, uma moça tão refinada vai visitar aquela imundice!

Ana Luíza: Sim! Eu insisto em ir!

Senhorinha: Naquela imundice, nunca colocaria meus pés lá!

Jandira, acompanhe Ana Luíza até a senzala.

7ª. cena: Ana Luíza conversa com Jandira pelo caminho. Quando elas chegam na senzala, Ana Luíza pergunta como é a vida do escravo, então eles contam. De repente, chega o capataz e fala com braveza para os escravos irem trabalhar.

8ª. cena: Ana Luíza volta à casa grande e conversa com o Senhor.

Ana Luíza: Seu capataz é muito agressivo e bruto.

Senhor: Com escravos tem-se que ser assim.

Eles continuam discutindo e o Senhor expulsa Ana Luíza da fazenda.

9ª. cena: Ana Luíza vai embora. Em seguida a Princesa Isabel assina a Lei Áurea, que dá total liberdade aos escravos. Depois Dandara e os escravos comemoram.

Dandara se aproxima do público e diz:

- Não adiantou nada a libertação dos escravos, pois eles saíram de um buraco (a escravidão) e foram jogados em um muito mais profundo: o da miséria,

desemprego e preconceito. O pior é que até hoje, na atualidade, ainda é assim e principalmente a mulher negra, que é duplamente discriminada: por ser mulher e por ser negra.

Texto coletivo elaborado pela turma da 6ª. série (1989), tendo como organizadores e orientadores os professores Ademil (História) e Maria Alice (Português).





... É assim que O Folclore Brasileiro também pôde ser vivenciado pelos alunos da 8ª. série em 1990⁴⁷.



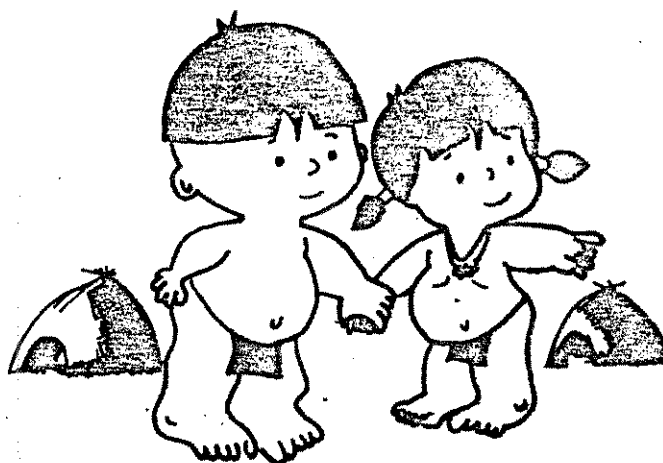
⁴⁷ Alunos da 1ª. turma de 1º. grau. Ingressante em 1983.

É assim que em 1989 as crianças constróem o seu Jornal Escolar, com uma outra feição. Aparece o Folhoca abrangendo toda a Escola... Agora, também os professores e os pais, dele participam. Vejamos a contribuição das crianças da 7ª série, em especial página 6 e 7... "Pesquisando". Veja-se também a propaganda das gravadoras e das flores de sabonete, em pleno vapor nessa época!

Jornal nº 1, Ano 1, 1º/ 1989

FOLHOCA

OCA DOS CURUMINS



**ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL
E PRIMEIRO GRAU
São Carlos - SP**

CONSELHO AOS PAIS

Neste livro, Freinet coloca algumas questões básicas que podem colaborar na tarefa de educar filhos.

Ele nos fala para organizar a vida da criança com atividades interessantes e dinâmicas para que o fluxo de vida que possuem possa ser aproveitado e não desperdiçado. Esse aproveitamento pode ser realizado com a ajuda de hábitos e regras familiares, que se estabelecem com o objetivo de organizar tarefas e deveres. Um detalhe importante: essas regras devem ser aplicadas a todos os elementos da família, para que as crianças tenham chance de perceber seus pais não como semi-deuses, mas como pessoas humanas, falíveis, amigos que são seus primeiros apoios e guias.

A experiência de vida é a grande mestra e a convivência familiar ensina, desde cedo, as bases fundamentais do relacionamento humano. Portanto, é no cotidiano doméstico que podemos transmitir à criança tudo aquilo que acreditamos ser importante. Proporcionar oportunidades para que a criança manifeste e enriqueça suas potencialidades é o eixo da tarefa educativa. Colaborar para que a pessoa encontre canais de desenvolvimento satisfatórios e cooperativos dá muito mais resultado do que a repressão de comportamentos indesejados.

Freinet coloca que alguns pais se sentem inseguros, oscilando entre o "autoritarismo tentador" e o "liberalismo exagerado", e aconselha à procura da condição de "pais camaradas", pais que aplicam a autoridade de guia e não o autoritarismo. Muitas vezes a criança necessita de um limite externo para que possa disciplinar suas demandas e contextualizá-las com a realidade.

Freinet pede que não nos esqueçamos que viver e desenvolver-se constituem aprendizagem diária e o exercício da reflexão pode colaborar para que busquemos novos caminhos.

FREINET, C. "Conselho aos pais", Editorial Estampa, Lisboa, 1970.

Por: Maria Fernanda Lopes
Psicóloga

A FORMAÇÃO DO LEITOR

A afirmação de que "quem lê vale mais" pode ter em si mesma uma conotação ideológica, principalmente depois de Paulo Freire afirmar que "a leitura do mundo precede a leitura da escrita". Independentemente porém de juízos de valor, não se pode esquecer que o ato de ler é libertador. Um dos efeitos da leitura é o aprimoramento da linguagem, da expressão. É uma sociedade que saiba se expressar é mais lúcida, mais criativa, menos manipulável. Entretanto, para que o indivíduo se transforme num leitor crítico, maduro, é preciso colocá-lo o mais cedo possível e assiduamente, em contato com livros. O valor da leitura se concretiza na obra literária: através dela o leitor se torna mais capaz de ler o mundo e de dar significado a ele.

Nas duas últimas décadas a exploração editorial tem colocado pais, professores e especialistas de leitura frente a um número imenso de produções para o público infantil-juvenil. Essa multiplicidade de opções pode levar a um impasse quando se trata de escolher o "melhor" para as nossas crianças. Queremos que elas leiam, queremos transformá-las em leitores assíduos. Como escolher? O que dar para a criança ler? A resposta, que poderia parecer complicada, é bem simples: livros... Levá-la à biblioteca, à livrarias, deixá-la tocar esse objeto caixa-de-surpresas, sentir seu cheiro novo ou usado, folheá-lo, encantar-se com seus ícones, letras, números e elementos pictóricos. Permitir a ela escolher, segundo um gosto seu, em formação, mas ainda assim próprio, peculiar. Como adultos, podemos também sugerir, afinal é esse nosso papel (uma criança dentro de nós

ainda direciona nossas decisões). Nesse momento, o que deve se estabelecer entre nós e os pequenos é uma "complicidade" baseada em laços afetivos, principalmente colocando-nos como relatores do conto. Contar histórias, permitir o confronto, o encontro que pode vir a se constituir num enamoramento, numa relação fecunda: interlocutores daquele que escreve (o autor) no ato solitário de ler, para nós (leitores) todas as ligações com a vida são possíveis.

Assim se forma o leitor, através de uma dupla postura: a primeira, permissiva - a de semear livros à mão-cheia - e a outra de respeito - a liberdade que se outorga ao indivíduo para que possa escolher entre múltiplas opções.

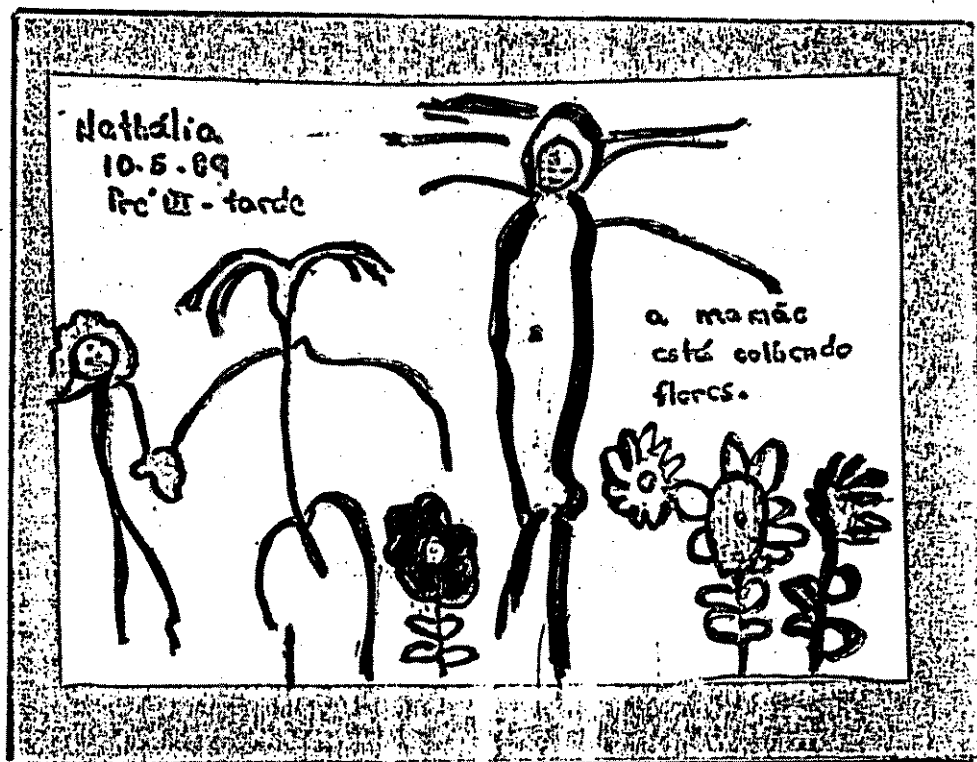
Dentro desse posicionamento cabe a nós, adultos, um importante papel: o da orientação. E, nesse caso, devemos iniciar nossa tarefa o mais cedo possível, pois dados da UNESCO indicam: se até os 11 anos a criança não adquirir o gosto pela leitura, depois só excepcionalmente o fará.

O papel de "orientador da leitura" cabe aos pais e, principalmente, à escola. Os professores reconhecem suas limitações em termos de realidade brasileira, num país de analfabetos, pouca é a preocupação dos cursos de formação de professores com uma leitura que vá além da alfabetizante.

Sendo essa a nossa especialização, fomos convidados pela "Oca dos Curumins" para encontros semanais onde se discute a for-

mação do leitor. Objetivos foram estabelecidos: no final dos debates esperamos tenham os professores adquirido compreensão da significância da leitura para o universo imaginário, cognitivo e social da criança, bem como subsídios teórico-práticos, para um trabalho efetivo com literatura em sala de aula.

Vera Lúcia Nello Chievisi



NOSSA BIBLIOTECA

Com menos de 2 anos de idade, a nossa biblioteca já está conquistando espaço nos corações de nossos "curumins".

Com o passar do tempo, crescem o interesse e o cuidado com nossos livros. Às vezes, precisamos tomar algumas atitudes (como a aplicação de multa, por exemplo) para lembrar a necessidade de organização e responsabilidade de cada um em relação à utilização da biblioteca.

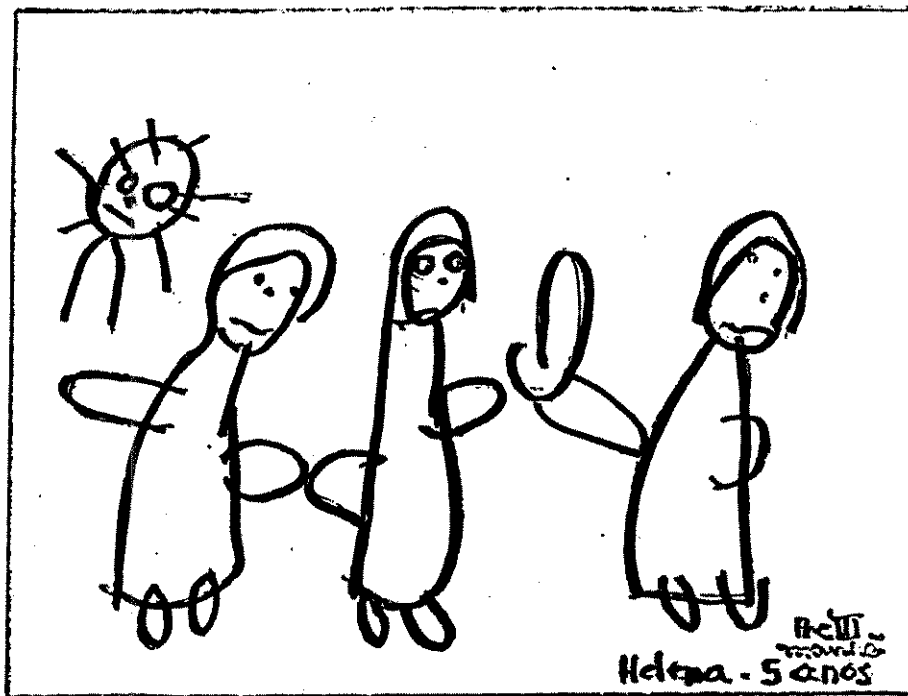
A participação das crianças, de um modo geral, tem sido ativa, e já alcançamos um relacionamento bastante direto.

Muito trabalho ainda temos a fazer para que as crianças se habituem e continuem desenvolvendo o gosto pela leitura. Os resul-

tados estão apenas começando a surgir. Protegemos muito mais! Para isso precisamos ter um acervo que atenda às necessidades de todas as crianças e que, cada uma, possa encontrar uma leitura adequada à sua idade e ao seu interesse. Estamos procurando também melhorar o material de apoio às pesquisas realizadas pelas crianças.

A biblioteca tem grandes chances de atingir seus objetivos, já que tem contado com a colaboração de pais e professores da escola. Contamos com o apoio de todos para a continuidade de nossos trabalhos.

Suzel E. T. do Prado
Bibliotecária da Oca



BRINCANDO COM MASSINHA

Quase toda criança gosta muito de brincar com massinha. Por que não aproveitarmos algo que é tão agradável às crianças, para tentar ensinar-lhes algo? Pois foi o que aconteceu.

Eis aqui uma experiência bem legal feita com massinha.

Começamos a fazer a massinha e aproveitamos para observar a quantidade de ingredientes nela colocados.

Conversamos a respeito das quantidades e através dos dedos das mãos pudemos observar que colocávamos de sal, a metade da quantidade que colocávamos de farinha.

Aí então, surgiu uma parte muito interessante na brincadeira. Eu, a professora, comeci perguntar sobre as quantidades e a contar com eles. Fiz perguntas do tipo:

- E se colocássemos 4 copos de farinha quantos copos de sal deveríamos colocar?

- Fábio L. - deveríamos colocar 2 copos de sal.

- E se eu colocasse 1 copo de sal?

- Fernando - colocaríamos 2 de farinha.

E assim fomos fazendo até o momento que eu perguntei:

- E se eu colocasse 3 copos de farinha?

Alguém disse que eu deveria colocar 6 copos de sal.

Isso foi bom para percebermos que esta criança já havia percebido que tínhamos que "dobrar" a quantidade de ingredientes, mas, não sabia direito de qual ingrediente.

Então veio a minha pergunta:

- O que devemos colocar mais na massinha? Sal ou farinha?

Pegamos então a nossa 1ª receita e praticamente todas as crianças da sala, responderam que era farinha.

Com isso, perceberam que não poderiam colocar 6 copos de sal em 3 de farinha.

A brincadeira, acabou sendo uma experiência super interessante.



Pré IV da tarde
Turma da Floresta Negra
Professora: Valdinéia

FAZENDO OVOS DE PÁSCOA

Este trabalho surgiu a partir de uma conversa sobre a Páscoa.

Fizemos nossa reunião inicial e, como a Páscoa estava se aproximando, as crianças já começavam a comentar sobre a mesma, e sobre os ovos que iam ganhar.

Surgiram várias dúvidas sobre o coelho, como por exemplo: se ele botava mesmo o ovo ou não (algumas crianças disseram que ele botava ovos, mas não de chocolate). Surgiu então a ideia de confeccionar ovos de páscoa.

Foi marcado o dia para fazer os ovos (21/3/89). A professora trouxe o chocolate e uma amiga dela, a Rosalma, veio nos ajudar.

Logo na chegada, sentamos e juntos ralamos o chocolate (com ralo fino) e depois fomos à cozinha. A Rosalma colocou água em uma panela e pôs um pouquinho de chocolate num pires. Ela foi explicando que a água não poderia ferver e que, a hora certa de pôr o chocolate na água é quando forma bolhinhas no fundo da panela. Todo mundo olhou o momento de colocar o pires com chocolate na água. Desligamos o fogo, colocamos o pires

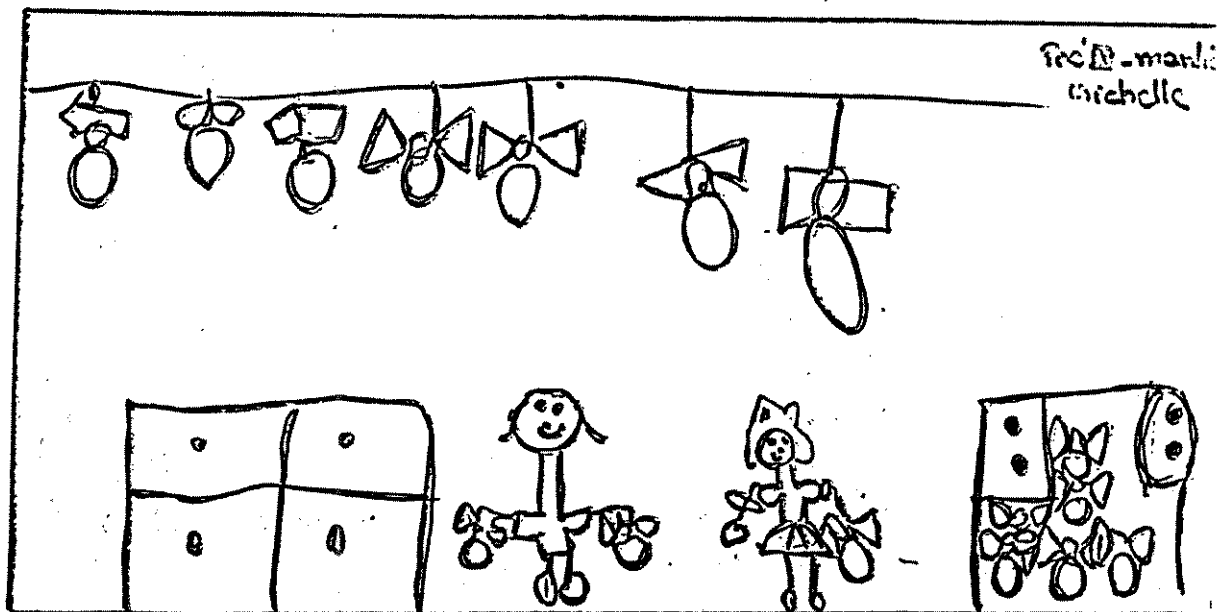
e observamos que o chocolate começou a derreter. Misturamos bem e adicionamos o resto do chocolate ralado. Batemos até formar umas bolhas e estava pronto para ser enformado.

Com uma colher de café, enchemos as forminhas e depois as batemos para o chocolate assentar bem. Colocamos no freezer para endurecer e a expectativa foi muito grande por parte de todos. Fomos brincar no parque mas, a todo instante, vínhamos olhar as formas e ver se o chocolate já havia esbranquiçado para poder desenformar. Quando estava no ponto, a alegria foi geral e começamos a tirar os ovinhos e colocando-os em uma bandeja. Foi explicado às crianças que não poderiam colocar as mãos por 24 horas, senão o ovo amoleceria e não voltaria mais ao ponto.

Na manhã seguinte, a primeira coisa que fizemos foi olhar os ovos e ver como haviam ficado. Depois, embrulhamos os ovinhos e estavam, finalmente, prontos para serem levados para casa.

Foi uma experiência muito gostosa!

TURMA DA CASCAVEL
PRÉ IV- MANHÃ
PROF. MARIA TEREZA



PESQUISANDO ...

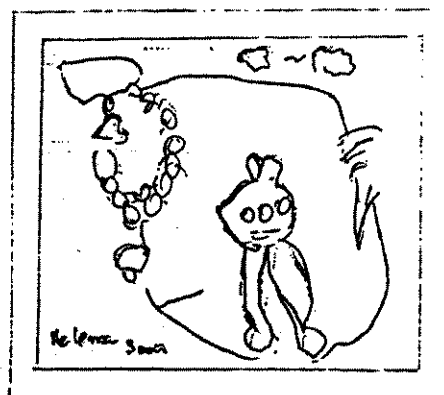
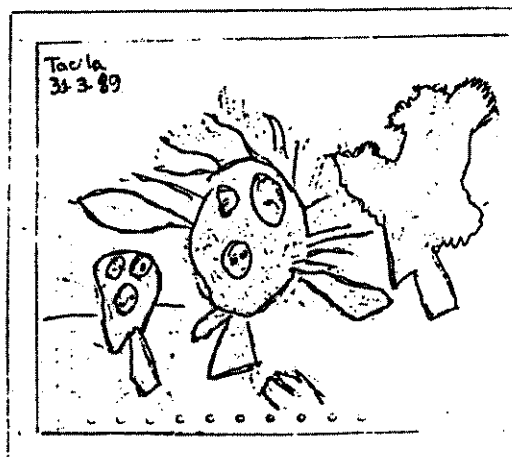
O interesse da 7ª série pelo assunto dos extra-terrestres surgiu a partir de um documentário exibido pelo "Fantástico" (T.V. Globo).

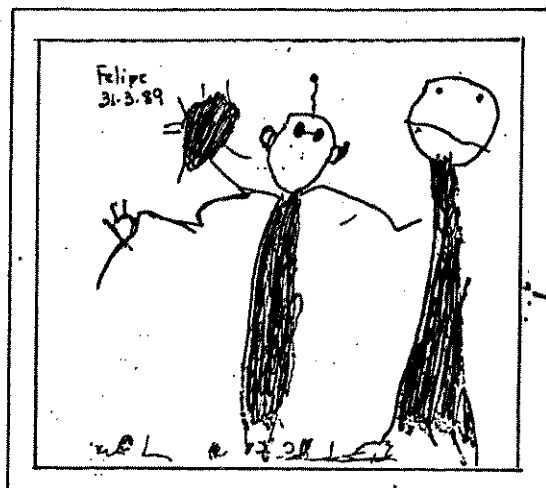
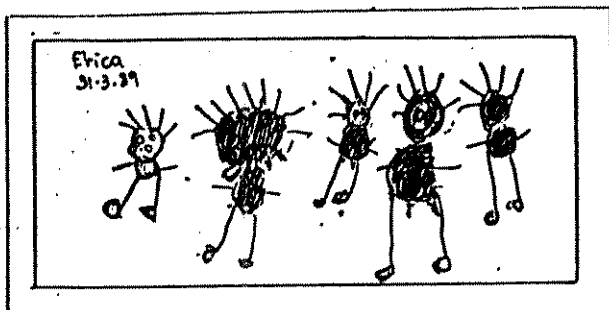
O documentário, a partir de entrevista com pessoas que dizem ter sido raptadas por seres extra-terrestres e pela afirmação da captura de três extra-terrestres pela N.A.S.A., discutiu a existência e vinda desses seres para a Terra.

A maioria da nossa turma acredita na existência de extra-terrestres, pois o universo é muito grande para existir apenas na Terra uma forma de vida. Porém não podemos afirmar a existência por insuficiência de fatos. Quanto aos fatos apresentados pelo documentário, temos dúvidas se são verdadeiros.

Querendo saber a opinião das crianças da escola, fizemos então uma pesquisa com as da pré-escola e as de 4ª, 5ª e 6ª séries.

Para as crianças da pré-escola, nós perguntávamos se acreditavam ou não em extra-terrestres. Entrevistamos crianças dos dois prés-III e dos dois prés-IV. De todas essas crianças, só 3 não acreditavam. Depois das perguntas, pedimos para elas desenharem extra-terrestres, do jeito que eles achavam que eram. Para escolher os desenhos para o jornal, expusemos todos de cada turma, fizemos uma votação e escolhemos alguns (procuramos escolher os mais originais).





a) baixinhos, têm cabeção, são mais inteligentes que a gente e são bons;

b) são almas;

c) são feios;

d) tem de vários tipos;

e) altos e magros;

f) são carecas, gordos, têm olhos pequenos, têm só uma perna e têm membros menores que os nossos;

g) têm olhos grandes e pretos, são mais avançados que nós, são baixinhos, magros e cabeçudos;

h) são do bem;

i) têm forma abstrata;

j) são pequenos;

l) são gordos, não muito peludos e um pouco grandes;

m) têm olhos e bocas diferentes dos nossos;

n) são verdes.

Com essa pesquisa concluímos que mais da metade das pessoas entrevistadas acreditam na existência de extra-terrestres, porém, quanto à forma que têm, há muita confusão.

Como a gente, ninguém tem certeza porque não tem como provar. Precisamos de mais informações.

Para fazer a pesquisa com as crianças da 4ª à 6ª séries, dividimos cada sala em grupos de 5 pessoas, cada um, e fizemos as seguintes perguntas:

- 1) Você acredita na existência de extra-terrestres?
- 2) Você acredita que eles foram capturados ?
(Por que ?)
- 3) Como você acha que eles são ?

amostra : 29 alunos

sim	não	indefinidos
1) 19- 65,5%	7- 24,1%	3- 10,4%
2) 4- 13,8%	22- 82,8%	3- 10,4%

Na pergunta 3, as respostas que apareceram foram:

Texto coletivo elaborado pelas crianças da 7ª série, a partir dos resultados obtidos na pesquisa realizada.

A ORIGEM DO NOME "ÍNDIO"

Quando Cristóvão Colombo descobriu a América pensou que estava chegando na Índia e isso fez com ele chamasse os habitantes de lá de índios.

Algumas pessoas os chamam de "peles vermelhas", porque a pele deles é meio avermelhada. Eles parecem muito com as pessoas da Sibéria e Mongólia com cabelo preto, liso e olhos grandes. Alguns têm caras quadradas, outros as têm redondas; uns são baixinhos, outros altos, enfim, são muito diferentes uns dos outros.

Os índios das Américas provavelmente vieram da Ásia por uma ponte de terra, onde agora fica o Estreito de Bering; esse movimento de pessoas começou cerca de 25 000 anos

trás e continuou por centenas de anos. Alguns dos primeiros a chegar foram os ancestrais do Dakota Sioux, depois vieram Apache e Navaho - que pareciam mais com os Asiáticos - e mais índios foram chegando, por fim vieram os Esquimós que chegaram cerca de 2 500 anos atrás.

Os índios mais antigos viviam da caça e de juntar comida, depois foram aprendendo a plantar, colher e viver em aldeias e tabas.

Pesquisa realizada a partir da enciclopédia: CHILDRENS' BRITANICA.

Isabel Santana de Rose
3ª série

FLORES DE SABONETE

Estamos fazendo flores de sabonete para colocar em seu guarda-roupa ou em seu banheiro, para perfumar sua casa.

Se você tiver interesse, procure -
- nos : Renata Priori Lima (6ª série)
Renata P. De Cresci (6ª série)
Ludmila Freitas (6ª série)

Preço: - sabonete pequeno: NCz\$1,50
- sabonete grande: NCz\$3,00

FOME E CULTURA

"-Lá vem a nossa comida andando."
(frase atribuída a um tupinambá, ao ver um branco).

Ao longo da nossa história, a moral cristã trazida pelos colonizadores, tem entrado em choque permanente com os conceitos éticos dos habitantes do lugar. É uma luta permanente entre alienígenas e indígenas. O primeiro choque começou no Descobrimento quando o espantado Caminha constatou que as nativas não tinham pejo em mostrar "suas vergonhas". A nudez, aliás, foi o que provocou maiores dissabores à vida dos indígenas: obrigados a envergar roupas, nunca entenderam a necessidade de lavá-las; deixando-as no corpo até se acabarem. E para os religiosos, além de impudicos, os selvagens eram sujos ...

Claro está, que o tempo muda tudo. Parte da igreja de hoje não pensa igual aos intolerantes catequistas e nossos conceitos morais, com a tv, deram uma virada total, a tal ponto que os "brancos" estão mais despidos que os índios. (Aguardem pois a nudez branca de Claudia Raia em "Kuarup", um filme com índios ...)

Nunca passou pela cabeça dos religiosos que seus conceitos morais tinham, na vida dos indígenas, outros parâmetros muitas vezes mais rígidos que os cristãos. Conceitos limitados como desconfiança, indolência, simulação, soberba, etc. imputados aos índios, só refletiam a intolerância dos catequistas. Além desses, os pobres índios se chocavam com o princípio da propriedade da terra, cujo significado não alcançavam.

Conta-se que um padre salesiano, em trabalho no alto rio Negro junto aos grupos Tukano, já tendo elaborado uma gramática, resolveu verter para a língua local orações religiosas. E começou pelo "Pai Nosso"; ele recitava, o índio intérprete traduzia e ele registrava por escrito. Quando chegou ao "venha a nós o vosso reino", o índio, sem entender o significado da palavra "reino", perguntou: "O que é isso?" e o padre registrou-a, ficando a oração, em tukano, mais ou menos assim: "Pai nosso que estais no céu, santifica-

dr seja vosso nome, venha a nós o que é isso ..."

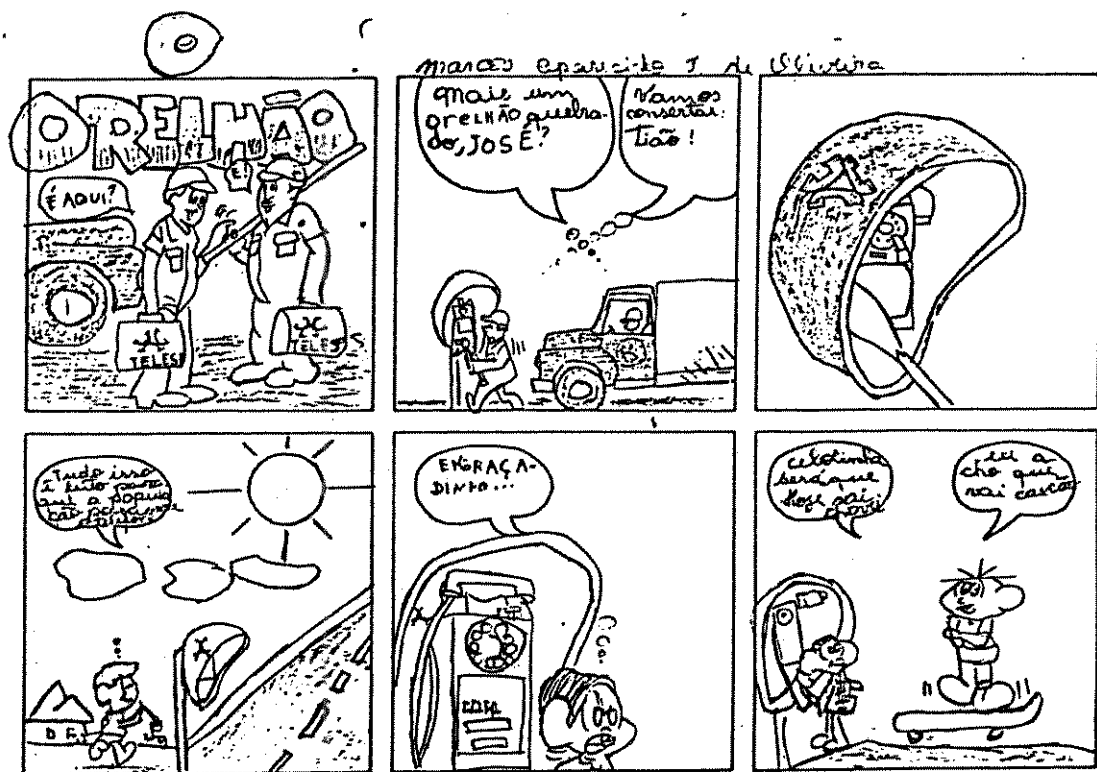
Martius, em sua viagem pela Amazônia, em 1620, no rio Japurá encontrou um grupo dos terríveis Miranha, cuja fama de antropófagos cruzava fronteiras. Martius questionou o chefe da tribo sobre sua antropofagia, descobrindo que "os sentimentos dos povos civilizados" eram-lhes completamente estranhos. Justificou-se o chefe Miranha dizendo que os brancos não comiam carne de macacos ou de jacarés que eram muito saborosas, porque havia abundância de tartarugas e ovos; se estes fizessem, certamente comeriam aqueles, pois a fome era penosa. "É apenas uma questão de hábito". E concluía com profunda sabedoria: "Depois de morto o inimigo, é melhor comê-lo do que deixá-lo apodrecer. O pior é a morte, não o ser comido".

Embora cristão, e católico, Martius não se escandalizou com esses argumentos porque percebeu neles uma justificativa econômica, e não moral. O Miranha dizia que o pior para o seu povo era morrer de fome e não comer uma caça conseguida em bom e limpo combate. Na mata, "caça grande é rara e não põe em vos como as tartarugas", dizia ele.

Agora isso, o chefe Miranha era um tremendo "gourmet"! "Não conheço caça de melhor sabor do que essa...", completava, certamente lambendo os beiços e botando um olhar insinuante à pálida tez do jovem cientista.

Nem é preciso dizer que Martius não dormiu naquela noite.

Getúlio Alho é escritor premiado nacional e internacionalmente, arquiteto ("Três Casas Indígenas", UFSCar) e pai da *bandeira* *do Geculdo*.



DIVERSOS

SUGESTÕES

- O Filipe, pai da Lígia da 4ª série, sugere que pais da escola, que tenham filmes de vídeo-cassete com programas que não interessam mais à família, mas que possam interessar às crianças da escola, entrem em contato com a escola, para proceder (se for o caso) a uma troca da(s) fita(s) gravada(s) por fita(s) virgen(s).

Obs: Este pai já ativou sua proposta, trocando duas fitas gravadas por duas fitas virgens.

- O Hélio, pai da Luciane da 2ª série, sugere que pais e escola organizem um churrasco de confraternização, na escola, com pais, crianças e o pessoal da Oca.

AGRADECIMENTOS

Tendo em vista as diversas colaborações que a escola tem recebido de pais e de simpatizantes, vemos aqui o espaço oportuno de agradecer:

- aos pais que participaram do Conselho de Escola e da A.P.M., auxiliando e apoiando o desenvolvimento de eventos realizados, bem como participando da discussão de diversas situações importantes para a escola, contribuindo com sugestões valiosas;

- aos pais que contribuíram para a ampliação do acervo de nossa biblioteca, fazendo doações de livros;

- à Marta Reali, mãe da Nana do pré III, por ter realizado o exame médico nas crianças das salas de 5ª, 6ª e 7ª séries;

- ao Moura (prof. da UFSCar), por ter se disposto a vir apresentar slides sobre Galápagos, para as crianças de 5ª, 6ª e 7ª séries;

- à Telma (Terapeuta Ocupacional - UFSCar) por ter atendido alguns de nossos alunos, apresentando sugestões para que possamos auxiliar, com maior eficiência, essas crianças;

- à Vera Chievinni (Pesquisadora em Educação - Literatura Infantil), por ter se dis-

posto a desenvolver, junto aos nossos professores e funcionários da nossa escola, um trabalho sobre Literatura Infantil;

- aos pais que têm colaborado, respeitando nossos horários ;

- enfim, a todos os pais e simpatizantes que, de alguma forma, nos estimula a continuar desenvolvendo nosso trabalho.

MUSIC AND EMOTIONS



TEMOS A SUA DISPOSIÇÃO:

- dino straits
- bruce springsteen
- ultrage a rigor
- paralamas
- titãs
- beatlas
- cazuzza
- lulu santos
- marina

GRAVE

SUA FITA

-val/scotch/
bas f/gradient
tdk

EQUIPE:

marcel-
marcelo
michael
alexandro

É assim que em 1989, agora mais crescidos e mais experientes, os alunos podem viver — "democraticamente" — o processo eleitoral. Seus professores fazem, agora, papel de mediadores.





É assim que nas pesquisas se tem a certeza da apreensão dos procedimentos científicos, bem como a garantia de posicionamentos diferentes entre as crianças em termos dos conteúdos pesquisados⁴⁸.

ENERGIA NUCLEAR: SIM E NÃO - 8ª. série, 1990

A Rosa de Hiroxima

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rosas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada

Vinícius de Moraes

Alunos da 1ª. turma do 1º. Grau. 1990 - 8ª. série

⁴⁸ E Ciari tinha razão quando dizia... "pretendo destacar que a aquisição do hábito científico se torna essencial ao desenvolvimento dos hábitos democráticos. É necessário à economia e é necessário à sociedade em geral; na nossa opinião, o hábito democrático moderno não pode subsistir sem que nele esteja compreendido, como parte essencial, o hábito científico." Nessa perspectiva e citando Gabelli, dizia: "O que é difícil de conseguir não é a ciência, mas sim o espírito científico, apto a construí-la". Construir esse espírito é, portanto, dever da escola. Ciari, Bruno. Op. cit., p.45 e 33.

A ENERGIA ATÔMICA é produzida por um dispositivo chamado reator atômico. As experiências e os estudos referentes à estrutura do átomo, e a maneira de produzir sua desintegração, abriram perspectivas / quase ilimitadas em matéria de geração da força motriz.

O resultado imediato da confirmação da idéia de que era possível fazer uma reação nuclear em cadeia com urânio levou à construção das primeiras bombas atômicas, do tipo da que foi lançada sobre Hiroxima e Nagazaki. Nestas bombas, bastou queimar 4 ou 5 K de Urânio (dos 20 K que a bomba possuía) para obter um efeito explosivo equivalente à explosão de 20.000 T de nitroglicerina.

Pela própria natureza da bomba, toda reação em cadeia ocorre rapidamente num tempo menor que um milésimo de segundo, da mesma forma que num explosivo comum.

O lixo atômico consiste dos resíduos que decorrem do funcionamento normal do reator: elementos radioativos que decorrem da sonda e que não podem ser reutilizados, ou que ficaram radioativos devido ao fato de entrarem em contato, de alguma forma, com o reator.

Normalmente se coloca o lixo atômico em grossas caixas de concreto para em seguida jogá-las no mar ou enterrá-las.

A energia nuclear decorre de uma reação nuclear, em que com a queda de partículas atômicas inferiores, imediatamente partículas superiores completam o espaço vago, desse modo produzindo energia em forma de calor.

A energia atômica trata do átomo e a nuclear trata de núcleo do átomo.

Um cientista chamado Bequerel descobriu que o urânio é um elemento radioativo, mas não sabia se era o único (época de 1896). Mas um casal chamado Pierre Currie e Mariá Sklodowska descobriu muitos outros elementos radioativos e, entre eles, um que, em relação ao urânio, era 900 vezes mais radioativo.

Este elemento era o rádio.

Lôgo depois, Bequerel descobriu os perigos da radioatividade ao pedir emprestado a Pierre uma porção de rádio para mostrar aos seus alunos; pôs esse tubo com o rádio em seu bolso, por algumas horas.

Dias depois nota, em sua pele, na região próxima ao bolso, uma ferida, que foi tratada como uma queimadura e sarou em dois dias. Depois disto, Pierre fez mais experiências sobre o rádio; os resultados foram os mesmos.

Assim, os médicos da época passaram a fazer estudos sistêmicos em animais e seres humanos, concluindo que a ação destruidora / da radiação sobre as células degeneradas (como a do câncer) sofrem muito mais intensamente seus efeitos que as células sadias. Começou, então / o tratamento pelo rádio.

Mas o rádio é um material raro e extremamente perigoso, que só deve ser manipulado com a proteção de substâncias densas, como / o chumbo.

O interesse nuclear no Brasil foi dividido em 4 etapas : a primeira, iniciada em fins da década de 40, que correspondeu a uma tentativa de desenvolver uma tecnologia nuclear autônoma, foi levada a cabo, pelas Forças Armadas sob o comando de Álvaro Alberto para o CNP (Conselho Nacional de Pesquisa). Essa tentativa foi interrompida em 1964, / com o golpe militar, quando o país optou por uma postura de dependência em relação aos EUA.

Entre 1967 e 1969, o Brasil decide pela construção da usina atômica da Angra I, de 650 mil Kw, comprada da Westinghouse americana por um preço de 350 milhões de dólares; isso na segunda etapa.

Em 1974 começa a terceira etapa do programa nuclear brasileiro através do acordo da cooperação nuclear Brasil-Alemanha. Isso não deu certo; no final da década de 70, o programa nuclear brasileiro / foi reconhecido como um grande fracasso. Nessa década ainda surgia outra usina nuclear : Angra II.

Alguns anos depois, Angra I estava atrasada pelo menos / dois anos, enquanto Angra II estava com seu ritmo normal.

Na quarta etapa iniciou-se um programa nuclear paralelo, que produzia uma tecnologia autônoma para o Brasil na área nuclear, controlada pelas Forças Armadas.

As usinas de Angra I e II dão mais ou menos 85 milhões / de dólares de prejuízo por ano. Nesses últimos anos foi feito um projeto para uma nova usina, Aramar, que deverá ficar pronta até 1992.

Hiroshima é uma base militar, situada no Japão, durante a segunda guerra mundial, foi bombardeada pelos Estados Unidos, que lançaram uma bomba atômica sobre esta, matando cerca de 66.000 pessoas e deixando 69.000 feridos.

Nagasaki é uma cidade, também japonesa, onde moravam 40.000 pessoas quando os Estados Unidos lançaram em 9 de Agosto de 1946, a segunda bomba atômica, que apressou o fim da segunda guerra mundial. Hoje, após reconstituída, tornou-se centro turístico.

Chernobil era uma usina nuclear, localizada na União Soviética, onde, em 1986, por um erro humano, ocorreu uma explosão, que causou a origem de uma nuvem radioativa, a qual cobriu a cidade onde se localizava Chernobil. Hoje, esta nuvem, como não pode ser destruída, circula de acordo com os ventos, podendo trazer vários problemas aos seres vivos. Esta explosão, só foi comunicada às pessoas que habitavam a cidade/ 36 horas depois, e estas abandonaram, então, a cidade.

Goiânia- Tudo aconteceu no começo de 1987, quando um homem chamado Wagner Motta Pereira achou, no meio dos destroços da demolição de um prédio, onde funcionava o Instituto Goiano de Radioterapia, um frasco totalmente fechado. Então ele resolveu vender aquilo para o ferro velho, mas aconteceu que o dono desse ferro velho resolveu abrir aquele frasco a pauladas, e achou um pó com uma cor azul lindíssima e fascinante. Este homem, dono do ferro velho, resolveu mostrar aquele pó para amigos seus, e aí começou toda a tragédia. As pessoas, sem conhecerem os perigos, passavam o pó no corpo, cheiravam, brincavam com o pó... cerca de 250 pessoas foram contaminadas e muitos morreram... puxa! Não dá para ser mais responsável e fazer uma vistoria naquele prédio?

Quando uma pessoa é atingida por radiação nuclear, suas células, ou seus átomos, ficam, podemos dizer, assim, "baratinados", dando à pessoa a possível condição de câncer, que, neste caso, é a doença mais comum. Devemos saber que os efeitos da radioatividade sobre os seres humanos podem ser imediatos, ou ter consequências futuras.

No caso de uma pessoa ser atingida e ficar com câncer, este pode atingir quaisquer partes ou órgãos de seu corpo. Se atingir os órgãos reprodutores, por exemplo, há uma alteração em seu comportamento. Assim, caso a pessoa venha a ter filhos, estes possivelmente serão defeituosos, podendo até não ser reconhecido como humanos. Se a pessoa atingida estiver grávida, também há a possibilidade de a criança ser defeituosa, ou ainda, nascer com câncer. Isto foi sempre fatal, pois a partir da hora em que nasce, a criança é sacrificada, ou, às vezes, é abortada.

Nós achamos que, em alguns lugares, as usinas atômicas são necessárias pela escassez de recursos naturais para a produção de energia elétrica. Se o país for utilizar esta fonte de energia, deve ser preparado (em caso de acidente, para manutenção, etc). Não como o Brasil, que comprou uma usina nuclear e que a instalou em lugar inadequado. Em caso de acidente, o Brasil não tem condições de controlá-la, e outra, o Brasil não precisa de usinas nucleares, pois ele possui várias outras fontes de energia.

Quanto às bombas nucleares, nós achamos que é um desperdício, uma mostra de poder, pois elas são caras e inúteis.

Luiz Alfredo e Paulo

O uso da energia nuclear é necessário apenas em regiões que não possuem grandes rios para moverem as turbinas das usinas hidroelétricas, por isso ela é um grande avanço tecnológico.

Há países que a usam de forma errada, construindo bombas atômicas capazes de destruírem o planeta. Há também países, como o Brasil, que possuem grandes rios para usinas hidroelétricas, mas, por meras questões políticas, constroem usinas nucleares inutilmente, pondo em risco a vida das pessoas da região e causando danos através da irradiação que a energia atômica produz. Ela causa várias sintomas de câncer nas pessoas, como aconteceu na usina nuclear de Chernobil e nas explosões de bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki.

Apesar de todos esses incidentes, a energia nuclear é muito útil, se usada com precauções e boas finalidades, pois ela é um grande passo tecnológico.

Pablo e Henrique

Eu acho que a energia nuclear é importante para o mundo, ela tem muitas funções que facilitam a nossa vida, nos ajudam a conhecer melhor o universo que nos cerca, e várias outras utilidades.

Só que ela deve ser bem programada, em países que têm necessidade da energia. O Brasil por exemplo, não precisa desse tipo de energia, ele tem muitos rios onde podem ser feitas muitas hidroelétricas, está certo que a hidrelétrica também estraga a natureza, só que seus danos são temporários, não como a usina nuclear, que causa problemas por

M
U
L
H
E
R
I
N
T
E
G
R
A
L

Eu vi você olhando nos olhos,
À mesma altura de todos,
Sem pedir licença pra sorrir,
pra andar, pra dançar, pra querer, pra fazer

Eu vi você mulher integral, andan-
do no caminho especial que a verdade do uni-
verso

Traça, sem precisar de escoras, nem
sofrer

Medo das ilhas de abandono,
Que já esmorece.

Eu vi, você, mulher,
Crescer serena e confiante,
Consciente da linguagem amena do
momento,
Crescer até a imensidão com que
brindou o universo,
Quando teve a felicidade de te in-
ventar.

Parabéns !

Você é a razão que condiciona o
repensar de minha prática cotidiana,
É a razão do meu existir.

Ademil Lopes
Prof. de História

GRAVADORA



Não perca a oportunidade de ter em sua casa, as
melhores músicas, das melhores (ruas como: Leão-
ão urbano; a-ba; diretrizes; etc...) ...
Você pede as músicas e nós gravamos
obs-tenos garantia

maiores informações tratar com HERMANO e
Paulo (7ª série)

tempo indeterminado, e que de repente pode estourar e causar vários problemas em tudo, além de apresentar um risco enorme em relação a humanidade.

A energia nuclear é importante, mas em determinados lugares.

Quanto à bomba, eu acho uma burrice, ela só vai destruir um imenso território, talvez até o mundo todo. Acho que ao invés de bombas é melhor construirmos usinas, ou empregarmos o dinheiro em outros setores.

Hermano

Energia nuclear? Pra quê? Ah, qual é? Com tantos outros meios para se produzir energia, para que energia nuclear, que é tão perigosa, capaz de destruir todo o mundo? É incompetência de quem mexe com isso, irresponsabilidade, pois arrisca a vida de milhares de pessoas, que, muitas vezes, nem sabem que esta existe e que é tão perigosa.

Tula

Vale a pena arriscar o mundo por uma forma de energia que não é necessária? Não há outras alternativas? Ninguém entende muito de energia nuclear, não é loucura usar o que não se conhece?

No Brasil há tantos problemas; por que gastar tempo e dinheiro com isso, sendo que a maioria da população precisa de educação, saúde e uma vida social estável?

Principalmente o Brasil, que, com tantos rios e tantas maneiras de produzir energia, foi escolher logo a energia atômica. Mesmo nos outros países onde não há abundância de rios, não é necessário o uso da energia atômica quando há outras maneiras de se produzir energia, como o aproveitamento da energia solar, dos mares, etc.

Uma das situações mais críticas é a de Angra I e II, que foram construídas nos lugares mais inadequados do mundo.

Marina, Michelle e Guilherme

É assim que a correspondência interescolar extrapola os limites do País. Com os colegas da Dinamarca trocam experiências, conhecimentos. A língua inglesa apreendida porque necessária. Vídeos e Fitas K7 com músicas e mensagens são trocadas. As crianças dos dois países se beneficiam e os professores, certamente, também.

Dear friends !

Kære venner!

How are you? We are all fine. Thank you for your letters. We

Hvordan har i det? Vi har det fint. Tak for jeres breve. Vi

enjoyed them very much. In Denmark it's winter now. It's very cold

nød dem rigtig meget. I Danmark er det vinter. Det er meget koldt

and sometimes it's snowing. The lakes are frozen so we can go

og nogle gange skiter det. Søerne fryser så vi kan

skating. What's the weather like in Brazil is it summer or what?

skøjte. Hvordan er vejret i Brasilien, er det sommer eller hvad?

We are now in December and christmas is near. We have a christmas-

Vi er i December og julen er nær. Vi har en jule-

calendar with 24 small doors. So that we can open one every day.

kalender med 24 små døre. Så vi kan åbne en hver dag.

Behind the small doors there is a picture maybe with pixes

Bag de små døre er der et billede måske med nisser



Or other things there belongs to christmas. On the T.V. there is a

eller andre ting der hører til jul. På T.V. er der en

christmas story with one part every day. This year it's telling

jule historie med en del hver dag. I år fortæller

about fatherchristmas and some secret pixes in Greenland. We

den om julemanden og nogle hemmelige nisser i Grønland. Vi

also have a big candle with numbers from 1 to 24. We burn a piece

har også et stort lys med numre fra 1-24. Vi brænder et stykke

with a number every day so that we can count the days

med et nummer hver dag så vi kan tælle dagene

until christmas evening. How do you celebrate christmas in Brasil?

indtil juleaften. Hvordan fejrer i jul i Brasilien

We send you a picture of our class. Merry christmas and a happy new year.

Vi sender jer et billede af vores klasse. God jul og godt nytår

LOVE
FROM

Your frinds from 7.B in Denmark.



É assim que textos bem elaborados pelos alunos provam, aos seus professores, que na escola, de fato, se aprendeu, se trabalhou...

Livia Bueno

CONCURSO DE REDAÇÃO

Realizado no dia 14/10/90

na 12ª. Feclar. 8ª. série

(trabalho premiado)

A MENSAGEM

Em um planeta desconhecido...

- Vamos, vamos já está na hora de visitarmos o tal "planeta Terra", disse o capitão dos ET.

- OK, mas a gente também precisa pegar algumas informações sobre este planeta, pois dizem que a Terra é um planeta desenvolvido e cheio de paz em todos os seus continentes, disse um dos ET.

- Tá, mas vamos logo, disse o capitão dos ET.

A nave espacial voou pelo espaço, entrou no nosso sistema solar, encontrou o planeta Terra e desceu. Mas a nave desceu, bem no Brasil, no estado de São Paulo, na cidade de São Paulo.

Desceram em um lugar que para eles era desconhecido. Desceram em um depósito de lixo.

O capitão disse ao sair da nave:

- Olhe! mas essa cidade não me parece maravilhosa. Ela cheira mal e é toda suja, disse um E.T.

- É verdade; então vou "checar" com o meu computador o que está havendo. Depois de um tempo, o capitão disse:

- O nosso computador diz que nós estamos no depósito de lixo da cidade e que aqui são jogados os restos de comida ou coisas que não serão mais utilizadas, e como aqui também temos materiais orgânicos em decomposição, ele "fedo" muito. Entenderam?! Vamos sair daqui para conhecermos outros lugares.

Pegaram a nave e começaram a sobrevoar baixinho. Eles foram parar bem no centro da cidade onde tem a maior concentração de prédios e o famoso rio Tietê. Chegando lá, o capitão disse:

- Vamos sobrevoar a cidade mais alto para vermos melhor.

Eles sobrevoaram e viram toda aquela fumaça, aquela poluição, o Capitão gritou:

- Atenção Terra: nossa missão é de Paz! Cessem fogo!

Ele pensava que nós da Terra, os estávamos atacando, porque eles viram toda aquela fumaça escura saindo de enormes chaminés, que para eles pareciam canhões lançando bombas e todo aquele mau cheiro, aquela agressão à natureza, aquele desequilíbrio entre o homem e o ambiente... Até que um deles falou:

- Capitão, eles não estão nos atacando. O capitão disse:

- Como não! E esses canhões essa fumaça, parece que estamos na 3ª guerra mundial! O E.T. disse:

- Mas não estamos; acontece que nesse planeta, principalmente no Brasil, as pessoas não respeitam a natureza não entendem que a natureza é para ser admirada, conservada e não destruída, explorada. As pessoas poderiam aprender a ter mais amor pela natureza e eu acho que se isso acontecesse, a Terra poderia viver em muito mais paz, alegria, confraternização e AMOR. Mas me parece que são poucas as pessoas que pensam assim, ou melhor, a maioria das pessoas não pensam assim, é uma pena...

Bom, quem sabe eu () um dia não fui esse E.T. e passei essa mensagem de amor para a Terra... Se você não foi esse E.T., pense sobre esse assunto e também passe a sua mensagem de amor para a Terra, pois quem sabe um dia nós podemos juntos começar a defender e preservar a natureza!

Pensamos ter conseguido dar "mostras" de como os professores foram modificando a sua prática em função das necessidades das crianças, tanto nos aspectos relativos a sua formação, quanto aos conteúdos programáticos e aqueles de ordem metodológica. Cumpre-nos agora, e diante da postura clara de alguns dos docentes, perguntar:

Como os professores de 5^a. a 8^a. séries tratam, em linhas gerais, da questão da "avaliação" das crianças?

Começando pela professora Maria Lúcia, de Geografia:

"Eu perguntei para as crianças como é que a gente ia fazer com relação às notas. E eles me disseram como; eles é que me ensinaram... Então foi assim: você avalia se fez a tarefa, se não fez, para isso eles deram pontos. As atitudes em sala, eles deram um total de pontos e para a pesquisa, um total de pontos. Somando os pontos das tarefas, os pontos da pesquisa e as atitudes em sala, 10 pontos. E deram 10 também, para a prova. Daí somamos tudo e tiramos uma média... Interessante é que as notas que eles davam sobre a participação (que são as atitudes) era tão justa - era aquilo que eu achava mesmo."

O professor de História, OSPB, E.M.C. parece seguir os mesmos rumos, procurando avaliar seus alunos por inteiro, como ele mesmo diz:

"A avaliação é um ponto muito polêmico. Acho que além da nota é preciso pensar como esses alunos são como gente. Essa é uma coisa fundamental. Às vezes um aluno pode sempre tirar A, mas como gente é egoísta, é egocêntrico... tem qualidades bastante negativas. Então eu pergunto como fica

Para o professor de Educação Artística, o importante é a criança conseguir expressar-se através das artes.

... "então eu vejo com eles, o que fizeram, como fizeram, se muito ou pouco em função de cada um. O importante é perceber o processo porque algumas vezes o produto não condiz com o processo vivido pela criança em termos de esforço, participação, empenho. Eu sempre ouço as crianças, "negocio" com eles"...

(Professor César)

Na disciplina de Ciências, os critérios de avaliação são os mesmos das classes de 1^a. a 4^a. séries. O professor Paulo, aprendeu com os seus colegas e assumiu a mesma postura em relação à avaliação.

"Eles me ajudam a avaliá-los. Fazem auto-avaliação e somando as notas relativas aos seminários, às pesquisas e às provas. Depois tiramos uma média".

Somente a professora Leila, de Matemática faz avaliações semanais - as "provinhas" -

"Eu quero sempre poder ver as dificuldades das crianças. Não deixar acumuladas. Quando eu detecto alguma, já chamo as crianças fora do período de aula e vou trabalhando. (Às vezes na Escola, outras na minha casa, porque eu tenho a Nicole, minha filha bem pequena). Assim eu vou vendo as progressões e no final do mês eu faço um balanço, não é uma média não, porque eu vejo também o empenho da criança, o seu esforço, a sua participação. Eu sempre converso e explico o porquê da nota ser diferente da média, igual ao Olavo, se fosse pela média, ficaria com C, mas ficou com B pelo esforço, pelo empenho".

E para finalizar é preciso dizer o que parece ser fundamental: o trabalho de acompanhamento desses professores revelou que, aos poucos, eles foram compreendendo que não é possível, como se faz usualmente, dicotomizar o "pensar do

agir" (ponto básico da Pedagogia Freinet). Eles foram também compreendendo que é preciso viver o processo de produção do conhecimento "por inteiro", aproximando, através das técnicas, e ao máximo possível, o trabalho da criança do trabalho do adulto. É por essa razão que toda a produção na Escola, tem de ser verdadeira, isto é, tem de ser trabalho de verdade, com sentido, com utilidade para aquele que faz e para aquele que consome. A educação que é trabalho, o que se ensina e o que se aprende tem de ter valor de uso — assim como expressa a Pedagogia Freinet.

CONCLUSÕES

Avaliando o Processo: o final dessa História

Pensamos e repensamos como poderíamos avaliar o processo vivido por professores e alunos que participaram, como vimos, dessa experiência pedagógica que buscou implementar enquanto proposta, numa Escola de 1^a. à 8^a. séries, os ensinamentos de Celestin Freinet e seus seguidores. Embora ao longo deste trabalho, cremos, tenhamos dado pistas de suas possibilidades, a dúvida ainda poderia permanecer... teria sido possível uma Escola — nesta sociedade, que é fundada na ganância, na competição, no lucro e na mais valia — contribuir para formação de cidadãos sérios e responsáveis? mais críticos? mais lúcidos? e mais participativos? Em que medida, além de um "bom ensino", essa Escola teria conseguido vincular os problemas ligados à aquisição do conhecimento, àqueles ligados à formação da personalidade de seus alunos?

A resposta a essas questões, de repente, nos pareceu tão clara, tão transparente. Ela certamente estaria com as crianças, pois, como diz o próprio Freinet, "Não se faz beber água um cavalo que não tem sede"¹.

Ouçamos então o que tem a nos dizer os alunos mais antigos, os que estão se formando.

Pergunta: - O que mudou ao longo desses tantos anos de vida na Oca?

Como se sentem sendo alunos desta Escola?

- "Alguns professores foram embora, entraram outros. Os professores de 5^a. a 8^a. séries que mudaram o jeito de dar aula. A Maria Alice agora faz ateliê; o Ademil era só lousa e explicações, a Maria Lúcia dava aula de mapa, todos mudaram. Hoje eles são diferentes. A Maria Alice abre ateliês... de criatividade, de gramática, de fichas, também faz aulas teóricas. O Ademil e a Maria Lúcia agora

¹ FREINET, Celestin. In: Freinet, Élise (1979). Op. cit., p.101.

trabalham com as pesquisas. Eles mudaram porque nós fomos falando para eles o jeito que gostávamos. Também agora preparamos um texto para depois discutir. As pesquisas depois de prontas, são apresentadas e discutidas, fazemos seminários e quando alguém tem dúvida nós explicamos. Aqui é bem diferente das outras escolas porque podemos pôr nossas idéias, nossas opiniões — temos liberdade. Nas outras escolas não te dão liberdade para criticar a Escola, ver o que pode mudar.

- **Sobre o aprendizado...** Eu acho que aqui se lucra mais com esse tipo de aprendizado porque se vai mais devagar, não acelera. O professor acompanha a velocidade do teu raciocínio, digamos assim. Se você tem dificuldade, o professor explica, conversa, com toda paciência. Na outra escola, quando eu não entendia alguma coisa, tinha que perguntar para a mãe, irmã. O professor explicava só uma vez. Aqui, se tem uma relação melhor entre professor-aluno. Uma pessoa tímida, com certeza piora num lugar fechado. Aqui a gente se solta. Uma coisa legal foi a forma de aprender matemática, com o ábaco - nada de decorar tabuadas. Também a gente aprende mais porque se faz pesquisa e se surge algum assunto que se está interessado, pode-se estudar, discutir, pesquisar - então a gente aprende o que tem de aprender no programa e também aprende e discute o que se quer. Trazemos reportagens de jornal, de revista² etc. Assim é melhor porque a gente se interessa, não é só programa, livro. Também eu vejo a diferença entre esta Escola e o Colégio x. Minha prima estuda lá e ela diz que é totalmente diferente porque lá só a professora fala. Eles nunca pesquisam. Aqui na Oca, por exemplo, história nós pesquisamos e se surgir dúvidas o Ademil explica. A gente vai atrás do nosso conhecimento... Com o livro que tá ali na mão a gente nunca vai ter interesse de ir numa biblioteca, na CDCC para procurar coisas. Então o que acho bom na Oca é isso, porque você vê nas outras escolas, eu tenho amigas na Escola, que nunca vão na CDCC. Aqui estimulam a gente a procurar as coisas e não ficar só naquele

² De fato, em todas as classes são discutidos assuntos atuais, que a sociedade como um todo está vivendo. Drogas, Aides, inflação, Política, Música. Assim como constatei.

negócio de livro. A gente sai para procurar...

- E o que não mudou na Oca?

Não perdemos nossa liberdade, as nossas idéias, as nossas opiniões. Cada bimestre fazemos uma avaliação geral da escola, do que foi³ bom, do que não foi. Nós também fazemos auto-avaliação. Você pode ver o que você rendeu, Nós podemos fazer crítica aos professores, mas crítica construtiva para que nas outras aulas possam melhorar os esquemas.

- Exemplo? - Em Ciências, a Renata (professora substituta) perguntou o que estávamos achando de suas aulas. Nós discutimos e ela aceitou nossa crítica. É que ela deu um texto básico e todos trabalharam. Ficamos muito tempo só nisso. Por isso a gente mudou. Foi assim também com o Ademil. Então o professor não acha a solução sozinho, ele pede a ajuda dos alunos, como que devia ser. Quando a gente criticou e ele concordou, a gente foi achar uma solução conjunta. Ele não foi procurar sozinho. E se a gente não tivesse falado acho que ele nem ia perceber que a gente não estava gostando. O que não mudou no geral foi o método Freinet, né?

- Então vocês estão me dizendo que os professores novos, de 5ª. a 8ª. séries, incorporaram a maneira de trabalhar dos professores antigos, de pré e de 1ª. a 4ª. séries?

- É, eles se ajustaram ao método Freinet. Agora, o que é sério é que os alunos novos, que chegaram agora, não entendem muito bem o que é essa liberdade que nós temos aqui. Alguns desrespeitam o professor na classe. O professor mostra que não é assim. Nós explicamos que não é assim. É isso também que não tem nas outras escolas, a discussão com os professores para tentar melhorar. Acho que essas pessoas novas se sentem muito livres e abusam. Não sabem usar a liberdade.

³ São as reuniões cooperativas - as chamadas assembléias porque envolvem a escola toda. Numa delas, por exemplo, foram tiradas críticas, sugestões e felicitações:

- Devemos cuidar mais dos pneus para evitar febre amarela e dengue.
- Limpar o galinheiro todos os dias por causa dos piolhos.
- Colocar cabides nas classes para as bolsas e no banheiro mais outros.
- Os meninos não estão conservando os seus banheiros limpos. Eles sempre estão fedidos não adianta a Lola limpar. Precisa dar jeito nisso.
- Felicitamos o tio Paulo porque ele combinou de nos levar no observatório da USP.
- Foi legal fazermos um quadro de recados de amor.

Não sabem dosar a liberdade. É que eles não tem nada e de repente pensam que pode tudo. Parece que eles pensam que essa liberdade vai acabar em dois minutos e por isso abusam. Eles demoram a aprender isso. É um negócio chato.

- Uma apreciação sobre a Escola.

- A Liberdade que temos. O relacionamento professor aluno. Gostamos do estilo da Oca.

- E a escola está contribuindo em que para a vida de vocês?

- Está ajudando a termos opinião própria, Não é só aprender a matéria.

A Escola pode estar preparando para uma faculdade mas tem que pensar que está preparando para uma vida. Aqui a gente tem opinião própria, a gente vota para escolher o que quer.

- E quando vocês perdem na votação?

- Tem que se conformar. Decisão de maioria é decisão de maioria. Você vê, é assim na vida. Exemplo, a minha mãe não votou no Collor mas agora tem que aceitar, tem que ajudar o País a melhorar.

- Outro exemplo, no projeto que fizemos para "pichar" o muro, eu não queria o tema do Egito, mas tive que respeitar a decisão da maioria. Essa também é a dificuldade, quando uma pessoa entra aqui. A dificuldade do Maurício e do Marcos (dois alunos que entraram este ano na 7ª. série), é que eles perdem e não aceitam a decisão da maioria - custam a se habituar.

- E sobre o material escolar, o que vocês tem a dizer?

- A gente aprende a dividir porque se junta tudo. É uma comunidade mesmo. Todos temos que aprender a dividir as coisas.

- Também queria dizer que temos aqui atividades diferentes. Acampamentos, aulas passeio, excursões.

- Ainda aqui, essa liberdade que temos, se vai reivindicar também mais tarde. Se estudássemos em outra escola em que fôssemos repreendidos sempre e que ainda tivéssemos pouca liberdade íamos acostumar. Então na Oca, ela te prepara para reivindicar a liberdade, as coisas que queremos".

Assim, tudo leva a crer que a experiência pedagógica desenvolvida na Escola, "deu certo", principalmente, quando tomamos como parâmetro o objetivo primeiro da Pedagogia Freinet, que é a busca da autonomia da criança, ou, em outras palavras, a formação de crianças lúcidas, participativas, críticas e cooperativas.

Do nosso ponto de vista, a resposta à questão que norteou a presente investigação — Quais as contribuições possíveis da Pedagogia Freinet para o ensino de 1º. Grau regular, parece ser, sem dúvida, a construção de uma Escola Democrática, longe de competições, discriminações e preconceitos. Certamente, o "contraponto" da ordem ainda vigente, na maioria das escolas brasileiras, como os dados que compõem este estudo parecem ter revelado:

- Alunos e professores tomam decisões em conjunto, num exercício diário de amizade e respeito mas, sobretudo, de responsabilidade, de cooperação — os direitos e deveres das crianças surgem, portanto, de uma nova ordem, que se estabelece democraticamente, sem "coações" e ou "intimidações".

"Na outra escola se você não fizesse tarefa, te davam ponto negativo. Se isso fosse muitas vezes, você ia para a diretoria. Eu ficava revoltado, aí é que não fazia mesmo. Aqui não, os professores são amigos. Eles te mostram o quanto você perde com isso. Eles tem interesse em você. É por isso que eles dão prova e podem sair da sala, ninguém cola." (Paulinho)

"Aqui se tem direito à liberdade e direito de participar de todos os assuntos." (Tula)

- Os professores tornam-se, como se viu, animadores do processo educativo, ouvindo as crianças e fornecendo os "meios", as "pistas" para que respostas sejam dadas às inquietações de seus alunos.

"Foi assim com a "pichação" do muro... Nós discutimos com o Cesar essa questão e então fizemos diferente. Ao invés de pichar besteiras, fizemos um negócio que agrada a quem olha. Todo mundo pára pra ver o muro da Escola. Tá bonito mesmo!" (Guilherme)

- A classificação dos alunos no "vestibulinho" para o 2º Grau, demonstra que nos termos acadêmicos usuais, elas estão em "pé de igualdade" com as outras, oriundas das escolas tradicionais são-carlenses.

Desta maneira e apesar de todas as dificuldades, já evidenciadas ao longo do histórico da escola, somos levados a afirmar que o saldo da experiência realizada foi **positivo**. Entretanto, acreditamos que experiências como essa só se viabilizam, de fato, quando existe da parte dos educadores e dos pais de seus alunos, o compromisso real com a construção de uma escola verdadeiramente democrática⁴. Por essa razão e em primeiro lugar é preciso que se esteja **disponível, que se queira — democraticamente — modificar ou construir a prática educativa** nessa direção, assim como fizeram os professores nessa nossa experiência.

Em segundo lugar, permitir que o **governo da classe**, da escola, seja de responsabilidade de todos, dos alunos e dos professores. Tomar **decisões**, sejam elas quais forem, **em conjunto**, conforme vimos anteriormente e nos depoimentos das crianças.

E em terceiro e, fundamentalmente, que se observe, que se respeite o conteúdo dos **Invariantes Pedagógicos**⁵, isto é, dos princípios que regem a Pedagogia Freinet, a saber:

- A criança é da mesma natureza que o adulto.
- Ser mais crescido não significa necessariamente estar acima dos outros.

⁴ "Meu marido vai tirar o nosso filho dessa escola. Ele está rebelde, o pai manda e ele pergunta por que? isso é pra tudo. Ele não obedece mais; antes era só falar e ponto. Agora quer discutir com o pai." E tirou!

⁵ Os Invariantes são uma espécie de Código Pedagógico, elaborado por Freinet e que possibilita que se tenha, através dos testes que o acompanham, o parâmetro da prática pedagógica nesses nossos "moldes". Eles estão contidos no texto **Para uma Escola do Povo**. Op. cit., p.167-208. Optamos aqui, por explicitar somente os seus enunciados.

- O comportamento escolar de uma criança depende do seu estado fisiológico, orgânico e constitucional.

- A criança, mais do que o adulto, não gosta de ser mandada autoritariamente.

- Ninguém gosta de alinhar, porque alinhar é obedecer passivamente a uma ordem externa.

Ninguém gosta de se ver constrangido a fazer determinado trabalho, mesmo no caso de este trabalho não lhe desagradar particularmente. É este constrangimento que é paralisante.

- Ninguém gosta de trabalhar sem objetivo, atuar como um robô; quer dizer, atuar, sujeitar-se a pensamentos inscritos em rotinas das quais não participa.

- É preciso que motivemos o trabalho.

- Basta de escolástica.

- Todo o indivíduo quer ser bem sucedido. O fracasso é inibidor, destruidor do ânimo e do entusiasmo.

- Não é o jogo que é natural na criança, mas sim o trabalho.

- A via normal de aquisição não é unicamente a observação, a explicação e a demonstração, processos essenciais da escola, mas a experiência tateante, conduta natural e universal.

- A memória, pela qual a escola tanto se interessa, não é válida nem preciosa senão quando está integrada no Tateamento experimental, que é quando se encontra verdadeiramente ao serviço da vida.

- As aquisições não se obtêm, como por vezes se crê, por meio de estudo de regras e leis, mas sim pela experiência. Estudar primeiramente estas regras e estas leis, é colocar o carro na frente dos bois.

- A inteligência não é uma faculdade específica que funciona como um circuito fechado, como ensina a escolástica, independente dos restantes elementos vitais do indivíduo.

- A escola cultiva apenas uma forma abstrata de inteligência que atua fora da realidade viva, por meio de palavras e idéias fixas na memória.

- A criança não gosta de receber lições de ex-cathedra.

- A criança não se fatiga fazendo um trabalho que esteja na linha de rumo da sua vida, que lhe seja por assim dizer, funcional.

- Ninguém, a criança e adulto, gosta de ser controlado e sancionado, o que é considerado sempre uma ofensa à sua dignidade, sobretudo se publicamente se exerce.

- As notas e as classificações constituem sempre um erro.

- Falai o menos possível.

- A criança não gosta do trabalho em rebanho a que o indivíduo tem de sujeitar-se. Gosta do trabalho individual ou do trabalho de equipe no seio de uma comunidade cooperativa.

- A ordem e a disciplina são necessários na aula.

- Os castigos são sempre um erro. São humilhantes para todos e não conduzem nunca ao fim desejado. Para além do mais não passam de um paliativo.

- A nova vida da escola supõe a cooperação escolar, quer dizer, a gestão da vida e do trabalho escolar pelos utentes, incluindo o educador.

- A sobrecarga das aulas constitui sempre um erro pedagógico.

- A concepção atual dos grandes conjuntos escolares conduz ao anonimato dos professores e alunos, constituindo sempre um erro e uma barreira.

- A democracia de amanhã prepara-se pela democracia na escola. Um regime autoritário na Escola não seria capaz de formar cidadãos democratas.

- Só se pode educar dentro da dignidade. Respeitar as crianças, devendo estas respeitar os seus professores, é uma das primeiras condições da renovação da escola.

- A reação social e política, que manifesta uma reação pedagógica, é uma oposição com a qual temos que contar, sem que se possa evitá-la ou modificá-la.

Finalmente, um invariante que justifica todas as nossas tentativas e autentica a nossa ação: é a esperança otimista da vida.

Pois bem, diante de tudo o que foi exposto e, para colocar um final nesta História, será que estaríamos sendo fantasiosos se disséssemos que vivemos o nosso sonho? Que vivemos um sonho de escola? Será que ao longo do processo teríamos dito (quem sabe nas entrelinhas) que a "duras penas o construímos na realidade? Será que se não nos tivéssemos constituído como uma equipe pedagógica⁶ teríamos conseguido? E os conflitos, as suas mediações por quem são/foram feitas? e os problemas cognitivos, comportamentais de nossos alunos por quem são/foram resolvidos? e as diferenças culturais tão presentes no dia a dia da escola, por quem são/foram tratadas? Será que só com a competência específica se resolve? Cremos que não! A vontade, o desejo, a sensibilidade desenvolvidos por todos os que se envolveram no processo educativo — o afetivo de cada um — contou mais forte...

Não foi assim, Rô? Se lembra quando os meninos do educandário chegaram, orgulhosos de seus uniformes marrons, com o símbolo que os identificava (ou marginalizava?) Se lembra que eles foram os primeiros mulatos, os primeiros negros a ingressarem na Escola? E ainda mais "deseducados" segundo os padrões da "etiqueta"?

Se lembra daqueles olhos brilhando porque foram, desde o início, chamados pelo nome? Ou ainda porque talvez tivessem percebido, através dos nossos, o quanto os queríamos? Se lembra do nosso paternalismo, quando tentávamos "cercar" todas possibilidades de agressão, para protegê-los? Como ficávamos envergonhados quando alguém dizia, perto deles "que meu pai me deu um video-game?" "que minha mãe vem me buscar de carro novo?" Como nos

⁶ Onde estão o Diretor, o coordenador pedagógico, o psicólogo e a secretária, por exemplo? Certamente presentes em todos os momentos e em todos os lugares da escola, especialmente no apoio e na alimentação do projeto.

revoltávamos com aqueles pais que temiam que o ingresso dessas crianças pudesse comprometer o "nível" da Escola? Se lembra que medo tínhamos que os nossos alunos os rejeitassem?

... foi apostar, não foi? Eles se impuseram logo pelo seu futebol - eram os craques - disputados e admirados pelos colegas, pois que responsáveis pelos futuros títulos de campeões. E os nossos alunos mais antigos? Como menosprezamos a sua postura, o seus sentimentos... eles os receberam sem nenhum preconceito, se lembra? Poucos, muito poucos foram os prepotentes que diziam que a nossa Escola parecia uma APAE, se lembra? Eles se referiam aos nossos "alunos deficientes". Aos poucos, e esse é o mérito, essas crianças se fizeram respeitar com a ajuda de seus professores, não foi Ivoneti? Se lembra quando você chamava os alunos e conversava sobre a importância de se dar ajuda aos outros que não tiveram a nossa mesma sorte? Se lembra dos "acordos" com as meninas para facilitar a socialização daquela garotinha assustada e insegura, diagnosticada como autista? Se lembra o quanto se trabalhou para que se aceitasse bem aquele menino que mal andava, com suas deficiências motoras sérias? E daquelas crianças que se apropriavam dos papéis de carta, das lapiseiras bonitas — importadas — dos colegas da classe? E dos textos ditos nas reuniões iniciais, se lembra? "Eu sonhei que a tia Ivoneti estava grávida. Eu fazia tudo pra ela. Eu chamava ela de mãe"! ou ainda, "minha vó jogou uma catiça no meu pai porque ele bateu nela. Ele queria dinheiro pra comprá pinga e ela não deu. Daí ele caiu do caminhão e se esborrachou no chão", se lembra? E você Paulo, quando lhe pressionaram para que respondesse quem criou o mundo "porque nós aprendemos que foi Deus"? Se lembra?

A permanência, a socialização das crianças na Escola se deveram, sem dúvida, a todos da equipe, que souberam mediar; que souberam fazer das crianças pessoas dignas; que através de óticas diferentes, confrontando crendices e ciência foram permitindo que as crianças da Escola aprendessem a ler o mundo de forma diferente, "racional"... a saber que a pobreza e a miséria não foram nunca

obras de Deus mas, de um sistema que castiga as minorias, que explora, que judia dos próprios homens... não foi assim Ademil?

Seria desanimador dizermos, aqui, o quanto é difícil viver uma prática que se quer transformadora? Quantas "barreiras" para vencer a competitividade, o individualismo, a ascensão social — a corrida para negar as negritudes; as profissões desvalorizadas — a luta de classes (elas ainda existem?) — não se estaria trabalhando as idéias fora de tempo? O que diz a mídia? Há culturas diferenciadas? quem as quer preservá-las?

Do nosso ponto de vista é mais fácil, muito mais fácil, planejar, teorizar. Difícil, muito mais difícil, é desejar a vivência da prática, o desafio do cotidiano, com suas contradições e imprevistos. Sobretudo, quando se deseja, parafraseando Freinet⁷, não a formação de homens pré-fabricados mas sim, de Homens dinâmicos e vivos!

⁷ Freinet, Celestin. As técnicas Freinet da Escola Moderna. 1975, Op. cit., p.52; Leve-se em conta também e sobretudo que é preciso, como apontou o próprio Freinet (ver especialmente, A Saúde Mental da Criança), que sejam dadas as condições necessárias para a concretização desse desejo: classes com número limitado de alunos; grupos de estudos que possibilite a formação continuada dos professores em serviço; uma escola pequena onde todos se conheçam além da existência de um Projeto Pedagógico assumido por aqueles envolvidos no processo educativo. Tal como vimos acontecer nessa nossa história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALHO, Getúlio Rodrigues. **A Revolução dos Tiradentes**. São Carlos: Edição do Autor, 1981.
- BALLALAI, Roberto. Freinet, Uma Leitura Crítica de "Pour L'École du Peuple". **Revista de Divulgação Cultural**, v.71, n. 21. [197-] Mimeo.
- BOLETIM da REUNIÃO INTERNACIONAL DOS EDUCADORES FREINET, 17., 1988, Florianópolis. **Boletim...** Florianópolis: FIMEM, 1988.
- BRATTI, Adelair Francisca Teixeira. **Desenvolvimento das Técnicas Freinet na Escola Básica Soror Angélica - São Lourenço D'Oeste - Santa Catarina**. Guarapuava: PPGE-Unicentro, 1990.
- CABRAL, Maria Inês Cavalière. **De Rousseau a Freinet ou da Teoria à Prática**. São Paulo: USP, 1975. Dissertação de Mestrado.
- , **De Rousseau a Freinet ou da Teoria à Prática**. São Paulo: Humus, 1978.
- CALHEIROS, Raquel Elesbão. **O Desenvolvimento, a Penetração e a Prática da Pedagogia Freinet no Município de Santa Maria-RS**. Guarapuava: PPGE-Unicentro, 1989. Monografia.
- CAVALCANTI, Maria Mavanier Saraiva Tavares. **O Resgate de Celestin Freinet - A Escola do Povo**. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará - Secretaria da Cultura, do Turismo e do Desporto, [1980]

CERDA, Faustino Peres. **Escola do Trabalho: Proposta Alternativa/Pedagógica de Educação Popular**. Piracicaba: UNIMEP, 1984. Dissertação de Mestrado.

CIARI, Bruno. **As Novas Técnicas Didáticas**. Lisboa: Estampa, 1978.

-----, **Práticas de Ensino**. Lisboa: Estampa, 1979.

CLANCHÉ, Pierre. **O Texto Livre - Escrita das Crianças**. Lisboa: Estampa, 1977.

COLETIVO de Professores do ICEM. **Para Um Método Natural de Leitura**. Paris: Casterman, 1980. Trad. Ruth Joffily. Mimeo.

DIAS, Ruth Joffily. **O Cotidiano na Pedagogia Freinet**. Idéias, São Paulo: n., 2, 1988.

FARIA, Maria Natália Mesquita de. **Alfabetização de Crianças Portadoras de Síndrome de Down: Analisando uma Proposta de Ensino**. São Carlos: UFSCar, 1993. Dissertação de Mestrado.

FARIAS, Sérgio. **Alfabetização e Participação Comunitária: um Exercício de Educação Popular na Bahia**. Salvador: UFBA, 1978. Dissertação de Mestrado.

FERNANDES, Angela Viana Machado. **O Papel da Prática Pedagógica Administrativa na Implantação de Propostas Pedagógicas Não-Autoritárias na Escola Pública - em Relevância a Proposta de Celestin. Freinet**. Campinas: UNICAMP, 1990. Dissertação de Mestrado.

FERREIRA, Andréa B. **Vamos Trabalhar o Texto Livre?** Revista AMAE Educando, Belo Horizonte, set. 1990.

FERRONATO, Vera Lúcia de Araújo. **A Pedagogia do Texto Livre de Freinet**. Curitiba: UFPR, 1984. Dissertação de Mestrado.

FICHÁRIO Técnico para Ilustração do Jornal Escolar. Cannes: ICEM, [19-]. Mimeo.

FREINET, Celestin. **Para uma Escola do Povo**. Lisboa: Presença, 1969.

-----, **Pedagogia do Bom-Senso: Les dits de Mathieu**. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

-----, **A Educação para o Trabalho**. Lisboa: Presença, 1974. 2v.

-----, **Conselho aos Pais**. Lisboa: Estampa, 1974.

-----, **O Jornal Escolar**. Lisboa: Estampa, 1974.

-----, **As Técnicas Freinet e a Escola Moderna**. 4.ed. Lisboa: Estampa, 1975.

-----, **O Texto Livre**. 2.ed. Lisboa: Dinalivro, 1976.

----- & BALESSE, L. **A Leitura pela Imprensa na Escola**. Lisboa: Dinalivro, 1977.

----- & SALENGROS, R. **Modernizar a Escola**. Lisboa: Dinalivro, 1977.

-----, **O Método Natural I - A Aprendizagem da Língua**. Lisboa: Estampa, 1977.

-----, **O Método Natural II - A Aprendizagem do Desenho**. Lisboa: Estampa, 1977.

- , **O Método Natural III - A Aprendizagem da Escrita**. Lisboa: Estampa, 1977.
- , **A Saúde Mental da Criança**. Lisboa: Ed.70, 1978. (Persona, 4)
- , **Ensaio de Psicologia Sensível**. Lisboa: Presença, 1978.
- , **O Método Natural de Gramática**. Porto: Dinalivro, 1978.
- FREINET, Élise. **Nascimento de uma Pedagogia Popular**. Lisboa: Estampa, 1978.
- , **O Itinerário de Celestin Freinet**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- GROUPE MATERNEL LIEGEOIS. **Professores da Pré-Escola em Ação**.
Bruxelas: [s. n], [19-]. Trad. Ruth Joffily. Mimeo.
- L'ORGANIZATION Cooperative de la Classe. **L' Éducateur**, Dossier pédagogique
153, Cannes, n. 8, fév, 1981. Supplément.
- LEME, Nympha Glasser. **Inovação na Pedagogia Institucional: Proposições de
Fernand Oury e de Michel Lobrot**. São Paulo: PUC, 1982. Dissertação de
Mestrado.
- LOPES, Maria Fernanda. **Voltar a Brincar - Análise de um Curso para Educadores
de Crianças**. São Carlos: UFSCar, 1993.
- MARQUES, Carmen Silvia Ramalho. **Freinet e a Pré-Escola: o que Muda?** São
Carlos: UFSCar, 1984. Dissertação de Mestrado.

MARQUES, Enaldo Nunes. **Tipologia para o Adensamento Urbano**. São Carlos: USP, 1986. Dissertação de Mestrado.

MARQUES, Luiz Alberto. **Estudos do Meio - Proposta metodológica para as Séries Iniciais. Periódico Para Crescer**. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, 1993. Mimeo.

MELLO, Roseli Rodrigues de. **A Pedagogia Freinet: das Concepções à Sala de Aula**. São Carlos: UFSCar, 1991. Dissertação de Mestrado.

MORAIS, Maria de Fátima. **Movimento Freinet e a Igreja no Brasil. Boletim Nacional do Movimento da Escola Moderna do Brasil**, v. 4, n. 2, 1991.

-----, **Recanto do Nosso Coração. Jornal do Comércio**, Recife, 30 dez. 1992. p. 8.

-----, **A Importância da Confiança na Relação Família-Escola: Parte I. Diário de Pernambuco**. Recife, 22 set. 1993. p.A-2

-----, **A Importância da Confiança na Relação Família-Escola: Parte II. Diário de Pernambuco**. Recife, 23 set. 1993. p.A-2

-----, **A Importância da Confiança na Relação Família-Escola: Parte III. Diário de Pernambuco**. Recife, 24 set. 1993. p.A-2

-----, **A Responsabilidade da Escola na Transformação da Sociedade. Libertas**, Recife, Nov 1993.

OLIVEIRA, Anne Maria Millon de. **Revisitando a Obra de Celestin Freinet - Limites e Possibilidades de uma Proposta de Educação Popular na Escola Pública**. Rio de Janeiro: FGV, 1989. Dissertação de Mestrado.

OLIVEIRA, Arlete Azevedo de. **Celestin Freinet em uma Experiência Educacional com Domésticas Analfabetas**. João Pessoa: UFPB, 1984. Dissertação de Mestrado.

OLIVEIRA, Marília Lara do Amaral. **A Escola do Trabalho segundo Freinet**. Rio de Janeiro: FGV, 1982. Dissertação de Mestrado.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense, 1976.

PLATTEAU, Christian. **A Investigação (A Aula Passeio)**. Cannes, ICEM, [19-].
Mimeo.

PORQUET, Madeleine. **As Técnicas Freinet na Escola Maternal**. Cannes, 1964.
Mimeo.

PRIMEIROS Contatos com a Pedagogia Freinet. Dossiê Pedagógico da **Revista L'Éducateur**. Cannes, sep. 1979. Dossiê Pedagógico. Trad. Ruth Joffily. Mimeo.

RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **Freinet e o Terrorismo Ideológico**. **O Imparcial**, Araraquara, nov. 1991.

RIBEIRO, Sílvia Aranha de Oliveira. **Em Busca de uma Metodologia para a Educação Libertária: Paulo Freire e Freinet**. São Paulo: PUC, 1977.
Dissertação de Mestrado.

ROSSI, Wagner Gonçalves. **Pedagogia do Trabalho - Raízes da Educação Socialista**. São Paulo: Moraes, 1981.

- SAMPAIO, Rosa Maria Witaker Ferreira. **Freinet: Evolução Histórica e Atualidades**. São Paulo: Scipione, 1989.
- , (Org) **A Correspondência - Uma Prática Educativa da Pedagogia Freinet**. São Carlos: CREM, 1992.
- SANTOS, Maria Lúcia dos. A Imprensa Pedagógica de Celestin Freinet. In: **Revista Educação e Sociedade**, São Paulo, n. 6, 1980.
- , **A Expressão Livre no Aprendizado da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1991.
- SAUL, Ana Maria. **Avaliação Emancipatória - Desafio à Teoria e à Prática de Avaliação e Reformulação de Currículo**. São Paulo: Cortez, 1988.
- SEMENSATO, Dirce. **Anive - Uma Primeira Feição da Palavra Escrita - Um Estudo da Evolução da Escrita de Crianças Pré-Escolares**. São Carlos: UFSCar, 1993. Dissertação de Mestrado.
- SHIMIZU, Dayse Maria Alonso. **O Método Natural de Freinet, Pedagogia Alternativa para a Alfabetização**. Campinas: UNICAMP, 1984. Dissertação de Mestrado.
- SILVA, Clarisse Ferreira da. Significarão as Técnicas Freinet a Morte dos Manuais Escolares? **Educação**, Brasília, n. 6, 1972.
- SPÉCIAL Télématique. **L'Éducateur**, Cannes, n. 6, mar. 1985.
- TSOUKALA, Kiriaki. O Conceito de Trabalho - da Teoria Marxista à Pedagogia Freinet. In: **Fragmentos de uma Filosofia da Infância. Le Nouvel Éducateur-Documents**, Dossier Pédagogique 222, Cannes, n. 25, jan. 1991. Trad. Ruth Joffily.

VASQUEZ, A. & OURY, F. **Da Classe Cooperativa à Pedagogia Institucional.**

Lisboa: Estampa, 1977 - 1978. 3 v.

YVIN, P. Vers l'autogestion a l'école. **L'Éducateur**, Cannes, n. 2, oct.1982.

ANEXOS

ANEXO 1- 1º JORNAL DA ESCOLA

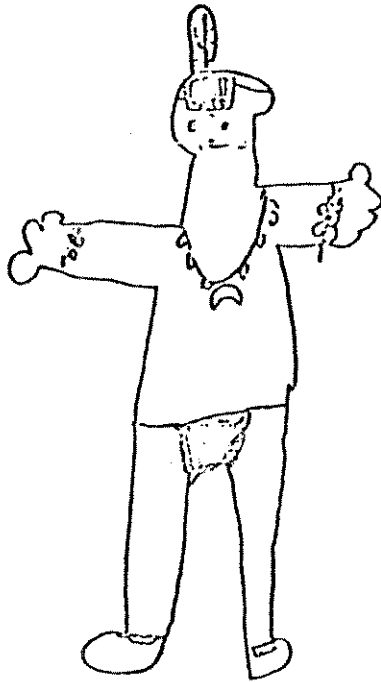
PRÉ-0:170100

1º Jornal
OCA / Pro-Enda
Instituição 83/1º. H. e

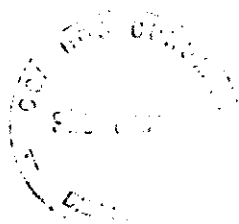
Nº 1 - abril - 1982

Jornal da Oca

(Título sugerido por Andrea-)



Capa: Jujú e
Hernano.



Este jornal faz parte das atividades propostas ao Pré I e II. Circulará mensalmente e será vendido aos Pais pelas próprias crianças. Esclarecemos que o conteúdo deste jornal exprime - (No somente o pensamento de seus filhos. As tias atuam apenas como organizadoras. (tia Silvia e tia Rosane)

Integra da reunião que tivemos com as crianças para a elaboração deste Jornal. Aproveitando-se uma situação descontraída da sala, perguntou-se às crianças o que era um jornal.

FERNANDA - É um negócio que tem notícias...

- E o que é uma notícia?

ANDREA - É quando alguém fala alguma coisa para alguém...

Bem, então que tal se fizéssemos um jornal contando notícias da Oca?

JUJU - Seria bom...

- Então vamos pensar no jornal?

- Todos - Sim

- E como o faremos?

JUJU - A gente poderia contar o que se faz aqui na Oca... as atividades..

HERMANO - Quero desenhar no jornal.

JULIANA DO CARMO - Eu tenho uma notícia... é que minha Mãe é a mulher do Ano... saímos no jornal, de verdade:

FERNANDA - Tia, escreve que a sala da tia Priscila foi "reportada" por uma máquina de fazer casa - alusivo à reforma da sala

LUIS FILIPI - sugere que alguém conte uma piada.

HERMANO - Eu sei uma... o médico foi no hospício ver se o homem tava bom então falou: que bonitinho seu cachorro, e o homem falou, não é cachorro é sapato... depois quando o médico ia escrever que êle tava bom, o homem falou: enganamos êle, né lulû... (risos)

WOLP - lembrei uma... tinha um homem chamado Joaquim, o outro eu não me lembro o nome. Então um falou: se eu comer uma placa (da vaca que ia passando na rua) você me dá CR\$ 10,00? - dou; então êle comeu. Daí o Joaquim falou: se eu comer outra placa você me devolve os CR\$ 10,00?- devolvo. Daí o Joaquim comeu. Então um falou:uê, então nós comemos cocô de graça?... (risos).

Em seguida, nós perguntamos quem gostaria de fazer um desenho e uma estória para se colocar no jornal.

- todos quiseram e fizeram.

- discutimos com as crianças a possibilidade de extrairmos apenas 3 para esse 1º número.

Explicamos que cada um deveria escolher aquela que mais lhe agradasse mas, todos tiveram votação maciça e em respeito à decisão da sala, seguem "todas" as estórias. Nos desenhos estão as las, tentativas da Escrita.

- As crianças pediram para que colocássemos também as palavras que já escrevem sozinhos.

HERMANO escreveu na lousa sol e JUJU imediatamente lua; JULIANA C. Ele; WOLF sol, CAROLINA escreveu seu nome.

TEXTO COMPOSTO POR: HERMANO, DENISE, EDUARDO, CAROLINA, ANDREIA, JUJU e WOLF.

A POMBA ESPERTA E O LOBO BOBO

A pomba estava comendo milho e o lobo estava tentando pegá-la com o saco.

Quando o lobo estava se aproximando ela voou. A, pomba foi comer em outro lugar e ele não conseguiu pegá-la.

Depois o lobo estava correndo atrás da pomba e ela fugiu em cima do telhado. E o lobo teve uma idéia: - Pegou uma escada e subiu no telhado, mas a pomba que era mais esperta voou até o outro telhado, quando o lobo chegou lá em cima a pombinha desceu para o chão e fugiu para outra praça de pombos e se misturou com eles e o lobo que era muito bobo não conseguiu mais achá-la.

ANEXO 2- ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIOS

ENTREVISTA 1

PROFESSORA A

4ª série

Protocolo- P-5- 4/88

P. Conte um pouco da sua história na Oca.

R. Quando eu procurei esta Escola, estava em crise com a Pedagogia. Era tudo muito amplo, Sociologia da Educação... e a prática da educação me angustiava muito. Então eu tomei a decisão de procurar um trabalho para ver se era isso mesmo que queria, porque isso me levaria a resolver se mudava ou não de curso. Aí, eu consegui um estágio aqui e me encantei. Isso foi final de 1982, outubro e novembro. Resolvi, a partir daí, que não ia mais abandonar o curso de Pedagogia. Muita coisa tinha de ser discutida, que não se podia ter respostas imediatas. Nessa mesma época, estava iniciando o grupo de estudos sobre Pedagogia Freinet, com os Pais e Professores da Escola. Se estava discutindo o texto de Freinet, Para uma Escola do Povo. Li e fiquei perplexa. Uma revisão da minha formação e um pouco de dor de cotovelo por não ter tido professores que pensassem daquela forma... um certo arrepio, mas ao mesmo tempo, um certo medo, só de pensar se íamos conseguir tudo aquilo. E quando a gente começou a levar para a sala e percebeu que a resposta das crianças era muito positiva, no sentido do trabalho, a empregação foi crescendo, crescendo. Por interesse próprio comecei a procurar bibliografia sobre Freinet, mesmo trabalhando com crianças bem pequenas, uma questão que me interessava era do desenho, do desenho livre - a experiência que eu tinha, era só a minha, de aluna de pré-escola. Eu me lembro que não desenhava, tudo já vinha pronto. Foi muito interessante perceber o desenvolvimento da criança, no início, só rabiscos depois formas já mais elaboradas. Uma outra questão importante, que me chamou a atenção, foi a divisão do trabalho a nível de cooperação. A gente não tinha a sobrecarga de fazer tudo para a criança mas, você tinha que ensiná-las a organizar-se, a ter autonomia. Então foi um processo /

de autores que criticavam a Pedagogia Freinet, aí numa certa altura, eu parei e percebi que não tinha conhecimento suficiente para entender as críticas que eram feitas e nem vivência suficiente para saber se elas procediam ou não. Então, eu retomei os livros de Freinet e agora me sinto com um pouco mais de força, três anos depois, para rebatê-las, embora me falte muita base ainda. Agora, é um esquema de formação muito interessante aqui na Escola. Em paralelo aos textos que liamos, que não eram só de Freinet e que discutíamos profundamente, que nós víamos onde a escola se encaixava, a Pedagogia Freinet, a proposta, o que se pretendia... quando eu fazia as comparações com os textos lidos na Universidade eu via que as nossas reuniões iam muito mais além, porque as discussões eram concomitantes com a prática. Lá na Federal as pessoas discutiam os textos de forma descontextualizadas. Digo sempre que a minha formação se deu aqui, na escola, subsidiada pela Federal. O trabalho desenvolvido sempre deu muita satisfação. Não se trabalhava só pelo salário. Lembra da época do plano cruzado, do quase fechamento da Oca? Todos os professores se puseram a disposição, com os seus salários, porque tinham acesso fácil, sempre, da contabilidade da Escola. Então é tudo isso que encanta.

P. Depois, um novo choque... era preciso que você desse aula no 1º Grau. Eu me lembro bem disso. Era preciso um professor que tivesse experiência de Pedagogia Freinet.

R. É, foi quando eu fui para a terceira série. De novo, mil crises... tive de rever tudo, uma reformulação das coisas pensadas já que na pré-escola existe um conteúdo para ser desenvolvido sim, um conteúdo sério mas, por outro lado, é um conteúdo que não te amarra, tanto a nível de sequência quanto de tempo para cobri-lo.

P. E de cobranças, não é?

R. É, exatamente. Aí eu me deparei com isso, quer dizer, com um conteúdo fechado, sequenciado, com tempo para co

bri-lo. Então foi uma reformulação que se teve de fazer mesmo dentro da Pedagogia Freinet. Foi uma fase muito / importante, não só para mim como também para a Escola , foi quando a gente recebeu os alunos bolsistas, do Esta do e onde a gente pode viver o conflito entre as crian ças- conflito de classe - de crianças negras, órfãs, po bres. Em contrapartida, as crianças filhas das elites / culturais, os filhos dos professores das Universidades, uma elite cultural mesmo, social. Então a gente pode ex periençar e viver esse conflito junto e sempre com o / sentimento de que não é botar panos quentes, é deixar / esgotar o assunto, nunca panos quentes, resolver real mente. Tanto que me lembro de uma experiência de um alu no, que havia feito, no ano anterior, um belíssimo traba lho sobre a Escravidão no Brasil. Esse menino, começou/ a agredir uma das crianças porque era negra e que eu fir retomar o trabalho. Disse que eu não podia aceitar es se trabalho porque o que ele havia escrito era incompatí vel com a postura que ele estava tomando. Então, tinha duas alternativas: reformular o trabalho dele, botando/ a visão de mundo que ele tinha ou reformular a vida se gundo o trabalho teórico que tinha feito. e que ele di zia não ser bem assim... E aí esse aluno levou o traba lho para casa, não refez, voltou e disse: Eu não estou / sendo legal com aquele colega, entre nós só existe uma diferença, o da cor. A gente tentava buscar nos confli tos a ligação com os conteúdos. Eu procurava mostrar a ligação entre teoria e prática... o que eu digo tem que estar relacionado com o que eu penso e faço, que não se pode escrever de uma forma para agradar as pessoas e agir de outra- a gente deve buscar a coerência da vida. Aí, dentro desse processo interessante que foi da convi vência das crianças, da aceitação, é claro que como pro fessor tinha a preocupação de oferecer atividades, de / elaborar trabalhos, de sugerir temas onde essas coisas / pudessem ser mais exploradas para se chegar ao âmago da

questão, do problema. Porque, veja, é possível trabalhar o conhecimento não se desligando da vida, dos aspectos/ relativos a formação da criança e é isso que vai gerar a coerência de postura teórica e de postura de vida. A Escola tradicional não busca isso, despeja uma doze grande de informações para serem cobrados na prova e não para serem refletidos na vida. Então, certamente não se / está fazendo conhecimento, só transmitindo informações, o que não garanda mudança alguma. Então dentro de todo/ processo, desenvolvíamos os conteúdos, os programas, Das dezenove crianças da sala, oito eram iniciantes na Oca. Percebemos que elas realizavam os seus trabalhos pensando só na prova . Fomos trabalhando, buscando os paralelos com a vida- o que aquele conteúdo trabalhado acrescentava ao texto de onde partimos, qual a significação/ Para a sua vida. Fomos chegando ao fim do ano sentindo/ um equilíbrio na turma, por exemplo, os conflitos já não eram mais de tapas e socos, agressões baratas mas, de / coisas mais pensadas. Os conflitos eram postos nas reuniões iniciais ou finais e nós todos discutíamos juntos. Tentávamos garantir que nenhum deveria pensar como o outro, mas que todos tinham de respeitar o que o outro / pensa. Em relação ao conteúdo a gente ficou muito emocionada com essas crianças que vieram de fora, elas começaram a produzir para si e as produções ganharam uma cara nova, totalmente nova. Por exemplo, um dos meninos / negros e que não aceitava a negritude e que quando a gente começou a trabalhar a questão da escravização dos negros e o porquê disso, ele se interessou e foi perguntar ao pai de onde eles tinham vindo, de que lugar da / África. Aprendeu os costumes, vibrou com o mapa da África... ele percebeu que tinha uma história. Esse mesmo / menino chegou até a verbalizar que era homossexual e em momento algum essa criança foi desrespeitada por/ isso, por ser assim. Quando as crianças começaram a tomar pé da situação em que viviam, do meio em que esta -

vam em contato e das coisas que estavam aprendendo, tudo ficou mais claro para eles. Eu me lembro de uma criança que colocou, numa reunião inicial, o seguinte: a bicicreta estava quebrada... um outro disse: mas voce sabe/ que não é bicicleta que se fala e ele respondeu, é, eu andei pensando nisso... se eu digo, em casa, bicicleta/ o meu pai me chama de pedante e, se eu digo bicicleta / aqui na Escola, vocês dizem que está errado. Eu acho / que vou dizer de jeitos diferentes. Quer dizer, o menino percebeu que dependendo do meio é discriminado pela/ forma que fala e ainda descobriu uma maneira de lidar / com isso não querendo ser discriminado nem na casa e / nem na Escola. Aprendeu a ter domínio sobre isso. Então eu acho que a função da Escola é também essa, dar instrumentos para a criança aprender a se colocar. De outro lado, as vezes o conteúdo não é suficiente para satisfazer a curiosidade das crianças. Veja, ainda quando estudamos o descobrimento do Brasil, as crianças colocaram o seguinte problema: Se os índios já moravam aqui / quando os portugueses chegaram, então de onde vieram? / Nós então tomamos as hipóteses tradicionais e não bastou. Eles queriam saber como então, surgiu o primeiro / homem. Isso resultou na pesquisa sobre a Evolução do Homem que acabaram realizando. Daí, tinha de um lado, as crianças do Educandário que defendiam uma postura criacionista e de outro, as crianças que se diziam ateus. O primeiro grupo de crianças trouxe uma bíblia e o segundo livros que justificavam a sua posição. Fizemos um estudo comparativo, confrontando os livros, mas sempre/ dizendo que não eram obrigados a ceitar uma só postura/ determinada. Tanto que na prova eu pedi que falassem / sobre isso, sobre que interpretação mais te convenceu.

P. Quer dizer que o programa é totalmente possível numa / Escola Freinet? Não fica para menos, vai além?

R. E varia muito. Existe uma outra coisa, não só a crian-

ça tem uma personalidade como a turma toma uma personali-
dade. Quer dizer a turma encaminha a forma de trabalhar/
esse conteúdo. O que fizemos este ano é diferente do ano
passado. A sala anterior exigia aprofundamentos outros /
que esta não sente, não tem necessidade. Quer dizer o
que está marcado está sendo cumprido, com encaminhamen -
tos diferentes. Esta turma está aprofundando pontos que
a outra não fez e vice-versa. Resumindo, o conteúdo vai
sendo encaminhado com a cara que a sala vai dando a ele.

P. Uma coisa muito rica para o professor, não?

R. Claro. A quantidade de material (de elaboração) é enor-
me dentro da Pedagogia Freinet, se a gente for ver. Mesmo
as fichas auto-corretivas não são as mesmas. Nós não po-
demos pretender passá-las para outras salas porque não /
procede. As preocupações são outras e a gente sempre ela-
bora os exercícios, as questões envolvendo as situações/
ocorridas em sala, com as crianças da sala. Então as ex-
periências não são transferíveis.

P. Qual é a diferença que há, se é que há, entre as crianças
da Oca e as transferidas?

R. Eu sinto que a Escola tem uma história de transferência/
que é a seguinte: As crianças que vinham para cá são /
aquelas que por alguma razão, tinham problemas de apren-
dizagem ou que não se deram bem na escola tradicional .
Então procuravam a Oca até porque achavam-na mais fácil.
Não percebiam que a coisa não era por aí. Ultimamente nós
temos recebido muitos alunos, bons alunos que os pais /
dizem que são bloqueados na escola pública. São trazidos
em função de poderem progredir mais rapidamente e de po-
rem extravasar toda a curiosidade que a criança tem e as-
sim, tanto num caso quanto no outro, as crianças que che-
gam não tem uma interação maior com o conteúdo, elas tem
um mecânico de todo o conteúdo.

P. E como fica isso? E a nível de expressão?

R. Todas as coisas colocadas ficam muito parecidas. Em primeiro lugar, aparece na reunião inicial, as crianças que entram na Escola demoram um período relativamente curto/ para falarem, até que sentem que são respeitadas todas / as crianças que falam. Elas tem de perceber isso, primei- ro. Aí, começa a produção dos textos livres mesmo. Os / textos escritos são sempre muito enquadrados nas normas/ gramaticais tradicionais. Não que as crianças que escre- vem livremente os seus textos não são enquadradas. Elas/ tem uma forma mais rica de expressão. E assim o que a / gente trabalha a nível dos textos livres é sempre no sen- tido da precisão do que a criança quer exprimir, por / exemplo: é isso mesmo que voce quer dizer? As vezes a / gente se depara com crianças dizendo: " eu estava queren- do escrever no livro de vida que eu copiei a tarefa no recreio porque assim eu ficava livre depois para brincar um pouco mais, mas do jeito que eu escrevi, parece que / eu não fiz a tarefa. Então como posso escrever melhor? " Então a própria criança vai buscando a precisão, porque vai percebendo que não escreveu o que quis expressar. Ela vai naturalmente se corrigindo.

P. Para finalizar esta entrevista, gostaria que voce falas- se um pouco sobre avaliação, sobre a questão da nota.

R. A Pedagogia Freinet é uma Pedagogia de processo, então / a avaliação também é de processo. Nós fazemos provas, mas também temos a auto- avaliação. Elas vão se auto- avali- ar a nível das regras de conduta, que foram tiradas por elas mesmas, para que o trabalho possa se desenvolver / bem. Elas vão ver se estão ou não cumprindo essas regras.

P. E os critérios, quem montou?

R. As crianças mesmo. Elas se posicionam quanto as suas pes- quisas, quanto a leitura, quanto a participação, tarefas cadernos, material etc. Tudo tem peso igual: prova 10 ; cadernos 10; Participação 10. Etc. Depois se tira uma/

média. A gente observa que na prova é refletido exatamente
isso, o processo. As crianças que têm dificuldades deixam/
transparecer também na prova . Por exemplo, Uma criança /
que tirou A na prova, mas durante o processo foi pedido /
atenção, clareza, precisão na expressão e isso não foi atn
dido, ela mesma percebe que a prova não está mostrando o
que realmente está acontecendo. _____ A nota não é real.

.....

ENTREVISTA 2

PROFESSORA B

GEOGRAFIA - 5ª e 6ª séries

PROTOCOLO P-1-3/88

- explico o objetivo da entrevista

P. Primeiro, gostaria que falasse sobre a sua vinda para a escola.

R. Eu vim trabalhar nesta Escola pensando em desenvolver um trabalho que eu conhecia só de fora, através das minhas crianças. Eu sempre achei que o trabalho é bom, muito sério. Um trabalho que faz com que os objetivos da Educação sejam alcançados. Para mim a Educação, a Escola devem fazer com que a criança tenha uma formação sabe?, onde ela possa viver socialmente para atuar socialmente. Então a Pedagogia Freinet faz com que a criança desde cedo já venha sendo formada, socializada de tal forma, que ela consegue sem perder a sua individualidade - eu acho que isso precisa ser cultivado - ela consegue se socializar muito bem e percebe que faz parte de uma sociedade, que tem direitos e que tem deveres. A Pedagogia Freinet faz, também, com que a criança aprenda a lutar por aquilo que ela acredita ou por aquilo que está querendo, desejando. Vai aprendendo que pode colocar o que ela quer e deseja, para um grupo maior e que isso vai ser analisado, se vai ser possível ou não aquilo que está querendo, pretendendo. Acho isso importante, muito importante porque é um aprendizado e quando sair da Escola ela vai encontrar essa realidade lá fora e que saiba viver lá fora, dessa maneira, colocando-se, lutando por aquilo que quer mas sabendo que existe uma sociedade e que há necessidade de perceber que os outros existem e que os outros também se colocam e que aquilo que a maioria decidir, deve prevalecer. Acho que a Escola tem essa função

- formar o cidadão - mas tem outra, para mim também muito importante - fazer com que o cidadão tenha acesso ao conhecimento, à ciência pois acho que só através da ciência e do conhecimento muitas das coisas podem ser corrigidas, transformadas. Então, observando a forma com que se trabalha aqui dentro, que eu sempre achei muito séria, quando fui convidada para vir para cá, fiquei um bom período, não em estado de tensão, mas temerosa de estar fazendo coisas erradas.

P. Mas a Anita te falou que era tão fácil trabalhar aqui com a Pedagogia Freinet...

- É, eu me lembro. Ela falou assim: "Não é difícil mãe, é só você conversar com as pessoas, perguntar para os alunos, fica fácil. Você põe todo mundo em círculo e conversa para saber como as coisas devem ser feitas". O grande problema era como é que se faz, porque na Escola Pública você já sabe... tem todo um esquema. Você tem que entrar dentro da Estrutura que existe, se encaixar - aqui não - então uma pessoa que estava acostumada a trabalhar dentro de uma determinada estrutura - quase 10 anos - sente um certo medo. Eu não sabia exatamente como se fazia e eu tinha medo de prejudicar o que vinha sendo feito. Bom, então nos primeiros tempos eu dancei um pouco. Era difícil me ajustar a uma nova forma de trabalho - foi difícil. Aos poucos ia observando, conversando, tivemos algumas reuniões e fui percebendo uma coisa muito importante que é fazer com que a criança possa construir o próprio conhecimento. Agora, eu pensava também, como a criança pode construir seu próprio conhecimento através da pesquisa se ela não tem ao menos a noção daquilo que vai ser desenvolvido. Então eu me lembro que você falou em aula-conferência, que seria uma introdução ao assunto onde a gente daria as idéias mais gerais a respeito do que vai ser trabalhado e depois a criança já com o "pé" no tema conseguiria desenvolvê-lo. Eu percebi que foi muito bonito porque enquanto eu, no começo, preparava a aula, não deixando nada sem ser visto e portanto as coisas seriam vistas através das minhas exposições, que era muito mais rico traba-

lhar assim: você dá uma idéia geral do assunto, depois as crianças se dividem em grupos e vão pesquisar - são vários grupos pesquisando coisas diferentes. Os grupos juntam as pesquisas e a gente vai então comentar a pesquisa. A gente vê quanta coisa sai, coisa nova que muitas vezes a gente não tinha pensado.

Conclusão P. Você conversou sobre o programa com as crianças?

R. Eu nunca falei com as crianças da 5ª série sobre isso, que tinha um programa oficial mas eu procuro trabalhar pelo menos com temas dentro da programação. Aí eu acho importante porque tem algumas noções que devem vir primeiro, depois outras. A programação como está montada, já dentro da nova proposta - eu tenho algumas restrições do ponto de vista teórico - mas o eixo da proposta está correto. A forma como ela vê o estudo da Geografia, o processo de ensino, eu acho que tem que ser por aí mesmo.

P. Como é que é isso?

R. No caso da Geografia tradicional que nós estudamos nós viamos a natureza, todos os fenômenos da natureza como se fossem sem uma esfera independente. Depois o homem, a sociedade. Dentro de uma proposta mais avançada, mais crítica é preciso perceber o seguinte: que o espaço é sociedade, é natureza. Há uma inter-relação muito grande entre sociedade e natureza. Agora o que acontece, a natureza, a chamada primeira natureza apresenta uma dinâmica própria de transformação da matéria. Esse fenômeno tem de ser estudado e conhecido. É preciso ter em conta que o homem transforma essa natureza, o que a gente chama de segunda natureza. Então o que acontece? Os espaços hoje, os espaços geográficos são o resultado da construção, são a natureza. Eles são o resultado da ação do homem sobre essa natureza. O homem constrói o espaço. O que é muito importante é que essa construção do espaço, essa ação do homem sobre essa natureza é historicamente determinada. Você vai ter construções espaciais diferenciadas ao longo da história do homem. Então a medida que você vai passando sobre sociedades

completamente diferentes os espaços também são construídos de forma diferente. Por exemplo, você vai ter uma sociedade capitalista, no caso brasileiro (subdesenvolvida) o espaço é construído, materializando esse capitalismo subdesenvolvido com uma série de problemas sociais. Você pega uma coisa fácil de perceber - o espaço urbano - você vai ter um espaço super organizado, arborizado com casas muito boas - próximo você vai ter uma favela. Isso aí surgiu do que? Então eu acho importante nessa nova postura da Geografia - que as pessoas percebam que o espaço é natureza, é sociedade e que o homem tem uma ação importante na construção do espaço. Antes-se estudava de uma forma estanque, se descrevia, se observava a natureza. Já havia uma ciência explicando os fenômenos da natureza. A hora que você chegava naquilo que é a geografia humana ou econômica você descrevia porque não tinha suporte teórico para explicar isso aí. Já se tinha, de outro lado, certos fundamentos científicos que explicavam esses movimentos, aparecimento de montanhas, planícies, planaltos etc, era a teoria do conhecimento, que já havia sido desenvolvida na física, na química. Agora, hoje, o geógrafo tem que ter uma noção, conhecimento do processo histórico das diversas sociedades e dos modos de produção que organizam essas sociedades. Somente por aí se tem condições de explicar os fatos.

P. Você procura desenvolver essa proposta na Escola? No Estado vocês já estão fazendo isso, não é?

R. Exatamente. No Estado, embora haja essa proposta, a maior parte dos professores não é capaz de fazer isso. A maior parte é formada em cursos de fim-de-semana. Outra grande parte é formada dentro da geografia tradicional, que deixa muito a desejar. E querer que esses professores percebam o que está dentro dessa proposta, é um sonho da Secretaria de Educação. Eu não acho impossível mas o Estado precisaria realmente encampar essa luta e fazer um trabalho de formação muito intenso e isso o Estado não faz. Não há tempo para os professores estudarem para se chegar pelo menos perto da proposta. A proposta é lançada - é boa - mas não tem condições de ser implantada (em nenhuma das áreas).

Resumo de
Política
Educativa
do Estado
de Minas Gerais

P. Mas você está fazendo isso...

R. Sim, mas quando acabei o curso de geografia eu achava que o curso não dava conta... eu tive essa formação tradicional dentro de todos os princípios positivistas - dentro dos princípios da geografia francesa. Daí eu larguei a Geografia e fui estudar História, Sociologia Política na UNICAMP. Fui lá e me inscrevi como aluna especial. Depois fui fazer pós na UNIMEF em História. Tinha um grupo bom lá. Depois disso fui trabalhar no Estado como professora de Geografia. Então o que acontecia... Minha forma de trabalhar já era muito parecida com essa proposta. Então eu já desenvolvia esse tipo de trabalho desde 1978/79. Eu fazia isso de forma camuflada porque no fundo eu não estava seguindo a programação do Estado. O pessoal da Geografia teve sorte porque apareceu um autor M. Adas - um geógrafo diferente. Ele tem esse tipo de preocupação. Ele foi o precursor dessa nova proposta mas a nível de Escola de 1º e 2º Graus. Ele começou a escrever livros didáticos nessa linha. A Geografia passou então a ter um certo suporte.

P. Então o livro didático passa a ser importante?

R. É ainda. O que acontece é que no Brasil tem essa ausência de coisas escritas para crianças. A criança aprende desde que ela possa entender a linguagem. - Lúcia, você tem a preocupação de ter o livro didático como suporte - na verdade eu vejo as crianças pesquisando em outros livros... eu me lembro também de uma conversa logo que você chegou aqui, em 1987, e sobre as crianças da 5ª série: "As crianças da Oca tem facilidade para compreender os textos". Isto se mantém? - Ah, isso se mantém sim. Eles conseguem ler o texto, tirar a idéia central - Acho que alguns tem essa facilidade principalmente aqueles que tem uma formação Freinet desde as primeiras séries.

P. Você sentiu essa diferença entre os alunos novos?

R. A gente sente de novo porque a 6ª série cresceu - muitas crianças que vieram do Estado. Eu pedi que fizessem a leitura de um texto do M. Adas que é o melhor para desenvol-

ver o assunto agricultura, a hora que corriji os resumos a gente sentiu isso, essa diferença. A Tula, a Jujú, o Mano conseguem fazer um resumo tirando as idéias centrais do texto. A Michelle sente ainda um pouco de dificuldade, mas já está começando a desenvolver essa capacidade. Os outros, a gente percebe, copiam o texto, ou eles copiam parte ou resumem um parágrafo. Isso a gente sente. Esse é um trabalho que sempre tem que ser feito, de ensinar o como fazer.

P. Lúcia, o que me chamou a atenção é que você colocou numa reunião pedagógica, que modificou muito a sua atuação desde que entrou na Oca...

R. Exatamente.

P. Você me disse assim: "Eu já não trabalho mais como eu trabalhava, isso foi no ano passado, final de '87. Agora, em relação a 5ª série neste ano, afirmou: "a 5ª série está ótima e eu estou trabalhando completamente diferente da forma que trabalhei no ano passado". Então eu queria que você me explicasse isso.

R - Foi o seguinte. Quando comecei o trabalho eu tinha uma preocupação muito grande para que as crianças percebessem tudo o que eu achava importante num determinado tema. Então eu falava, dava aula, ficava exaustivo. Eu falava, explicava, mostrava, mas chegava uma hora, um determinado ponto que as crianças estavam cansados de ficar ouvindo. Isso foi no começo do ano passado. Mas como ia fazer? As crianças precisavam aprender... foi quando começamos a fazer as pesquisas, as aulas-conferências. Eu procurava os livros com os assuntos, inclusive do M. Adas. As pesquisas iam ficando prontas e então se trabalhava. Eu nunca tinha feito isso. No Estado você entra e dá o seu recado: Você não tem, não pode ter a preocupação de acompanhar aluno por aluno, as salas são imensas e as crianças não estão preparadas e formadas para isso. Então você dá a aula, explica. Se não entendem a gente pede para dizer o que não entenderam. Explica. Terminou aí. O que vai ser feito?, vai ler o texto em casa e fazer uma prova. Esse é o esquema

montado. É isso que te dão para trabalhar. Agora, quando entrei na Oca eu quis levar esse tipo de trabalho para lá. Mas é muito difícil. Uma coisa deu para fazer - eu já me preocupei em ver os problemas das crianças. Não a fundo - mas que dificuldades eles tinham em certos pontos. Pedi para fazerem uma pesquisa, mas com muita dificuldade, porque eles não querem trabalhar em grupo - só sozinhos. Saiu alguma coisinha. Eu fiz isso só com uma 5ª série.

P. Eu vi que o que as crianças fazem passa pelo teu crivo. Cada grupo desenvolve um tema, expõe a sua parte, como é?

R. Eu achava que eles deveriam expor, então vamos lá. Quem quer expor primeiro?

Um grupo só se colocou. Os outros não quiseram. Daí eu falei que o trabalho foi feito por um grupo, e os outros? Vocês precisam colocar para todos... "Ah, mais eu fiz, não entendi direito para expor"... eu pensei, alguma coisa aconteceu, alguma falha. Eles deveriam ter entendido. Daí eu passei a dar um tempo para que todos colocassem as dúvidas e em conjunto tirávamos as dúvidas. Então eu fui percebendo que eles queriam trabalhar de fato com a dinâmica da própria natureza. Esse foi o problema.

P. Uma questão de interesse pelo tema, não é Lúcia?

R. Tá aí, entender a dinâmica da própria natureza de forma um pouco independente da ação do homem, sabe? Aí é que eu acho o nózinho para trabalhar com que seja a Geografia. Eles se preocupam em saber porque aqui é frio e quente em outros lugares, ou então, noções de geomorfologia, geologia sabe? formação de montanhas, vulcões, coisas paupáveis.

P. Ou muito presentes na vida deles. A questão da origem das coisas, do homem. Parece que é o desconhecido que é o cerne da questão e em todas as disciplinas...

R. Exatamente. Porque uma coisa que fizeram e curtiram muito foi o estudo das rochas. A geografia entra nessa área, ex

plica como se formam as rochas, depois o processo de transformação em outros tipos de rochas. Mas não é só para ficar aí. É para perceber como é que se dá a ocupação dos espaços pelo homem. Ex.: uma rocha magmática vulcânica como tipo basalto em que se transforma, que tipo de solo. Vamos ver historicamente. Isto está sendo possível na 6ª série. Na 5ª não consegui porque a gente tem que respeitar a preocupação da criança dentro daquele tema geral. A preocupação maior foi essa. Eles ficaram dois meses fazendo essa pesquisa sobre o que é extrativismo mineral porque a gente não estuda as rochas primeiro. A gente está preocupado em entender a dinâmica da natureza e perceber como é que o homem depois vai utilizar isso que a natureza está oferecendo. O tema geral seria então Extrativismo mineral. Quando chegou a hora de ver como eram essas pessoas, como era a forma de extrativismo que era feito - que você tem o extrativismo para subsistência, o extrativismo como técnicas mais avançadas eles prestaram atenção, fizeram a pesquisa que está deste tamanho... mas foi isso que realmente motivou as crianças. Agora na 6ª quando a gente aprofunda essas coisas da 5ª eles já tem mais interesse... parece que isso está acontecendo. No caso da agricultura eles já estão estabelecendo as relações, quer dizer as nossas crianças fazem isso, entre a rocha, o solo, eles querem saber de onde vem esse solo, etc. Porque quando a gente estuda agricultura eu procuro nesse tempo introduzir noções de geomorfologia (nós tínhamos que ter visto isto na 5ª mas não deu porque as crianças estavam gostando do que estavam fazendo - extrativismo mineral). Como é o relevo, o que é, como se forma, quais as formas básicas de relevo que nós temos, como é que o homem trabalha esse relevo que temos na produção agrícola, então, por exemplo: como é que o homem utiliza uma região mais elevada para fazer agricultura, que tipo de solo existe, mas sempre com uma preocupação, de que hoje em dia você não tem mais a natureza impondo as regras da produção agrícola. O homem já tem uma tecnologia imensa de tal forma que não existe mais fenômeno natural que possa justificar a fome e a miséria em algum lugar. É lógico que esses fenômenos naturais influenciam, você tem uma montanha que é diferente da planície - que se o clima é se

co vai ter que dar um jeito de irrigar isso daí, mas, a natureza, os fenômenos hoje não podem ser utilizados como os responsáveis pela fome e miséria em determinadas áreas. Na 6ª série a gente sente que as crianças tem uma certa maturidade para ir começando a perceber essa ação do homem sobre a natureza e eles então, pelo fato de terem estudado dentro do extravismo mineral esse processo de formação da crosta terrestre, dos diversos tipos de rochas eles já vão fazendo essas relações necessárias.

P. Uma questão também importante é da avaliação. Gostaria que você falasse um pouco sobre isso.

R. Eu perguntei para as crianças como é que a gente ia fazer com relação à nota. Eles me disseram como, eles é que me ensinaram. (embora eu já soubesse que a avaliação deveria ser integral, pegando todas as coisas, não só pela prova, porque eu acompanhei minhas filhas). Então foi assim. Você avalia se fez tarefa, se não fez, para isso eles deram pontos. As atitudes em sala eles deram um total de pontos e para pesquisa um total de pontos. Somando os pontos das tarefas, os pontos da pesquisa e as atitudes em sala 10 pontos e deram 10 pontos para a prova. Daí somamos tudo e tivemos a média, o conceito. A avaliação da prova foi feita por mim. A avaliação da pesquisa eles avaliaram, se ficou boa, se não ficou. Eles avaliaram as suas atitudes em sala mas sempre pediam a minha opinião. Eu dizia será que devo votar, será que isso não é uma coisa de vocês? Mas eles respondiam: Você também participou, você também viu, você pode! Interessante é que as notas que eles davam sobre participação (que são as atitudes) era tão justa - era aquilo que eu achava mesmo. O Wilson, eu me lembro, falava: esse semestre eu levo 1; (na parte de atitudes). Ele e o Adriano não fizeram a pesquisa. Eu pensei como é que a classe vai reagir... Eles tiraram 0 zero nessa parte. Imediatamente se calaram. Não reagiram. Na parte de atitudes eles brincaram e por isso ficaram com uma nota bem pequena, mas como tinham ido bem na prova ficaram com 5. Eles não discutiram, eu fiquei boba de ver, em momento nenhum. Eu esperava que eles justificassem isso. Será que

vão dizer que foi falta de material? Mas não era isso, é que eles perceberam que eles não quiseram apresentar e pronto.

P. Como você viu os textos do Freinet?

R. No primeiro momento, no ano passado, a primeira reação foi a seguinte: é difícil porque a gente está acostumado a encontrar fórmulas. Eu esperava encontrar essas fórmulas - faz assim, faz assim... mas não, não tem fórmula, ichi.... ficou pior.

P. É, nada de receita. Cada professor adquire a sua própria dinâmica de trabalho. É isso que é bonito, que garante a afirmação de que a Pedagogia Freinet não é método - "São princípios".

R. É, não tem mesmo. Eu o ano passado tentava achar alguma coisa. Observava, perguntava e percebi o seguinte:

É fazer com que a criança construa o seu conhecimento. É fazer com que a criança se socialize, onde ela aprende a respeitar, onde aprende a lutar pelo que quer, por aquilo que acredita. Então elas se socializam mas não perdem a sua individualidade - Isso é FUNDAMENTAL - É isso que eu estou sentindo aqui. Não se deixa perder aquilo que é próprio de cada um. Então, dentro desses princípios eu vou trabalhando. Agora, eu ainda preciso me soltar mais. Eu tenho a preocupação de falar, ainda demais, durante as aulas, mas, ao mesmo tempo, a medida que eu estou falando, surgem tantas outras questões que eles levantam... veja ontem nós começamos a falar de agricultura, chegamos na apropriação da terra e falamos até em energia nuclear. Então eu penso, será que eu tenho de me fechar? Ou será que também posso ser útil na pesquisa? Afinal eu tenho 35 anos. Acho que preciso me soltar um pouco mais e não ficar preocupada em procurar tantos esquemas, porque o meu receio é atrapalhar. Eu não quero atrapalhar fazendo errado.

P. Eu entendo que você está fazendo certo. Seus alunos gostam da professora. Nunca ouvi, nas minhas "andanças" pela Escola, observando, nenhuma criança dizer nada contra Geografia e História. Aliás sempre foram essas duas disciplinas que me preocupavam quando estava na Direção da Escola.

R. As vezes a Geografia tem coisas meio chatas. Eu até reconheço, mas as crianças precisam também saber delas.

P. Claro, eles precisam compreender que tem coisas que eles gostam e podem fazer e outras que são uma imposição, uma necessidade.

P. Você quer se colocar, dizer mais alguma coisa?

R. Sabe Silvia, eu quero acertar. Daqui uns anos olhar para trás e pelo menos dizer - acho que acertei.

Agradeço a atenção da professora.

São Carlos, 22 de junho de 1987

Nome do Professor _____

Data _____

1-Analise o programa da série em que trabalha

2- Destaque o que você acha mais relevante em termos de conteúdo.

Nome: Juliana Apolônio Rodrigues de Moraes

Data: 12-6-21

5ª série

Por favor responda as questões abaixo:

- Você poderia me dizer tudo o que estudou nesse 1º semestre?

Geografia - Mapas (temperatura e altitude por exemplo) e também "Linha Equatorial".

Além disso, estudamos a parte da Terra, como o Equador, os polos, os hemisférios (Norte e Sul), e também os continentes.

Portuguesa - estudo de texto, como o texto sobre a cidade de São Paulo, e também a parte da Gramática, como o verbo e a frase.

O que você mais gostou de estudar - que assunto e de que forma esse assunto foi ensinado. (como você aprendeu)

Gostei muito de estudar a parte da Geografia, especialmente os mapas, porque é muito interessante e ajuda a entender o mundo.

Além disso, gostei de estudar a parte da Gramática, especialmente o verbo, porque é muito importante para escrever bem.

ANEXO 2A- PESQUISA DO MORCEGO

**Pesquisa sobre
o morcego**

MI(6)

**Leonardo Freitas
Leandro Ribeiro
Filipe T.e Silva
(6 anos)**

DEZ 1985

Escola de Educação Infantil e 1.º Grau
OCA DOS CURUMINS

Morcego sempre foi uma palavra que andou solta em nossa boca e imaginação, pois é o habitante das mangueiras de nossa escola.

Este animal foi tema de brincadeiras de parque, desenhos, pinturas, sucatas ... desde os baixinhos até os grandões.

Mas queríamos saber mais sobre a vida desses bichos e, principalmente, se os da escola eram morcegos-vampiros.

Fizemos esta pesquisa e agora vamos deixar o nosso livro para quem quiser saber sobre os morcegos^{xe} nossa escola, e quem achar que falta mais coisas sobre eles, continu^v a pesquisa.

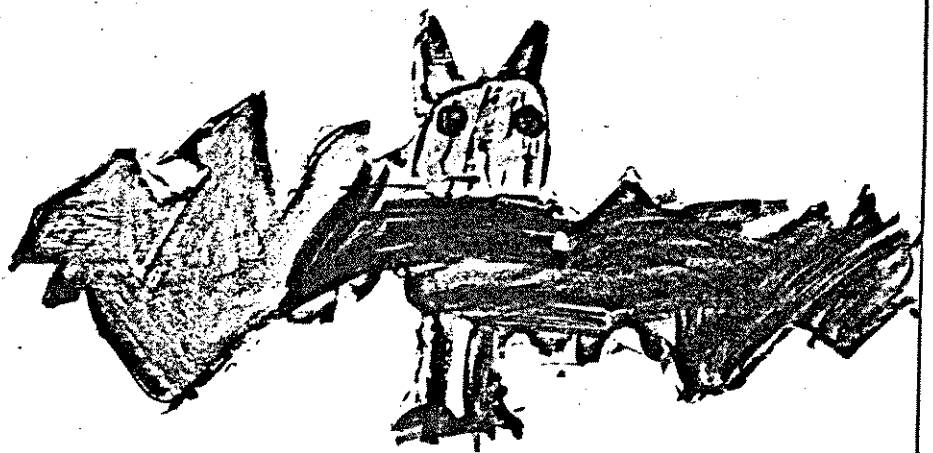
**O morcego
é um mamífero.**



**A mamãe morcego
tem um filhote
de cada vez.**

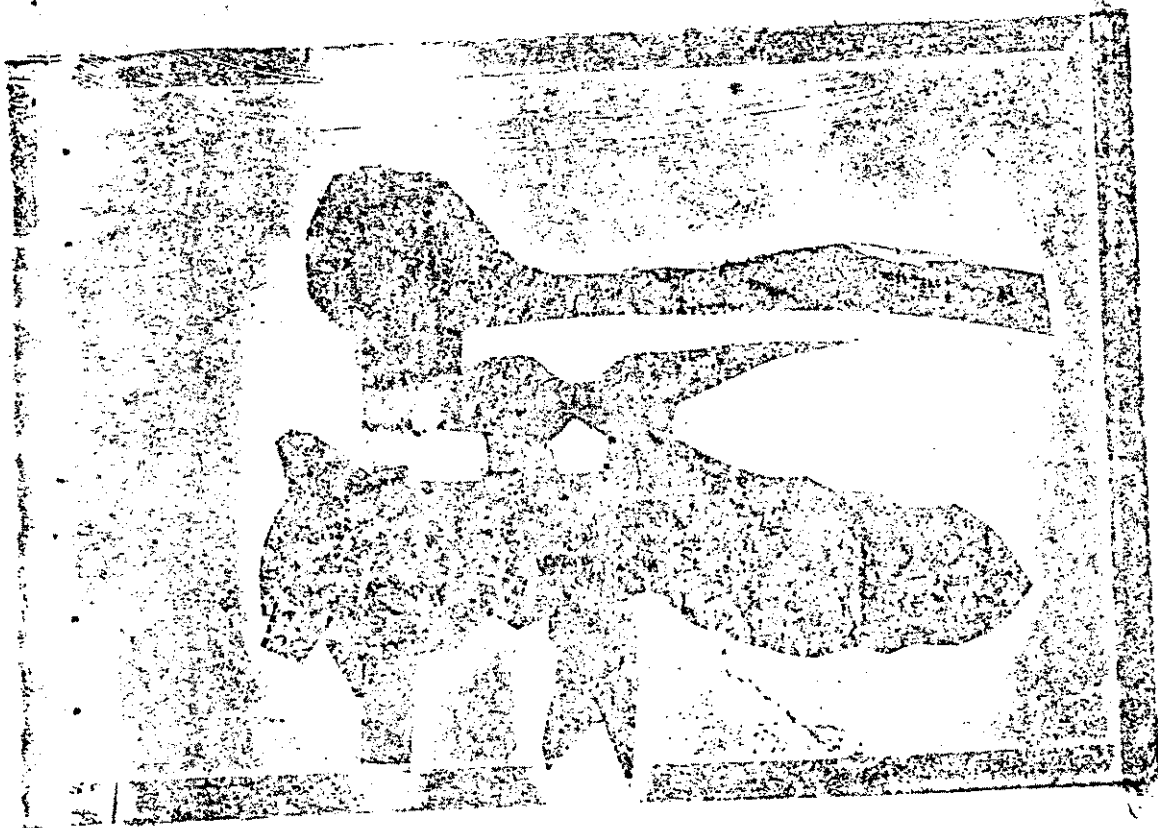


**O morcego
nasce
pelado e cego**



O morcego

vive no escuro



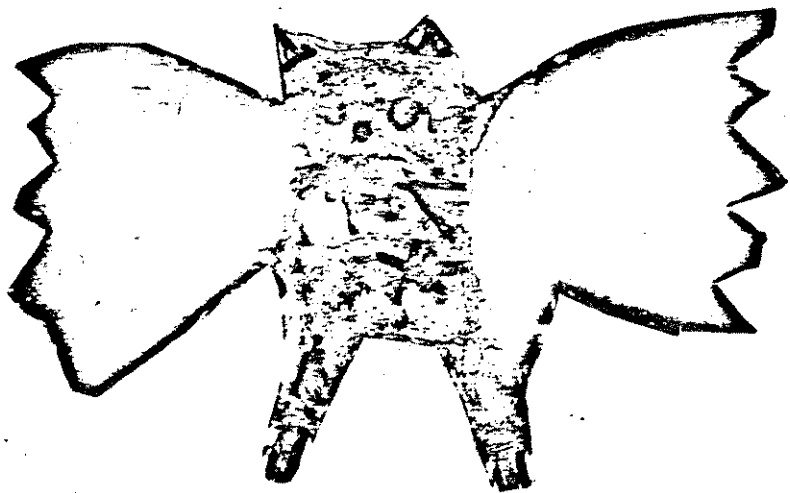
**Existem vários tipos
de morcegos**

- os que comem frutas

os que comem insetos

os que comem peixes, e

os que chupam sangue,



**Os da nossa escola
são os focinho-de-rato
Eles comem frutas**



Se taparmos os olhos
do morcego ele con-
tinua voando sem
bater em nada



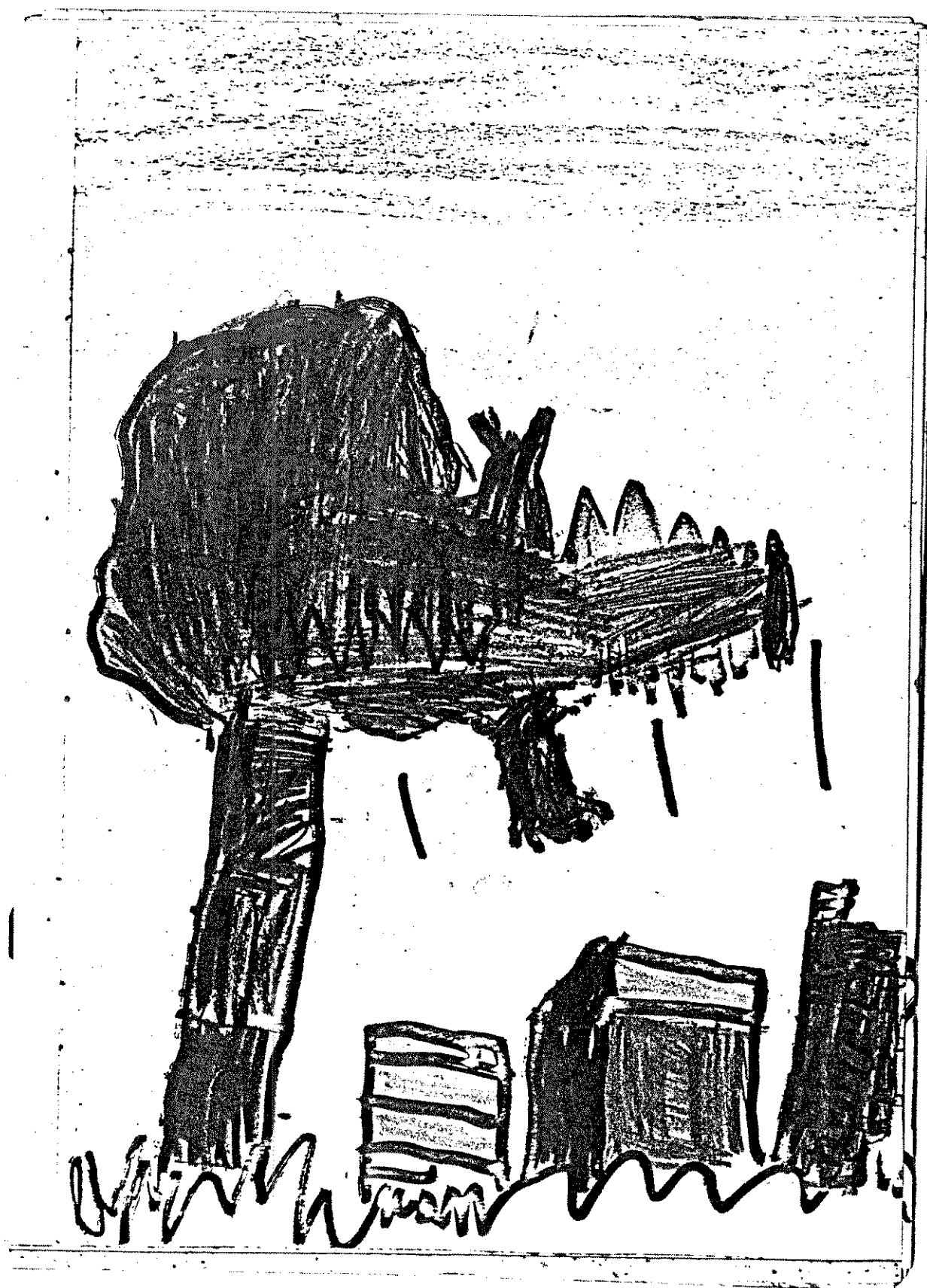
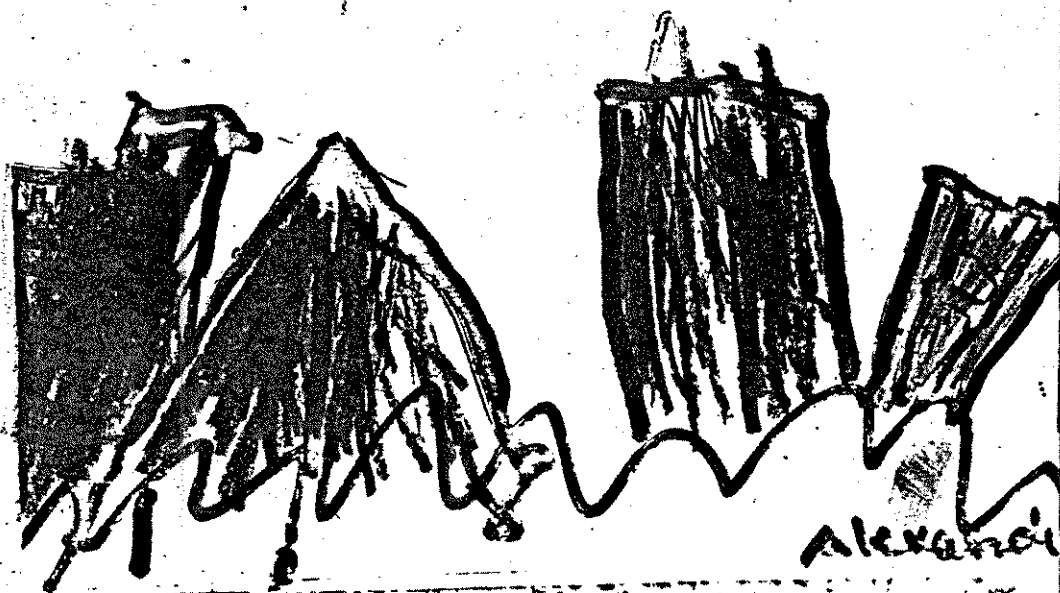




Ilustração : Eduardo Porto
Alexandre Bueno

Organização : Roseli R. Mello



CARTA DAS CRIANÇAS

20/06/04
A festa junina de amanhã vai ser uma bela peregrinação, porque vai ser todo mundo junto. Enxameamos só 3 vizinhos. Linda tem que pagar CZ\$ 100,00. Para que 100,00? É melhor não vir. Está muito caro. Será que vale 100,00 uma pipoca, uma lapiseira e mais algum a coisa? É mais 3 fichinhas e só um pouquinho de festa e já está embora, por 100,00?

Ainda gastamos 3 semanas de Ed. Artística só para fazer balões e flores, e ainda temos que pagar? Perdemos uma tarde que poderiamos estudar só para ajudar. Nunca vi festa junina tão mal organizada.

Ainda está criando e criando uma peregrinação. A festa da páica também foi uma droga. Tudo está ficando mais organizado como era antes. Sim, que misturar com os pequeninos, a gente não pode fazer nada.

He dia da criança tinha que dormir até acordar às 6.00 horas. Manojornar com teatro todo mundo veio. Tem que dar no campo no meio da terra.

Não vamos fazer prova de eliminação. O tio ficou bravo com a gente por causa da pesquisa de história. Por que ele não dá a matéria para vários provas? Vou voltar a fazer pesquisas microscópicas, assim dá para estudar. Por que não dá sua prova na física, pra gente fazer preparadas? 31 páginas, metade de livro, tudo em tempo real?

É mais legal brincar de bola-boa do que ficar colocando tudo no burrinho nos pedis

ANEXO 2B- POESIA DE ISABEL DA PAZ- O CIRCO

O circo

A cidade está em festa
A garotada a gritar
Minha gente sai do fiote
Pois os liches não parar.

Primeira vem os elefantes
Com seus passos devagar
Logo atrás vem os leões
Em sua jaula a urrar
Ursos girafas e macacos
Sempre alegres a saltitar
Estão querendo dizer
Que o circo vai chegar

Já lembra nas golosimas
Que lá vou encontrar
pipoca e paçquinhas
picolé para chupar

Na hora do espetáculo
Vejo grande euforia
têm adultos e crianças
Todos com muita alegria

O palhaço anuncia
Vai vir grande atração
E a plateia aplaudi
Com muita empolgação

Para ficar animada
A banda começa a tocar
Agora entra os artistas
Para todos alegrar

Dão os grandes equilibristas
Que em sua corda balaança
inventando nova dança
Fazendo arrepiar

A plateia em silêncio
Presta muita atenção
O número é bem difícil
Exige concentração

E quando eles conseguem
Fazer sua atração
A plateia bate palmas
Com muita satisfação

O palhaço vem correndo
Outro número anuncia
E o povo fica atento
Outro artista vai chegar

Agora vem o elefante
De muito bilho enfeitado
Andando de lado a lado
Fazendo um charme danado

É depois fica em pé
Pois a bola vai chutar
É depois levanta a tromba
Para a plateia agradar

Tem mágica tem muitas
Cores brilho e muita folia
É um esplendor de alegria
O circo não pode acalor

Não quero que circo acabe
Pois só traz felicidade
E não existe maldade
Para a criança imitar

Autora

Flôr de Liz
Isabel Cristina da Paz

por / 1986
3ª série

ANEXO 2C- TEATRO DE SOMBRA

LOCA DOS CURUMINS

B.T. número 1

IDÉIAS para um teatro de sombra

São Carlos, 1985

Como fazer um teatro de sombra

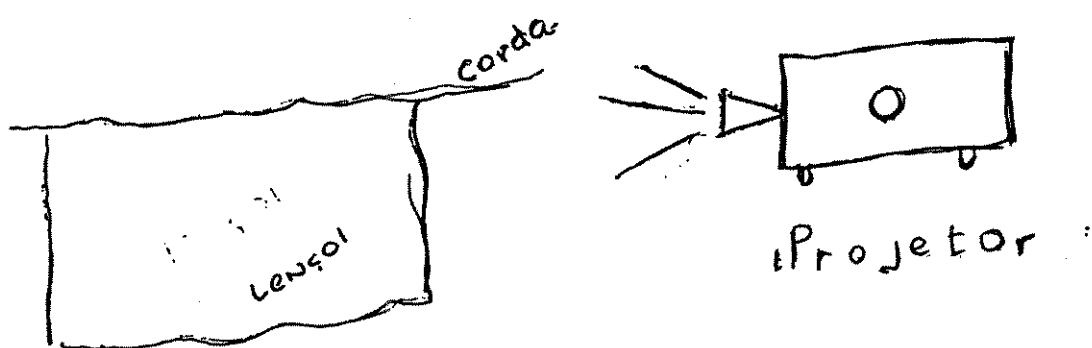
Para fazer um teatro de sombra é preciso:

- uma sala escura
- um lençol branco
- um projetor de slide ou uma vela ou uma lanterna

Primeiro a gente pendura o lençol, bem esticado, como se fosse um véu. Depois acenda a luz do projetor virado para o lençol. As pessoas devem ficar do outro lado da tela (lençol).

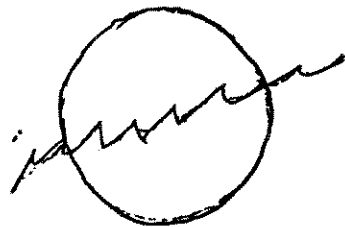
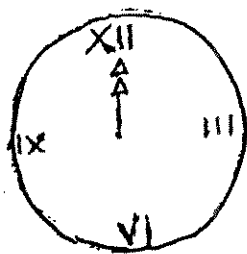
Usamos também cartolina, fita crepe, tesoura e papel-celofane vermelho; chocalho e triângulo. Também um pedaço de pau, e politos de churrasco.

A Juliana recortou um par de botas e prendeu nos politos de churrasco. A Adriana fez o fantasma sem face e a Tula, o fantasma com face. O casal da peça foi feito pela Juliana e Tula.



História:

Numa casa morava um casal, Um dia quando eles estavam dormindo, a meia noite.....

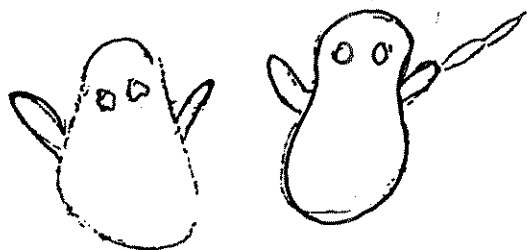


Eles ouviram um barulho muito estranho no porão de -
sua casa..... e desceram as escadas para ver o que es-
tava acontecendo.

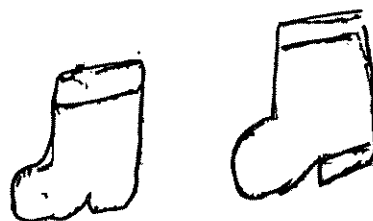
Toc...toc



Lá elas viram dois fantasmas



E um par de botas andando



Eles gritavam como loucos...

AHHHHHHH!

... mas era tudo um sonho.

Esta é a história

Nome da história: "Assombração"

Qualquer um pode fazer outras peças. Com o material que a gente usou ou pensar outros materiais. Dá certo,

Nome das pessoas do grupo:

Juliana,

Tula

Hermano

Adriana

Renata

Juliana Mascia

Claudia

Quem fez o que:

- par de botas: Juliana
- fantasma: Adriana
- fantasma com faca: Tula
- casal: Vania:Renata
Valter: claudia
- efeito sonoro e efeitos especiais: Hermano

ANEXO 2D- A CONSTRUÇÃO DA BESTA

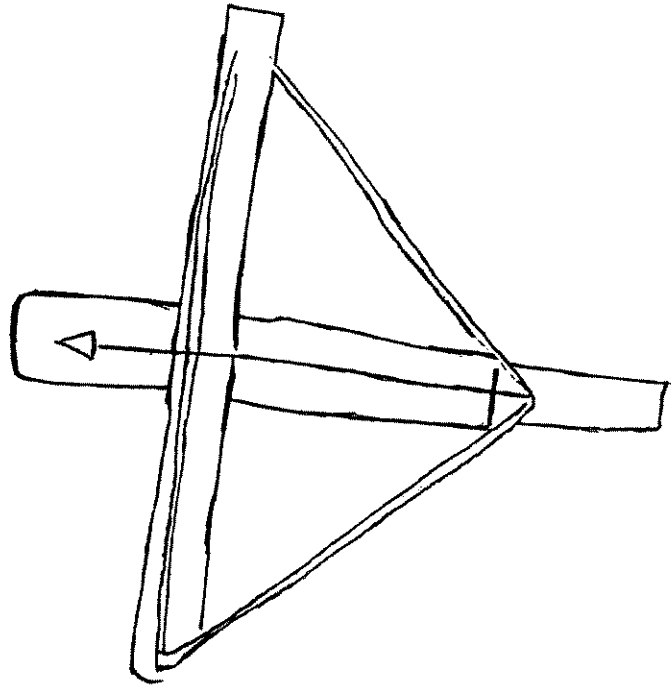
Nome Trabalho, de quem vai fazer

material que precisa: 2 elásticos, 2 molas, 2 servos, 2 trilhos, 2 pregos e um goteiro.

desenho, como vai ficar o trabalho

de cima grande

de cima



de lado



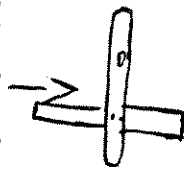
de costas



de frente



de baixo



Alcântara

ANEXO 3- A REPRODUÇÃO

REPRODUÇÃO

Reprodução sexuada.

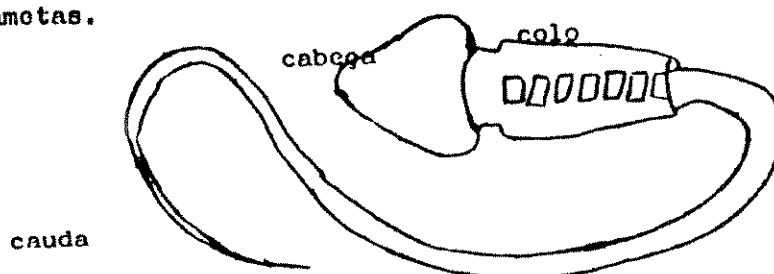
Esse tipo de reprodução depende da união entre seres de sexos diferentes. Na maioria das vezes, realiza-se pela união de uma célula reprodutora masculina e uma feminina.

As células reprodutoras recebem o nome de gametas. Nos animais, o gameta masculino chama-se espermatozoide; o gameta feminino chama-se óvulo. Na espécie humana, cada um desses gametas possui 23 cromossomos (elementos encontrados no núcleo da célula).

Nos cromossomos encontram-se os genes, que são elementos responsáveis pela transmissão das características hereditárias.

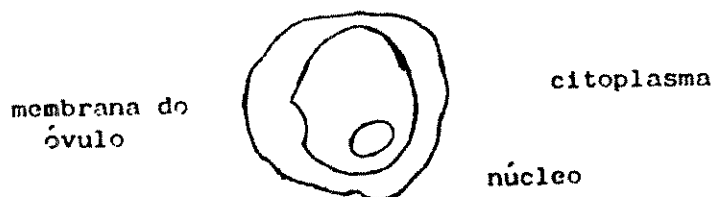
ESPERMATOZÓIDE

O espermatozoide é formado de três partes: cabeça, colo, cauda ou Flagelo. Os espermatozoides movem-se num líquido chamado esperma. Para movimentar-se, usam sua cauda com grande rapidez. Não podem ser vistos sem a ajuda do microscópio; por isso, são denominados microgametas.



O ÓVULO

É considerado uma célula gigante. Embora seja muito maior que o espermatozoide, também não pode ser visto sem a ajuda do microscópio. Por ser maior que o espermatozoide, é chamado de macrogameta.



5ª série

Pesquisa coletiva
Orientação: Prof. Paulo.

O aparelho reprodutor masculino é formado por:
- vesícula seminal, bexiga, próstata, saco escrotal, testículo, canal deferente, uretra, pênis e epidídimo.

TESTICULO - são duas glândulas de forma oval, alojadas no saco escrotal ou escroto, que se situa na parte inferior e externa do abdômem. No interior de cada testículo existe em média 700 finíssimos canais chamados canais seminíferos. Neles se encontram células que fabricam os espermatozóides.

Os testículos produzem também o hormônio sexual masculino ou testosterona. Lançado no sangue, esse hormônio provoca o desenvolvimento dos caracteres sexuais masculinos como o crescimento da barba, a distribuição dos pelos, o engrossamento da voz, etc.

Canais deferentes - são dois tubos que originam-se dos epidídimos e sobem para a cavidade abdominal, unindo-se num único conduto antes de atingir a uretra. Servem para conduzir os espermatozóides.

Epidídimo - são dois tubos extremamente enovelados, localizados sobre os testículos. Originam-se da reunião dos canais seminíferos e servem como depósito temporários dos espermatozóides. Fabricam uma secreção que facilita o movimento dos espermatozóides.

Vesículas seminais - são duas bolsas que fabricam um líquido denso e leitoso, destinado a facilitar o transporte dos espermatozóides e a protegê-los contra a urina.

Próstata - é uma glândula atravessada pela uretra (que vem da bexiga) e pelo canal ejaculador, canal este formado pela união dos dois canais deferentes. A próstata também produz um líquido semelhante ao das vesículas seminais.

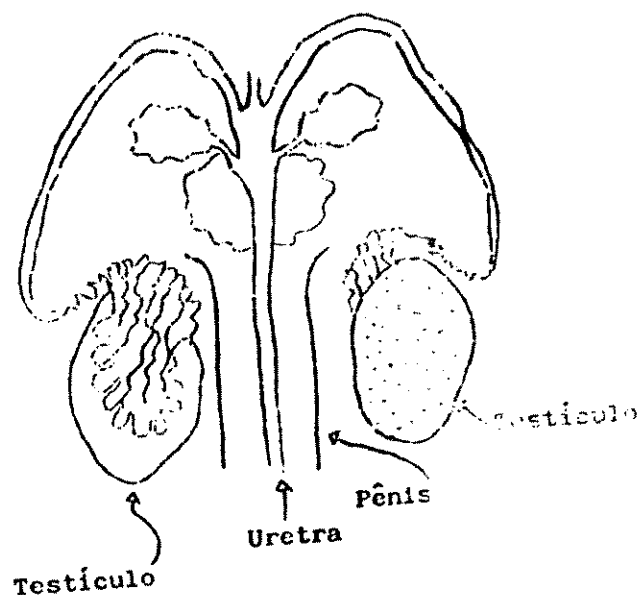
O conjunto dos líquidos produzidos pelos epidídimos, pelas vesículas seminais e pela próstata recebe o nome de esperma ou sêmen. Cada centímetro cúbico de esperma contém cerca de 100 milhões de espermatozóides.

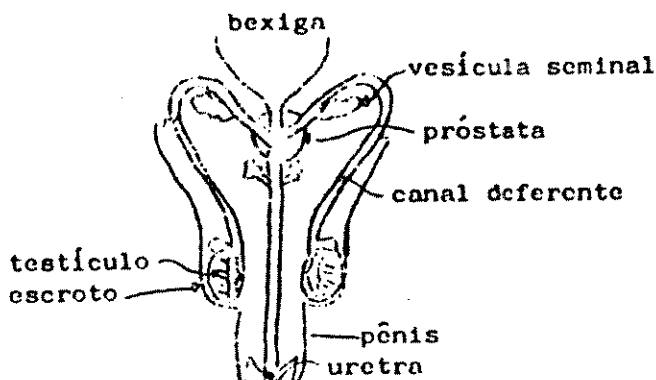
Pênis - é um órgão de forma cilíndrica; no seu interior encontramos a uretra. Conduz ao exterior a urina e o esperma.

Uretra - é um pequeno tubo procedente da bexiga e que passa pelo interior do pênis. Por meio dele, o esperma é ejaculado, isto é, lançado para o exterior. Também a urina é eliminada pela uretra.

COMO OCORRE A EJACULAÇÃO

Os espermatozóides deixam os epidídimos e saem pelo canal deferente; ao passar pelo canal ejaculador, misturando-se com o líquido fabricado pelas glândulas seminais e pela próstata. Em seguida, os espermatozóides são expulsos através da uretra. Em cada ejaculação o homem libera cerca de 400 milhões de espermatozóides mas só um vai fecundar o óvulo, como veremos mais adiante.



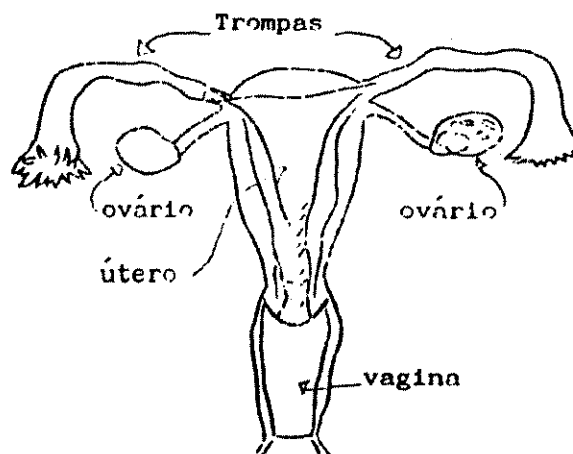


APARELHO REPRODUTOR FEMININO

O aparelho reprodutor feminino é quase que totalmente interno. Ele começa pela vulva, uma abertura cercada por lábios carnosos, localizada na virilha. Na mulher adulta, a área ao redor da vulva é coberta por pelos. Internamente a vulva abre-se na vagina, um canal curto e bastante elástico capaz de se estender e permitir a passagem do bebê no parto. A vagina recebe o pênis masculino durante a relação sexual. No alto da vagina dispõe-se o cérvix, um anel muscular estreito que se abre no útero. Este é uma bolsa em forma de pêra, com paredes elásticas que se distendem acompanhando o crescimento do bebê. No alto do útero localizam-se duas aberturas correspondentes a cada uma das trompas de Falópio, estas por sua vez, são conectadas aos ovários, onde os óvulos são produzidos.

Os ovários de uma menina recém-nascida já contém os rudimentos de todos os óvulos que serão produzidos durante sua vida adulta. Mas os óvulos começam a amadurecer só depois da sua adolescência. Daí para frente a cada 28 dias em média, um óvulo amadurece e irrompe na superfície do ovário. Ele então, é empurrado para a trompa de Falópio e transportado ao longo dela pelo movimento de pelos finíssimos, até atingir o útero. Durante sua viagem, o óvulo pode ser fecundado. Nesse caso, ele se fixa à parede interna do útero, para crescer e formar o um bebê.

Se o óvulo não é fecundado, deixa o corpo da mulher, não se fixa na parede do útero. Algum tempo depois todo o revestimento da parede interna do útero, que estava pronto para receber o óvulo fecundado, se desprende e é eliminado. É o processo de menstruação.



CICLO MENSTRUAL

Durante toda a infância da menina o aparelho reprodutor não manifesta nenhuma de suas funções específicas. Só na adolescência é que vão surgir alterações no aparelho sexual, com profundas reflexos sobre todo o organismo. Este período marca o início da maturação sexual.

A puberdade não é uma data, mas sim um período de vários anos. Durante esta fase a menina, assim como o menino, sofre uma série de transformações para se tornarem adultos sexualmente maduros.

No caso das meninas este período costuma ter como ponto de partida a menarca, ou seja, a 1ª menstruação, que se repetirá por um longo tempo em sua vida. Pelo fato de o fluxo menstrual se repetir em média de 28 em 28 dias, costuma-se falar em regras como sinônimo de menstruação.

A menstruação é caracterizada por um sangramento que perdura em média 4 a 5 dias. Este sangramento ocorre devido ao desprendimento das camadas mais externas do útero que se prepara para receber o nenê, mas como não foram utilizadas, devem ser eliminadas. Aproximadamente aos 48 ou 50 anos, a mulher começa a não ficar mais menstruada, esta fase é conhecida por menopausa.

A RELAÇÃO SEXUAL

Antes da relação sexual, tem todo um processo de excitação que envolve outros órgãos do corpo como: toque, beijo, visão, olfato, audição, etc.

Com tudo isso, certas mudanças ocorrem no corpo do casal, preparando-se para o ato sexual. O pênis masculino se enche de sangue, ficando ereto. A vagina e a vulva se lubrificam, facilitando assim, a entrada do pênis. Os lábios carnosos se enchem de sangue, o ritmo das pulsações cardíacas e a pressão sanguínea aumentam, os mamilos frequentemente se enrijecem.

Com a aproximação do orgasmo, os movimentos do casal se tornam mais rápidos e mais coordenados. No orgasmo o casal sente intenso prazer. O orgasmo masculino sofre várias contrações dos canais que armazenam os espermatozoides, são estas contrações que espelam o sêmen para fora, através da uretra.

- até 250 milhões de espermatozoides deixam o pênis
- 25% deles são inférteis
- a maioria se perde no esforço de penetrar no cérvix
- aproximadamente 1.000 atingem a trompa de falópio
- apenas 100 atingem finalmente o óvulo
- 1 é usado (apenas um fecunda o óvulo)

O orgasmo feminino envolve a vulva e a vagina. A maioria das pessoas acham que o orgasmo é uma sensação forte e agradável, a um intenso clímax emocional.

Depois do orgasmo, o homem retira o pênis da vagina da mulher, deixando o sêmen que vai fazer uma longa viagem para fecundar o óvulo que desce pela trompa de falópio em direção ao útero.

COMO SE FORMA UMA CRIANÇA

O homem deposita milhões de espermatozoides na vagina da mulher, mas apenas um fecunda o óvulo. Isto depende se o espermatozoide encontrar o óvulo no lugar certo.

to na trompa de falópio.

O momento mais provável da mulher ficar grávida é de 12^a a 16^a dias após a menstruação. A mulher pode calcular este tempo a partir do primeiro dia de menstruação.

O óvulo fecundado desce pela trompa de Falópio lentamente. Após trinta horas da fecundação, ainda no caminho do útero, ele começa a se dividir em células. Se por um acaso as células ainda no caminho ao útero se dividirem em partes separadas, cada uma delas se desenvolverá independentemente, é assim que se formam os gêmeos idênticos.

Quando chegam ao útero, as células se fixam na parede interna e se dividem em duas partes. Uma parte forma a placenta e a outra o embrião.

A placenta serve para fornecer oxigênios e substâncias nutritivas, necessárias ao embrião. Isto vai ajudar seu desenvolvimento e para a eliminação dos resíduos durante o processo.

Tanto a eliminação do bebê quanto a eliminação dos resíduos são proporcionais ao sistema circulatório da mãe. Assim a placenta funciona como elo de ligação entre o sistema circulatório da mãe e do embrião. A ligação do embrião com a mãe é pelo cordão umbilical, o qual leva o alimento ao embrião fornecido na placenta.

O corpo da mãe vai sendo preparado através de hormônios que fazem os seios crescerem, e tudo mais.

COMO NASCE UMA CRIANÇA

Após 7 meses a criança já está quase pronta para nascer, caso precise nascer antes do tempo, não conseguirá respirar sozinha, sendo assim, terá que ficar na encubadeira. No fim da gravidez, a criança vira-se no úte-

ro, ficando de cabeça para baixo, pronta para nascer. Ela se desliza em direção a cavidade localizada entre os ossos pélvicos e a forma do abdômen da mãe muda visivelmente. O nascimento começa com contrações do útero, numa série de espasmos. Ao mesmo tempo o canal cervical, que até então estava fechado, começa a se abrir. As ondas de contrações musculares aumentam, forçando a cabeça do bebê através do canal cervical e da vagina, que se dilata para deixá-lo passar.

Neste caso as membranas que envolvem o bebê se rompem liberando um fluxo de líquidos. Depois de expelido, o bebê ainda permanece ligado a placenta pelo cordão umbilical.

Logo depois, a própria placenta é expelida e o útero começa a voltar a seu tamanho e posição normal. O cordão umbilical é cortado e a placenta jogada fora seca e cai, deixando uma cicatriz permanente no umbigo.

Logo depois o nascimento o bebê está pronto para mamar no seio da mãe, o sistema hormonal desta última providenciou para que os seios estejam produzindo o leite.

OS GÊMEOS

Existem 2 casos de gêmeos:

- a) os idênticos
- b) os diferentes

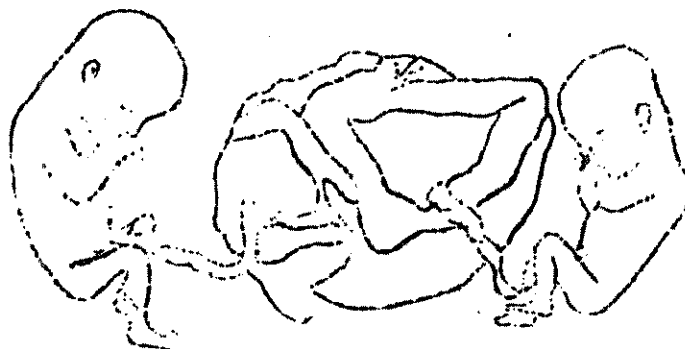
Os gêmeos idênticos

Como já falamos, no caminho do útero, o óvulo fecundado se divide em várias células, uma parte dessas células vira a placenta e a outra o bebê. No caso dos gêmeos idênticos, estas células que estão se dividindo, se dividem novamente.



9
Cada grupo de célula se divide normalmente, e cada grupo forma um bebê e uma placenta.

As vezes, as células se dividem novamente, mas já está fixada no útero, assim, os gêmeos ficam com uma só placenta.



Os gêmeos diferentes.

Já estamos cansados de saber que o óvulo é fecundado e se divide em células e se fixa na parede interna do útero. No caso dos gêmeos diferentes, acontece isso mesmo com um óvulo fecundado. Logo depois que este óvulo é fecundado e etc..., sai outro óvulo do ovário (isso geralmente ocorre 28 dias depois) este novamente é fecundado e se fixa a parede do útero, assim os dois crescem juntos, mas nascem diferentes, pois suas cargas genéticas são diferentes.

Outro jeito é:

- sai dois óvulos do ovário, os dois são fecundados, se fixam a parede interna do útero e os dois nascem normalmente.

INTRODUÇÃO

Após as pesquisas que fizemos a respeito da fundação de São Carlos e da Fazenda do Pinhal, pudemos encontrar duas versões da Sesmaria do Pinhal.

A primeira, coloca que a Sesmaria do Pinhal foi doação feita a Carlos Bartolomeu de Arruda Botelho.

A segunda versão, já nos fala que a Sesmaria do Pinhal foi comprada, pelo mesmo, do Senhor Manuel Santos Rego.

Pesquisa sobre a origem da fazenda, qual sua produção e como era feita a produção

Um homem chamado Carlos Bartolomeu de Arruda Botelho, juntamente com outras pessoas, foi para a região onde hoje é Mato Grosso, à fim de formar uma vila por lá, para assim, defender aquela região da invasão espanhola.

Quando voltou, pediu à coroa portuguesa, uma Sesmaria, o que corresponde a um grande pedaço de terra doado pela coroa, a quem ela achasse merecido. Sendo assim, Carlos Bartolomeu recebeu a Sesmaria do Pinhal.

Mesmo sendo proprietário da Sesmaria do Pinhal, Carlos Bartolomeu de Arruda Botelho, preferiu viver na vila de Araraquara.

Seu filho, Carlos José Botelho (mais conhecido como Botelhão), foi quem começou a trabalhar nas terras da Sesmaria, construindo a primeira parte da casa, para ele e a família irem morar, começando também a criar gado. Desta forma, ele começou a construir a fazenda "Conde do Pinhal".

Depois de uns anos, em 1840, ele inicia o plantio do café, com cinco mil pés, para começar.

Seu filho, Antônio Carlos de Arruda Botelho, ao herdar as terras, continuou a produzir café, mas estendendo-se a grandes produções. Com isso, ele aumentou suas riquezas e também seus imóveis, comprando mais terras. Com o tempo, ele recebeu o título de "Conde do Pinhal".

Como era feita a produção:

A produção era feita por trabalho escravo e da seguinte forma:

- . Eles faziam uns vasinhos de barro, isso para plantar as sementes;
- . Depois de um tempo, já com as sementes crescidas, elas eram plantadas na terra;
- . Após quatro ou cinco anos, os pés já começavam a produzir o fruto, que é o café;
- . Depois de colhido, o café era lavado;
- . Depois era levado ao terreiro de café para secar;
- . Daí era peneirado e ensacado;
- . Aí, ele era descascado, peneirado novamente e depois torrado e moído.

Origem da cidade de São Carlos e como era o espaço anterior à fundação da cidade

Os primeiros habitantes do município de São Carlos, que antes fazia parte do interior de Araraquara, foram os índios Guaianazes. Isto foi comprovado, pois encontraram urnas funerárias, (um tipo de cemitério dos índios), e utensílios usados pelos mesmos.

Manuel Martins dos Santos Rego, pediu para o Capitão General Martins Lopes Lobo de Saldanha, governador de São Paulo, uma Sesmaria que depois foi vendida para o Capitão Carlos Bartolomeu de Arruda Botelho, em 30 de março de 1786, a qual foi chamada de Sesmaria "do Pinhal", por causa da grande quantidade de pinheiros que havia lá.

Em 1831, vieram da Vila da Constituição, antigo nome de Piracicaba, os juizes para demarcação da Sesmaria do Pinhal, na qual posteriormente foi fundada a Fazenda do Pinhal.

Carlos José plantou o primeiro cafezal entre os anos de 1838 e 1840. Seu desejo era de fundar uma cidade, mas com sua morte não foi realizada sua vontade, mas seus descendentes a realizaram, trazendo à fazenda a imagem de São Carlos Borromeu, para a capela do povoado, em 1856, por Antonio Carlos de Arruda Botelho.

João Alves de Oliveira, proprietário da Sesmaria de Monjolinho, recusou-se a doar uma parte de suas terras para iniciar a cidade de São Carlos. Ele alegava que iria tirar atenção dos escravos. Resolveram então construir uma capela para iniciar a cidade, onde hoje é a Catedral de São Carlos.

Em 24 de abril de 1857, foi elevada à Freguesia e a 28 de abril de 1865 passou a ser Vila e 21 de abril de 1880 passou a ser cidade.

ANEXO 4- OS DINOSSAUROS

PESQUISA: DINOSSAUROS

Os dinossauros dominaram a Terra por 140 milhões de anos. Desapareceram há cerca de 65 milhões de anos.

Existiam dinossauros herbívoros e carnívoros e poderiam ser imensos ou pequenos.

Sua cor poderia variar: acinzentados, amarronzados ou esverdeados.

Surgiram no Período Triássico da era Mesozoica e reinaram sem concorrentes.

Supõe-se que viveram no grande continente, o Pangea.

As florestas em que os dinossauros viveram possuíam muitos tipos de plantas (samambaias) e árvores gigantescas parecidas com palmeiras. Nesta época não tinham flores (só foram aparecer no período Cretáceo).

Neste supercontinente também viviam lagartos, lagartixas, crocodilos, jacarés, tartarugas, salamandras, rãs e sapos. Nos mares existiam peixes e até tubarões.

Acredita-se que existiam aproximadamente 800 espécies de dinossauros.

Uma classificação propõe sua divisão em dois grandes grupos: os saurisquianos e os ornitisquianos.

EXEMPLOS DE DINOSSAUROS

- O celurossauo era do grupo dos saurisquianos e não ultrapassava os seis quilos sendo um pouco maior que um frango e se alimentava de carne.

- O tiranossauro era do grupo dos saurisquianos, media doze metros e pesava seis toneladas.

- O gigantesco brontossauro, também do grupo dos saurisquianos, era um pacífico herbívoro, pesava 30 toneladas e media 21 metros.

- O supersauo um gigantesco animal que media 30 metros e pesava mais de 100 toneladas.

- Os anquilossauros eram do grupo dos ornitiscia-
nos, tinham o dorso recoberto por placas ósseas, mediam de 7
a 9 metros e pesavam de 3 a 6 toneladas.

- Os estegossauros que, além de uma fileira de pla-
cas, tinham também espinhas na cauda.

Os triarátos possuíam dois chifres na testa e no
nariz.

OBS.: à exceção dos iguanodontes, os outros, eram
quadrúpedes.

TEORIAS DA EXTINÇÃO DOS DINOSSAUROS

Uma das teorias mais discutidas sobre o enigma do
desaparecimento dos dinossauros é que após 140 milhões de a-
nos de evolução os dinossauros perderam a elasticidade genê-
tica, já teriam se ajustado de tal forma que adaptações rãpi-
das às novas condições ecológicas não eram tão fáceis como
no início de sua evolução.

Outra teoria da extinção dos dinossauros é que um
asteróide gigante caiu sobre a Terra, provocando uma enorme
cratera de 175 quilômetros de diâmetro - da qual nunca se a-
chou o menor vestígio.

Com isso surgiu uma enorme nuvem de poeira (100 ve-
zes maior que o meteoro) que resultou em uma grande noite que
durou por volta de 2 a 3 anos.

Sem a energia solar as plantas não podiam fazer fo-
tossíntese e então com isso os herbívoros não tinham alimen-
tos e acabaram morrendo. Quando isso aconteceu os carnívoros
também não tinham alimento.

Com tudo a cadeia alimentar se quebrou.

Há também a teoria das erupções vulcânicas, segun-
do a qual gases vulcânicos teriam destruído a camada de ozô-
nio que protege a terra dos raios ultravioleta do sol.

A teoria mais nova é que os tiranossauros e os tri-
cerátos, que viviam migrando de lugar, provavelmente te-
riam trazido parasitas nocivos e contaminaram os outros.

BIBLIOGRAFIA: Superintessante nº 3, dezembro/87
pag. 12 a 19.

Pesquisa realizada por: Ludmila
Cláudia
Juliana
Marcel

ANEXO 5- POR QUE O CÉU É AZUL?

Como surgiu a pesquisa. "POR QUE O CÉU É AZUL?"

Esta pesquisa surgiu de um interesse da Lói.

Na aula do dia anterior o grupo que expôs sobre a abordagem cognitiva fez esta pergunta para o grupo da abordagem tradicional, e nós (do grupo) ficamos com muitas dúvidas e sem uma resposta objetiva, concreta...

Então a Lói sentiu a necessidade de pesquisar sobre este assunto para responder a esta pergunta.

Levantado o interesse da Lói e colocado como tema de pesquisa outras pessoas também se interessaram pelo assunto.

Então montamos nosso grupo:

Sueli

Elodyr

Leonete

Roseli

Maria das Graças



Relato do grupo sobre a nossa pesquisa

Reunimo-nos para levantarmos o que cada um sabia ou pensava sobre o assunto.

1º passo

Discutimos dois pontos: O céu e a cor azul. O que é céu?

Por que a cor azul?

Concluimos que existem duas definições sobre o céu:

- a definição religiosa
- a definição sobre o que nós vemos (ou a científica)

2º passo

Levantamos hipóteses

1ª) Lói - deve ser por causa da luz, porque à noite a gente vê escuro e não o azul que a gente vê durante o dia.

2ª) Sueli - Influência das camadas do ar e das gotículas/que tem no ar e a luz.

3ª) Graça - E quando tem o arco-íris?

Eu acho que há uma quebra da luz em reflexão/ e refração. (Graça explica desenhando como se dá a refração e reflexão em lente).

4ª) Lói - Eu acho que não só a atmosfera reflete ou refrata a luz, acho que os 3/4 de água que compõem a Terra refletem de alguma forma.

5ª) Leonete - Conclusão principal: a luz é o fator principal.

6ª) Lói - Eu acho que é a combinação entre luz, gases, água (da atmosfera e da Terra).

7ª) Graça - Eu acho que é uma questão de física

3º passo

Então passamos a discutir como realizaríamos a pesquisa.

Sugestões:

- pesquisa em livro
- experiências: - mangueira d'água (efeito da refração)
 - descobrir se a água tem função de lente.
- consulta a um físico

Material para experiência: vidro, água, projetor de slides (luz), papel contact transparente.

4º passo:

Descrição da experiência

Colamos um retângulo de papel contact transparente sobre uma superfície de vidro plana. Colamos esse vidro a uma distância de 50 cm da luz do projetor.

A sombra refletida no papel colado na parede foi demarcada, e vimos que ao redor da demarcação apareceram uns raios e de acordo com a movimentação desse vidro pudemos observar até um arco-íris.

Molhando esse vidro notamos mais reflexos.

Depois pegamos um vidro de maionese e colamos também um retângulo de papel contact e desenhamos o tamanho da sombra. Enchemos o vidro de água e a sombra ficou mais comprida e fina.

Deduzimos com isso que a água tem efeito de lente.

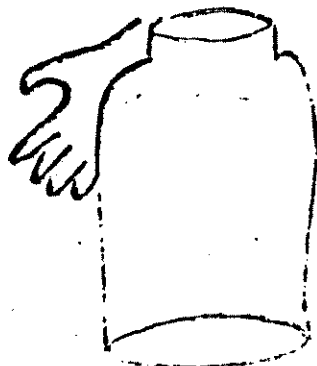
Não ficamos satisfeitos com isso, devido a forma do vidro (maionese).

Na mesa, colocamos um papel e segurou-se um pratinho transparente (placa de Petry) com um contact (quadrinho) centrado no fundo.

Com a luz a uma distância de 25 cm desenhamos a sombra. Colamos água na placa de Petry e a sombra aumentou; com mais água sumiu a sombra.

Concluimos que a água funciona como lente quando em pouca quantidade e que as gotículas de água da atmosfera funcionam como lentes refratárias.

Depois de tudo isso a Sueli colocou a mão atrás do vidro cheio de água e aumentando e diminuindo a distância do vidro em relação a mão chegamos a mesma conclusão: que a água/tem efeito de lente.



5º passo

Definições encontradas em livros

- A noção de céu é antropocêntrica, ou seja, o que o homem vê.

A cor azul-clara que vemos durante o dia deve-se a decomposição da luz branca do sol na passagem pela atmosfera. A atmosfera contém uma infinidade de partículas de matéria (moléculas de água, poeiras finíssimas), que servem como obstáculo à passagem do raio de luz e que tem efeito de difração ("fenômeno que ocorre quando um trem de onda encontra em sua propagação fendas ou obstáculos com dimensões da ordem de grandeza do comprimento de onda e que constitui exceção a propagação de luz retilínea" - in Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa).

CONCLUSÕES

1ª hipótese

A luz tem papel preponderante na definição da cor azul do céu.

Dependendo da inclinação do raio de luz em relação à atmosfera em direção à Terra podemos observar a aparição de outras cores como: o laranja e o vermelho (cores que se originam de um raio de incidência de menor comprimento), e o lilás (cor que se origina de um raio de incidência de longo comprimento).

2ª e 3ª hipóteses

Pelas partículas existentes na atmosfera (gotículas de água e poeiras finíssimas) que servem como obstáculo à passagem da luz acontecem processos de refração e difração da luz, que são fundamentais na determinação da cor.

4ª hipótese

Pelas fontes de pesquisa utilizadas, em especial a experiência, esta hipótese foi considerada falsa.

5ª e 6ª hipóteses

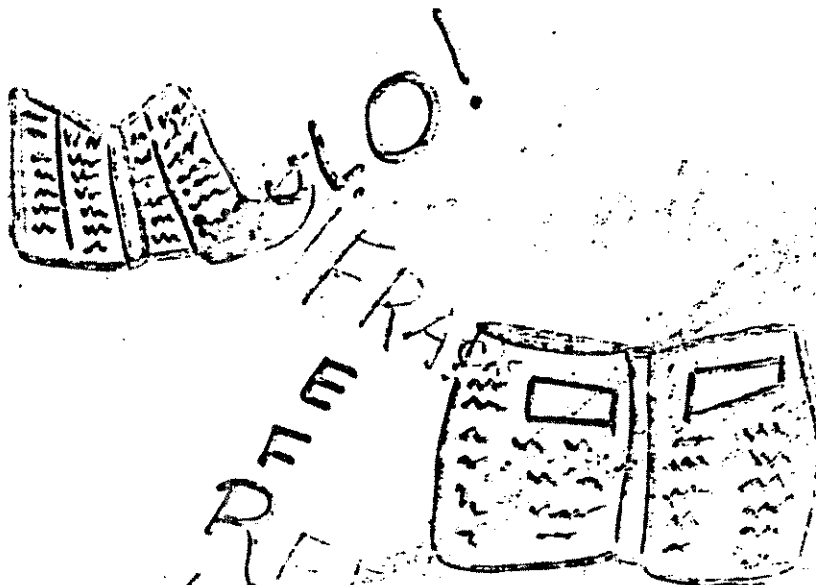
Comprovadas pela experiência e pesquisa em enciclopédia.

Considerações finais: A consulta a um físico não foi possível devido ao fator tempo.



BIBLIOGRAFIA

- Enciclopédia VISUM - vol. 3 - Editorial Verbo - SP. pgs. 96/97
- Enciclopédia Pesquisas de Conhecer - Editora Nova Cultura - pgs. 50/55
- Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa - Editora Nacional - pgs. 80, 81 e 412.



OUTROS ANEXOS

Protocolo de Registro de observação participativa

Reunião de Pais e Mestres - 5º e 6º séries

Local: Oca dos Curumins

Data: 8.12.88

Horário: 19.30- 22h.

A sala para a reunião de Pais e Mestres está pronta. As pastas das crianças, cadernos, álbuns, jornais, histórias estão dispostas nas diversas carteiras, em exposição. Na parede me chama a atenção o quadro de avaliação de Português. Os Professores recebem os Pais.

[illegible]

Falam a respeito dos conteúdos programáticos desenvolvidos nas classes de quinta e sexta séries. Falam das dificuldades e conquistas. Explicam que esses conteúdos foram cumpridos. Um deles distribui os boletins e as provas correspondentes ao último bimestre. Um dos Pais pede que os professores explicitem os critérios de avaliação. Uma das professoras diz que os critérios / são basicamente os mesmos para todas as disciplinas. Diz ainda / que foram tirados com as crianças. Pergunto se são aqueles con-
tidos no quadro, na parede. São. A professora de Ed. Artística / reforça o que foi dito, mas de uma forma tão " dura " que mere-
ceu o seguinte comentário: "Essa professora está parecendo um / general. Não é assim que as crianças à veem.". Ela enfatizara / demais a limpeza e organização dos cadernos, " eu não quero / orelha e nem sujeira, vou cobrar como sempre cobrei isso". Ou-
tro Pai pede que o professor de Ciências relate a experiência / da estufa, que as crianças gostaram muito. Prontamente o profe-
ssor buscou o material numa outra sala e faz uma bela exposi-
ção. Uma mãe intervém-: " voce mudou sua forma de trabalho, não? senti que isso foi muito motivador para as crianças, deixou um

pouco de lado para reforçar as experiências práticas" - é, eu não consegui manter a disciplina e o interesse das crianças, então inverti, agota vou, da prática à teoria. (me lembro de uma observação que esse mesmo professor fez numa das reuniões pedagógicas que participei: "Olha, o Estado parece que vicia/ a gente. Só se sabe trabalhar com o livro didático. Antes de trabalhar no Estado, eu dei aula na Oca era diferente... agora eu estou voltando e tenho que me acostumar novamente- é difícil..."). Uma outra mãe sugere que os temas de pesquisa sejam sempre escolhidos pelas crianças, mesmo que repetidos. Relata a experiência da filha, que motivada pelo tema " AR " / fez um belo trabalho. Ressalta ainda o efeito positivo da / atividade proposta pelo professor: O P. solicitou que a criança bolasse uma experiência provando a existência do AR. Vi / que minha filha teve de estudar tudo para cumprir a solicitação do professor. Isso foi muito importante. Nessa reunião / percebo o interesse dos pais pelos assuntos que são tratados. Além da avaliação, motivo principal da reunião, falou-se sobre a importância do para- didático na 5ª e 6ª séries. Os professores dizem que as crianças que foram promovidas com a nota mínima levarão exercícios para as férias, como reforço. / A reunião encerrou-se as vinte e duas horas, embora alguns / Pais permanecessem conversando, individualmente, com os professores.

.....

Exemplo de uma prova neural

Disciplina: História -

série

7ª

ano

1990

1ª

Questões

* Comparem a posição da mulher na sociedade antiga e na sociedade atual. O que mudou? O que permaneceu? Tia sua opinião sobre como é a mulher? Por que?

A maioria das mulheres brasileiras são mais parecidas com as mulheres americanas + desde pequenas muitas meninas são ensinadas a fazerem os serviços domésticos para quando crescerem serem donas de casa, não podendo trabalhar fora. Também há mulheres que estão lutando para exercer um papel importante na sociedade, são elas: as advogadas, professoras, médicas, engenheiras, etc.

Eu acho que a mulher que trabalha fora, como as que são donas de casa, merecem ser respeitadas, e ambos os trabalhos devem ser valorizados. Nós devemos ter as mesmas direitos que os homens.

* O que significa para uma pessoa ser escrava de outro? Compare a situação de um trabalhador (escravo) do antigo com um trabalhador brasileiro da atualidade.

Ser escravo não ser próximo, pois o escravo trabalha sem nenhum salário, morando em lugares ruins que fazem e sendo tratado de forma degradante. A situação de um trabalhador brasileiro é melhor, mas não como deveria, os salários são baixos, as condições de trabalho não são adequadas, e agora estão sendo dimitidos em massa sem justa causa.

* Comparem a educação das meninas americanas com a educação na atualidade. O que mudou? O que permaneceu? Como é a mulher?

Muitas meninas são educadas para serem parecidas com as mulheres americanas, não vão ter oportunidade de trabalharem fora e sua educação suga que elas são inferiores aos homens.

* O que pode levar uma sociedade a ser militarizada?

Uma sociedade militarizada pode levar ao fim a democracia, ao invés de resolver os problemas democraticamente, suprimindo a opinião das outras pessoas, o poder militar pode querer resolver

os problemas pela força bruta.

* Comparar a guerra na atualidade, a guerra na antiguidade.

Qual era pior? Por que?

Eu acho que todos e tipo de guerras são piores, porque destrói cidades, culturas e por, várias vidas. Sem dúvida a guerra na atualidade é pior, pois agora o homem tem mais armas, tanques de guerra e bombas e etc. O homem deveria ter aprendido com as guerras do passado que ele não leva a nada, só mais na destruição. Mas eu acho que a lição não mudou, pois a continueamos fazendo.

Lusmila Agnide Freitas

7ª série

Escola de Educação Infantil e de 1.º Grau

OCA DOS CURUMINS

BOLETIM INFORMATIVO - 3º BIMESTRE 1988 - 6ª SÉRIE

Geografia

Jui

Neste terceiro bimestre de 1988, demos continuidade ao nosso estudo sobre a Ocupação e Organização do Espaço Brasileiro. Primeiramente observamos como partes do interior brasileiro/ foram ocupadas em função da mineração dos séculos XVII e XVIII, isto é, o sul de Goiás, parte de Mato Grosso e a região das Minas Gerais.

Posteriormente, estudamos a ocupação e organização de áreas do Sudeste Brasileiro a partir da cafeicultura, a qual foi responsável pela transformação de grandes áreas do Rio de Janeiro e do Estado de São Paulo. Como consequência da cafeicultura, iniciada no século XIX e de importância nacional até 1930, pudemos verificar o nascimento da aristocracia do café, o início da grande migração européia, substituindo a mão de obra escrava, bem como o grande desenvolvimento ferroviário de nosso Estado.

Foi durante o nosso estudo a respeito da cafeicultura/ que mostramos para as crianças que São Carlos também havia participado como área produtora de café, tendo ainda hoje fazendas / que nasceram ou que se desenvolveram neste período. A partir daí as crianças resolveram fazer uma pesquisa sobre a Fazenda do Pí- nhal, bem como a respeito da fundação de São Carlos. Para tanto coletamos material bibliográfico e a professora Ivonete organi- zou uma visita para o "Solar da Botelha". Além disso, resolvemos fazer toda a pesquisa juntamente com o professor Ademil, respon- sável pela disciplina de História.

Fomos ao "Solar da Botelha" no dia 1º de setembro, e / lá pudemos observar o que já havia sido um terreiro de secar ca- fé, móveis e objetos da época, os quais são muito bem conserva- dos dentro do casarão. Vimos a antiga tulha transformada em mu- seu, contendo carros de boi, máquinas agrícolas inglesas e ou- tras coisas mais.

Também fomos à Fazenda do Conde, a qual conserva, até hoje, as características típicas do período áureo do café em nos- so Estado. Com todas as informações colhidas através da aula pa- seio e material bibliográfico, estaremos redigindo nossa pesqui- sa.

Maria Lúcia

Educação Artística

Durante o terceiro bimestre de 1988, concentramos nos- sas atividades na confecção de bonecos e nas aulas de violão.

Rua da Imprensa N.º 392 - Fone (0162) 71-5976 - Vila Nery - SÃO CARLOS - Est. de São Paulo

Logo que voltamos das férias recebemos, na Escola, a visita de duas dinamarquesas, com quem fizemos entrevista e procuramos saber do país, do povo e como era a aplicação do método Freinet em sua Escola. Cantamos o Hino Nacional Brasileiro e em retribuição elas cantaram o Hino Nacional da Dinamarca para que ouvíssemos. Finalizando elas cantaram e mostraram algumas brincadeiras de seu país e nós também mostramos a elas algumas de nossas brincadeiras.

Temos praticado bastante violão. Tiramos algumas músicas novas e também aprendemos novas batidas (acompanhamentos). Estou muito contente de ver o desempenho de alguns alunos como o da Marina, Juju, Tula, Michelle e o enorme esforço da Raquel em tentar acompanhar o ritmo das colegas que estão bem mais adiantadas (no violão).

Nesse bimestre não foi possível mexer com a culinária, devido as ocupações e ao tempo que é pouco.

Estamos acabando dois bonecos folclóricos que confeccionamos. Um é o Curupira e o outro é o Porco-espinho. Temos certeza que farão muito sucesso quando forem apresentados à escola (crianças).

Os bonecos passaram por várias fases como: desenho e amarração, risco e recorte do tecido; a costura foi feita pela Rosana porque ninguém da sala sabe usar máquina de costura, inclusive eu.

As crianças gostaram muito de confeccionar os bonecos, chegando a disputar muito sua participação.

A avaliação será feita através de uma prova individual de violão, a participação na aula, trabalhos e comportamento em sala.

Priscila

Ciências

No terceiro bimestre estudamos os peixes e os anfíbios.

Iniciamos com leituras conjuntas do livro didático e discussões sobre os peixes. Um tema que despertou bastante interesse foi circulação sanguínea e respiração dos peixes e dos homens.

Organizamos uma aula prática para dissecar um peixe. Dissecamos uma traíra e observamos seus órgãos externos e internos. Fixamos em formol alguns desses órgãos e preparamos um trabalho escrito com informações e desenhos referentes a essa aula prática. / Lemos a seguir, um texto elaborado pela CDCC com informações sobre os peixes.

Para o estudo dos Anfíbios a classe sugeriu que fizéssemos pesquisas e trabalhos em grupos. Assim foi feito - estamos terminando os trabalhos escritos e faremos uma discussão geral na sala sobre esse assunto.

Ao mesmo tempo do trabalho escrito estamos mantendo na sala um aquário com girinos e um terrário para os sapos (após a metamorfose). Assim podemos observar as características do corpo, a alimentação e as diversas etapas da metamorfose dos girinos.

Com relação a E.M.C., desenvolveram uma pesquisa sobre as manifestações culturais no Brasil (teatro, música, rádio, grupos / étnicos, etc), sendo que cada uma dessas manifestações estão sendo trabalhadas em grupo.

Português

Neste bimestre, no que se refere a conteúdo, estamos fazendo o estudo da formação do verbo. Por se tratar de um assunto / pouco atraente, trabalhamos através de jogos, de exercícios de associação e de aulas dadas pelas crianças. Vimos ainda o quadro geral dos pronomes e dos advérbios.

Fizemos uma revisão da sintaxe aprendida no 2º bimestre, que serviu como recuperação para aqueles que não haviam atingido média em junho. Foi feita uma avaliação escrita dessa matéria.

Quanto à leitura de livros, ficou decidido que cada criança entregue 2 fichas de leitura por mês. Organizamos álbuns individuais com esse material de leitura.

A avaliação neste bimestre seguirá o mesmo critério do bimestre anterior, considerando-se tarefas de casa, organização e correção de cadernos e pastas, participação em sala, além das avaliações escritas.

Para o 4º bimestre estaremos usando o módulo nº 7.

Maria Alice

Inglês

Estamos estudando os antônimos e nacionalidades, logo entraremos nos verbos regulares.

Cantar a música "Imagine" de John Lennon foi para nós muito bom, porque pudemos perceber que já conhecem muitas palavras.

Até novembro estaremos com todo o programa da 6ª série / concluído.

Gina

Educação Física

A participação nas aulas continua sendo excelente.

As atividades desenvolvidas nas aulas têm sido: jogos recreativos e fundamentos de voleibol e basquete para meninos e meninas e futebol para os meninos.

Temos feito, e com sucesso, em algumas aulas várias atividades ao mesmo tempo ou seja, um grupo no volei, outro com futebol / e um terceiro com pequenos jogos.

Começamos na última quinzena de setembro o treinamento da equipe masculina de futebol para novembro participar da Taça Curu - mim de futebol.

Quanto ao comportamento dos alunos continua sendo o melhor possível.

Outro aspecto a ressaltar é o bom aproveitamento nas aulas mistas da 5ª e 6ª séries, que tem proporcionado a realização de joguinhos inter-classes com a participação ativa dos alunos.

Thomas

Nesse bimestre ainda tivemos em classe:

- Uma ~~ap~~preparada pela Juliana, onde discutimos a Lei de Lavoisier (na natureza nada se perde, nada se cria - tudo se transforma). Após a discussão resolvemos fazer uma experiência para observar e comprovar essa lei, porém por deficiência do material utilizado essa experiência não chegou ao fim.

- Discussões sobre problemas atuais de ecologia e preservação ambiental.

- Excursões para as fazendas Santa Francisca do Lobo e Conde do Pinhal.

A avaliação será com base na participação dos alunos na realização das atividades e também por uma prova escrita.

Paulo

Matemática

Iniciamos o terceiro bimestre com números racionais absolutos, fazendo redução ao mesmo denominador. Vimos também todas as operações com números racionais absolutos: adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação e radiciação.

Estamos vendo todas essas operações com os números racionais relativos.

Agora com mais uma aula semanal, aproveitamos para dar continuidade do estudo da Geometria. Fizemos uma revisão de perímetro e área, no momento estamos vendo volume dos sólidos geométricos.

Estou preparando uma revisão de todo assunto já visto em forma de fichas.

Entrou para a avaliação do terceiro bimestre: as escritas, individuais e em grupos, folhas de exercícios para a fixação, tarefas, participação nas aulas e exercícios na lousa.

Leila

História

Como já ressaltai em situações anteriores, entendo avaliação como um processo contínuo, onde interagem todos os elementos que compõem o processo ensino-aprendizagem. Dentro desse quadro, aluno e professor podem conjuntamente tornar-se agentes de mudança. O "conteúdo" do programa é apenas um componente desse conjunto passível de observação.

O rendimento da classe é bom, tanto individual, como de grupo. O companheirismo, a cooperação, o sentimento de grupo é bem explícito.

As pesquisas de texto e de campo que estão desenvolvendo (os relatórios indicam) demonstram amadurecimento satisfatório.

No último bimestre foi trabalhado o período Regencial e as Insurreições Sociais, juntamente, com os trabalhos de visitas programadas que vão introduzi-los na Economia e Sociedade no século XIX.